

Silvana Aguiar dos Santos

TRADUÇÃO/INTERPRETAÇÃO DE LÍNGUA DE SINAIS NO
BRASIL: UMA ANÁLISE DAS TESES E DISSERTAÇÕES DE 1990
A 2010.

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução – PGET da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Estudos da Tradução.

Orientadora: Profa. Dra. Ronice Müller de Quadros

Coorientadora: Profa. Dra. Mara Lúcia Masutti

Florianópolis – Santa Catarina
2013

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Santos, Silvana Aguiar dos

Tradução/interpretação de língua de sinais no Brasil : Uma análise das teses e dissertações de 1990 a 2010 / Silvana Aguiar dos Santos ; orientadora, Ronice Müller de Quadros ; co-orientadora, Mara Lúcia Masutti. - Florianópolis, SC, 2013.

313 p.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução.

Inclui referências

1. Estudos da Tradução. 2. Tradução e Interpretação de Língua de Sinais. 3. Análise de teses e dissertações. 4. Estudos da Tradução. 5. Estado da arte. I. Quadros, Ronice Müller de. II. Masutti, Mara Lúcia . III. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução. IV. Título.

Silvana Aguiar dos Santos

**TRADUÇÃO/INTERPRETAÇÃO DE LÍNGUA DE SINAIS NO
BRASIL:
UMA ANÁLISE DAS TESES E DISSERTAÇÕES DE 1990 A 2010.**

Esta tese foi julgada adequada para obtenção do Título de Doutora, e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, 14 de outubro de 2013.

Profa. Dra. Andréia Guerini
Coordenadora do Programa

Banca examinadora:

Prof.^a Ronice Muller de Quadros, Dr.^a
Orientadora
Univ. Federal de Santa Catarina

Prof.^a Rachel Sutton-Spence, Dr.^a
Bristol University

Prof.^a Mara Lúcia Masutti, Dr.^a
Coorientadora
Instituto Federal de Educação,
Ciência e Tecnologia de Santa
Catarina

Prof. Markus J. Weininger, Dr.
Univ. Federal de Santa Catarina

Prof.^a Maria Lúcia Vasconcellos, Dr.^a
Univ. Federal de Santa Catarina

Prof.^a Lucyenne Matos da Costa
Vieira Machado, Dr.^a
Univ. Federal do Espírito Santo

Prof. Rodrigo Rosso, Dr.
Univ. Federal de Santa Catarina

Para Miguel Augusto Menezes dos Santos (meu pai, pelo amor à
tradução/interpretação).

Para Saul Correia (meu avô, pelo amor em interpretar mapas).
Para Zenaide Aguiar dos Santos (minha mãe, pela concretização
desses dois amores)

AGRADECIMENTOS

A Deus por ter permitido minha chegada até aqui, e também pelo que há por vir. Ele conhece os desejos do meu coração.

A minha família, minha mãe Zenaide, meus irmãos (Fabrício e Josiane) e meu amado Paulo por fortalecerem laços constantemente e compreenderem a ausência em vários momentos. Para o Paulo, meu amor de longa data, obrigada por tudo. Já dizia Lao-Tse que “ser profundamente amado por alguém nos dá força; amar alguém profundamente nos dá coragem”.

À Profa. Dra. Ronice Muller de Quadros (orientadora) e à Profa. Dra. Mara Lúcia Masutti (coorientadora). Obrigada pelas orientações nesta pesquisa a favor da construção do empoderamento do campo em Estudos da Tradução e Interpretação de Língua de Sinais. Por terem compreendido minhas escolhas e com elas proporem novos percursos na academia.

À Profa. Dra. Maria Lúcia Vasconcellos, pois há pessoas que são mais do que professores, são inspiradores de vida. Você é um delas.

Aos pesquisadores em Tradução e Interpretação de Língua de Sinais por construírem esse legado bibliográfico por meio das teses e dissertações que puderam ser objeto desta pesquisa.

À Vanessa dos Santos Amadeo por contribuir significativamente em minha carreira acadêmica e pessoal na UFSC. Em uma conversa de corredor, um riso, uma imitação, uma ironia, uma ideia para prosseguir a tese.

Aos colegas professores surdos e ouvintes do curso de Letras-Libras, com quem tive a oportunidade de dialogar sobre o tema desta pesquisa e receber tantas contribuições valiosas para o andamento deste trabalho.

A Ângela e Andréa, mais que colegas de trabalho e de pesquisa. Que seja doce esta amizade. Conselhos, solidariedade, confidências que ultrapassam a composição desta tese.

A Maria Cristina, mais do que colega, amiga, parceira de tantas jornadas, tantos e-mails, conhecimento e expectativas compartilhadas. Obrigada por tudo, especialmente, por abrir portas para as pesquisas em teses e dissertações sobre Tradução e Interpretação de Língua de Sinais.

Ao Lau, obrigado pelas prosas, pelas ajudas tecnológicas e por compartilhar contigo tantos outros temas da vida cotidiana.

Às Alines (Pizzio e Sousa) pelas reuniões “on-line e off” e pelos momentos mais que gratificantes ao lado de vocês. Obrigada pela amizade sincera e pelo colorido especial que vocês dão a minha vida.

A Mylene pela amizade, paciência, confiança e motivação em assuntos sobre os Estudos da Interpretação e para além deles.

À profa. Lúcia Nassib Olímpio por construir coletivamente políticas de incentivo para professores em formação doutoral e em estágio probatório no Departamento de Artes e Libras.

Ao Prof. Dr. Markus J. Weininger pela disponibilidade sempre e por compartilhar tantos conhecimentos da área dos Estudos da Tradução e Estudos da Interpretação.

Aos professores Dr. Markus J. Weininger e Dra. Karin L. Strobel, membros participantes da banca de qualificação, pelas sugestões teóricas e metodológicas a fim de aprimorar este trabalho. Da mesma forma, agradeço a disponibilidade das professoras Rachel, Lucyenne, Maria Lúcia, Karin e do professor Rodrigo por participarem da banca de defesa desta tese. Inspirada em Vieira-Machado (2013), entregar um texto para a banca é antes de tudo um ato de confiança.

Ao Elizandro M. Brick por apresentar-me as pesquisas de Ione Ines Slongo e Demétrio Delizoicov Neto sobre o Ensino de Física e a Marilisa Hoffmann por compartilhar as pesquisas no Ensino de Biologia que tratavam do “estado da arte”.

A Marcele de Freitas Emerim por ter ampliado os meus horizontes, especialmente por ter conectado as motivações do presente com os alicerces do passado.

Aos tradutores e intérpretes de língua de sinais/português da Universidade Federal de Santa Catarina (Diego, Tiago, Natália) pela interpretação realizada no ato da qualificação e da defesa.

Aos professores, aos amigos, aos colegas da Universidade Federal de Santa Maria, meu local de partida desta trajetória acadêmica.

Ao Reginaldo Francisco pela revisão desta tese.

RESUMO

Existe uma escassez de trabalhos que abordam o estado da arte da pesquisa sobre Tradução e Interpretação de Língua de Sinais (TILS) no Brasil. O referencial teórico desta pesquisa pautou-se em Metzger (2010), Napier (2010), Grbic (2007), Pereira (2010), Souza (2010) e Vasconcellos (2010), que realizaram levantamentos sobre o estado da arte da pesquisa sobre TILS. A presente tese analisa as categorias que emergem das teses e dissertações sobre TILS no período de 1990 a 2010. Como metodologia de análise, consideramos os estudos já realizados por Pereira (2010) e, especialmente, por Metzger (2010), que realizou uma investigação semelhante no contexto estadunidense com base nas categorias apresentadas por Pöchhacker (2004): assuntos, metodologias e paradigmas. Aplicamos e analisamos essas categorias no contexto brasileiro e constatamos a emergência de novos aspectos a serem problematizados no percurso das pesquisas sobre TILS. Além disso, realizamos a extração de palavras (de conteúdo) frequentes dessas teses e dissertações sobre TILS por meio da ferramenta *WordList* do software *WordSmith Tools*. O resultado das análises confirmou que os pontos nevrálgicos na pesquisa sobre TILS são: caracterização do papel do intérprete de língua de sinais em sala de aula; conflito de identidades entre “professor/intérprete” e “intérprete”; trajetórias de formação; condições de trabalho; processos de tradução aplicados em contextos literários e técnicos, sendo a área da Educação o campo de maior interface dessas pesquisas, seguida da área de Linguística. Por fim, constatamos a transição teórica da pesquisa sobre TILS, bem como a consolidação e o empoderamento dessa subárea articulada aos Estudos da Tradução.

Palavras-chave: Estado da arte, Análise de teses e dissertações, Tradução e Interpretação de Língua de Sinais, Estudos da Tradução.

ABSTRACT

Studies on the state of the art of Sign Language Translation and Interpreting (SLTI) research in Brazil are scarce. The theoretical framework for this investigation was based on Metzger (2010), Napier (2010), Grbic (2007), Pereira (2010), Souza (2010) and Vasconcellos (2010), who conducted surveys on the state of the art of research on SLTI. This thesis analyzes the categories that emerge from academic theses and dissertations on SLTI published in Brazil in the period 1990-2010. Our methodology of analysis have taken into account previous studies carried out by Pereira (2010) and especially by Metzger (2010), who conducted a similar investigation in the United States context based on the categories presented by Pöchhacker (2004): subjects, methodologies and paradigms. We have applied and analyzed such categories in the Brazilian context and found an emergence of new aspects to be problematized in the course of research on SLTI. In addition, we have extracted a list of frequent (content) words from those theses and dissertations on SLTI using *WordSmith Tools*' WordList function. The results confirm that the hot points of research on SLTI are: characterization of the sign language interpreter's role in the classroom; identity conflicts between "teacher/interpreter" and "interpreter"; educational pathways; working conditions; translation processes applied to literary and technical contexts. The larger interface of these studies is with the field of Education, followed by Linguistics. Finally, we have found a theoretical transition in the research on SLTI, as well as a process of consolidation and empowerment of this subarea articulated with Translation Studies.

Keywords: State of the Art, Analysis of Theses and Dissertations, Sign Language Translation and Interpreting, Translation Studies.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Lista de Palavras (<i>Wordlist</i>).....	52
Figura 2: Tradutora Heloise Gripp no glossário do curso de Letras-Libras.....	92
Figura 3: Foto de divulgação sobre teatro acessível no estado do Rio de Janeiro	107
Figura 4: informações sobre o Projeto Pitangüá.....	124
Figura 5: Livro <i>O Menino, o Pastor e o Lobo</i>	125
Figura 6: ilustração extraída da rede social Facebook.....	131
Figura 7: Mapa de Holmes	166
Figura 8: Mapa de Williams e Chesterman	168
Figura 9: Mapa de Pagano e Vasconcellos.....	170
Figura 10: Mapa da Editora St. Jerome	174
Figura 11: Esboço de mapa de campos de pesquisa nos Estudos da Tradução e Interpretação da Língua Brasileira de Sinais (ETILSB), com base em Grbic (2007), Pagano e Vasconcellos (2003) e Banco da CAPES.	187

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: categorias analisadas nas teses sobre interpretação de língua de sinais.....	219
Quadro 2: categorias analisadas nas dissertações sobre interpretação de língua de sinais (1990 a 2000).....	226
Quadro 3: categorias analisadas nas dissertações sobre interpretação de língua de sinais (2001 a 2005).....	236
Quadro 4: categorias analisadas nas dissertações sobre interpretação de língua de sinais (2006 a 2010).....	252
Quadro 5: categorias analisadas na tese sobre tradução de língua de sinais.....	266
Quadro 6: categorias analisadas na dissertação sobre tradução de língua de sinais (1990 a 2000).....	272
Quadro 7: categorias analisadas nas dissertações sobre tradução de língua de sinais (2001 a 2010).....	279

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: categorias analisadas nas teses sobre interpretação de língua de sinais.....	215
Tabela 2: categorias analisadas na dissertação sobre interpretação de língua de sinais (1990 a 2000).....	224
Tabela 3: categorias analisadas nas dissertações sobre interpretação de língua de sinais (2001 a 2005).....	233
Tabela 4: categorias analisadas nas dissertações sobre interpretação de língua de sinais (2006 a 2010).....	243
Tabela 5: categorias analisadas na tese sobre tradução de língua de sinais.....	264
Tabela 6: categorias analisadas nas dissertações sobre tradução de língua de sinais (1990 a 2000).....	270
Tabela 7: categorias analisadas nas dissertações sobre tradução de língua de sinais (2001 a 2010).....	277

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: palavras (de conteúdo) com maior ocorrência nas teses sobre interpretação de língua de sinais	221
Gráfico 2: palavras (de conteúdo) com maior ocorrência na dissertação sobre interpretação de língua de sinais (1990 a 2000).....	228
Gráfico 3: palavras (de conteúdo) com maior ocorrências nas dissertações sobre interpretação de língua de sinais (2001 a 2005)	239
Gráfico 4: palavras (de conteúdo) com maior ocorrências nas dissertações sobre interpretação de língua de sinais (2006 a 2010)	257
Gráfico 5: palavras (de conteúdo) com maior ocorrências na tese sobre tradução de língua de sinais.....	268
Gráfico 6: palavras (de conteúdo) com maior ocorrência na dissertação sobre tradução de língua de sinais (1990 a 2000).....	274
Gráfico 7: palavras (de conteúdo) com maior ocorrências nas dissertações sobre tradução de língua de sinais (2001 a 2010).	282

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AVEA – Ambiente Virtual de Ensino e Aprendizagem
CNPQ – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
FAPERJ - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro
FENEIS – Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos
ILS – Intérprete de língua de sinais
IBM - International Business Machines
LA – Linguística Aplicada
LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais
PGET – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução
PP – Pergunta de pesquisa
TILS – Tradução e Interpretação de Língua de Sinais
TCC – Trabalho de Conclusão de Curso
UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	25
1.1 CONTEXTO DA PESQUISA	28
1.2 JUSTIFICATIVA	32
1.3 OBJETIVOS E PERGUNTAS DE PESQUISA	34
2. METODOLOGIA	37
2.1 ETAPAS DA PESQUISA (LEVANTAMENTO DO <i>CORPUS</i>)	40
2.1.1 A construção do <i>corpus</i>	44
2.1.2 Tipo e preparação do <i>corpus</i> desta tese	49
3. PESQUISAS SOBRE INTERPRETAÇÃO DE LÍNGUA DE SINAIS NO BRASIL	55
3.1 OS ESTUDOS SOBRE INTERPRETAÇÃO DE LÍNGUA DE SINAIS NO BRASIL	60
3.1.1 As teses sobre interpretação de língua de sinais no Brasil	62
3.1.2 As dissertações sobre interpretação de língua de sinais no Brasil	68
3.1.2.1 Período de 1990 a 2000	68
3.1.2.2 Período de 2001 a 2005	71
3.1.2.3 Período de 2006 a 2010	81
4. PESQUISAS SOBRE TRADUÇÃO DE LÍNGUA DE SINAIS	121
4.1 OS ESTUDOS DA TRADUÇÃO SOBRE LÍNGUA DE SINAIS NO BRASIL	127
4.1.1 As teses sobre tradução de língua de sinais	129
4.1.2 As dissertações sobre tradução de língua de sinais	138
4.1.2.1 Período de 1990 a 2000	139
4.1.2.2 Período de 2001 a 2010	145
5. REFLEXOS DAS TESES E DISSERTAÇÕES DE TILS NA ARTICULAÇÃO COM OS ESTUDOS DA TRADUÇÃO	163
5.1 OS MAPEAMENTOS EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO	165
5.2 LEVANTAMENTOS BIBLIOMÉTRICOS EM TILS	178
5.3 DIFICULDADES ENFRENTADAS NOS LEVANTAMENTOS BIBLIOMÉTRICOS EM TILS	189
5.4 CONSTRUÇÕES DE UM EMPODERAMENTO NA AFILIAÇÃO DA PESQUISA SOBRE TILS ARTICULADA AOS ESTUDOS DA TRADUÇÃO	196
6. ANÁLISE DE DADOS DAS TESES E DISSERTAÇÕES SOBRE INTERPRETAÇÃO DE LÍNGUA DE SINAIS	213
6.1 DECISÕES METODOLÓGICAS SOBRE A ANÁLISE DAS PESQUISAS DE INTERPRETAÇÃO DE LÍNGUA DE SINAIS ..	213
6.1.1 As teses sobre interpretação de língua de sinais	215

6.1.2 As dissertações sobre interpretação de língua de sinais no Brasil.....	223
6.1.2.1 Período de 1990 a 2000.....	223
6.1.2.2 Período de 2001 a 2005.....	232
6.1.2.3 Período de 2006 a 2010.....	241
7. ANÁLISE DAS TESES E DISSERTAÇÕES SOBRE TRADUÇÃO DE LÍNGUA DE SINAIS	261
7.1 AS TESES SOBRE TRADUÇÃO DE LÍNGUA DE SINAIS ..	261
7.2 AS DISSERTAÇÕES SOBRE TRADUÇÃO DE LÍNGUA DE SINAIS	269
7.2.1 Período de 1990 a 2000.....	270
7.2.2 Período de 2001 a 2010.....	276
CONSIDERAÇÕES FINAIS	285
REFERÊNCIAS	293

1. INTRODUÇÃO

Do nosso ponto de vista, para criar políticas da Tradução, é conveniente antes fazermos questionamentos básicos como: o que se pesquisa, quando se pesquisa, por que tais objetos são pesquisados ao passo que outros não são registrados em determinada época? A partir dessas considerações iniciais é que teremos elementos mais sólidos a fim de contribuir para uma vertente que sustente a história da pesquisa sobre Tradução e Interpretação de Língua de Sinais (TILS)¹. Nesse sentido, a análise de mapas do campo de pesquisa tem uma função fundamental, que é reunir em um espaço um conjunto de informações que apresentam subsídios sobre determinada subárea.

Quando buscamos significados para mapeamento, as ocorrências mais comuns poderiam ser citadas como: guia, localização, orientação, estabelecimento de territórios, identificação de pontos estratégicos e assim sucessivamente. Por isso, mapas servem para facilitar nosso caminho. É com essas ocorrências que examinamos a pesquisa sobre TILS, por meio das teses e dissertações compreendidas no período de 1990 a 2010. Além disso, elementos centrais nessas pesquisas podem colaborar para a construção de políticas de tradução que atendam a demanda da subárea TILS. Nessa perspectiva, a presente pesquisa em termos teóricos localiza-se nos Estudos da Tradução e dialoga com as subáreas abaixo presentes nos seguintes mapeamentos:

Mapeamento de Holmes (1972, 1988) – ramo: Aplicado (Política da Tradução)

Mapeamento de Williams e Chesterman (2002) – História da Tradução e Interpretação

Mapeamento da Editora St. Jerome (2008) – Estudos da Interpretação / História da Tradução e Interpretação / Interpretação de línguas sinalizadas e Políticas de tradução.

A seguir apresentamos a lógica da organização deste trabalho.

Realizamos no capítulo 1 uma espécie de introdução do objeto de pesquisa, as razões que motivaram esta investigação, ao que e para quem ela está direcionada e como a pesquisa está organizada. Nesse

¹ Alguns pesquisadores usam a sigla TILS referindo-se ao profissional que realiza a tradução ou interpretação propriamente dita. Outros pesquisadores como Sousa (2010) utilizam a sigla ETILS – Estudos da Tradução e Interpretação de Línguas de Sinais. Nesta pesquisa, optamos por utilizar a sigla TILS para Tradução e Interpretação de Língua de Sinais.

sentido, as seções em que o capítulo se subdivide são: introdução, contexto da pesquisa, justificativa, objetivos e perguntas de pesquisa.

Explicamos no capítulo 2 o passo-a-passo metodológico. Adiantando ao leitor, a metodologia que respalda esta pesquisa é de abordagem qualitativa. Adotamos o mesmo percurso realizado por Metzger (2010) no contexto estadunidense. Naquele contexto, a autora realizou um panorama sobre a produção das pesquisas sobre interpretação de língua de sinais utilizando categorias de análise com base em Pöchhacker (2004). Por exemplo, categorias como assuntos, paradigmas, métodos/ metodologias e nacionalidade. Adaptamos essas categorias ao contexto brasileiro e testamos de forma manual cada uma das teses e dissertações sobre TILS. Por outro lado, realizamos uma segunda forma de testagem que consistiu na extração de palavras (de conteúdo) frequentes dessas teses e dissertações por meio da ferramenta WordList do software *WordSmith Tools*. Com essas palavras criamos gráficos constatando as ocorrências e categorias de cunho qualitativo com base nas discussões realizadas nos capítulos 3 e 4, bem como com as análises manuais feitas em um primeiro momento. Por fim, o capítulo é composto pelas seções: etapas da pesquisa, construção do *corpus* e tipo e preparação do *corpus*.

Situamos no capítulo 3 cada uma das teses e dissertações sobre interpretação de língua de sinais dialogando a partir do nosso ponto de vista com os diversos objetos de pesquisa. É uma revisão de literatura extensa, no sentido de que muitas teses e dissertações sobre interpretação de língua de sinais foram produzidas ao longo de três grandes períodos de pesquisa. Por outro lado, exploramos algumas características importantes que marcaram cada um desses períodos, e reforçamos em alguns casos as ações empíricas em torno da interpretação de língua de sinais que subsidiaram e fortaleceram os objetos de pesquisa.

Contextualizamos no capítulo 4 cada uma das teses e dissertações sobre tradução de língua de sinais. Ou seja, exploramos as dissertações sobre tradução de língua de sinais no formato de teses e dissertações com o intuito de compreender o que se pesquisa sobre esta subárea. Da mesma forma que o capítulo anterior, também subdividimos este de acordo com os períodos nos quais as pesquisas foram produzidas, pois desta forma sistematizamos a produção, apontando elementos importantes de cada um desses períodos.

Articulamos no capítulo 5, de forma preliminar, a revisão teórica sobre TILS constatada nas teses e dissertações com os Estudos da Tradução. Nele deixamos claro que nosso ponto de entrada desta tese

enquadra-se no ramo Políticas da Tradução. Realizamos um diálogo teórico apresentando os mapas sobre as pesquisas realizadas nos Estudos da Tradução e, em certa medida, apontamos algumas razões que dificultaram a inserção da subárea TILS junto àquele campo em nosso país. Para isso nos valemos dos levantamentos bibliométricos nas pesquisas sobre TILS no contexto internacional, problematizando os trabalhos de Grbic (2007), Metzger (2010) e Napier (2010). No contexto nacional respaldamo-nos em Vasconcellos (2010), Pereira (2010) e Sousa (2010). Mostramos também que a pesquisa sobre TILS (teses e dissertações) apresentada nos capítulos 3 e 4 serve como um forte elemento para a construção de um empoderamento em Estudos da Tradução.

Desse modo, quatro seções compõem esse capítulo: Os mapeamentos em Estudos da Tradução; Levantamentos bibliométricos em TILS; Dificuldades enfrentadas nos levantamentos bibliométricos em TILS; Construindo um empoderamento nos Estudos da Tradução e Interpretação de Língua de Sinais. Por fim, explicitamos claramente nossa afiliação teórica, além de mostrar algumas ações empíricas que colaboraram significativamente para que determinados objetos fossem priorizados em determinado período de pesquisa.

Analizamos nos capítulos 6 e 7 os resultados constatados durante o percurso da tese. Nesses capítulos exploramos os dados e mostramos aos pesquisadores, intérpretes de língua de sinais, tradutores de língua de sinais e demais interessados o que se pesquisa em TILS. Para facilitar a compreensão de como chegamos à análise, adotamos os mesmos períodos já sistematizados no referencial dos capítulos 3 e 4. Os dados da pesquisa revelam que estudos dessa natureza contribuem significativamente para a consolidação da TILS em nosso país, pois expõem de forma clara e sistematizada o percurso acadêmico desta subárea. Como era de se esperar, ratificamos a relevância de estudos voltados às políticas da tradução evidenciando a contribuição singular que a língua de sinais tem a oferecer aos Estudos da Tradução.

Embora tal percurso seja recente, os dados apontam que a TILS é marcada por fortes elementos da política linguística, por meio não só de decretos e leis, que fortalecem a atuação propriamente dita do tradutor ou intérprete, mas também de pesquisas que respondem ao empoderamento desta subárea, bem como de sua articulação aos Estudos da Tradução. Nesse sentido, faz-se necessário apresentar na próxima seção a compreensão do contexto da pesquisa, suas justificativas e objetivos, bem como, as decisões tomadas ao longo do percurso.

1.1 CONTEXTO DA PESQUISA

As pesquisas sobre TILS no Brasil têm crescido de forma veloz nos últimos anos, especialmente após o reconhecimento da Lei de LIBRAS nº 10.436/02 e, posteriormente, com a regulamentação dessa lei, com o decreto nº 5626/05. O fato é que atualmente, a pesquisa sobre TILS enfrenta um deslocamento teórico, pois a maioria das teses e dissertações que se concentravam na área da educação passa cada vez mais a partir de 2010 a fazer parte dos Estudos da Tradução conforme ressalta Pereira (2010) e Santos (2010).

Esse movimento acadêmico tem contribuído para processos de institucionalização da subárea² TILS e não é exclusivo do Brasil, pois em outros países como Áustria, Austrália, Nova Zelândia e Estados Unidos, várias pesquisas como as de Grbic (2007), Metzger (2010) e Napier (2010) cooperaram para que a subárea fosse aos poucos se estabelecendo junto aos Estudos da Tradução. Em nosso país, Quadros (2004), Pereira (2010), Souza (2010) e Vasconcellos (2010) são exemplos de pesquisadores que colaboraram para que a subárea TILS fosse estabelecida no meio acadêmico, especialmente nos Estudos da Tradução.

De forma geral, todas as pesquisas mencionadas acima colaboraram significativamente para a institucionalização da pesquisa sobre TILS no Brasil. Porém, o fato é que esta vertente de pesquisa que prioriza como objeto de investigação os mapeamentos de uma determinada área ou mesmo o apontamento de tendências e estados da arte é bastante recente em nosso país, em especial no campo dos Estudos da Tradução. Pesquisas como as de Grbic (2007), Metzger (2010) e Napier (2010) apresentaram em comum levantamentos bibliométricos que privilegiavam dados estatísticos com vistas a quantificar os tipos de produção (teses, dissertações, artigos, resumos e outros), em que países estão distribuídas essas produções, quais os assuntos com maior índice de ocorrência em determinado período, entre outros aspectos. Todos esses resultados oferecem elementos para a construção de uma cartografia, ou seja, literalmente o mapa de como a área tem se movimentado ao longo dos anos.

Nesse sentido, o objeto desta pesquisa é a análise das teses e dissertações em TILS no período de 1990 a 2010, partindo da

² Nesta pesquisa, trataremos a TILS como subárea dos Estudos da Tradução, tomando como base o mapeamento da editora St. Jerome (2008).

necessidade de identificar, organizar e analisar as características, as singularidades e os elementos que envolvem a produção acadêmica nessa área. A pesquisa sobre TILS é recente em nosso país; no entanto, associados a essa afirmação somam-se discursos pautados na carência de publicações que explicitem o percurso, os resultados, assuntos e métodos/metodologias privilegiados durante determinado período de investigação. Por exemplo, em um dos primeiros mapeamentos do campo dos Estudos da Tradução no Brasil, a pesquisa de Pagano e Vasconcellos (2003) não identificou teses e dissertações relacionadas à subárea TILS. Este dado é bastante curioso, visto que temos registro da existência de teses e dissertações em TILS já produzidas no ano de 2003. Qual é a peça que falta no quebra-cabeça que possa explicitar-nos algumas das razões pelas quais a subárea de TILS tenha sido tratada de forma tímida no espaço acadêmico brasileiro por volta do ano 2000?

No contexto brasileiro, algumas das respostas a essa pergunta sugerem uma empreitada detalhada no objeto desta tese, com vistas a mergulhar nessas produções (teses e dissertações) para compreender o percurso da pesquisa sobre TILS. No contexto internacional, há mapeamentos como o de Williams e Chesterman em seu livro *The Map* (2002), que reconhece a interpretação como subárea dos Estudos da Tradução, mencionando, por exemplo, a pesquisa em interpretação de língua de sinais como um dos tipos especiais de interpretação. Outra publicação foi o mapa proposto pela editora Saint Jerome em 2008, que reconhece a subárea TILS como parte constituinte dos Estudos da Tradução.

Em nosso país, uma das primeiras pesquisas que realizou um levantamento de teses e dissertações em TILS foi a de Pereira (2010). Nesse importante estudo, os resultados constatados apontaram para as instituições, as áreas, as universidades nas quais as teses e dissertações tinham sido produzidas. Essa sistematização e levantamento inicial das teses e dissertações mostrou a direção para um campo promissor de investigações acadêmicas, a saber, os Estudos da Tradução. Além disso, tal mapeamento mostrou os campos de pesquisa e os interesses dessas investigações ilustrando o percurso acadêmico da subárea TILS e se constituiu em um relevante ponto de partida como fonte de dados para o empreendimento da construção desta pesquisa.

No Brasil, o registro de pesquisas sobre TILS que descrevam as metodologias, assuntos, regiões brasileiras, paradigmas teóricos que

subsidiar tais investigações são bastante recentes. Nesses trabalhos, o uso de uma ferramenta que faça extração de uma lista de palavras (de conteúdo)³ com um alto índice de ocorrência é praticamente inexistente. O uso da ferramenta *Wordlist* ou ainda de softwares que utilizam a extração de dados em textos de forma geral (teses, dissertações, livros, resumos, artigos, etc.) podem colaborar significativamente na formação de pesquisadores e de tradutores e intérpretes de língua de sinais.

Um exemplo disso é a preparação antecipada de intérpretes, na qual estes podem se beneficiar da extração de palavras com maior índice de ocorrência das teses e dissertações. No Brasil, a subárea TILS carece tanto de pesquisas descritivas sobre o estado da arte quanto de pesquisas que envolvam aspectos tecnológicos. Esse tipo de lacuna sugere a criação de novas investigações, pois a partir de uma metodologia qualitativa poderão ser evidenciadas diferentes perspectivas para os levantamentos bibliométricos, bem como para a compreensão do estado da arte ao qual a área chegou após determinado tempo.

Nesse sentido, o mapeamento do percurso desta tese está organizado da seguinte forma: contextualização do escopo de teses e dissertações sobre TILS; argumentação a favor dessas pesquisas como elementos centrais na construção de um empoderamento junto aos Estudos da Tradução, respaldadas no ramo das políticas da tradução, conforme apresentado no mapa de Holmes (1972, 1988). Reconhecemos o fato de que as pesquisas sobre TILS não agem de forma isolada, mas estão relacionadas com as ações políticas, culturais e tradutórias em torno da língua de sinais. Em função disso, destacamos ações que operam juntamente com as pesquisas e colaboram para o empoderamento da subárea no campo dos Estudos da Tradução.

Em termos metodológicos, esta pesquisa utiliza duas formas de análise das teses e dissertações em TILS. A primeira delas concentra os esforços em um formato manual de extração de categorias (assuntos, paradigmas, métodos/metodologias e outras) baseadas em Pöchhacker (2004) e testadas por Metzger (2010) em seu estudo

³ As ferramentas utilizadas para a extração de dados normalmente apresentam como palavras com maior índice de ocorrências artigos, preposições, conjunções, pronomes. Como não temos a intenção de fazer uma análise linguística de tais palavras, neste estudo elas foram descartadas. Por isso, frisamos que a análise pautou-se em palavras de conteúdo, nas quais conseguíamos estabelecer um diálogo que envolvesse seu contexto de uso. Esse contexto certamente estava respaldado na análise manual que previamente tínhamos explorado por meio das categorias apresentadas por Pöchhacker (2004) e testadas por Metzger (2010) em seu estudo bibliométrico.

bibliométrico nos Estados Unidos. Foram incluídas novas categorias que emergiram na análise de acordo com o contexto brasileiro, como: local analisado e região brasileira. Em segundo lugar, utiliza a ferramenta *Wordlist* para extrair a lista de palavras (de conteúdo) frequentes, e assim, a partir de uma reflexão qualitativa, faz emergirem categorias com base nessa extração. Ambos os resultados a partir de diferentes perspectivas argumentam a favor da relevância de estudos desta natureza e apontam aspectos relacionados à práxis de tradutores e intérpretes de língua de sinais e dos Estudos da Tradução. A ampliação do mapeamento em Estudos da Tradução no Brasil, a formação de pesquisadores em TILS e de um corpo docente qualificado por meio de programas de graduação e pós-graduação na área são necessidades constitutivas da consolidação do campo das línguas de sinais.

Os resultados desta tese poderão ampliar novos olhares sobre a subárea TILS e contribuir assim para uma maior abrangência dos Estudos da Tradução, uma vez que no Brasil não temos, por exemplo, registros de pesquisas que envolvam o mapeamento em contextos da interpretação comunitária. Cabe ressaltar que as teses e dissertações sobre interpretação de língua de sinais estão intimamente ligadas à interpretação comunitária. Queiroz (2011) apresenta a problemática que permeia esse tipo de interpretação em nosso país. A autora utiliza a argumentação de Roberts (1994, p. 127) quando afirma que:

Mesmo a interpretação comunitária (IC) — ou como é conhecida internacionalmente, *community interpreting* (CI) — sendo “a forma de interpretação mais antiga do mundo, a atividade tem sido negligenciada tanto por profissionais como por pesquisadores”. (QUEIROZ, 2011, p. 24)

Por outro lado, com relação aos pesquisadores, os resultados contribuem com a indicação de novas possibilidades de investigação evidenciando perspectivas teóricas distintas, assuntos descobertos pela pesquisa em determinados momentos históricos. Além disso, os resultados revelaram assuntos e metodologias investigados por determinado coletivo de pesquisadores em períodos analisados em diferentes regiões do país, contribuindo para a cartografia das pesquisas em TILS. Outra contribuição aos pesquisadores refere-se à extração das listas de ocorrências de palavras (de conteúdo) frequentes por meio da ferramenta *WordSmith Tools*, utilizada nesta tese.

Essa metodologia é repleta de oportunidades e pode oferecer aos investigadores em TILS novos olhares para: o uso de determinados conceitos nas produções sobre TILS, por exemplo, “tradutor e intérprete”, ou o uso de determinada palavra ou ainda com estudos linguísticos sobre em quais estruturas sintáticas ela ocorre. Em última instância, o uso desse tipo de ferramenta pode sugerir aos pesquisadores em TILS um olhar acurado sobre a importância da língua portuguesa não só como registro de produção textual acadêmica, mas como contribuição para a formação de tradutores e intérpretes de língua de sinais.

Ainda que esta tese não se enquadre no campo dos Estudos de Corpora, abre possíveis diálogos entre esse campo e a pesquisa sobre TILS. Por exemplo, futuras investigações com foco em análises linguísticas com o objetivo de sistematização sobre o que se pesquisa, quais conceitos estão presentes nas teses e dissertações ou ainda em que posição ou classe gramatical tais conceitos aparecem nesses textos são sugestões que apresentamos para uma possível interface entre TILS e Estudos da Tradução.

1.2 JUSTIFICATIVA

A frase recorrente “são poucas as pesquisas que se dedicam ao tema da tradução e interpretação de língua de sinais” nas teses e dissertações nesta área justifica esta pesquisa; afinal, PEREIRA (2010) averiguou em seu levantamento inicial várias investigações destinadas ao tema TILS. Ou seja, a frase recorrente sobre a falta de pesquisas constata a pouca circulação dos resultados das teses e dissertações sobre TILS dentro da própria área. Por outro lado, essa pouca circulação se justificaria, visto que nos últimos anos o meio acadêmico brasileiro tem se deparado com um *boom* de pesquisas e trabalhos sobre TILS, por meio de teses, dissertações, monografias ou artigos publicados em periódicos das áreas de Educação e Estudos da Tradução.

Na maioria desses trabalhos atuais é possível observar um amadurecimento gradativo quanto ao tratamento dos objetos de pesquisa, a saber, o esforço em articular a subárea TILS aos referenciais teóricos dos Estudos da Tradução. Embora essas pesquisas tenham estimulado a produção de novos objetos de investigação ou mesmo de referenciais teóricos colocando em contato a subárea TILS e os Estudos da Tradução, o fato é que elas não dialogam e tampouco circulam de forma intracoletiva (dentro da mesma área). O que faltava para que essa circulação ocorresse na subárea TILS? Partimos de um dado concreto,

isto é, não se tem registros de pesquisas que realizam uma análise detalhada sobre o estado da arte das pesquisas sobre TILS em nosso país. Do nosso ponto de vista, estudos desse tipo podem contribuir significativamente para responder o questionamento acima, pois coloca a própria literatura (no formato de teses e dissertações) como um panorama teórico e metodológico no qual a área tem se embasado em diferentes momentos históricos.

Quais assuntos e métodos/metodologias são privilegiados pelos pesquisadores na subárea de TILS ao longo dos anos no contexto brasileiro? Essas tendências ou panoramas das pesquisas do nosso país dialogam com mapeamentos da mesma área em contextos internacionais? Estas são perguntas para as quais ainda não temos resposta, evidenciando o vasto campo a ser explorado em trabalhos desta vertente. Neste sentido, a presente investigação propõe minimizar as carências da área quanto a esse tipo de pesquisa, analisando a produção acadêmica no formato de teses e dissertações em TILS no período de 1990 a 2010.

Para o desenvolvimento desta tese, inspiramo-nos nos levantamentos bibliométricos realizados por Grbic (2007), nas pesquisas de Metzger (2010), Napier (2010) e Pereira (2010), os quais apresentaram em comum um panorama da interpretação de língua de sinais ou mesmo de características, lugares no mundo ou ainda temáticas que foram privilegiadas nas pesquisas durante determinada época. Sousa (2010) e Vasconcellos (2010) também iluminam esta tese na medida em que problematizam a inserção estratégica da subárea TILS junto aos Estudos da Tradução no contexto brasileiro.

Neste sentido, a presente pesquisa não só se justifica pelas poucas investigações realizadas, mas também porque oferecerá um panorama sistematizado da subárea TILS no contexto brasileiro no que se refere a teses e dissertações. A falta desse panorama que explicita os percursos percorridos pela pesquisa em TILS em nosso país causa transtornos de diferentes vieses. Por exemplo, a carência de pesquisas nessa vertente dificulta que os próprios pesquisadores em TILS tenham uma visão geral da produção acadêmica, ratificando discursos como aqueles postos inicialmente nesta seção, que enunciam a rara produção de investigações sobre a subárea. Ao analisarmos tal produção acadêmica, verificamos sim que há várias teses e dissertações em TILS, o que não há é uma circulação evidente dessas pesquisas dentro da própria subárea.

A escassez de estudos que sistematizem a produção acadêmica brasileira (teses e dissertações) da subárea TILS gera outro contratempo, que consiste na falta de diálogo acadêmico entre os pesquisadores em

TILS e os pesquisadores de diferentes vertentes dos Estudos da Tradução. Na grande maioria dos discursos enunciados está a pouca ou recente familiaridade teórica tanto dos pesquisadores sobre TILS com os conceitos da área dos Estudos da Tradução quanto dos pesquisadores em Estudos da Tradução com a pesquisa em TILS. Fazer circular esses saberes produzidos na pesquisa sobre TILS pode minimizar a distância existente entre pesquisadores dessa subárea e os demais estudiosos dos Estudos da Tradução de diferentes vertentes.

Por fim, não basta conhecer somente quais temas são objeto de pesquisas nas teses e dissertações de TILS, mas também compreender, por exemplo, de que forma essas temáticas podem se articular na formação de tradutores e intérpretes de língua de sinais/português. Ou ainda, de que forma esse panorama pode contribuir para situar a subárea de TILS, bem como buscar por uma identidade e articular-se de forma fortalecida junto aos Estudos da Tradução em nosso país. Por todas essas razões apresentadas acima, com o intuito de aglutinar as produções acadêmicas no formato de teses e dissertações, descrever as características de determinados períodos, caracterizar as tendências e panoramas da subárea de TILS e contribuir para o processo de institucionalização desta vertente é que justificamos a presente pesquisa.

1.3 OBJETIVOS E PERGUNTAS DE PESQUISA

Fazer pesquisas que tratam sobre outras pesquisas é correr riscos intensos e ter que tomar decisões complexas a todo momento, especialmente em três quesitos: o “colamento / descolamento” do pesquisador em pesquisas desta natureza; a visão de pesquisas desse tipo como um dos pontos de vista possíveis e não o único a ser tomado como verdade incontestável; a aceitação de que o ponto de vista do pesquisador pode não necessariamente coincidir com a intenção de pesquisa criada pelos investigadores das teses e dissertações. Desta forma, a pesquisa insere-se em um contexto que tem por objetivo principal analisar as categorias que emergem das teses e dissertações sobre TILS no período de 1990 a 2010.

Para alcançar esse objetivo, consideramos os estudos já realizados por Pereira (2010) e, especialmente, Metzger (2010), que realizou uma investigação semelhante no contexto estadunidense. As categorias testadas pela autora tiveram como base os paradigmas investigados por Pöchhacker (2004). Por isso, analisar os objetos, as categorias teóricas e metodológicas que emergem das produções de teses e dissertações entre 1990 e 2010 sobre TILS contribuirá para o

mapeamento das pesquisas nessa área. Quanto aos objetivos específicos, o primeiro é: a) identificar o percurso das pesquisas sobre TILS por meio das teses e dissertações no período de 1990 a 2010, pois estamos propondo aqui elementos importantes para a construção de um estado da arte das pesquisas sobre TILS por meio das teses e dissertações.

Dessa forma, realizamos uma segunda análise complementar por meio da ferramenta WordList do software *WordSmith Tools*, a fim de: b) verificar quais eram as palavras (de conteúdo) mais frequentes dessas teses e dissertações. Essa verificação é importante a fim de explorar por meio da extração das palavras (de conteúdo) mais frequentes nas teses e dissertações categorias qualitativas que possam esclarecer as problemáticas enfrentadas, por exemplo, no contexto educacional. Os dados constatados nesta pesquisa permitirão: c) contribuir para as pesquisas realizadas nos Estudos da Tradução, evidenciando o estado da arte da pesquisa em TILS, bem como ampliar o escopo dos temas mapeados neste campo no contexto brasileiro. Por fim, os resultados constatados não se aplicam somente aos pesquisadores, mas podem: d) fornecer elementos para a formação de tradutores e intérpretes de língua de sinais/português a partir das categorias analíticas resultantes da extração das palavras (de conteúdo) mais frequentes presentes nas teses e dissertações de 1990 a 2010.

Sendo assim, a partir dos objetivos instaurados, apresentamos as perguntas de pesquisa (PPs) que nortearam o percurso da tese.

PP1. Quais são os objetos e as características teóricas e metodológicas que emergem das categorias analisadas das teses e dissertações sobre TILS no período de 1990 a 2010?

PP2. Quais são as palavras (de conteúdo) mais frequentes nas teses e dissertações sobre TILS no período de 1990 a 2010 e em que medida fornecem elementos para a formação de tradutores e intérpretes de língua de sinais?

PP3. Como o estado da arte das pesquisas sobre TILS pode contribuir para a expansão de temas que ainda não foram registrados nos mapeamentos dos Estudos da Tradução em nosso país?

Após esse panorama geral sobre o percurso da tese, as motivações, o contexto, os aportes teóricos, as justificativas, os objetivos e as perguntas de pesquisa foram brevemente contextualizados. Assim, no próximo capítulo será explorado o passo a

passo metodológico apresentando maior detalhamento da construção do corpus.

2. METODOLOGIA

Desde o início da produção de uma pesquisa estamos aplicando uma metodologia⁴, seja nas escolhas teóricas que pautam a investigação ou na seleção dos objetos que vão compor o trabalho. Esta pesquisa orienta-se pela abordagem qualitativa. De acordo com Sampieri, Colado e Lucio (2012, p. 10):

Em termos gerais, os **estudos qualitativos** envolvem a coleta de dados utilizando de técnicas que **não** pretendem medir nem associar as medições a números, tais como observação não-estruturada, entrevistas abertas, revisão de documentos, discussão em grupo, avaliação de experiências pessoais, inspeção de histórias de vida, análise semântica e de discursos cotidianos, interação com grupos ou comunidades e introspecção. (Grifos do autor)

Neste sentido, uma das características da pesquisa qualitativa é a descrição de um determinado fenômeno a fim de reconstruir uma realidade pré-estabelecida. Além disso, nesta abordagem, exploramos as descrições e com ela tecemos observações que se articulam à realidade social mais ampla, isto é, para além dos dados explorados nas teses e dissertações sobre TILS compreendidas no período de 1990 a 2010. Por fim, tais construções permitem refinar as perguntas estabelecidas na pesquisa entrelaçando os resultados com os impactos que podem gerar na sociedade, tanto para os pesquisadores quanto para os tradutores e

⁴ Em determinados momentos de análises das teses e dissertações sobre TILS observou-se métodos e metodologias tomados como conceitos sinônimos. No entanto, cabe ressaltar que: “Tartuce (2006) aponta que a metodologia científica trata de método e ciência. Método (do grego *methodos*; *met'hodos* significa, literalmente, “caminho para chegar a um fim”) é, portanto, o caminho em direção a um objetivo; metodologia é o estudo do método, ou seja, é o corpo de regras e procedimentos estabelecidos para realizar uma pesquisa; científica deriva de ciência, a qual compreende o conjunto de conhecimentos precisos e metodicamente ordenados em relação a determinado domínio do saber. Metodologia científica é o estudo sistemático e lógico dos métodos empregados nas ciências, seus fundamentos, sua validade e sua relação com as teorias científicas. Em geral, o método científico compreende basicamente um conjunto de dados iniciais e um sistema de operações ordenadas adequado para a formulação de conclusões, de acordo com certos objetivos predeterminados. (Silveira e Córdova (2009, p. 11))”.

intérpretes de língua de sinais. Essa afirmação articula-se com as características descritas por Silveira e Córdova (2009, p. 31):

As características da pesquisa qualitativa são: objetivação do fenômeno; hierarquização das ações de descrever, compreender, explicar; precisão das relações entre o global e o local em determinado fenômeno; observância das diferenças entre o mundo social e o mundo natural; respeito ao caráter interativo entre os objetivos buscados pelos investigadores, suas orientações teóricas e seus dados empíricos;

Desta forma, mesmo com o uso de uma ferramenta de extração de dados para verificar o índice de ocorrências das palavras (conteúdo) mais frequentes nas teses e dissertações sobre TILS, exploramos os dados de forma qualitativa. A opção pelo objeto de pesquisa teses e dissertações sobre TILS ocorreu por dois motivos: a) pelo objetivo de realizar uma descrição e compreender os elementos que se entrelaçavam na constituição identitária de TILS ligada aos Estudos da Tradução, de forma que tal descrição e análise contribuísse para um empoderamento na área; b) por ter acesso a essas pesquisas no formato digital, por ter um levantamento inicial já realizado por outros pesquisadores. Além disso, não havia poucos trabalhos analíticos sobre TILS sobre teses e dissertações que pudesse colocar de forma detalhada os percursos da pesquisa no Brasil. Realizamos alguns diálogos no texto com a abordagem historiográfica como método articulado aos Estudos da Tradução. Os instrumentos utilizados foram as fontes documentais no formato de teses e dissertações sobre TILS produzidas de 1990 a 2010. Assim, apresentamos a forma como os dados foram tratados ao longo da pesquisa, bem como as etapas que compuseram o passo a passo da presente tese. Para atingirmos nosso objetivo proposto neste trabalho, selecionamos duas formas de análise.

Em um primeiro momento utilizamos a linha de trabalho de Metzger (2010), que, inspirada nas categorias de Franz Pöchhacker (paradigma⁵, metodologia de pesquisa, par linguístico ou modalidade),

⁵ A definição de paradigma de acordo com Pöchhacker (2004, p. 67) é: “Ever since physicist Thomas Kuhn first analyzed scientific disciplines and change processes in terms of paradigms and paradigm shifts, the notion has become a conceptual cornerstone to the history and theory of science. In Kuhn’s (1962/1996) account, scientific thought and research are shaped by

analisou a produção acadêmica nos Estados Unidos cobrindo quatro décadas (1970, 1980, 1990 e os cinco primeiros anos da década de 2000). No final da pesquisa, os resultados de Metzger (2010) indicaram: paradigma, assunto, metodologia e nações representadas. Nossa decisão foi investigar essas categorias na realidade brasileira nas teses e dissertações sobre TILS. Foi possível analisar novas categorias que emergiram ao longo das análises que serão explicitadas no texto.

Em um segundo momento, com o uso da ferramenta *WordSmith Tools*, buscamos as palavras (de conteúdo) que tiveram maior frequência nas teses e dissertações. Para os pesquisadores nos Estudos em Corpora, essa análise complementar para a presente tese pode parecer inadequada, mas é importante ressaltar o porquê de ela respaldar esta pesquisa: a) o objetivo de verificar quais as palavras (de conteúdo) com maior frequência nas teses e dissertações sobre TILS é cooperar com elementos extraídos de forma automática para o estabelecimento identitário de TILS junto aos Estudos da Tradução, afinal a análise manual realizada em um primeiro momento já tinha constatado certas tendências presentes em determinados momentos históricos das pesquisas em TILS; b) esta pesquisa não se enquadra no campo dos Estudos de Corpora, isto é, utiliza para fins qualitativos uma ferramenta de extração; c) os resultados extraídos com essa ferramenta apontam para as pesquisas sobre TILS possibilidades futuras de investigações que utilizem a padronização dos Estudos de Corpora; e, por fim, d) essa ferramenta pode ser utilizada como uma estratégia de preparação prévia no trabalho de tradutores e intérpretes, economizando e potencializando a formação destes profissionais.

Nesse sentido, ao longo do texto analisamos e dialogamos com os objetivos propostos inicialmente na pesquisa, bem como sugerimos, ao final, temas para futuras investigações. A seguir seguem detalhadamente as etapas da pesquisa.

‘paradigms’, which are made up of the basic assumptions, models, values and standard methods shared by all members of a given scientific community”. Nesse sentido, pesquisas desta natureza como a presente tese oferecem elementos para entender se ocorreu durante determinado momento histórico mudanças paradigmáticas ou não sobre TILS. Além disso, colocam em cena determinadas concepções, valores científicos e métodos que são compartilhados pela comunidade de pesquisadores sobre TILS em nosso país.

2.1 ETAPAS DA PESQUISA (LEVANTAMENTO DO *CORPUS*)

Inicialmente, a decisão desta pesquisa foi uma contextualização geral seguida de um passo a passo metodológico do corpus investigado (teses e dissertações sobre TILS de 1990 a 2010). A seguir, organizamos contextualizações separadas por pesquisas sobre interpretação de língua de sinais e pesquisas sobre tradução de língua de sinais compuseram os capítulos 3 e 4, respectivamente, com o intuito de mapear, descrever e dialogar com o objeto da pesquisa. Além disso, nossa estratégia de pesquisa foi visibilizar as teses e dissertações como referenciais teóricos da própria subárea TILS, a fim de responder a interrogação inicial, isto é: sobre o que essas produções tratam ou literalmente, conhecer a própria “casa”? O levantamento das teses e dissertações foi realizado no Banco de Teses e Dissertações da Capes, considerando as produções entre os anos de 1990 a 2010. Foram testados duas palavras de busca para cada capítulo para as pesquisas sobre interpretação, quais sejam, “intérprete de língua de sinais” e “intérprete de Libras”. Para as pesquisas sobre tradução de língua de sinais, a busca foi feita por “tradutor de língua de sinais” e “tradução de língua de sinais”. Depois, refinando pelo título, conferimos se cada uma dessas pesquisas de fato atendia os critérios de busca.

Pesquisas sobre interpretação de língua de sinais: teses sobre interpretação de língua de sinais de 1990 a 2010

ROSSI, Célia Regina. *O impacto da atuação do intérprete de LIBRAS no contexto de uma escola pública para ouvintes*. Tese (Doutorado em Educação). Universidade de São Paulo, 2005.

PEDROSO, Cristina Cinto Araujo. *O aluno surdo no ensino médio da escola pública: o professor fluente em Libras atuando como intérprete*. Tese (Doutorado em Educação Escolar). Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, 2006.

GURGEL, Taís M. A. *Práticas e formação de tradutores intérpretes de língua brasileira de sinais no ensino superior*. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Metodista de Piracicaba, 2010.

Pesquisas sobre interpretação de língua de sinais: dissertações sobre interpretação de língua de sinais de 1990 a 2010

PIRES, Cleidi L. *Questões de fidelidade na interpretação em Língua de Sinais*. Dissertação de Mestrado em Educação. Universidade Federal de Santa Maria, 1999.

LEITE, Emeli Marques Costa Leite. *O papel do intérprete de LIBRAS em uma sala de aula inclusiva*. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada). Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2004.

ROSA, Andréa da Silva. *Entre a visibilidade da tradução da língua de sinais e a invisibilidade da tarefa do intérprete*. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Estadual de Campinas, 2005.

HORTÊNCIO, Germana Fontoura Holanda. *Um Estudo Descritivo sobre o Papel dos Intérpretes de LIBRAS no âmbito organizacional das Testemunhas de Jeová*. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada). Universidade Estadual do Ceará, 2005.

FILIETAZ, Marta Rejane Proença. *Políticas públicas de educação inclusiva: das normas à qualidade de formação do intérprete de língua de sinais*. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Tuiuti do Paraná, 2006.

LIMA, Elcivanni. *Discurso e Identidade: Um olhar crítico sobre a atuação do (a) Intérprete de Libras na Educação Superior*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade de Brasília, 2006.

ZAMPIERI, Marinês. A. *Professor ouvinte e aluno surdo: possibilidades de relação pedagógica na sala de aula com intérprete de Libras – Língua Portuguesa*. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Metodista de Piracicaba, 2006.

SANTOS, Silvana Aguiar dos. *Intérpretes de língua de sinais: um estudo sobre as identidades*. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Santa Catarina, 2006.

MARINHO, Margot Latt. *O Ensino da Biologia: o intérprete e a geração de sinais*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade de Brasília, 2007.

VIEIRA, Mauren Elisabeth Medeiros. *A Auto-representação e Atuação dos Professores-intérpretes de língua de sinais: afinal...professor ou intérprete?* Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Santa Catarina, 2007.

COSTA, Karla Patrícia Ramos da. *O texto do intérprete de libras no contexto do bilinguismo e o pretexto da inclusão.* Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem). Universidade Católica de Pernambuco, 2008.

PEREIRA, Maria Cristina Pires. *Testagem Linguística em Língua de Sinais: as possibilidades para os intérpretes de Libras.* Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada). Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2008.

MARTINS, Vanessa Regina de Oliveira. *Educação de Surdos no Paradoxo da Inclusão com Intérprete de Língua de Sinais: Relações de poder e (re)criações do sujeito.* Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Estadual de Campinas, 2008.

TUXI, Patrícia. *A Atuação do Intérprete Educacional no Ensino Fundamental.* Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade de Brasília, 2009.

MARTINS, Diléia Aparecida. *Trajetórias de formação e condições de trabalho do intérprete de Libras em Instituições de Educação Superior.* Dissertação (Mestrado em Educação). Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 2009.

RUSSO, Angela. *Intérprete de Língua de Sinais: uma posição discursiva em construção.* Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2009.

CORDOVA, Bianca. C. *Concepções de Intérpretes de Língua de Sinais acerca de sua atuação em contextos educacionais.* Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade de Brasília, 2009.

SILVA, Ciriane. J. C. *A corporeidade da intérprete de língua de sinais na percepção dos sentidos produzida por interlocutores surdos.* Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade de Passo Fundo, 2009.

CONSTANCIO, Rosana. F. J. *O intérprete de Libras no ensino superior: sua atuação como mediador entre língua portuguesa e a língua de sinais*. Dissertação (Mestrado em Educação). Centro Universitário Moura Lacerda, 2010.

ALMEIDA, Elonema. B. *O papel de professores surdos e ouvintes na formação do tradutor e intérprete de Língua Brasileira de Sinais*. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Metodista de Piracicaba, 2010.

MIRANDA, Dayse. G. *As mediações linguísticas do intérprete de língua de sinais na sala de aula inclusiva*. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Minas Gerais, 2010.

PASSOS, Gabriele Cristine Rech. *Os intérpretes de língua de sinais: atitudes frente à língua de sinais e às pessoas surdas*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal de Santa Catarina, 2010.

NICOLOSO, Silvana. *Uma investigação sobre marcas de gênero na interpretação simultânea da Língua de Sinais Brasileira*. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução). Universidade Federal de Santa Catarina, 2010.

SANTANA, Jeferson Bruno Moreira. *O intérprete de língua de sinais como crítico literário de literatura traduzida em LIBRAS e de narrativas surdas*. Dissertação (Mestrado em Literatura). Universidade Federal de Santa Catarina, 2010.

BELÉM, Laura. *A atuação do intérprete educacional de Língua Brasileira de Sinais no ensino médio*. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Metodista de Piracicaba, 2010.

Pesquisas sobre tradução de língua de sinais: teses sobre tradução de língua de sinais de 1990 a 2010.

RAMOS, Clélia Regina. *Uma Leitura da Tradução de Alice no País das Maravilhas para a Língua Brasileira de Sinais*. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas). Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2000.

Pesquisas sobre tradução de língua de sinais: dissertações sobre tradução de língua de sinais de 1990 a 2010.

RAMOS, Clélia. Literatura e Língua de Sinais: uma proposta de Tradução Cultural. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1995.

AVELAR, Thaís Fleury. A questão da padronização de sinais nos atores-tradutores surdos do curso de Letras/Libras da UFSC: um estudo descritivo e lexicográfico do sinal “cultura”. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução). Universidade Federal de Santa Catarina, 2010.

SEGALLA, Rimar R. Tradução intermodal e intersemiótica/interlinguística: português escrito para a língua de sinais. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução). Universidade Federal de Santa Catarina, 2010.

SOUZA, Saulo Xavier de. Tradução para a língua brasileira de sinais: descrição de performances observadas no Curso de Letras-LIBRAS. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução). Universidade Federal de Santa Catarina, 2010.

A seguir, apresentamos a constituição e o contexto do *corpus* desta pesquisa e as decisões realizadas ao longo das etapas da tese.

2.1.1 A construção do *corpus*

Para subsidiar a busca de materiais serviram de base algumas pesquisas realizadas por Pereira (2010), Souza (2010), Metzger (2010) e Vasconcellos (2010), cujo fundamento foi mapear levantamentos bibliométricos no contexto internacional ou nacional que tratavam sobre pesquisas cujo tema era a TILS. Tais referenciais, os contextos dessas pesquisas e suas contribuições foram descritos no capítulo 5. Algumas categorias utilizadas por esses autores puderam ser investigadas no contexto brasileiro, outras não puderam ser reaplicadas, dado que esta pesquisa não abrange outros idiomas, conforme Metzger (2010).

Por exemplo, Metzger (2010) utilizou categorias como: assunto, metodologias, nações representadas e paradigma para análise dos artigos investigados no contexto estadunidense com base em Franz Pöchhacker. De acordo com Queiroz e Pöchhacker (2010), há cinco paradigmas nos

Estudos da Interpretação que são: Teoria Interpretativa, processamento cognitivo, neurolinguístico, tradução orientada pelo texto-alvo⁶ e interação dialógica⁷. Cada um desses paradigmas representou um conjunto de pesquisas que tinha determinados aportes epistemológicos em comum durante determinada época. Por exemplo, “[o] paradigma da teoria interpretativa da chamada Escola de Paris funcionou como previsto para um paradigma: por mais de uma década foi a abordagem teórica e metodológica dominante no estudo — e ensino — de interpretação de conferência”, de acordo com Queiroz e Pöchhacker (2010, p. 68)”.

A presente tese seguiu essa mesma linha de análise de Metzger (2010); no entanto, foi necessário adaptar algumas das categorias ao contexto brasileiro, uma vez que algumas, como nações representadas, não se adequavam aos propósitos desta pesquisa, que abrange apenas o contexto nacional. Outra pesquisa que contribuiu para o levantamento das teses e dissertações foi Pereira (2010), que havia mapeado as produções acadêmicas realizadas até o segundo semestre de 2009. Ao incluir as teses e dissertações que estavam em andamento, Pereira (2010) sinaliza a possibilidade de estudos voltados para o estado da arte de TILS.

Normalmente são mapeados somente os trabalhos concluídos, porém encontrei as seguintes justificativas para ir além e coletar, também, os trabalhos em andamento: a ainda escassa, quase rara, produção nacional sobre esta temática; a obtenção de trabalhos em andamento permite uma

⁶ Uma das características do paradigma da tradução orientada pelo texto-alvo, de acordo com Queiroz e Pöchhacker (2010, p.7) é “A idéia de interpretação como produção de texto foi compartilhada por um grupo de pesquisadores em tradução que, no curso dos anos 80, (re) conceitualizou tradução (e interpretação) como uma ‘atividade dotada de propósitos’, cuja finalidade não é a ‘reprodução equivalente’ do texto fonte, mas a produção do texto alvo designado a atender a sua função no contexto da cultura alvo”.

⁷ Por outro lado, Pöchhacker (2010, p.7) afirma que: “De maior consequência, a perspectiva da interpretação de Cecilia Wadensjö como sendo um discurso administrado numa relação triádica, onde o foco recai mais na interatividade do que na produção monológica de um texto, deu forma a um novo paradigma. Centrado no discurso e interação dialógicos (DI), esse paradigma inspirou-se, sobretudo, nos conceitos e métodos de áreas tais como a sociolinguística, a análise de conversação e a psicologia social. Como evidenciado por importantes contribuições de pesquisadores em interpretação de língua de sinais, tal como Cynthia Roy (2000), o paradigma DI provou servir bem tanto para a interpretação da língua falada como para a língua de sinais.

comparação da evolução deste segmento até os dias atuais e permite fazer projeções do perfil que a área está adotando, pouco a pouco. (PEREIRA, 2010, p. 107).

Neste sentido, para a composição deste *corpus* a pesquisa de Pereira (2010) foi fundamental, uma vez que algumas das pesquisas que estavam em andamento foram encerradas em 2010, passando a constituir o objeto deste trabalho. De forma mais específica, Vasconcellos (2010) também colaborou na constituição deste *corpus*, pois a autora realizou uma análise abrangendo as pesquisas desenvolvidas junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução (PGET) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Por fim, Souza (2010) realizou um levantamento bibliométrico combinando os resultados obtidos no Banco de Teses e dissertações da CAPES e algumas das dissertações concluídas na PGET durante o ano de 2010, que ainda não tinham sido alimentadas na plataforma da CAPES. Um ponto em comum entre Pereira (2010) e Vasconcellos (2010) foi que ambas as autoras consideraram as teses e dissertações em andamento, diferentemente de Souza (2010), que opta apenas por aquelas já concluídas.

Além dessa linha das categorias já existentes em outros levantamentos e aquelas oriundas dos resultados da pesquisa, em um segundo momento utilizamos a ferramenta *WordSmith Tools* com o intuito de mapear as palavras nas teses e dissertações que tiveram maior ocorrência ao longo dos textos, tendo como objetivo construir um conjunto de palavras frequentes que apontam tendências pelas quais a subárea TILS movimenta-se ao longo dos anos.

O fato de visibilizar as palavras com maior índice de ocorrência não nega a possibilidade de diálogo e problematizações com as demais categorias propostas no primeiro momento. Pelo contrário, a união destas análises contribui com o estado da arte das investigações sobre TILS, bem como com o processo de institucionalização por meio da pesquisa no meio acadêmico. Além disso, a formação de tradutores e intérpretes de língua de sinais também será beneficiada, uma vez que contarão com elementos-chave para a construção de políticas tradutórias no país. Ainda que esta pesquisa não seja uma investigação calcada nos Estudos de Corpora, utilizamos para os fins mencionados acima uma

ferramenta de análise de *corpus* (*Wordlist*) para tratamento dos dados. Adotamos por *corpus* a definição de BAKER⁸ (1995, p. 225):

Corpus agora significa primariamente uma coleção de textos reunidos em formato eletrônico e capaz de ser analisado de modo automático ou semiautomático em uma variedade de formas; (ii) um corpus não é mais restrito a “escritos”, mas inclui tanto textos falados quanto escritos, e (iii) um corpus pode incluir um grande número de textos de diversas fontes, de muitos escritores e falantes e em uma variedade de tópicos. O que é importante é que é colocado junto para um propósito específico e de acordo com um critério de desenho explícito a fim de assegurar que seja representativo de uma dada área ou amostra de língua que visa representar.

No século XXI é cada vez mais comum o uso de computadores e ferramentas computacionais que revolucionaram o cotidiano de pesquisadores em Estudos da Tradução, bem como de profissionais envolvidos com tradução. Sardinha (2003) também ratifica as afirmações de Mona Baker ao mencionar que os *corpora* eletrônicos são coletâneas constituídas de textos escritos ou ainda transcrições de fala em formatos acessíveis a leitura por computador. No contexto internacional, uma das pesquisadoras que desempenha um papel central nesta área em interface com os Estudos da Tradução é Mona Baker. Suas pesquisas contribuíram muito para os Estudos da Tradução à medida que possibilitaram que dados autênticos (coleções de textos reunidas em formato eletrônico) pudessem ser analisados, e reanalisados por outros pesquisadores. Além disso, o formato eletrônico possibilita que uma grande quantidade de textos seja hospedada em um *corpus* e posteriormente analisada, o que de outra forma seria bastante difícil.

Uma das vantagens dos *corpora* é permitir a localização de itens lexicais de forma muito rápida, podendo ser visualizados a partir de inúmeras situações que ocorrem dentro de um texto. As extrações dos dados de forma rápida evidenciam ainda diversas categorias que podem emergir a partir de uma lista de ocorrências, permitindo ao pesquisador analisar esses dados conforme seus objetivos definidos na pesquisa.

⁸ Tradução de Lautenai B. Junior. Sem acesso ao texto original.

Além disso, o uso dos *corpora* auxilia de forma objetiva e concreta o processo de tradução à medida que permite ao profissional resolver problemas e dúvidas de ordem linguística.

Há algumas resistências por parte dos pesquisadores em Estudos da Tradução em adotar tal abordagem, conforme explicita Sardinha (2002). Possivelmente, essa resistência esteja associada à concepção de que os *corpora* eletrônicos serviriam apenas como dados estatísticos para análises ou ainda como extratores de frequência vinculados somente à tradução automática. No entanto, em uma época em que ferramentas computacionais deixaram de ser uma opção e passaram a constituir o cotidiano de pesquisadores e usuários em geral, como trabalhar com uma quantidade volumosa de dados para pesquisas em Estudos da Tradução?

Podemos observar, por exemplo, que as possibilidades de analisar os dados extraídos dos *corpora* eletrônicos são incontáveis, até mesmo análises políticas a partir dessas ferramentas. As pesquisas realizadas por Mona Baker comprovam esta afirmação, pois demonstram uma preocupação política com o campo dos Estudos da Tradução ou com o profissional tradutor, desmistificando a ideia de que os *corpora* eletrônicos serviriam apenas para interesses oriundos da tradução automática ou temas afins. *Translation and Activism* (2006) e *Translation and Conflict* (2006) são exemplos de obras que abordam a importância do papel do tradutor e do intérprete e a forma como os papéis destes profissionais são narrados em contextos sensíveis de tradução envolvendo processos políticos.

Sendo assim, o fato de aderirmos na metodologia à utilização de uma ferramenta de *corpus* embasa-se, também, na fundamentação de BAKER (2011)⁹, que elenca três argumentos relevantes para esse uso: i) incentiva a transparência e o compromisso explícito com a metodologia; ii) incentiva a prestação de contas; e (iii) possibilita a acessibilidade de dados para outros pesquisadores. A partir da articulação entre a linha proposta por Metzger (2010) associada aos resultados da extração das teses e dissertações sobre TILS é possível questionarmos, por exemplo, que direções essas pesquisas apontam em seus respectivos períodos históricos. Essas questões serão problematizadas ao longo do trabalho a partir da análise dos resultados.

⁹ BAKER, M. *Corpora as a Resource for Investigating the Linguistic Behaviour of Professional Translators (and Interpreters)*. Palestra ministrada em 3 jun. 2011 na UFSC. Material não publicado. Anotações pessoais de Silvana Aguiar dos Santos.

2.1.2 Tipo e preparação do corpus desta tese

Em um primeiro momento, de forma manual, organizamos cada uma das teses e dissertações sobre TILS com tabelas marcando o assunto, área, local analisado, autores, quantidade e ano. Em uma segunda tabela cartografamos a metodologia, o paradigma e a região brasileira. Em um segundo momento, com o intuito de listar o conjunto de palavras frequentes nas teses e dissertações sobre TILS, adotou-se a proposta de Fernandes (2004), que se baseia em três estágios principais para compilação: i) Desenho; ii) Construção; e iii) Processamento.

Com relação ao desenho, Fernandes (2004) afirma ser o momento destinado a classificar e contextualizar o *corpus*, isto é, explicitar os critérios que servirão de base para que determinados tipos de textos e não outros constituam o *corpus* da pesquisa. É o detalhamento inicial sobre a construção de um *corpus*. Além disso, o autor indica critérios importantes que devem ser definidos nessa etapa, como: a representatividade do *corpus*, a questão dos direitos autorais referente aos textos escolhidos para serem analisados, entre outros.

Como o próprio nome acentua, essa etapa é fundamental porque, a partir do desenho delimitado, todas as demais decisões metodológicas passarão a funcionar a partir desses recortes de pesquisa, afetando satisfatoriamente ou não os resultados que se apresentarão ao longo do trabalho. Com relação à construção da análise, o material utilizado para análise são as teses e dissertações sobre TILS de 1990 a 2010, constituindo-se da seguinte forma:

- a) Pesquisas sobre interpretação de língua de sinais – 3 teses e 25 dissertações
- b) Pesquisas sobre tradução de língua de sinais – 1 tese e 4 dissertações

Com relação à tipologia de *corpus* definida por Sardinha (2004, p. 21), para esta análise foram escolhidos dois critérios, que são: **de conteúdo** (especializado) onde se define o tipo específico de texto, no caso gênero acadêmico (teses e dissertações), e **de finalidade** (de estudo), cujo objetivo é descrever e analisar os resultados encontrados no *corpus*. Há outras definições quanto aos tipos de *corpora* possíveis. Por exemplo, Baker (1995) propões uma tipologia aplicável tanto para a

pesquisa quanto para o ensino de tradução, que foi ratificada pelos autores Fernandes e Bartholamei (2009)¹⁰, que além de apresentarem um riquíssimo material na área de Estudos da Tradução/Estudos de *Corpora*, traduziram da língua inglesa para a língua portuguesa várias passagens importantes dessas publicações de Baker (1995). Essa autora define três tipos de *corpora* como sendo os principais, a saber: *corpus* comparável, *corpus* paralelo e *corpus* multilíngue.¹¹

Corpora Comparáveis – consistem em duas compilações separadas de textos na mesma língua: um *corpus* consiste de textos originais na língua em questão e o outro consiste de “traduções naquela língua a partir de uma dada língua-fonte ou línguas” (BAKER, 1995, p. 244);

Corpora Paralelos – consistem de “textos originais da língua-fonte A e suas versões traduzidas na língua B” (BAKER, 1995, p. 230);

Corpora Multilíngues – são “conjuntos de dois ou mais *corpora* monolíngues em línguas diferentes, construídos ou pelas mesmas, ou diferentes instituições, tendo como base critérios de desenho semelhantes” (BAKER, 1995, p. 232).

Outros autores classificam os tipos de *corpora* de acordo com diferentes critérios. Por exemplo: ao considerarmos o número de línguas que constituem os *corpora* eletrônicos, podemos classificá-los em: monolíngue, bilíngue, trilíngue ou multilíngue. Há ainda classificações que tomam como critério as escalas, isto é, a dimensão de palavras que compõem o *corpus*, conforme Sardinha (2004).

Há outros critérios que são abordados por diferentes pesquisadores, dependendo da perspectiva e da finalidade em que o *corpus* se enquadra. Por exemplo, Sinclair (1991) observa em sua obra um fator interessante que é a intervenção do pesquisador no tratamento do *corpus*. Segundo o autor, em *corpora* de pequena dimensão a intervenção do pesquisador ocorre previamente à constituição do *corpus*, ao passo que em um *corpus* de grande dimensão, essa intervenção ocorreria nos estágios finais do tratamento dos dados.

¹⁰ Material didático da Disciplina de Estudos da Tradução II, ministrada pelos professores Lincoln Fernandes e Lautenai B. Junior no curso de Letras-LIBRAS (Bacharelado) da UFSC.

¹¹ Traduções realizadas por Fernandes e Bartholamei (2009, p. 43) pertencentes ao material didático da Disciplina de Estudos da Tradução II, ministrada pelos professores Lincoln Fernandes e Lautenai B. Junior no curso de Letras-LIBRAS (Bacharelado) da UFSC. Sem acesso às citações originais.

Cabe ressaltar que na língua portuguesa as publicações e as pesquisas sobre o tema têm cada dia avançado mais, mas a comunidade científica encontra-se ainda em consolidação. Sardinha (2004), um dos autores que se destaca no país, com uma série de trabalhos desenvolvidos na área de *corpora*, destaca que é preciso criar um diálogo em português a respeito: “o que eu quero enfatizar é que a Literatura e os discursos compartilhados em português são os alicerces para criarmos uma disciplina e uma comunidade no país”. (SARDINHA, 2004, p. 5)¹².

Por fim, com relação ao processamento, adotou-se o passo-a-passo seguinte: a grande maioria das teses e dissertações sobre TILS foi retirada de plataformas *on-line*, como bibliotecas digitais pertencentes aos Programas de Pós-Graduação nos quais esses materiais foram defendidos e/ou de buscas diretamente com os autores, nos casos de difícil acesso. Os arquivos estavam no formato .pdf, sendo necessário convertê-los para o formato .txt para que pudessem ser acessados pelo programa *WordSmith Tools*. Em seguida foram analisadas utilizando a lista de frequência (*WordList*), que aponta as palavras mais utilizadas em cada material.

Cabe ressaltar que o auxílio técnico para esta etapa foi fundamental, pois alguns arquivos tinham espaços e caracteres que alteravam a sistematização final dos textos. Nesse sentido, como nosso interesse era somente nas palavras (de conteúdos) frequentes nas teses e dissertações sobre TILS, não aprofundamos o uso dessa ferramenta (*WordList*). Normalmente, nas extrações de dados dessa natureza, as palavras mais frequentes são artigos, preposições, entre outras ocorrências que não são alvo de análise na presente tese, por isso descartamos tais ocorrências. Segue abaixo um exemplo de *WordList* em uma das dissertações testadas que nos apresenta um panorama sobre as palavras que mais se destacam.

¹² SARDINHA, T. *Lingüística de Corpus: uma entrevista com Tony Berber Sardinha*, 2004. Disponível em: <http://www.pessoal.utfpr.edu.br/paulo/revel_3_entrevista_tony_berber_sardinha.pdf>. Acesso em: jun. 2011.

Figura 1: Lista de Palavras (*Wordlist*).

N	Word	Freq.	%	Texts	% emmas	Set
14	COMO	7.504	0,83	20	100,00	
15	UMA	7.399	0,81	20	100,00	
16	COM	7.296	0,80	20	100,00	
17	NÃO	7.242	0,80	20	100,00	
18	UM	7.083	0,78	20	100,00	
19	AS	6.759	0,74	20	100,00	
20	NA	6.675	0,73	20	100,00	
21	LÍNGUA	6.598	0,73	20	100,00	
22	NO	6.536	0,72	20	100,00	
23	POR	5.310	0,58	20	100,00	
24	DOS	5.293	0,58	20	100,00	
25	SINAIS	4.655	0,51	20	100,00	
26	INTÉRPRETE	4.484	0,49	20	100,00	
27	SURDOS	4.360	0,48	20	100,00	
28	OU	4.034	0,44	20	100,00	
29	DAS	3.256	0,36	20	100,00	
30	AO	3.238	0,36	20	100,00	
31	LIBRAS	3.107	0,34	20	100,00	
32	SER	2.996	0,33	20	100,00	
33	À	2.955	0,33	20	100,00	
34	TRADUÇÃO	2.864	0,32	20	100,00	
35	EU	2.590	0,28	20	100,00	
36	SÃO	2.585	0,28	20	100,00	
37	SUA	2.417	0,27	20	100,00	
38	EDUCAÇÃO	2.411	0,27	20	100,00	
39	MAIS	2.393	0,26	20	100,00	

Dessa forma, com auxílio de gráficos explicitando o conjunto de palavras (de conteúdo) mais frequentes, separamos um total de dez palavras a serem analisadas em cada período. A seguir, agrupamos tal extração em categorias definidas por todo o contexto já problematizado na pesquisa. Essa extração complementou as categorias que haviam sido constatadas no contexto brasileiro baseadas em Metzger (2010). Apresentamos os resultados encontrados nos próximos capítulos. Cabe ressaltar que nessa extração das palavras com maior ocorrência destacaram-se duas limitações:

a) optamos por extrair apenas uma palavra por meio da ferramenta *Wordlist*. Nosso objetivo restringia-se à emergência de palavras mais frequentes (de conteúdo) a fim de serem categorizadas para corroborar ou retificar os dados que seriam extraídos manualmente nas tabelas. Tais resultados apontavam: assunto, local analisado, quantidade, ano, paradigma, região brasileira, área e metodologia/coleta de dados. Nesse sentido, uma das limitações encontradas em alguns

resultados foram palavras genéricas. Por exemplo, intérprete, sinais ou ainda língua. De qual intérprete as teses ou dissertações tratavam? Quanto a sinais, o que relatavam sobre o tema? Sinais referindo-se à língua de sinais ou a sinais icônicos, por exemplo? Seria necessária uma familiaridade maior com a ferramenta a fim de evitar essas variáveis.

b) mesmo diante dessa opção, considerando as limitações que poderiam acarretar nos resultados, não utilizamos o concordanciador para analisar a posição semântica em que determinada palavra localizava-se no texto, pois se entende que esta tese não se enquadra nos Estudos de *Corpora*, sendo que apenas utilizou uma de suas ferramentas a fim de extrair dados no seu formato mais bruto para serem colocados no rol de debate. Com isso, não excluimos a possibilidade de estudos dessa natureza nas pesquisas sobre TILS. Pelo contrário, sugere-se que futuras pesquisas sobre TILS possam servir-se dos pressupostos e procedimentos dos Estudos de *Corpora* a fim de que dados possam ser revelados com objetivos pontuais nesse campo de conhecimento. Um exemplo disso seria uma análise de cunho semântico sobre o uso da palavra ILS em produções acadêmicas brasileiras que tratam sobre a língua de sinais.

Neste capítulo tratamos da metodologia, explicitando o passo-a-passo, as decisões metodológicas, o desenho, a construção dos dados, seu processamento e algumas variáveis que interferiram no processo. A seguir apresentamos os capítulos que tratam sobre as contextualizações das pesquisas sobre TILS mostrando as implicações destas pesquisas para a consolidação da área.

3. PESQUISAS SOBRE INTERPRETAÇÃO DE LÍNGUA DE SINAIS NO BRASIL

Neste capítulo situaremos a produção acadêmica das teses e dissertações sobre interpretação de língua brasileira de sinais no período de 1990 a 2010. Os discursos construídos sobre TILS são atravessados por vários sujeitos, instituições e normas no meio acadêmico. Os tradutores, os intérpretes, os surdos, os ouvintes, os pesquisadores e tantos outros sujeitos constroem formas produtivas de representar uma determinada subárea, pois são agentes participantes — agem sobre os enunciados, seja fabricando-os ou posicionando-se frente aos saberes tradutórios que se colocam nos espaços acadêmicos. No entanto, os possíveis temas que são validados pelo espaço acadêmico e aqueles que estão à margem da pesquisa na subárea de TILS também são demonstrações nítidas do poder que as instituições têm em eleger temáticas prioritárias a serem pesquisadas.

Essas prioridades que se traduzem em diferentes objetos de pesquisa compartilham normas sobre o que deve ser dito e como deve ser dito a respeito da temática investigada. Ao mesmo tempo em que se fala tanto sobre as teses e dissertações em TILS dados os números contabilizados, não se discute a respeito da articulação e desdobramentos acadêmicos desses resultados. Ou seja, há um efeito que opera para a não circulação desses resultados acadêmicos. Tal efeito instaura como verdades outros discursos tradutórios que não necessariamente aqueles produzidos nas teses e dissertações como possíveis conhecimentos científicos válidos e aptos a serem enunciados como respaldo teórico. Em outras palavras, é como se esses resultados não tivessem poder suficiente de validar as decisões tradutórias ou mesmo outras decisões estratégicas importantes que devem ser tomadas na área.

Uma das formas de observar essa conjuntura do “não dizer, não circular” dentro da subárea TILS se revela nas raras vezes em que teses ou dissertações são mencionadas enquanto referencial teórico. Há uma recorrência nos discursos, especialmente, das dissertações que tratam da interpretação de língua de sinais sobre a raridade de materiais científicos sobre o tema da interpretação. Longe de instituir uma origem sobre a subárea TILS ou de idealizar supostos conhecimentos tradutórios de forma homogênea no Brasil, até porque sabemos que a história é feita de descontinuidades, esta seção busca nas teses e dissertações um “fazer circular” dos objetos que foram investigados ao longo dessas duas décadas.

Há que reconhecermos que esse “fazer circular” em nenhum momento supre a condição de fragmento, de sutura, de deslocamento no qual estamos imersos na atual sociedade. No entanto, o fato é que precisamos mapear por meio de um levantamento sistemático o que a pesquisa sobre TILS revelou no passado, o que revela atualmente e quais são os possíveis objetos a revelar futuramente. Essa circulação das produções nos permitirá de certo modo experimentar possíveis tendências e paradigmas que se construíram nessas pesquisas durante o período escolhido para análise.

Ainda para responder o porquê de pesquisar teses e dissertações, deve-se explicitar que os elementos encontrados neste recorte contribuem para o estabelecimento identitário da subárea TILS articulada aos Estudos da Tradução. Esse movimento de articulação da pesquisa sobre TILS no Brasil é bastante recente, conforme foi apresentado na parte introdutória desta tese. As diretrizes tomadas a partir do decreto 5626/2005, como, por exemplo, o incentivo à pesquisa e formação de recursos humanos nos diferentes níveis de ensino (graduação e pós-graduação) contribuíram significativamente para que esse movimento ecoasse a favor de uma institucionalização daquela subárea.

No entanto, ainda que a subárea tenha avançado rapidamente nos últimos anos, poucos são os registros que tornam evidentes os impactos, as tendências que se destacam em publicações como artigos, livros, capítulos de livros, teses, dissertações e monografias sobre o que se pesquisa em TILS. É comum encontrarmos grande parte desse acervo de forma dispersa, dificultando, por exemplo, um mapeamento sobre TILS dos objetos investigados e da relação deles com as ações empíricas em torno da tradução e interpretação em nosso país. Nesse sentido, interrogamo-nos o que se pesquisa em TILS por meio da produção de teses e dissertações compreendidas entre os anos de 1990 a 2010. Quais temas são pesquisados, por quais autores? Que direções teóricas tais produções científicas nos apontam? Em que medida, a subárea de TILS oferece elementos que contribuam para a expansão do escopo de pesquisa dos Estudos da Tradução?

Uma das formas de compreender o presente e apontar o futuro é conectar-se ao que foi produzido no passado, examinando em quais contextos ocorreram e quais fatores colaboraram para que fossem realizadas todas essas produções acadêmicas em nosso país. As conexões que apresentamos na pesquisa mostram uma das tantas possíveis formas de resgatar essa história da produção brasileira sobre TILS, por meio das teses e dissertações. Em alguns momentos do texto

dialogamos com razões políticas e sociais que podem explicar e legitimar os destaques sobre determinados objetos, ao passo que outros ficaram descobertos em certo espaço de tempo. Um desses objetos raramente mencionado nas teses e dissertações em interpretação de língua de sinais refere-se ao papel da língua portuguesa (aspectos relacionados à prosódia, entonação, intensidade e velocidade da voz) na formação de intérpretes.

Além disso, os resultados encontrados nos permitem compreender algumas convergências e divergências em relação aos rumos que a área em estudo toma ou ainda os aportes teóricos e metodológicos aos quais se filiou durante certo período. Tanto pesquisadores quanto tradutores e intérpretes de língua de sinais/português, discentes e outros possíveis interessados nesta subárea se beneficiam de pesquisas nessa perspectiva por ter acesso a articulações, panoramas e análises que demonstram um olhar, embora não o único, sobre a produção brasileira de TILS no formato de teses e dissertações. Categorias de análise como metodologias de pesquisa ou ainda concepções teóricas presentes nas teses e dissertações produzidas sobre TILS são relevantes para uma série de atividades que se estendem desde a formação de pesquisadores, tradutores e intérpretes até o estudo do estado da arte dessa interface (TILS e Estudos da Tradução).

A interpretação enquanto área de pesquisa tem ganhado cada vez mais visibilidade no meio acadêmico, sendo mencionada, por exemplo, no mapeamento de Williams & Chesterman (2002). No entanto, as pesquisas e reflexões teóricas em torno da interpretação se iniciaram na academia por volta da década de 1960, tendo Kade (1963), Seleskovitch (1962), Henri Barik (1969) como seus principais representantes, conforme Pöchhacker e Queiroz (2010). Embora essas importantes pesquisas sobre interpretação de línguas orais não tenham tido conexão quanto aos aportes teóricos ou mesmo paradigmas adotados por TILS, são relevantes marcos referenciais e contribuíram significativamente para a consolidação da interface dos Estudos da Interpretação¹³. Os autores mencionados impulsionaram investigações

¹³ É recente essa vertente de pesquisa no Brasil, pois o primeiro Simpósio Brasileiro de Interpretação (SIMBI) foi realizado na Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, Brasil, de 4 a 6 de setembro de 2013. Também será oferecida uma disciplina chamada “Tópicos em Estudos da Interpretação” no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da USP, com a intenção de servir como introdução à linha de pesquisa em Estudos da Interpretação de maneira específica e organizada, com paradigmas próprios da disciplina, numa iniciativa pioneira no Brasil. A disciplina de 8 créditos será

diversas, desde aquelas que tratavam da prática da interpretação, envolvendo os processos linguísticos e mentais que constituem a atividade complexa de interpretar, até aquelas que se direcionavam às tradições de pesquisa e paradigmas teóricos que constituem movimentos mais recentes dentro dos Estudos sobre a Interpretação. Com a nomenclatura de Estudos da Interpretação, essa vertente passa a ser reconhecida nos mapeamentos pela Editora St. Jerome somente no ano de 2008.

No entanto, as pesquisas em torno dessa vertente estão bastante avançadas e com grau acentuado de sofisticação no contexto internacional. Nesse sentido, Pöchhacker (2004) é considerado um dos pioneiros em distinguir as pesquisas sobre interpretação em categorias taxonômicas, entre elas: relacionadas ao trabalho, ao par linguístico ou modalidade, ao paradigma ou à metodologia de pesquisa. Nos Estados Unidos, uma das pesquisadoras que tomou como base essas taxonomias para destacar as pesquisas sobre interpretação de língua de sinais no meio acadêmico foi Melanie Metzger, que apresenta argumentos sobre a utilidade de estudos dessa natureza.

De fato, dissecar a interpretação em categorias taxonômicas (veja Pöchhacker, 2004) relacionadas ao trabalho, ao par linguístico ou modalidade, paradigma ou metodologia de pesquisa é bem útil e fornece o fundamento necessário a partir do qual inúmeras atividades significativas podem surgir, tais como o ensino ou o estudo da história do campo; ou a partir do qual estudos empíricos podem ser contextualizados dentro da mesma linha de pesquisas que têm sido

oferecida pelo Programa de Doutorado e Mestrado em Estudos da Tradução (TRADUSP) da FFLCH-USP e tem como objetivos principais “permitir aos alunos que (1) diferenciem a tradução da interpretação como profissões distintas, ainda que relacionadas; (2) situem os Estudos da Interpretação como disciplina acadêmica, estabelecendo suas interfaces com a ‘grande área’ dos Estudos da Tradução; (3) familiarizem-se com os principais autores, a bibliografia, as principais teorias e os paradigmas de pesquisa da área; e (4) possam iniciar pesquisas na área de Estudos da Interpretação, com teorização e metodologia adequadas” (comunicação por e-mail em 26/07/2013). Por outro lado, não contemplará aspectos da língua de sinais: “A disciplina proposta não visa a tratar de questões da interpretação de língua de sinais, mas somente da interpretação enquanto intermediação entre diferentes línguas orais. Embora haja algumas questões teóricas próximas no estudo da interpretação de línguas orais e de línguas de sinais, o estudo dessa segunda modalidade exigiria bibliografia e métodos especializados, que fogem ao escopo da disciplina ora proposta”.

tecidas juntas desde as primeiras investigações empíricas sobre interpretação conduzidas nos anos 1950. (METZGER, 2010, p. 13)

No contexto brasileiro, há uma série de pesquisas sobre TILS, especialmente teses e dissertações, mas ainda dispersas no meio acadêmico, uma vez que se constata pouca conexão entre esses trabalhos. O que essa literatura especializada tem a nos dizer? O que já foi dito que ainda não sabemos? São essas produções acadêmicas, esses discursos em tantas teses e dissertações sobre TILS que não estão recebendo visibilidade, que nos oferecem a construção de ricos pontos de conexão desta subárea com os Estudos da Interpretação, neste terceiro capítulo. Compreender e buscar elementos para conectar as próprias teses e dissertações em TILS é esquadriñar a construção desse mapeamento passando pelas contribuições do estado da arte. Além de ampliar a compreensão do caminho percorrido por uma determinada área, as pesquisas dessa natureza apresentam em comum um fio condutor: responder questões sobre os diferentes objetos privilegiados em determinado momento histórico.

Definidas como de caráter bibliográfico, elas parecem trazer em comum o desafio de mapear e de discutir uma certa produção acadêmica em diferentes campos do conhecimento, tentando responder que aspectos e dimensões vêm sendo destacados e privilegiados em diferentes épocas e lugares, de que formas e em que condições têm sido produzidas certas dissertações de mestrado, teses de doutorado, publicações em periódicos e comunicações em anais de congressos e de seminários (FERREIRA, 2002, p. 258)

Romanowski e Ens (2006) ressaltam essa importância da pesquisa em estados da arte para a consolidação do campo teórico de uma área do conhecimento, bem como para a resolução de problemas da prática de determinado grupo. Este segundo elemento apresentado pelos autores evidencia uma convergência pontual com as teses e dissertações em TILS, pois a maioria dessas pesquisas investigou contextos educacionais almejando contribuir com a formação de tradutores e intérpretes de língua de sinais. Pöchhacker (2010, p. 62) confirma esse pressuposto ao afirmar que a “evolução da profissão implica em reflexões sistemáticas e investigações acadêmicas, de tal forma que

“profissão” e “pesquisa” sejam complementares (conectadas)”. Essas constatações mostram a necessidade de examinar o estado da arte das pesquisas em TILS¹⁴, evidenciando os assuntos, metodologias, paradigmas e demais categorias que emergem de análises dessa natureza.

Essa necessidade de conhecer, de buscar articulações com os Estudos da Tradução e Estudos da Interpretação, extrair elementos das pesquisas que contribuam na formação dos tradutores-intérpretes e pesquisadores, e também colaborar para a consolidação identitária da subárea em nosso país são argumentos que sustentam a presente tese.

Primeiramente é apresentada a contextualização de cada uma das teses e dissertações sobre interpretação de língua de sinais com o intuito de situar e mapear o campo. Em seguida, realizamos uma reflexão sobre as implicações desses resultados para a interpretação de língua de sinais e os fatores que cooperaram para que essas produções fossem realizadas em determinado momento histórico. Por fim, o mesmo processo foi aplicado para a contextualização das teses e dissertações que tratam da tradução da língua de sinais, no quarto capítulo.

3.1 OS ESTUDOS SOBRE INTERPRETAÇÃO DE LÍNGUA DE SINAIS NO BRASIL

Na seção introdutória deste capítulo lançamos algumas interrogações a respeito da produção brasileira, por meio de teses e dissertações sobre TILS, compreendida entre os anos de 1990 a 2010. É com base naquelas questões (sobre identidades, sobre os objetos, sobre os temas, sobre as metodologias, entre outras) que construímos esta seção dedicada à pesquisa sobre interpretação de língua de sinais em nosso país. Os elementos oriundos das teses e dissertações sobre esse tema podem contribuir para a ampliação do escopo de pesquisa da vertente denominada Estudos da Interpretação, uma interface bastante recente no Brasil. Nesse sentido, a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), por meio da PGET, foi pioneira em nosso país ao oferecer uma linha de pesquisa intitulada Estudos da Interpretação, que

¹⁴ Uma das primeiras publicações nesse sentido foi Pereira (2010), que apresenta um levantamento bibliométrico das teses e dissertações concluídas e em andamento até 2009/2 sobre TILS. Albres (2013) também utilizou as teses e dissertações sobre interpretação de língua de sinais enquanto corpus para mapear a interpretação educacional como campo de pesquisa.

contempla também investigações voltadas a Libras e à interpretação nos diversos contextos comunitários (médico, jurídico e educacional). A criação dessa linha de pesquisa é mais um dos motivos do fortalecimento da produção de pesquisas como a presente tese, isto é, investigações que demonstrem teoricamente o percurso acadêmico da interpretação de língua de sinais, assim como problematizem as implicações de tais pesquisas nos contextos de formação de intérpretes, identificando as lacunas não investigadas na atuação desses profissionais.

Nesse sentido, buscamos nas teses e dissertações sobre interpretação de língua de sinais tópicos que pudessem conectar-se com os interesses dos Estudos da Interpretação, especialmente aqueles pontos levantados pelo contexto educacional, que é um dos espaços de pesquisa privilegiado nesses documentos. O levantamento das teses e dissertações foi realizado no Banco de Teses e Dissertações da Capes, considerando as produções entre os anos de 1990 a 2010. Foram testadas duas buscas, sendo a primeira por “intérprete de língua de sinais”. A busca foi refinada com o uso da opção “palavra exata”. O total de dissertações disponíveis na plataforma foi 148 e o de teses foi 3. A seguir, com o intuito de selecionar somente as teses e dissertações que tratavam do intérprete de língua de sinais, examinou-se cada uma delas, elegendo pelo título aquelas que atendiam o propósito estabelecido nesta pesquisa. Na segunda busca, por “intérprete de Libras”, os resultados somaram 95 dissertações. O mesmo procedimento descrito acima foi reproduzido a fim de elencar apenas as pesquisas que tratassem dos intérpretes e/ou da interpretação de língua de sinais. Após esses dois testes, foram selecionadas para compor o *corpus* da pesquisa 26 dissertações e 3 teses que tratam da interpretação de língua de sinais ou do intérprete de Libras.

O mesmo procedimento foi utilizado para buscar por teses e dissertações sobre tradução de língua de sinais (cuja discussão será aprofundada no capítulo 4), ou seja, realizamos buscas por “tradução de língua de sinais” e “tradutor de língua de sinais”, porém não obtivemos retorno positivo da plataforma com nenhuma delas. Algumas pesquisas já apontaram dificuldades e limitações que este tipo de busca proporciona; no entanto, concordamos com Souza (2010, p. 39), que afirma: “o Banco de Teses e Dissertações da Capes se trata de uma fonte de consulta de caráter oficial, uma vez que a Capes constitui uma das instituições brasileiras de nível federal reguladora, por exemplo, da qualidade da educação de nível superior do País”.

Para solucionar esse problema, tomamos a decisão de recorrer a Pereira (2010), que contemplou dados das teses e dissertações que tratam da tradução em língua de sinais e cujos resultados indicam uma tese e quatro dissertações. Aproveitamos e conferimos no levantamento bibliométrico de Pereira (2010) aquelas que tratavam da interpretação de língua de sinais, caso alguma não tivesse sido contemplada pelo Banco de Teses e Dissertações da Capes. Após todo esse processo de busca, todas as teses e dissertações foram contextualizadas nos capítulos que seguem, evidenciando as correntes teóricas abordadas, os contextos e os resultados obtidos. A seguir, concentramo-nos naquelas teses e dissertações que tratam da interpretação de língua de sinais e apresentamos algumas considerações que podem sugerir tendências levantadas por essas pesquisas no contexto brasileiro.

3.1.1 As teses sobre interpretação de língua de sinais no Brasil

Três teses foram localizadas no Banco de Teses e Dissertações da Capes, a saber, Rossi (2005), Pedrosa (2006) e Gurgel (2010). Todas foram desenvolvidas no estado de São Paulo na área de Educação. Rossi (2005) investigou o impacto da atuação do intérprete de Libras no contexto de uma escola pública para ouvintes. Inicialmente destacam-se no texto os caminhos que motivaram o surgimento da pesquisa, bem como a situação da língua de sinais e dos processos inclusivos que se desencadeavam na época.

No conjunto de ideias tratadas por Rossi (2005) destacam-se a importância do intérprete de Libras no contexto da escola pública, a trajetória desse profissional, aspectos voltados ao preconceito, à inclusão, à diversidade e à surdez. Foi apresentado ainda um panorama geral da situação do surdo e do papel do intérprete no contexto escolar. Esses temas tratados ao longo da pesquisa são ratificados por uma série de documentos legais como declarações internacionais, acordos, leis e emendas que situam os diferentes momentos históricos com relação à pessoa surda.

Essa abordagem inicial apresentada na pesquisa de Rossi (2005) sobre a educação de surdos evidencia um estilo bastante frequente nas teses e dissertações produzidas até meados de 2005, a saber, contextualizar as realidades educacionais e sociais da língua de sinais que constituíam as pesquisas. Diante dessa situação, destacamos três pontos que merecem ser considerados:

(i) a necessidade de localizar, situar e oferecer subsídios concretos sobre os parâmetros linguísticos da língua de sinais, bem como apresentar dados sobre essa língua e sua importância na vida das pessoas surdas, uma vez que o ensino superior pouco conhece sobre esse tema de pesquisa;

(ii) explicar as políticas governamentais e os processos inclusivos, expondo elementos da realidade educacional nas escolas públicas. Neste sentido, parece existir nas entrelinhas um discurso que movimenta os pesquisadores a tecerem considerações iniciais em suas pesquisas sobre “o uso autorizado” da língua de sinais por parte do governo nos espaços escolares. Em outras palavras, um discurso muito sutil se instaura: com esse conhecimento, legitimado pela instância governamental, é como se tivéssemos “autorização” acadêmica para investigá-lo, mas ainda assim precisamos apresentar ao espaço acadêmico o que é, suas origens, como funciona e assim por diante;

(iii) por fim, ratificando esse discurso sobre a língua de sinais, sobre a trajetória do intérprete e sua importância na escola pública, resgatam-se juridicamente resoluções, emendas, leis e portarias conhecidas como documentos que concedem o “poder dizer” sobre surdos, intérpretes, professores, assim como legalizam as ações que tais profissionais devem desempenhar no meio educacional.

Os resultados obtidos na pesquisa de Rossi (2005) demonstram uma série de elementos e personagens que devem ser considerados pela escola quando há a presença de alunos surdos. Essas ações (políticas linguísticas de valorização e promoção da língua de sinais) e personagens (professores, alunos surdos, ouvintes, intérpretes e todos os outros) que constituem a escola são atravessados por diversas histórias, olhares e perspectivas que tecem uma rede complexa no cotidiano da escola pública. Essas redes não só apresentam os personagens, como também suscitam a necessidade de novos desdobramentos, novas formas de olhar a língua de sinais a partir da emergência do contato com esse outro (intérprete e aluno surdo), que pode motivar inclusive escolhas profissionais por parte dos alunos ouvintes. Essa evidência do impacto das “presenças” é recuperado por Rossi (2005) nas considerações finais, pois a autora argumenta que há aspectos que devem ser mudados e outros que foram conquistados ao longo do processo a partir dos vários grupos implicados no processo de inclusão. Por exemplo,

A comunidade escolar reconheceu a importância do intérprete de LBS [língua brasileira de sinais] e o impacto que este trouxe à comunidade escolar, assim como também entendeu a língua de sinais como a língua oficial da comunidade surda, com estrutura gramatical diferente da Língua Portuguesa oral, apontando a possibilidade de alunos ouvintes seguirem, futuramente, a profissão de intérpretes (ROSSI, 2005, p. 232).

Essa estrutura complexa no contexto da escola pública destaca-se também na pesquisa desenvolvida por Pedroso (2006). Há pontos de cruzamento sobre a interpretação de língua de sinais nas pesquisas de Pedroso (2006) e Rossi (2005) que merecem destaque: a recorrência da contextualização sobre a escolarização dos surdos e a atuação do intérprete de língua de sinais (ILS) em contextos de ensino. Pedroso (2006) expõe algumas afirmações defendidas por Lacerda (2002) salientando a necessidade de cautela e reflexão para a inserção do intérprete no contexto educacional. Essa precaução, na concepção de Lacerda (2006) estaria relacionada ao desconhecimento por parte dos profissionais da escola sobre o profissional intérprete, bem como sobre o desempenho de suas funções, os limites de sua atuação na interpretação. Em outras palavras, as relações desencadeadas em sala de aula não parecem claramente definidas, de acordo com Lacerda (2006).

As questões levantadas por Lacerda (2006) sobre o desconhecimento das funções do ILS são ratificadas nos dados encontrados por Pedroso (2006), que por meio de relatos constata que a atuação do professor fluente em Libras superou a função de intérprete e entrou no campo pedagógico. Pedroso (2006, p. 192) salienta que “o professor fluente assumiu a função de educador e realizou também o ensino para o aluno surdo, frente à falta de preparação do professor”. Ou seja, em meados do ano de 2006 estávamos diante de um sistema educacional brasileiro que ainda não tinha encaminhado de forma satisfatória o atendimento de alunos surdos no ensino regular, de modo que qualquer decisão sobre tal encaminhamento recaía sobre as funções que o ILS desempenhava.

Essas teses sobre interpretação de língua de sinais revelam que nos anos de 2005 e 2006 investigar sobre o ILS é antes contextualizar e entender a conjuntura do contexto escolar, no qual este profissional estava atuando diretamente. Do nosso ponto de vista, os espaços escolares são regidos por normas estabelecidas pelo próprio sistema

educacional. Nessa estrutura, mais especificamente na sala de aula, uma dessas normas é o fato de professores exercerem o papel da docência, ou seja, há uma regularidade dessas tarefas exercidas. Dentro da sala de aula há professores e alunos, mas normalmente não outros profissionais que pudessem colocar em xeque essa norma já estabelecida. Diante desse quadro, quem é o profissional que por meio das políticas de inclusão aparece em sala de aula, mas que não exerce o papel da docência?

Como pode ser observado, a tese de Pedroso (2006) frisa, em outras palavras, que a presença do ILS provoca “irregularidades”, no sentido de não ser uniforme em um ambiente educacional se comparada com a figura do professor em um espaço repleto de normas já instituídas pelo sistema social e governamental. Podemos citar algumas dessas irregularidades, no sentido de que mudam a configuração escolar: a presença da língua de sinais (produção do sinal, do gesto, de expressões corporais e faciais, de movimentos e de novos aspectos típicos de uma língua de modalidade visual), a presença do aluno surdo, os limites espaciais para a produção de língua de sinais por parte do intérprete, entre outras mudanças no cotidiano da sala de aula. São novas formas de impacto, novos olhares, novos contornos a serem adotados na escola e que atravessam a atuação prática do ILS mencionada na tese de Pedroso (2006). Era uma presença legítima (juridicamente respaldada por leis), mas irregular na medida em que não eram tomadas diretrizes que orientassem de forma explícita a função do “outro profissional, além do professor” na sala de aula. É justamente a recomendação final na pesquisa de Pedroso (2006), que salientou a necessidade de uma reorganização por parte da escola em direção a uma educação bilíngue e bicultural considerando a formação de professores para o ensino de surdos e com medidas que pudessem preservar o espaço de atuação do intérprete.

Ainda que Rossi (2005) e Pedroso (2006) tenham elementos semelhantes na descrição e forma de abordagem do objeto de investigação, esta não é uma característica recorrente na última tese em interpretação de língua de sinais registrada no ano de 2010. Constatamos uma tendência na pesquisa de Gurgel (2010) parcialmente diferente daquelas observadas anteriormente. Rossi (2005) e Pedroso (2006) caracterizavam-se por apresentar resultados considerando uma perspectiva macro (estrutura escolar e seus participantes) direcionando-se para o contexto micro (a importância do ILS e os desafios que se colocam para esse profissional no ensino fundamental e médio). Já Gurgel (2010) tomou como macro (no sentido amplo da palavra)

considerações sobre o ILS, sua natureza e função sob três aspectos: a formação do tradutor ILS, a atuação desse profissional no espaço educacional, e o tradutor intérprete e sua atuação no ensino superior. Os apontamentos sobre o contexto onde aquele profissional está inserido aparecem de forma micro (mas não menos importante) por meio de um breve histórico do ensino superior e das políticas de educação especial no Brasil com foco na educação do surdo. No entanto, a análise da pesquisa de Gurgel (2010) centra-se nas práticas e na formação dos tradutores intérpretes de Libras no ensino superior.

Com esse foco, a pesquisadora resgata em seu referencial teórico algumas dissertações e artigos produzidos sobre a interpretação de língua de sinais ou ainda sobre o ILS e sua atuação, como Lima (2006), Santos (2006), Russo e Pereira (2006), Pedroso (2006) e Martins (2009). Dessa forma, há evidências de que Gurgel (2010) não trata o objeto de análise de forma isolada, pois há uma circulação de saberes, de conceitos e de ideias sobre a atuação, as identidades e o profissional ILS compartilhados nas produções mencionadas. Dito de outra forma, Gurgel (2010) realiza uma espécie de circulação com as discussões que os pares, no caso pesquisadores de TILS, já produziram em dissertações.

Além disso, outro fato que reforça essa circulação ocorre na forma como os argumentos são apresentados em torno da interpretação de língua de sinais, isto é, parte-se de uma concepção discursiva privilegiando o sentido. Por exemplo, na tese são explicados que os sentidos vão muito além do significado essencialista ou da tradução da palavra. Dessa forma, é possível afirmar que Gurgel (2010) introduz um diálogo intracoletivo com o círculo de pesquisadores que tem em comum o ILS como objeto de investigação. Por outro lado, há uma recorrência entre as pesquisas de Rossi (2005), Pedroso (2006) e Gurgel (2010) quando mencionam as mais diversas publicações e contribuições de autoras como: Lacerda (2006, 2000), Quadros (2002), Rosa (2003), entre outras.

Os resultados da pesquisa de Gurgel (2010) indicam que muitos dos tradutores intérpretes que atuam hoje no mercado de trabalho iniciaram sua formação de maneira informal, ratificando pesquisas anteriores que investigaram o mesmo tema. Gurgel (2010) ressalta ainda a importância e a necessidade de as instituições de ensino superior se responsabilizarem pela oferta de mais cursos de formação específicos para tradutores intérpretes com o intuito de qualificá-los em sua atuação. Dito de outra forma, os resultados encontrados por Gurgel (2010) abrem possibilidades para que se requisite uma formação de acordo com a demanda de atuação no respectivo contexto. Um ano mais tarde,

Queiroz (2011) toma como base argumentos como esses encontrados por Gurgel (2010) para enfatizar a necessidade urgente de formação de ILS em áreas específicas, por exemplo, o contexto médico.

As teses de Gurgel (2010), Pedroso (2006) e Rossi (2005) ratificam o elo indissociável, pelo menos do nosso ponto de vista, entre teoria e prática. Ou seja, os objetos investigados nessas teses, bem como os resultados encontrados, dão elementos para concluirmos que têm sido pesquisados aspectos pertinentes em relação à prática de atuação destes profissionais. Há uma relação evidente entre teoria e prática nessa vertente da interpretação de língua de sinais abordada nas teses registradas neste estudo. Ou seja, há uma institucionalização requerida para a formação de ILS que extrapola o curso de graduação atualmente existente, a saber, o curso de Bacharelado em Letras-Libras na Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC. O mercado de trabalho apresenta novas demandas de atuação para os ILS que exigem políticas de formação continuada para esses profissionais. É preciso considerar a necessidade de pesquisas que investiguem os mais variados contextos, bem como ampliem o escopo de discussão sobre o campo da tradução e interpretação. Além disso, para que discursos empoderados sejam visibilizados tanto pelos pesquisadores quanto pelos profissionais ILS, são fundamentais os debates entre as diversas categorias a fim de que conheçamos os elementos que constituem essa área. A partir disso, as ações em torno das políticas tradutórias em língua de sinais tendem a ficar mais fortalecidas, tanto do ponto de vista da pesquisa quanto da atuação prática.

Nesse sentido, é essencial disponibilizar aos intérpretes em formação espaços de interação (como estágios e práticas) com a comunidade surda, com a língua de sinais e com todos os elementos que constituem a cultura surda. Essa asserção é corroborada por Gurgel (2010, p. 156), que afirma: “a atuação do TILS, além de linguística, envolve as questões culturais e sociais que estão em funcionamento e os diferentes usos da linguagem nas ações humanas, fato este que justifica a importância do contato constante e da inserção deste profissional com a comunidade surda”.

Portanto, as três teses que representam o campo de pesquisa em interpretação de língua de sinais no período de 1990 a 2010 investigaram o contexto educacional. Rossi (2005) e Pedroso (2006) focalizam suas análises no espaço escolar (ensino fundamental e médio), nas relações estabelecidas nesse cenário (com os alunos surdos, professores e gestores) e na presença/relevância do ILS nesse lugar. Já Gurgel (2010) direciona sua pesquisa às práticas e à formação de

tradutores intérpretes de Libras no ensino superior. Todos esses elementos ratificam o princípio de interação dialógica existente em pesquisas dessa natureza, pois elas têm seus tentáculos com uma possibilidade de articulação à interpretação comunitária, ainda que não se declarem dessa vertente. Esse percurso registrado nas teses sobre interpretação de língua de sinais não se confirma nas dissertações investigadas no período. Este é o debate que compõe a próxima seção, ou seja, tratamos do objeto investigado, das tendências e das interlocuções possíveis nas dissertações desse período.

3.1.2 As dissertações sobre interpretação de língua de sinais no Brasil

As dissertações sobre interpretação de língua de sinais compreendidas no período de 1990 a 2010 apresentam números significativos. Com o intuito de organizar esta seção para visualizar o que discutiremos, propusemos uma divisão em três períodos conforme a quantidade de produção, bem como seguindo a orientação de Metzger (2010). Com isso, não temos a pretensão de fixar as produções como se estivessem “congeladas” nos tempos e espaços em que foram produzidas, mas sabemos que esta é uma forma didática de visualização da produção acadêmica. Primeiramente, apresentamos os dez primeiros anos de pesquisa e seus representantes. A década posterior, isto é, de 2000 a 2010, foi dividida em dois grupos, os anos iniciais (2000 a 2005) e os anos finais (2006 a 2010)¹⁵.

3.1.2.1 Período de 1990 a 2000

A partir dos registros localizados no Banco de Teses e Dissertações da Capes, uma das primeiras dissertações desenvolvidas foi na Universidade Federal de Santa Maria, no estado do Rio Grande do Sul, na década de 1990, intitulada: “Questões de fidelidade na interpretação de língua de sinais”. Pires (1999) desenvolveu uma das primeiras pesquisas sobre o processo interpretativo da língua portuguesa oral para a Libras e posteriormente para a língua portuguesa escrita. Um dos pontos cruciais dessa pesquisa foi examinar se tais informações interpretadas para os surdos continham traços por parte do intérprete que

¹⁵ Tomamos essa decisão pelo fato de que nos primeiros dez anos de pesquisa das dissertações em interpretação de língua de sinais a área é representada somente por uma investigação.

pudessem apontar subjetividades, ideologias e emoções deste profissional. Pires (1999, p. 36) afirma que:

Nesta pesquisa, infidelidade está intimamente relacionada a algumas situações, nas quais o intérprete utiliza termos, ideias que deturpam totalmente as intenções do autor do texto original, ou suprime determinada informação do texto, seja por razão de desconhecimento ou lapso de memória.

Ainda que não sejam mencionados na pesquisa aportes teóricos relacionados às tomadas de decisões no ato interpretativo pelo viés do processamento cognitivo (lapsos de memórias e suas implicações no desempenho do ILS) ou experiências empíricas que detalhassem a falta de competência referencial, a pesquisa de Pires (1999) destaca-se por dois motivos:

- (i) apresenta várias problemáticas (estratégias e escolhas satisfatórias e não satisfatórias dos participantes da pesquisa) que ocorrem no processo de interpretação de língua portuguesa/língua de sinais, mostrando ao meio acadêmico e ratificando a necessidade de formação do intérprete. Nesse sentido, essa pesquisa investiga um objeto pouco explorado em meados dos anos 1990, ou seja, o processo de interpretação.
- (ii) introduz alguns dos autores, entre eles Catford (1980), Rónai (1987), Aubert (1993) e Solow (1996) que discutem o processo de tradução a partir de uma perspectiva tradutório-linguística. O resgate desses autores na dissertação de Pires (1999) fez com que novos referenciais subsidiassem os estudos da interpretação de língua de sinais, até então discutidos somente com referenciais da área educacional.

Desse modo, ampliando o escopo de discussão, ao constatarmos conceitos como fidelidade, texto original, concepção de língua explorados na pesquisa em interpretação de língua de sinais de Pires (1999) é possível inferirmos uma articulação com as teorias dos Estudos da Tradução. Segundo Toro (2007), um dos primeiros conceitos que motivou as pesquisas em Estudos da Tradução na década de 1960 foi a questão da fidelidade, um conceito bastante discutido nessa área

voltado para a abordagem das Teorias da Equivalência¹⁶. As Teorias da Equivalência caracterizavam-se por focar na análise comparativa entre as línguas, tomando como base em grande parte conceitos e teóricos oriundos da área da Linguística.

O ponto de entrada da pesquisa de Pires (1999) e a articulação com as Teorias da Equivalência, conforme sugerimos, refletem importantes elementos para pensar as tomadas de decisões no ato de interpretação, mas também o fato de que este processo não é isolado, ele sofre influências de diversas ordens. Nos resultados finais da pesquisa de Pires (1999), a autora aponta algumas questões que podem ter influenciado o processo de interpretação, a saber, as esferas dos textos escolhidos (texto 1 caracteriza-se como sendo da esfera acadêmica, ao passo que o texto 2 caracteriza-se como jornalístico). A pesquisa problematiza a complexidade da atividade de interpretação e salienta a necessidade de um profundo conhecimento teórico sobre a área e não apenas a experiência prática da tarefa.

Em outras palavras, parece estar implícito em Pires (1999) o conceito de competência referencial trazido por Aubert (1993), que se traduz na busca por conhecer, aprofundar, exercitar habilidades que possibilitem o contato do tradutor com os referentes e seus diferentes contextos de tradução. Ainda que Aubert (1993) não tenha refletido sobre a atividade de interpretação composta por uma modalidade oral, Vasconcellos e Bartholamei-Junior (2008) retomam a discussão daquele autor e afirmam a possibilidade de estender o conceito de competência referencial também aos intérpretes de forma geral.

Outro resultado apontado por Pires (1999) mostra que um dos motivos determinantes da diferença entre as interpretações foi a qualificação dos intérpretes, e aponta para a necessidade dos programas de pós-graduação contemplarem a formação na área de interpretação de língua de sinais. Ainda que a pesquisa não explicita de forma clara, esse dado assinala a necessidade de institucionalização na formação de intérpretes de língua de sinais, isto é, algo assumido pelas instituições enquanto política de formação desses profissionais. Revelar esse dado

¹⁶ Cf. Toro (2007, p. 13): “*These were approaches based on the application of the prevailing linguistic models at that time, that is, Structuralism and Generative Grammar, Functional Grammar, and so forth. This was what happened with authors like Jakobson (On linguistic aspects of translation, 1959) or Nida (Toward a Science of Translation, 1964).*”) Jakobson focused his interest on the problem of equivalence of meaning. Owing to his structuralist orientation, he states that the problems of meaning can be explained by the structural differences between languages.”

nos dias atuais parece previsível. No entanto, é importante considerar o contexto histórico no qual a pesquisa se insere, isto é, tendo sido desenvolvida em um programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Maria, no estado do Rio Grande do Sul, no final da década de 1990. No Brasil, essa época foi marcada por uma série de desafios no meio acadêmico, entre eles as pesquisas sobre a língua de sinais e a educação de surdos, mas a área de interpretação de língua de sinais era pouco explorada naquele momento histórico.

Por fim, Pires (1999) conclui na pesquisa que aqueles intérpretes que estão em contato permanente com os conhecimentos voltados à educação de surdos foram mais fiéis nas mensagens interpretadas, e encerra afirmando que esses intérpretes não demonstraram tanto suas cosmovisões no ato interpretativo, isto é, não expressaram preconceitos com relação à compreensão dos textos pelos surdos. Ainda que a conclusão de Pires (1999) tenha sido polêmica, no sentido de definir quem foi fiel ou não, bem como em não anunciar de forma clara situações que exemplificam as atitudes de preconceitos, o resultado traz à tona algo a ser pensado pelos intérpretes e também pelos pesquisadores em TILS: a relação de pertencimento dos intérpretes na cultura surda e suas implicações para o ato interpretativo. Nas pesquisas realizadas posteriormente, esse assunto foi resgatado por Santos (2006) e Russo (2009), que frisam a importância do pertencimento dos ILS à cultura surda. Essas problematizações que realizamos nesta seção sobre a dissertação de Pires (1999) são legitimadas pelo contexto histórico desse período. As condições sociais, a conjuntura de elementos que permeia o próximo período (2001 a 2005) se reflete nas pesquisas, proporcionando novos contornos nas dissertações sobre língua de sinais. As diferentes caracterizações que marcam as dissertações serão tratadas na próxima seção.

3.1.2.2 Período de 2001 a 2005

No segundo grupo de pesquisas sobre interpretação de língua de sinais, compreendido entre 2001 e 2005, foram registradas três dissertações: Leite (2004), Rosa (2005) e Hortêncio (2005). A pesquisa de Leite (2004) foi desenvolvida na Universidade Federal do Rio de Janeiro; a de Rosa (2005) na Universidade Estadual de Campinas e a de Hortêncio (2005) na Universidade Estadual do Ceará.

Leite (2004) investigou os papéis do intérprete de LIBRAS na sala de aula inclusiva. Inicialmente, o texto contextualiza o leitor sobre a comunidade surda brasileira, sua língua e educação e em seguida

caracteriza a interpretação das línguas orais, detalhando as suas especificidades em comparação com a interpretação de língua de sinais.

Além disso, são problematizadas as implicações e diferenças da TILS com base em Frishberg (1990), Metzger (1999) e outros pesquisadores. A pesquisa contempla o quadro comparativo de Dennis Cokely. Neste quadro, o pesquisador apresentou algumas formas distintas de condução das atividades de tradução e interpretação, entre elas a distinção de fatores como tempo e pressão que envolvem essas tarefas. Um dos pontos relevantes abordados nesta pesquisa refere-se à neutralidade do intérprete, pois Leite (2004) faz referência a alguns teóricos que investigaram o tema, como Metzger (1999) e Wadensjö (1998), mas também discute os conflitos enfrentados pelos intérpretes na atividade de interpretação propriamente dita.

Mais do que o fato de refletir no texto as contribuições de Melanie Metzger e Cecília Wadensjö, essa pesquisa aponta para os diferentes perfis e os distintos contextos de atuação dos ILS. Não é possível reivindicar uma neutralidade “pura” como se a própria presença do ILS não fosse um fator que afeta o contexto de interação. Existe uma presença face-a-face nesses contextos dialógicos (contexto educacional, médico e jurídico) de todos os envolvidos na interpretação que determina a direção do discurso e as atitudes comportamentais que serão interpretadas. Na pesquisa de Leite (2004) é possível perceber no depoimento de um ILS (Ricardo Sander) que reconhece e tem consciência de que não é possível ser totalmente neutro em uma interpretação, ainda que seja requisitada esta neutralidade no desempenho da atividade.

Leite (2004) não só discute as dificuldades enfrentadas pelos intérpretes, como também faz menção às preocupações por parte do usuário da interpretação. Nesse sentido são utilizados aportes da sociolinguística interacional e sua interface com a interpretação, evidenciando aspectos linguísticos, sociais e culturais que foram considerados nas análises de interpretação em pesquisas desenvolvidas no contexto americano. Essa perspectiva sociolinguística e suas contribuições para a interpretação buscam desmistificar a concepção do intérprete visto como algo inerte, sem vida e supostamente neutro. Leite (2004) fundamenta seu texto com os dados obtidos em pesquisas desenvolvidas no contexto estadunidense, especialmente as contribuições de Melanie Metzger e Cynthia Roy.

- (1) O intérprete faz mais do que transferir o conteúdo linguístico das mensagens;
- (2) É

necessário estudar a interação entre todos os participantes; (3) O estudo da interpretação requer efetivamente gravação e transcrição da fala; (4) Encontros só podem ser entendidos quando considerados à luz das relações entre os participantes, suas intenções, seus objetivos, seqüências discursivas, e outros elementos do discurso; (5) Intérpretes negociam o sentido das mensagens que estão implícitas nas mensagens dos outros, não exatamente o sentido das palavras (Roy, 2000, p. 26-27)¹⁷.

Como pode ser observado acima, as implicações da presença do ILS afetam a interação no ato interpretativo e exigem investigações que se debruçam sobre esta interação, sobre os papéis dos envolvidos no diálogo, sobre as intenções e negociações presentes no contexto, sobre as trocas verbais e não verbais presentes em interações dessa natureza. Cabe ressaltar que essa problemática enquanto objeto de pesquisa só passou a ser investigada por Silva (2013), cuja pesquisa tratou da “análise da participação dos alunos surdos no discurso de sala de aula do mestrado na UFSC mediada por intérpretes”. Por outro lado, Leite (2004), a respeito das comunicações interacionais, utilizou aportes da teoria de Goffman (1981)¹⁸ e o modelo teórico proposto por Wadensjö (1998)¹⁹. Os resultados foram analisados a partir de diferentes perspectivas e classificações teóricas, entre elas a noção de enquadre e esquemas, o conceito de formato de recepção e as categorias

¹⁷ Tradução de Emeli Marques Costa Leite. Sem acesso a citação original em inglês. Fonte: ROY, C. B. *Interpreting as a Discourse Process*. Oxford University Press, New York, 2000.

¹⁸ De acordo com LEITE (2004, p. 62), *Forms of Talk* de Erving Goffman (1981) é uma publicação que contém uma extensa análise das comunicações interacionais face-a-face em que o autor se detém, minuciosamente, nas trocas verbais e não verbais que aparecem em conversações. Goffman focaliza os estudos do comportamento humano como pertencente à linguagem, e, para Metzger (1999b), essa visão apresentada por Goffman em seu livro torna clara a distinção entre a interpretação de diálogo e a interpretação de conferência, fornecendo uma nova e básica abordagem para os estudos da interpretação em geral. (cf. 1999b, p. 327).

¹⁹ (LEITE, 2004, p. 74) afirma que o modelo teórico de Cecília Wadensjö é apresentado em seu livro, intitulado *Interpreting as Interaction*. Wadensjö (1998) apresenta uma extensa, profunda e nova abordagem sobre a interpretação de conversa face-a-face em encontros institucionais, reais. A autora examina como os intérpretes e as partes principais combinam suas atividades conversacionais, criando e respondendo os enunciados e ações de cada um. Wadensjö utiliza, para isso, dados empíricos coletados em encontros interpretados de sua própria experiência profissional, bem como em outros encontros em cenários diversos, tais como: consulta médica, tribunais de justiça, entrevistas com assistentes sociais.

depreendidas (repórter, recapitulador e respondedor) por Wadensjö (1998). Um dos resultados encontrados por (LEITE, 2004 p. 223-224) aponta:

[...] a intérprete deixou temporariamente o seu papel original, como intérprete, vindo a ocupar o papel de professora, conduzindo, neste caso, uma aula de leitura específica para os alunos surdos. A própria professora-regente contribuiu e validou, com o seu *footing* (quando muda da atividade de leitura para aula expositiva, não informando à intérprete), o papel de professora ocupado pela intérprete. Um outro fator parece, também, ter influenciado a mudança do papel da intérprete ao assumir, como professora, a aula de leitura. Refiro-me às demandas originadas pelas necessidades específicas de atendimento escolar dos alunos surdos, que são diferentes das necessidades dos alunos ouvintes, as quais os intérpretes tomam conhecimento durante a interação. Além disso, como se tratou de uma aula de leitura, não seria precipitado dizer que os alunos surdos precisam, de fato, de um trabalho diferenciado enquanto aprendizes de língua portuguesa como segunda língua. Tal encaminhamento lingüístico/pedagógico já tem precedentes na área, e é preciso que a questão seja tratada com especial atenção para que não se continue a sofrer de “miopia lingüística”, como argumenta Cokely (1980) há mais de 20 anos.

É comum observarmos situações como essa, especialmente no ensino fundamental, em que o trabalho diferenciado de leitura para surdos é exercido pelo ILS. Nesse sentido, são necessárias políticas lingüísticas efetivas que contemplem a língua portuguesa como parte das demandas das escolas que as pessoas surdas frequentam, pois delegar essa função ao intérprete transcende o papel deste profissional, que normalmente deveria desempenhar funções de tradução e interpretação no contexto educacional. Esta situação é um dos temas a serem pensados tanto pelos pesquisadores como também pelos gestores educacionais responsáveis juntamente com toda comunidade escolar. Pesquisas como a de Leite (2004) constata que não é produtiva essa mudança de papel por parte do ILS.

Há uma necessidade urgente de desenvolver ações bilíngues e de qualidade para o ensino de surdos em nosso país, nas quais a língua de sinais possa ter de fato garantidas políticas linguísticas eficazes, não somente no ensino superior, mas também nos demais níveis escolares de ensino. Para finalizar, Leite (2004) apresentou as constatações, discussões e análises realizadas na pesquisa como subsídios teóricos e práticos direcionados especialmente aos dirigentes responsáveis pela implantação da política de educação inclusiva em nosso país, apontando que estes considerem as singularidades escolares das pessoas surdas.

Um fato que se destaca na pesquisa de Leite (2004) é o papel da tradução na constituição do referencial teórico da pesquisa, isto é, a autora busca argumentação sobre a interpretação de língua de sinais em obras consagradas como as de Metzger (1999) e Roy (2000) no contexto estadunidense. Dada a escassez de materiais publicados em português sobre interpretação de língua de sinais naquela época, a busca pelos aportes teóricos apontados pelos pares da área parece uma boa solução encontrada por Leite (2004). Por outro lado, Albres e Lacerda (2013) discutem as marcas das publicações internacionais na constituição nacional da interpretação educacional enquanto campo de pesquisa.

Nosso levantamento revelou que a interlocução com produções internacionais nesta área ainda é pequena, indicando a pouca articulação e debate com a produção científica não local, ou seja, não é possível afirmar que tais estudos estejam influenciando, ao menos de maneira direta, as pesquisas e conhecimento acumulado em nosso país. Mas, entendemos que as reflexões aqui apresentadas podem instigar uma busca mais ativa no cenário nacional por estudos e pesquisas no exterior no campo da interpretação educacional, ampliando as redes de pesquisa e favorecendo um adensamento mais acelerado do conhecimento neste campo de estudo. (ALBRES e LACERDA, 2013, p.202).

No entanto, um fato comum às três dissertações registradas do segundo período é que elas buscam um diálogo, seja com autores internacionais da interpretação de língua de sinais, seja com autores da própria área dos Estudos da Tradução. Em outras palavras, há um esforço em articular o objeto de pesquisa — na grande maioria oriundo de situações empíricas evidentes — com reflexões à luz de conceitos ou

mesmo de autores relacionados às diferentes vertentes dos Estudos da Tradução. Por exemplo, dentre as pesquisas em interpretação de língua de sinais compreendidas entre 2000 e 2005, há também a dissertação de Rosa (2005) na qual primeiramente foi exposto um panorama sobre os parâmetros linguísticos da Libras, seguido de discussões sobre a prática do ILS à luz dos Estudos da Tradução, tomando como base os referenciais de Paulo Rónai, Erwin Theodor e Jacques Derrida.

Entender o conceito de fidelidade a partir da perspectiva desses autores evidencia a necessidade de ir além do significado literal. Nesta linha, considerar a fidelidade a partir da língua de partida e da língua de chegada são pontos relevantes para o processo tradutório. No entanto, embora o tradutor tenha a expectativa de lidar com o ato tradutório de forma completa a partir das tomadas de decisões, tal profissional estaria exposto à fragmentação, ao escapamento inerente a qualquer processo de tradução. Nesta perspectiva, a tradução não se restringe a substituir termos de uma língua para outra, mas consiste em transferir o sentido de um texto utilizando os meios adequados para outra língua, e há sempre algo que escapa de ser dito, de acordo com Jacques Derrida, um dos autores referenciados em Rosa (2005). A pesquisa de Rosa (2005) desestabiliza a noção de que seria tudo possível de traduzir, pois se inferem dois argumentos que se destacam a partir do referencial teórico por ela utilizado:

(i) as decisões tradutórias são sempre vias possíveis de transladar determinado tema da língua A para a língua B, mas não a completude do que a palavra enuncia. Dito em outras palavras, haveria sempre uma dívida na tradução, de acordo com Jacques Derrida, isto é, há sempre algo no significado não se dá conta de dizer, de traduzir.

(ii) justamente pelo fato de as traduções serem possibilidades de diferentes formas de transladar que as mesmas não abrigam em si um único sentido de um texto traduzido tomado como uma “verdade tradutória”. A tradução, nessa perspectiva, será sempre um exercício permanente de decomposição de palavras e em dívida com o significado que não lhe permitirá dizer tudo sobre aquela determinada palavra. Haverá sempre outras formas possíveis de traduzir. Seguindo essa linha teórica, Rosa (2005, p. 70) traz à tona o pensamento de Derrida e sustenta que: “o autor se distancia da nostálgica esperança de encontrar na tradução a fidelidade única e a correspondência de uma boa tradução no sentido de haver uma língua transparente, pura, idêntica, sem diferença”.

Não só a tradução, mas também, a interpretação de língua de sinais é problematizada na pesquisa de Rosa (2005). O texto apresenta um panorama da história da interpretação (de línguas orais e de sinais), bem como demandas para o exercício dessa atividade, entre elas: a contratação dos profissionais, a falta de materiais para realizar um estudo sistemático anterior à interpretação, as distinções entre a interpretação simultânea e consecutiva e os espaços em que são utilizadas tais modalidades. Essas necessidades envolvem a formação do intérprete e os limites de sua atuação. Desta forma, os resultados apresentados na dissertação de Rosa (2005) mostram dois locais de formação para os ILS: (1) a igreja e (2) os lugares públicos frequentados por surdos. Muito mais do que reforçar esses espaços como formação de intérpretes é relevante compreender a dinâmica de mudanças sobre a formação desses profissionais quando contextualizados na atualidade. Queremos dizer com isso que:

a) As instituições (igreja e espaços públicos frequentados por surdos) possibilitaram aos intérpretes o contato com as pessoas surdas e conseqüentemente o aprendizado da língua de sinais. Além disso, a imersão cultural nos valores, crenças e ideias compartilhadas naqueles grupos de surdos foram fatores determinantes na relação de pertencimento por parte desses intérpretes à comunidade surda.

b) Nos tempos atuais, em uma época pós-decreto 5626/2005, essas questões de pertencimento, das formas de aprender língua de sinais, do envolvimento com a cultura surda começam a ocorrer de uma forma diferente. As formas de institucionalização (cursos profissionalizantes de intérpretes, cursos de Bacharelado em TILS) que determinam a formação de intérpretes priorizam a formação acadêmica e a busca pela profissionalização. Ainda que legítima e necessária, essa institucionalização sobre a formação há que refletir sobre as relações de pertencimento e as conseqüências desse deslocamento junto à comunidade surda.

Por fim, os resultados obtidos por Rosa (2005) demonstram que os espaços de atuação dos ILS, a saber: consultórios médicos, ambiente educacional, audiências jurídicas, utilização de serviços telefônicos e outros, instauram a necessidade de articulação junto aos tradutores em geral, buscando sempre a formação. Por outro lado, observa-se também, conforme discutido por Leite (2004), que esses contextos de atuação apresentam características dialógicas de interação reforçando ainda mais a concepção de que o intérprete não é neutro no ato

tradutório/interpretativo e carece de formação específica sólida a partir dos contextos comunitários.

É um desses contextos específicos que foi explorado em uma das últimas dissertações registradas no período 2000 a 2005, sendo a pesquisa de Hortêncio (2005) voltada para um estudo descritivo do papel dos ILS no âmbito organizacional das Testemunhas de Jeová. No texto foi apresentada de forma breve uma visão geral sobre a Libras, compreendendo as abordagens educacionais sobre as pessoas surdas e sobre aspectos linguísticos (estruturais) dessa língua. É possível observar um conjunto de saberes (sobre os aspectos linguísticos e sobre a educação de surdos) que estão constantemente presentes nas dissertações desse período, possivelmente em função do desconhecimento da língua de sinais como uma língua de fato, assim como das demandas da educação de surdos. Ainda que, por um lado, exista esse “discurso autorizado” e necessário na academia, sobre a língua de sinais e seus parâmetros linguísticos, por outro lado esses mesmos temas parecem dialogar pouco sobre as implicações de aspectos semânticos, sintáticos, morfológicos ou outros para a prática de interpretação de língua de sinais.

Somente após apresentar essa parte inicial comum às dissertações dessa época, Hortêncio (2005) nos mostra aspectos relacionados à interpretação de forma geral. Nas dissertações desse período (2000 a 2005), é uma das primeiras vezes que aparece menção ao conceito de “esforços” cunhado por Gile (1995, 1998) ao criar a teoria dos Modelos dos Esforços. Nas pesquisas de Leite (2004), Rosa (2005) e Hortêncio (2005), especialmente em seu referencial teórico, há uma contextualização de fatos históricos internacionais, elementos importantes para a formação de tradutores e intérpretes, conceitos e autores pertinentes à subárea TILS que não necessariamente circulavam no período de 2000 a 2005 no meio acadêmico.

Essa afirmação é exemplificada no texto de Hortêncio (2005), que resgatou o caso da Alemanha a respeito da criação de um currículo específico para formação de ILS que fornecia “diploma de interpretação em língua de sinais”. Outro exemplo de Hortêncio (2005) é o conceito de esforço apresentado no contexto dos Estudos da Interpretação enquanto subárea dos Estudos da Tradução. Além disso, o texto problematizou o perfil dos pesquisadores que compuseram os Estudos da Interpretação de acordo com Pöchhacker (1995) e apresentou diferentes tipos de interpretação: interpretação de conferência, interpretação de tribunal ou legal e interpretação de comunidade, também chamada de interpretação de diálogo e de ligação, abordando,

por fim, as diferenças e implicações das interpretações consecutiva, simultânea, sussurrada e *sight-translation*²⁰. Esse resgate histórico ocorreu também na dissertação de Leite (2004), que apresentou os resultados das pesquisas e contribuições de Melanie Metzger, Cynthia B. Roy e Cecília Wadensjö para o campo da interpretação de língua de sinais.

Outra novidade dentre as dissertações dessa época (2000 a 2005) sobre TILS foi o respaldo na teoria dos Estudos Descritivos em Tradução de Toury no referencial de Hortêncio (2005). Já nas questões metodológicas, Hortêncio (2005) optou pelo “modelo teórico de Novais (2002)²¹, uma adaptação do modelo dos Estudos Descritivos da Tradução, de Toury (1995), cujo objetivo foi descrever o processo tradutório, e não julgar o produto desse processo: a tradução, propriamente dita”. Segundo Hortêncio (2005, p. 91), um dos resultados evidenciou que na cidade de Fortaleza,

O nível de escolaridade desses profissionais varia de secundário a universitário, porém, o treinamento recebido para o exercício da profissão não provém de cursos técnicos, sequenciais ou de graduação em interpretação LIBRAS/português, uma vez que não há quaisquer desses cursos em Fortaleza.

A pesquisa de Hortêncio (2005) foi desenvolvida em uma época em que ainda não havia cursos de graduação como o Bacharelado em Letras-Libras destinado à formação de tradutores-intérpretes. Esse curso iniciou-se em 2008 na UFSC (modalidade a distância), sendo a Universidade Federal do Ceará um dos polos conveniados. Entre os resultados obtidos nessa pesquisa estão estratégias encontradas no

²⁰ Também conhecida como tradução à prima vista.

²¹ De acordo com Hortêncio (2005, p. 40), o *corpus* da pesquisa de Toury compunha-se de traduções de obras literárias estrangeiras para o hebraico escrito, produzidas por diferentes tradutores em um período de quinze anos. O *corpus* de Novais, em contrapartida, compunha-se de falas de juízes, de réus, de escrivães e de suas respectivas interpretações. A momentaneidade e fluidez da palavra falada, em contraste com a permanência da palavra escrita, é fator que impossibilita a elaboração de diversas interpretações da mesma fala em momentos diferentes, daí a enorme disparidade entre a extensão do *corpus* de Toury e a extensão do *corpus* de Novais. Portanto, vindo por esse lado, uma pesquisa em interpretação jamais poderia ser analisada por meio dos Estudos Descritivos. Entretanto, o trabalho de Novais mostrou que esse modelo teórico é adequado para esse tipo de pesquisa desde que seja feita uma adaptação.

processo de interpretação como: omissão, simplificação, repetição, uso de recursos visuais, entre outras utilizadas pelos ILS que atuam no âmbito organizacional das Testemunhas de Jeová. O contexto organizacional das Testemunhas de Jeová destacou-se nas investigações realizadas como um espaço profícuo para a pesquisa sobre interpretação de língua de sinais.

É o caso de Hortêncio (2005), que descreveu as estratégias adotadas pelos ILS e o papel desses profissionais naquele espaço. Posteriormente esse contexto voltaria a pauta com a pesquisa de Masutti (2007). Esta última investigação focou na realidade dos ILS e os processos de subjetivação marcados pela escritura do corpo. Além disso, as zonas de contato, a hospitalidade da tradução em zonas de contato e a tradução cultural com ênfase nas performances e autobiografia em zonas de contato foram temáticas abordadas por Masutti (2007).

Por fim, em comum nas dissertações de Leite (2004), Rosa (2005) e Hortêncio (2005) é possível destacar a área de Linguística Aplicada (LA) como um espaço possível para reflexões acadêmicas da TILS, uma vez que duas das dissertações (Leite, 2004, e Hortêncio, 2005) dessa época localizam-se na LA. Conexões e contribuições entre a LA e os Estudos da Tradução são ratificadas por Rodrigues (1993, p. 184):

A LA e a tradução podem, juntas, tentar modificar a estrutura de ensino, buscando uma abordagem que enfoque o uso real da linguagem. Essa abordagem não deve basear-se na noção de que a estrutura das línguas fornece uma “significação original”, que pode vir a ser alterada por condições externas ao sistema, relacionadas ao particular. E não deve passar a idéia de que, se o aluno aprender as normas, as regras abstratas, terá nas mãos a chave para a compreensão da língua e todo o restante seria acessório ou suplementar. Juntas, também, podem pensar sobre a questão do método de ensino de línguas em cursos de Tradução. É necessário refletir se deve ser o mesmo para um futuro tradutor e para um futuro professor. Afinal, os objetivos dos cursos de licenciatura (Letras) e de bacharelado (Tradução) são bastante diferentes, o que implica metodologias diversas.

As contribuições da LA conforme mencionadas acima são relevantes, também, na formação do ILS, fato presente na dissertação de Leite (2004). A presença de assuntos na dissertação como a presença do ILS no contexto educacional e as competências (linguística, cultural, entre outras) necessárias para o exercício da interpretação demandam a compreensão da língua como algo imutável, isto é, um conjunto de elementos que considera o sujeito como parte do processo, da interação construída a partir das relações sociais e culturais.

Nessa perspectiva, a LA desmistifica a crença de que o tradutor, e incluímos aqui o intérprete, deteria todo conhecimento necessário para a tradução/interpretação utilizando para isso somente as estruturas de uma língua. Em outras palavras, os desafios que se colocam na formação de intérpretes e para cuja superação a LA poderia contribuir passam pelo ensino e método de tradução e de interpretação, pelas formas de ensino de uma segunda língua (L2) para tradutores-intérpretes, pelas concepções de tradução que permeiam o currículo destes profissionais. Por outro lado, uma das razões que pode explicar o destaque das dissertações sobre interpretação de língua de sinais desse período (2000 a 2005) produzidas em linhas de pesquisa sobre a LA encontra eco no contexto nacional sobre a efervescência da língua de sinais, especialmente pelo reconhecimento desta enquanto língua (lei 10.436/2002) e sua regulamentação pelo decreto 5626/2005. Essa tendência da LA não parece ser muito frequente nas dissertações produzidas sobre interpretação de língua de sinais no período seguinte (2006 a 2010) conforme demonstra a próxima seção.

3.1.2.3 Período de 2006 a 2010

No período de 2006 a 2010 há um número maior de dissertações sobre interpretação de língua de sinais concentrando-se na área da educação, — três dissertações no total: Filietaz (2006), Santos (2006) e Zampieri (2006) — e uma na área de linguística: Lima (2006). Deste conjunto de pesquisas foram constatadas duas dissertações produzidas na região sul: Filietaz (2006), na Universidade Tuiuti do Paraná, e Santos (2006), na Universidade Federal de Santa Catarina. A região sudeste foi representada por Zampieri (2006) na Universidade Metodista de Piracicaba, enquanto Lima (2006), na Universidade de Brasília, representou a região centro-oeste, mais especificamente o Distrito Federal.

Filietaz (2006) tratou de políticas públicas de educação inclusiva com aportes teóricos da educação especial, da educação de surdos e das

publicações em geral que abordam a temática do ILS e das políticas públicas. Filietaz (2006) resgatou a história do sujeito e da educação de surdos, bem como do sujeito surdo e das políticas públicas adotadas ao longo dos anos. A pesquisa assinalou ainda a formação e capacitação dos intérpretes na Europa, nos Estados Unidos e no Brasil, enfatizando o papel da Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (FENEIS) na formação desses profissionais.

Uma das características que se destaca na pesquisa de Filietaz (2006) e posteriormente em Santos (2006) é que ambas abordam a profissionalização como um dos elementos centrais para refletir a construção da identidade do ILS. Esta perspectiva é diferente daquelas dissertações investigadas no período anterior (2000 a 2005), cujo foco era um resgate histórico mencionando os autores e conceitos importantes para a área da interpretação de língua de sinais. As pesquisas que investigam aspectos relacionados à identidade e à profissionalização dentro dos Estudos da Tradução interessam aos estudos historiográficos, conforme Frota (2008, p. 156-157):

Com base nas publicações que conheço, creio que se podem distinguir dois grandes temas ou sub-áreas na historiografia que vem sendo desenvolvida em nosso país no campo da tradução: a da própria disciplina e a da práxis tradutória, nesta contempladas as suas funções e modalidades diversas, os diferentes papéis e identidades do tradutor.

No Brasil, não foi somente na interpretação de língua de sinais que a profissionalização ou a identidade foram objetos de pesquisa nos Estudos da Tradução. Um exemplo disso foi a pesquisa de Esqueda (1999), que em sua dissertação de mestrado intitulada “Rónai Pál: conflitos entre a profissionalização do tradutor e a teoria e prática da tradução” destacou como objeto de análise o projeto de lei que propunha a regulamentação do exercício da profissão de tradutor iniciada pela Associação Brasileira de Tradutores e Intérpretes em 1977. Em sintonia com essas discussões, ainda que em momentos históricos diferentes se compararmos com Esqueda (1999), Filietaz (2006) tem uma pesquisa interessante que aproxima as discussões em torno da profissionalização do ILS e das identidades desses profissionais, articulando-as com o movimento político, especialmente da FENEIS, na construção desse processo. Ou seja, a pesquisa não se restringiu apenas à análise do papel

do governo e dos personagens que constituem as políticas públicas, ou ainda das determinações legais que se desdobraram em ações na formação de ILS; por meio de uma investigação de campo com entrevistas não-estruturadas, contemplou diretamente os profissionais ligados à área da surdez e que atuam em instituições de ensino superior.

Um dos resultados obtidos por Filietaz (2006) demonstrou que a efetividade dessas políticas públicas com relação ao exercício da atividade de interpretação de língua de sinais apresentará um êxito melhor se os intérpretes se articularem enquanto categoria, lutando por condições melhores de trabalho, bem como se houver uma participação concreta da comunidade surda em torno da profissionalização de ILS. Cabe ressaltar que Filietaz (2006) concluiu o trabalho considerando que mesmo com todos os esforços realizados pelas entidades nacionais e locais responsáveis pela formação, a profissão de forma geral carecia de reconhecimento maior para a área naquela época. A formação e a profissionalização de ILS é um ponto que conecta a pesquisa de Filietaz (2006) com Santos (2006). A partir de um viés dos Estudos Culturais, Santos (2006) problematizou questões de identidade apresentando a constituição linguística e a constituição profissional dos ILS como elementos centrais na construção das identidades. A dissertação de Santos (2006) expõe alguns elementos históricos (eventos internacionais, desafios enfrentados no ato interpretativo, entre outros) dos intérpretes das línguas orais e dos ILS como dados que contribuem para diversas representações atribuídas a estes profissionais.

Embora Santos (2006) não tenha contemplado a diferenciação da atuação dos intérpretes quando se trata do contexto de conferências e do contexto comunitário, o texto apresenta algumas evidências que oferecem indícios dessa distinção, entre elas: (i) os exemplos de contextualização na atuação dos intérpretes de línguas orais, na maioria das vezes, referem-se a encontros diplomáticos e encontros de organizações mundiais. (ii) os exemplos de contextualização na atuação dos ILS são marcados pelas atitudes (de assistência, de benevolência) em interações comunicativas. Além disso, essa pesquisa apresentou uma série de encontros nacionais que tiveram como objetivo a organização profissional da categoria, mas também apontou situações de divergências culturais e linguísticas entre a comunidades surda e a ouvinte enfrentadas pelos ILS.

Nesse sentido, autores como Hall (1997, 2003, 2004), que tratou das identidades e representações, Bhabha (2005), com foco nas questões pós-coloniais, Pagura (2003), abordando os intérpretes de línguas orais, Perlin (2006), sobre as identidades e as reflexões sobre o ser surdo, e por

fim Quadros (2004), contextualizando questões sobre a prática do ILS, são alguns dos referenciais problematizados com bastante frequência na pesquisa de Santos (2006). Os resultados apresentam marcadores culturais das diferentes identidades de ILS, analisados a partir de três tópicos em entrevistas realizadas com eles: o assistencialismo, o voluntariado e a religião; a formação e a profissionalização dos ILS; e o trânsito nessas múltiplas identidades. Outro resultado constatado foi que três dos ILS entrevistados destacaram situações difíceis enfrentadas no ensino superior, tais como: a densidade de conteúdos para interpretar, o cansaço e a sobrecarga cognitiva pelo excesso de horas trabalhadas, bem como o não reconhecimento enquanto profissional.

Santos (2006) afirma que com frequência os ILS eram confundidos com alunos, monitores ou parentes da pessoa surda, que estariam ali para ajudar, ratificando um ponto em comum com a pesquisa de Filietaz (2006), que abordava, entre outras, as condições de trabalho do profissional ILS no ensino superior. Por fim, Santos (2006) encerrou a pesquisa salientando a necessidade de uma política nacional que considere o profissional intérprete nos quadros públicos das universidades brasileiras. A pesquisa enfatiza a existência do cargo de tradutor-intérprete²² no quadro funcional previsto no Plano Único de Classificação e Retribuição de Cargos e Empregos 7596 de 1987, regulamentado pelo decreto 94664/87, que contém no anexo I o subgrupo NS – 03 – Tradutor e intérprete nas universidades federais em nosso país.

Essa tendência da profissionalização dos ILS não é unânime nas pesquisas realizadas no ano de 2006. Com foco nas possibilidades de relações pedagógicas entre o professor ouvinte e o aluno surdo na sala de aula com intérprete de Libras-língua portuguesa, Zampieri (2006) encerrou o conjunto de pesquisas representativas da área educacional. Inicialmente, o texto abordou o uso da língua de sinais na educação de surdos ao longo da história, a linguagem segundo a abordagem histórico-cultural, bem como o ensino fundamental e o ensino bilíngue focando os atores ouvintes e surdos a partir de referenciais da área educacional e da educação bilíngue de surdos.

²²Na Universidade Federal de Santa Catarina, em 2009, foi lançado o edital n° 037/DDPP/2009 (atualizado de acordo com editais complementares 039, 043 e 086/DDPP/2009*), no qual constava a abertura de cinco vagas destinadas a tradutores-intérpretes dos cargos de nível de classificação E (nível superior). Posteriormente, um novo concurso para TILS foi realizado de acordo com Edital n° 80/DDPP/2011.

Enquanto Filietaz (2006) e Santos (2006) focalizaram a análise no ensino superior, Zampieri (2006), ao se referir aos atores que constituem o ensino bilíngue, descreveu a história do projeto de inclusão de alunos surdos no ensino bilíngue elaborado e implantado a partir de uma parceria da Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP) com a Secretaria Municipal de Educação/Setor de Educação Especial. Tal projeto foi estabelecido em agosto de 2003 em duas escolas municipais, uma de Educação Infantil e uma de Ensino Fundamental, incorporando a Libras no espaço escolar, repensando metodologias e desenvolvendo didáticas apropriadas para os alunos surdos atendidos nessa rede. Zampieri (2006, p. 48) assegurava: “Na escola de ensino Fundamental, os intérpretes atuam também no horário das aulas de língua portuguesa, como responsáveis, junto com a educadora surda, por oficinas de Língua Portuguesa como segunda língua para surdos”.

Novamente a ocorrência da língua portuguesa como segunda língua para surdos é ponto mencionado em uma dissertação sobre interpretação de língua de sinais, pois Leite (2004) apontava a necessidade de pensar sobre o tema e ainda alertava sobre os papéis que os ILS assumiam em sala de aula. Os resultados obtidos por Zampieri (2006) nas análises dos episódios destacaram três posturas do professor diante do aluno surdo e da presença do intérprete na sala de aula: (1) às vezes o professor assume integralmente a relação pedagógica com o aluno, (2) às vezes se omite, (3) às vezes delega a função ao ILS. A pesquisa detalhou os momentos em que os ILS intervêm em sala de aula e as razões que levam esses profissionais a assumirem a função de docência. Em outras palavras, estamos falando da dupla função exercida pelo ILS (intérprete + professor) sendo essa temática frequente nas discussões em torno da interpretação no contexto educacional, especialmente no ensino fundamental e médio.

Por outro lado, para que uma profissão crie legitimidade, conforme aponta Pereira Neto²³ (2001, p. 37), são necessários três aspectos que se combinam e se complementam: “o domínio de um certo conhecimento, a obtenção do monopólio do mercado de trabalho e a formalização legal da profissão”. De todos os aspectos mencionados por Pereira Neto (2001), destacamos o “domínio de um certo

²³ Ainda que Pereira Neto (2001) tenha focado no contexto médico com o livro “Ser médico no Brasil: o presente no passado”, uma das primeiras aproximações com as questões de tradução foi realizada por Elizabeth Cunha Bonaparte no texto intitulado “I Encontro Nacional de tradutores: a re(construção) da imagem da profissão do tradutor no Brasil”.

conhecimento”. No contexto educacional, especialmente, dois conhecimentos se tornam necessários para o exercício da atividade de interpretação (o conhecimento tradutório/interpretativo + o conhecimento educacional-pedagógico a respeito da funcionalidade e dos temas que permeiam o espaço escolar). É nesse “jogo de forças” e nessas disputas sobre quem deveria ensinar e quem interpretar que o domínio de um certo conhecimento ainda não é estabelecido com total vigor.

Ou seja, as atividades de interpretação e de docência são realizadas pelo intérprete no contexto educacional, conforme constatado na pesquisa de Zampieri (2006). Dito de outra forma, esses desafios que se colocam na interpretação de língua de sinais no contexto educacional são reflexos: das relações de poder que emergem desses espaços, dos personagens que constituem esse lugar, dos escassos movimentos por parte da categoria de ILS em prol do exercício pleno que lhes compete no cenário escolar e, por fim, do governo que, por meio dos documentos públicos, não explicita claramente a função devida para o ILS.

Essa questão da atuação do ILS é tão árdua para o exercício pleno no cotidiano escolar que se altera a perspectiva de análise ou mesmo de campo de saber, mas o objeto investigado nas dissertações de alguma forma continua articulando-se com essa problemática. Por exemplo, uma das últimas pesquisas que encerrou o ano de 2006, a dissertação intitulada “Discurso e identidade: um olhar crítico sobre a atuação do(a) intérprete de LIBRAS na educação superior” (Lima, 2006), foi desenvolvida na área de Linguística, Línguas Clássicas e Vernácula da Universidade de Brasília. Com base em Halliday (1978, 1994), Fairclough (2003, 2001), entre outros autores, são apresentados os pressupostos teóricos da Análise de Discurso Crítica, sendo que logo após foram expostos no texto os conceitos de ação, representação e identificação.

O discurso nesta pesquisa foi apresentado a partir de três perspectivas²⁴: (1) discurso como ação, (2) discurso como representação e (3) discurso como identificação. Em seguida, Lima (2006) expôs aspectos relacionados ao ILS, especialmente no ensino superior, fazendo um resgate sobre: a acessibilidade e a igualdade de oportunidades, a

²⁴ Os conceitos ou mesmo referenciais abordados nas diferentes teses e dissertações que constituem o corpus desta tese não serão tratados exaustivamente, uma vez que temos como princípio apresentar ao leitor os dados que se destacaram nas publicações, a fim de que este busque tais referenciais para aprofundamento em determinada temática, caso deseje.

caracterização deste profissional, a distinção e a comparação entre tradutores e intérpretes, além de mitos e crenças sobre a aprendizagem e, por fim, a interpretação da língua de sinais respaldada por autores como Pagura (2003), Hurtado Albir (2005), Napier (2002), Quadros (2004).

Os resultados respondem as três questões de pesquisa propostas pela autora: (1) a forma como o ILS é referenciado nos documentos oficiais; (2) as relações de poder presentes na prática de interpretação de língua de sinais e (3) o processo de construção discursiva da identidade social do intérprete educacional. Com relação à primeira questão, foi constatado que o intérprete é mencionado de forma vaga e imprecisa nos documentos oficiais em nosso país. No que concerne à segunda questão, foram verificados dois discursos: o da ignorância e o da transformação, que são detalhados ao longo do texto. Por fim, com relação à terceira questão, ficou evidente que a consistência da autorrepresentação descrita pelos intérpretes mostra que esse processo flui numa dependência intensa do ambiente de trabalho permeado por tensões de todas as ordens.

Ao constatar a imprecisão nos documentos oficiais referentes ao ILS apontada por Lima (2006), parte-se do pressuposto de que tal realidade colabora para a falta de clareza sobre as funções atribuídas a esse profissional no espaço escolar. Novamente, recorremos a Pereira Neto (2001) quando destacamos o “domínio de um certo conhecimento” como algo não estabelecido em 2006 para os profissionais ILS no contexto educacional. Talvez este seja um dos motivos da forte tendência desse ano em pesquisar questões relacionadas a políticas públicas e à construção de identidades profissionais.

Essa tendência dupla sobre o exercício de interpretação no espaço escolar e a falta de clareza com relação à nomenclatura atribuída a esse profissional ainda percorre pesquisas nos anos seguintes. É o caso da dissertação de Vieira (2007), desenvolvida na área de educação na Universidade Federal de Santa Catarina. Por outro lado, há uma distribuição mais equilibrada nos objetos investigados no ano de 2007, visto que apenas duas dissertações foram localizadas. Por exemplo, Marinho (2007), na área de linguística, disserta sobre a necessidade de subsídios bilíngues que auxiliem o processo de interpretação no espaço escolar, distinguindo-se da linha de investigação de Vieira (2007). Vieira (2007) pesquisou a autorrepresentação e a atuação dos “professores-intérpretes de língua de sinais”. O texto problematizou os referenciais teóricos dos Estudos Culturais destacando conceitos como: identidades, subjetividades, representações e cultura como elementos que marcam a atuação de ILS.

As representações podem ser visualizadas sob diferentes prismas por meio de teorias como os Estudos Culturais, inclusive auxiliando a compreensão sobre as relações que emergem desses encontros culturais e linguísticos entre surdos e ouvintes permeados pelos ILS. Nessa perspectiva, o texto expôs e discutiu as representações estabelecidas entre professores-intérpretes e intérpretes abordadas pela autora em suas diferentes formas: representações de autores da área da tradução/interpretação sobre os ILS, representações históricas dos ILS, intérpretes narrando sobre o “professor-intérprete” e “professores-intérpretes” narrando suas histórias.

Neste último período (2006 a 2010) em que as dissertações sobre interpretação de língua de sinais foram produzidas pode-se observar uma circulação maior de conceitos semelhantes e até mesmo teorias que respaldam os resultados obtidos na investigação. Santos (2006) e Filietaz (2006), por exemplo, dialogam sobre as questões a respeito da profissionalização. Mas há outras conexões além dos resultados das dissertações. Por exemplo, o ponto de entrada teórico entre Santos (2006) e Vieira (2007) são os Estudos Culturais como abordagem para explicar o conceito de representação. Além disso, Vieira (2007) e Lima (2006) se articulam quando dialogam sobre a falta de clareza em nomear o ILS atuante no contexto educacional.

Com esses temas abordados nas dissertações sobre interpretação de língua de sinais podemos visualizar que não há apenas uma identidade de tradutor/intérprete a ser construída como um “suposto” padrão para nomear o ILS. Ou seja, há várias identidades fragmentadas dialogando e disputando forças de acordo com as diferentes funções exercidas por esses profissionais. Em outras palavras, essa dupla tarefa (ensinar e interpretar) atribuída ao ILS, especialmente nos níveis fundamental e médio do contexto educacional, marcam uma crise de identidade. Essa crise se torna acentuada por esses profissionais, principalmente quando contrastados com os modelos tradicionais de atuação dos intérpretes de forma geral, como os intérpretes de conferência, que se diferenciam radicalmente da atuação em contextos comunitários.

Embora os ILS atuem, também, em contextos de conferências, um dos contextos que mais oferece oportunidades profissionais no mercado de trabalho é o educacional. Os contextos educacionais apresentam uma série de desafios, entre eles a interação face a face e o discurso dialógico que não são enfrentados da mesma forma, por exemplo, no contexto da interpretação de conferências. Com isso não temos aqui a pretensão de valorizar esse ou aquele contexto como mais

importante, mas sim apontar algumas singularidades que merecem ser consideradas pelas políticas governamentais em torno da TILS. Corroborando as discussões acima, os resultados encontrados por Vieira (2007) anunciam essa crise identitária, pois demonstram conflitos presentes na atuação desses profissionais com relação às próprias identidades: se são intérpretes ou “professores-intérpretes”. Nesse sentido, Vieira (2007) destacou alguns pontos para reflexão.

O primeiro ponto refere-se ao fato de os sujeitos de pesquisa relatarem que provavelmente o governo tenha criado essa nomenclatura devido à ausência do “tradutor/intérprete de Libras” no quadro de profissionais das escolas. No entanto, o fato trouxe inúmeras complicações para os professores da educação especial, que conheciam a língua de sinais e foram “jogados” na sala de aula para interpretar.

Seguindo essa linha, do nosso ponto de vista, entendemos que a necessidade de políticas tradutórias ou políticas bilíngues que considerem a presença efetiva e a qualidade do serviço de interpretação de língua de sinais em nosso país são urgentes. Enquanto as leis estiverem somente a serviço da força no sentido de aplicar as regras postas nesses documentos legais, a garantia efetiva de um serviço de interpretação de língua de sinais poderá se tornar fragilizada. As leis não determinam ou não abrem possibilidades de dizer “como” deve ser feito nas instituições que utilizam esses instrumentos legais para autorizar/cumprir determinadas práticas, entre elas a presença do ILS no contexto educacional. Talvez fosse o caso de o próprio setor refletir sobre as demandas e criar regimentos internos que pudessem servir àquele determinado local.

O segundo ponto levantado por Vieira (2007) foi, por meio das narrativas, referente ao fato de que muitos desses profissionais atuam como professores bilíngues, e não demonstram nenhum constrangimento em se apresentar dessa forma. A argumentação desses profissionais considera que o maior objetivo no contexto escolar é fazer com que o aluno aprenda o conteúdo, seja ele interpretado em Libras ou explicado em português.

Nossa compreensão é de que essa crise de identidade de ILS e de “professores-intérpretes” enfrentada no contexto educacional, em nível fundamental e médio com maior frequência, parece ser um fato de longa data. Para além de reafirmar o problema é preciso que ele seja assumido como ponto de debate por parte das associações de intérpretes e da federação. As instituições de ensino que formam ILS têm um papel fundamental, pois a necessidade de reflexões que contribuam para o fortalecimento da identidade profissional dessa categoria e o

estabelecimento das atribuições a serem exercidas de acordo com os diferentes contextos de atuação são pautas improrrogáveis. Um dos elementos fundamentais para a qualidade do serviço de interpretação de língua de sinais são as condições de infraestrutura que o espaço escolar oferece para a preparação de ILS. Por exemplo, como gerenciar a interpretação de sinais técnicos de uma área como Biologia no ensino médio?

Essa temática foi registrada em uma dissertação desenvolvida por Marinho (2007), na qual a autora apresentou em sua investigação: o contexto educacional em um ambiente bilíngue, um panorama da educação do surdo no cenário nacional, a escolarização de surdos no Distrito Federal e a escolarização de surdos no Centro de Ensino Médio Elefante Branco, finalizando o texto com o ambiente escolar bilíngue e a presença do intérprete. A pesquisa problematizou termos e definições, adentrando em aspectos terminológicos e, por fim, nos aspectos lexicais e semânticos que constituem a língua de sinais. Marinho (2007) tomou como referência autores como Rónai (1987) e Leite (2004), além de discussões a respeito das diferentes competências (linguística, metodológica, de transferência, na área, bicultural, entre outras) envolvidas no ato de interpretação, com base em Quadros (2004). A pesquisa apresentou alguns dos desafios enfrentados pelos ILS no contexto educacional quando em contato com a área de Biologia, que contém uma série de termos técnicos. Marinho (2007) afirmou que algumas estratégias como datilologia, indicação de termos no quadro negro e apresentação de ilustrações são algumas das tomadas de decisões de que os intérpretes lançam mão frente à demanda de termos dos quais não há equivalentes em Libras.

Do nosso ponto de vista, recursos terminológicos (glossários e banco de dados) desempenham um papel fundamental e colaboram para a preparação da interpretação de língua de sinais nos mais diversos contextos. Outro ponto que merece destaque é o fato de que, se o intérprete se familiariza com a terminologia de forma prévia, o esforço cognitivo empregado no ato interpretativo (na maioria das vezes, interpretação simultânea) poderá ser mais bem gerenciado durante o processo tradutório. Dessa forma, o profissional poderá tomar decisões com maior grau de segurança e competência referencial mais elaborada, evitando estratégias improvisadas, muito comuns em casos de desconhecimento do conteúdo a ser interpretado. Os recursos terminológicos são amplamente utilizados no cotidiano de tradutores e intérpretes de línguas orais, uma vez que qualificam o processo de tradução e lhe oferecem maior agilidade.

Nesse sentido, Marinho (2007) foi uma das primeiras pesquisas que tornou visível a participação do ILS como profissional colaborador na criação de sinais considerando o contexto da área de Biologia. Um dos resultados obtidos por Marinho (2007) foi a falta de glossários didáticos bilíngues, dicionários e material de apoio que contribuam para os procedimentos de interpretação de língua de sinais no contexto educacional. Outro ponto constatado foi a existência de poucos léxicos em Libras equivalentes aos da língua portuguesa no campo das ciências biológicas, dificultando ainda mais a atuação do ILS.

Vale mencionar algumas iniciativas sobre a criação de glossários ou dicionários de áreas específicas que foram realizadas em diferentes instituições e tiveram um papel importante em termos de recursos terminológicos que podem ser aplicados para beneficiar a área de interpretação de língua de sinais: um dos primeiros exemplos foi a parceria da FENEIS do Rio Grande do Sul com o Fórum de Estudos Surdos na Área de Informática (FESAI) realizado pela primeira vez no ano de 2005 na cidade de Porto Alegre.

Esses glossários de áreas específicas podem contribuir significativamente na formação de intérpretes. Neste sentido, a aplicabilidade dos objetos de pesquisa, isto é, em que medida podem se desdobrar na formação de ILS, é um forte indício de investimentos por diversas instituições, sejam elas de cunho acadêmico ou político. Por exemplo, na página de apresentação²⁵ do fórum e das ações que foram desenvolvidas ao longo do trabalho, enfatiza-se a relevância desse tipo de material para a comunidade em geral, tanto para surdos quanto para intérpretes, pois facilita a comunicação de sinais da área de informática entre os usuários da Libras. Outra iniciativa de produção de glossário²⁶ foi utilizada pelo curso de Letras-Libras (modalidade à distância) da UFSC. A terminologia técnica das áreas de: linguística, tradução e educação foram enfatizadas nesse material. A figura abaixo ilustra a tradutora Heloise Gripp sinalizando o conceito de gerenciamento terminológico.

²⁵ Para maiores informações, conferir em <http://www.feneis.org.br/rs/fesai/>

²⁶ Para informações detalhadas, verificar Oliveira (tese em andamento), que faz um estudo do processo de formação de termos técnicos em Libras.

Figura 2: Tradutora Heloise Gripp no glossário do curso de Letras-Libras



Fonte: Ambiente Virtual de Aprendizagem Letras-Libras (<http://www.libras.ufsc.br/hiperlab/avalibras/moodle/mod/glossary/showentry.php?courseid=1&eid=623&displayformat=dictionary>)

Em consonância com os resultados obtidos por Marinho (2007), a produção de glossários e dicionários é uma ferramenta útil para o exercício da atividade de TILS, qualificando o oferecimento desse serviço no contexto educacional e incorporando uma infraestrutura com melhores condições de atuação para os ILS. No entanto, o espaço escolar e a presença do ILS vão além das questões materiais e tecnológicas, pois estamos lidando com interações humanas complexas de relações de poder e de saber mediadas pelo ato tradutório. É nessa perspectiva que a dissertação de Martins (2008) realiza uma contribuição que nos desloca em termos teóricos, pois sugere outras formas de ver e compreender os processos de inclusão mediados por ILS.

Em 2008, houve o registro de três pesquisas desenvolvidas, sendo uma na Educação (Martins, 2008) na Universidade Estadual de Campinas e duas na Linguística: Pereira (2008) e Costa (2008), respectivamente na Universidade do Vale do Rio dos Sinos e na Universidade Católica de Pernambuco. Martins (2008) analisou as relações de saber e poder na inserção do ILS na inclusão escolar de surdos no ensino superior. Inicialmente foi abordada no texto uma reflexão sobre a invenção da surdez utilizando como aporte teórico a escuta de Michel Foucault (1999a, 1999b, 2001). Em seguida foram problematizados os conceitos de diferença, resistências e acontecimentos, ampliando nossa compreensão a partir da pluralidade cultural e linguística. Essas considerações nos deslocam para um

referencial (Jacques Derrida, Michel Foucault, Gilles Deleuze, Félix Guattari, entre outros) pouco visitado²⁷ nas dissertações em interpretação de Língua de sinais até aqui mencionadas. Martins (2008, p. 101) questiona quatro aspectos interessantes e presentes no cotidiano escolar:

A ilusão da neutralidade do tradutor; o problema com as misturas das funções, o hibridismo das posições (do tradutor, do professor); o próprio questionamento sobre o caráter de socialização e abarcamento de todos os alunos e suas diferenças na inclusão; e, por fim, o descentramento que tal proposta assumiria sobre a figura centrante do professor numa realidade de sala de aula.

Tais aspectos questionados na citação acima demonstram que a presença do ILS demarcou uma nova forma de ensinar ou uma forma “outra” de experiência para todos os envolvidos na sala de aula. Nessa perspectiva, muito mais do que analisar os contextos de atuação, no caso educacional, é necessário considerar as relações que emergem do encontro professor-aluno surdo-intérprete. Um dos impactos da pesquisa de Martins (2008) foi mostrar que essa relação é marcada por ambiguidades, frustrações e paradoxos. Até então poucas pesquisas investigadas trabalhavam em uma perspectiva de observar o campo da sala de aula como parte de uma engrenagem onde estão presentes professores, surdos e intérpretes de língua de sinais. Esses mesmos personagens constituintes do contexto educacional, na grande maioria, eram vistos a partir de discursos individuais defendidos arduamente pelas categorias específicas. É uma mudança de concepção refletir o ato tradutório como uma engrenagem, isto é, desloca o discurso de que há culpados a serem penalizados para um discurso que valoriza como se pode agir frente à situação posta no contexto educacional.

Os discursos pairavam na “falta”, isto é, na falta de proficiência de um determinado sujeito, na falta de uma política bilíngue que priorize a língua de sinais como língua de instrução, na falta de infraestrutura para dar condições adequadas de atuação ao ILS no contexto

²⁷ Ainda que não esteja inclusa no escopo de análise desta tese, vale a menção de que grande parte desses autores passam a circular com mais intensidade em dissertações como a de Barazzutti (2012), que investigou a desconstrução da oposição entre surdos e ouvintes a partir da (des)territorialização do ILS.

educacional. Martins (2008) parte da perspectiva de compreender o “acontecimento” que se produz nessas relações e que se traduz em outras palavras: (i) por um enlace e fazer o ensino entre ILS e aluno surdo; (ii) na falta de enlace entre professor ouvinte e aluno surdo gerando uma possível “frustração simbólica” pelo desconhecimento da língua de sinais por parte do professor, e, por fim, (iii) emergem dessas relações novas formas de ensinar e aprender por parte do aluno surdo.

Esse discurso da “falta” de proficiência de um determinado sujeito refletido por Martins (2008) é justamente a conexão com a pesquisa na área de LA realizada por Pereira (2008). O ponto central da pesquisa gira em torno dos testes de proficiência linguística em língua de sinais e as possibilidades para os intérpretes de Libras. O texto contemplou uma distinção entre os conceitos de proficiência linguística e fluência linguística, além de oferecer um panorama sobre a evolução do conceito de proficiência e testagem linguística e da atividade de TILS propriamente dita. Jakobson (1975), Mounin (1975), Rónai (1976), Charaudeau (1983, 2001) e Viaggio (2000) são alguns dos autores presentes na pesquisa de Pereira (2008). Nessa pesquisa foi exposta a distinção entre o ato de traduzir e a mediação interlíngua com base na Teoria Geral da Mediação de Viaggio (2000). O texto problematizou as diferenças das atividades desempenhadas por ILS e intérpretes de línguas orais, bem como os contextos de atuação destes profissionais.

Os resultados demonstraram um amadurecimento na testagem linguística de Libras em nosso país, tanto no caráter legal quanto de registro documental do processo de avaliação. No entanto, a pesquisa registrou lacunas referentes à divulgação da elaboração interna do teste e falta de informações, em comparação com exames de proficiência de referência no Brasil, como o Certificado de Proficiência em Língua Portuguesa para Estrangeiros (Celpe-Bras). Por fim, Pereira (2008) concluiu que o estabelecimento de critérios linguísticos adequados à função que o candidato exercerá é um dos aspectos que merece investimento acadêmico.

A pesquisa de Pereira (2008) reconhece um amadurecimento na área de testagem linguística no país a partir dos testes analisados na investigação. Nesse sentido, consultando os editais do Exame Nacional de Proficiência em Libras do Ministério da Educação — Prolibras, já nos editais de 2006 e 2007 realizados pela UFSC identificamos dois aspectos de mudanças que devem ser considerados nessa reflexão. As mudanças referem-se ao requisito de inscrição e aos critérios de avaliação da prova de certificação para tradução e interpretação. Por

exemplo, no edital 13/COPERVE/2006²⁸ um dos requisitos de inscrição era o seguinte:

1.1 - Poderão se inscrever no Prolibras para a certificação de proficiência em Libras:

- a) usuários da Libras, surdos, com escolaridade de nível superior;
- b) usuários da Libras, ouvintes, com escolaridade de nível superior;
- c) usuários da Libras, surdos, com escolaridade de nível médio;
- d) usuários da Libras, ouvintes, com escolaridade de nível médio

No edital 05/COPERVE/2007²⁹ o requisito para inscrição havia mudado, conforme pode ser observado abaixo.

1.2 - Poderão se inscrever no Prolibras para a Certificação de Proficiência em tradução e interpretação da Libras/Língua Portuguesa/Libras, conforme Decreto 5626/05:

- a) Fluentes em Libras, com nível superior completo.
- b) Fluentes em Libras, com nível médio completo.

Além da mudança conceitual (usuários para fluentes) há presente ainda uma segunda modificação. No primeiro edital havia a marcação das palavras: surdos e ouvintes como parte da inscrição, diferentemente do segundo edital que suprimiu tais palavras reforçadas pelo título do artigo (conforme decreto 5626/05). No cotidiano das relações entre surdos e ouvintes sabemos da tensão cultural e linguística que permeia esses grupos, tema esse de algumas publicações como Perlin (2006), Santos (2006), Masutti (2007), que problematizam aspectos sobre a cultura surda e a necessidade de imersão do ILS nesses espaços. Masutti (2007) realiza uma reflexão que merece ser considerada sobre as

²⁸ <http://www.prolibras.ufsc.br/2006/edital/editalcompleto.pdf>

²⁹ <http://www.prolibras.ufsc.br/2007/edital/editalcompleto.pdf>

relações de pertencimento desses grupos e sobre as zonas de contato que exigem hospitalidades indispensáveis que se constituem no encontro e na interação desses grupos. Talvez esse seria um dos motivos que explicariam a presença das palavras surdos e ouvintes como parte do requisito de inscrição no primeiro Prolibras.

Outra mudança observada nos editais refere-se aos critérios a serem analisados na prova prática de Proficiência em tradução e interpretação da Libras/Língua Portuguesa/Libras. Em 2006, não foi cobrado como critério a tradução, mas somente a atividade de interpretação, conforme pode ser observado nos critérios abaixo, de acordo com o Edital 13/COPERVE/2006:

3.11.9 - A prova prática de proficiência em tradução e interpretação de Libras/Língua Portuguesa/Libras valerá de 0,00 (zero vírgula zero zero) a 10,00 (dez vírgula zero zero), assim distribuídos:

- a) Fluência em Libras e em Português: nota máxima 3;
- b) Interpretação³⁰ de textos Português/Libras/Português: nota máxima 6;
 - b.1) adequação do sentido entre textos: 2;
 - b.2) equivalência textual entre Libras e Português e vice-versa: 2;
 - b.3) adequação de níveis de registro de vocabulário e de gramática em função do público-alvo 2;
- c) Utilização adequada do tempo de interpretação (10 minutos): nota máxima 1

Em 2007, a atividade de tradução é contemplada no Edital 05/COPERVE/2007, conforme segue abaixo:

3.11.9 - A prova prática de Proficiência em tradução e interpretação da Libras/Língua Portuguesa/Libras valerá de 0,00 (zero vírgula zero zero) a 10,00 (dez vírgula zero zero), assim distribuídos:

- a) Fluência na Libras e em Português: nota máxima **3,00 (três vírgula zero zero)**.

³⁰ Grifos em itálico nossos. Os demais grifos, em negrito, são do edital.

- b) *Interpretação e tradução*³¹ de textos Libras/Língua Portuguesa/Libras: nota máxima **7,00 (sete vírgula zero zero)**;
- b.1) adequação do sentido entre textos: nota máxima **3,00 (três vírgula zero zero)**;
- b.2) equivalência textual entre Libras e Português e vice-versa: nota máxima **2,00 (dois vírgula zero zero)**;
- b.3) adequação de níveis de registro de vocabulário e de gramática em função do público-alvo: nota máxima **2,00 (dois vírgula zero zero)**.

Essas mudanças ratificam o amadurecimento mencionado por Pereira (2008) no que se refere à testagem linguística, mas também a maturidade conceitual que a área de TILS tem alcançado nestes últimos anos (2006 a 2010). Este objeto investigado por Pereira (2008) não encontra eco direto nas demais pesquisas do mesmo ano, mas aponta riquíssimas discussões que merecem ser retomadas quando tratamos a respeito da proficiência linguística dos ILS que atuam no mercado de trabalho.

Encerrando o conjunto de pesquisas que foram realizadas em 2008, localizamos, na área de Ciências da Linguagem, a dissertação de Costa (2008). Esta pesquisa, intitulada “O texto do intérprete de Libras no contexto do bilinguismo e o pretexto da inclusão”, problematizou inicialmente aspectos relacionados à inclusão e ao bilinguismo, assim como à inclusão da criança surda na escola, à diversidade linguística e à linguagem humana.

Em seguida, Costa (2008) se concentrou em três aspectos: (i) o percurso da história do intérprete de Libras — ontem e hoje, (ii) o intérprete de Libras — problema ou solução e (iii) o intérprete educacional — modelos de interpretação e seus dilemas. O texto apresentou elementos históricos sobre a presença do intérprete de Libras no estado de Pernambuco, bem como a presença dos movimentos surdos e o percurso propriamente dito do ILS nos anais da história brasileira.

É inegável a presença de instituições como a FENEIS atuando junto à formação de ILS. A presença de intérpretes atuando na interpretação propriamente dita ou na militância das reivindicações surdas é algo constatado nos temas que envolvem as políticas

³¹ Grifos em itálico nossos. Os demais grifos, em negrito, são do edital.

linguísticas da Libras em nosso país, especialmente nas décadas de oitenta e noventa. Nessa época eram frequentes os cursos de curta duração na formação de intérpretes, conforme Quadros e Santos (2010, p. 93):

Os primeiros cursos de formação para ILS começaram a acontecer na década de 90. Eram cursos de curta duração, geralmente, organizados por associações de surdos e/ou Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (FENEIS) em parceria com universidades ou órgãos do governo.

Tanto os cursos de formação proporcionados pela FENEIS para intérpretes como a presença de intérpretes em espaços políticos e espaços educacionais é um forte marcador na história dos ILS brasileiros, amplamente resgatada nas dissertações deste último período analisado (2006 a 2010). Nesse sentido, Costa (2008) baseou-se principalmente em referenciais como Lacerda (2000, 2006), Famularo (1999), e outros autores como Carlos Skliar e Eulália Fernandes, que salientaram vários aspectos em torno da educação de surdos e seus dilemas frente aos processos inclusivos. Segundo a dissertação de Costa (2008), os resultados obtidos mostram que os ILS estavam satisfeitos com o trabalho realizado, ainda que reconhecessem obstáculos a serem superados.

Algumas questões tratadas são: o conceito de interpretação dos intérpretes educacionais, a diferença conceitual entre tradução e interpretação, o papel do intérprete de Libras em sala de aula, o tipo de formação do intérprete de Libras, a interpretação sem conhecimento específico das disciplinas com que está trabalhando, o tipo de conhecimento necessário para a interpretação, o conhecimento prévio do conteúdo das aulas, as dificuldades que o aluno surdo tem para compreender a interpretação em Libras, a participação no planejamento pedagógico juntamente com a equipe escolar, quem atende as solicitações de repetição dos conteúdos, como o intérprete de Libras percebe se o aluno surdo entendeu o teor da interpretação, a relação entre o intérprete de Libras e o professor da disciplina, o funcionamento da dinâmica em uma sala inclusiva (na apresentação oral, seminários, etc.), as facilidades e as dificuldades que o intérprete de Libras encontra para exercer a atividade interpretativa.

Os resultados obtidos na pesquisa de Costa (2008) a partir dos intérpretes entrevistados mostram aspectos que devem ser considerados por gestores e professores, bem como pelos próprios ILS e pesquisadores em geral, quando tratamos do contexto educacional. Segundo Costa (2008), um desses aspectos que merece investimento é a infraestrutura que deve ser implementada quando tratamos de inclusão, pois não basta contratar apenas o profissional intérprete; é necessário também oferecer suporte para o desenvolvimento adequado do seu trabalho. Para além das questões da infraestrutura há aspectos que ainda não estão suficientemente esclarecidos em sala de aula, sendo o papel do ILS um dos mais evidentes no sistema educacional.

Nesse sentido, constatamos que os resultados de Costa (2008) se articulam com duas dissertações já mencionadas neste capítulo, a saber, Leite (2004) e Marinho (2007). Quanto a Leite (2004), a pesquisa mostrou justamente a necessidade de uma reflexão sobre a complexidade que se estabelece no âmbito da inclusão, a presença do ILS e os papéis a serem desempenhados por ele. Quanto a Marinho (2007), o diálogo ocorre na medida em que a pesquisa apresentou a reflexão sobre subsídios de terminologias técnicas que auxiliassem a prática de atuação dos intérpretes de língua de sinais. Em outras palavras, a necessidade de criação de projetos³² por meio de parcerias institucionais entre escolas, universidades, editoras com subsídios governamentais que podem contribuir para o processo de qualificação do serviço de interpretação no meio educacional é urgente em nosso país.

As condições de trabalho, o papel do intérprete no meio educacional ou ainda os efeitos decorrentes dessas funções duplas (às vezes professor, às vezes intérprete) e a forma como tais questões influenciam a construção de identidades profissionais são objetos de pesquisa que voltam a ser investigados no ano de 2009. Há uma proliferação de investigações somando seis trabalhos, todos na área educacional: Russo (2009), Tuxi (2009), Machado (2009)³³, Martins (2009), Silva (2009) e Cordova (2009).

³² Vale mencionar os vários projetos desenvolvidos pela Editora Arara Azul, que em parceria com diversas instituições tem produzido iniciativas nesse sentido por meio da tradução de clássicos infantis ou ainda livros didáticos. Para maiores informações, conferir o site da editora.

³³ A pesquisa realizada por Machado (2009) não foi localizada no formato impresso ou eletrônico, portanto consta para fins de registro, mas não foi analisado como parte do corpus.

Na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Russo (2009) investigou o ILS como posição discursiva. A pesquisa utilizou o referencial teórico-analítico da Análise do Discurso, tomando como base Michel Pêcheux, buscando articular tal discussão com a área de Educação, e em determinados momentos, com os Estudos da Tradução e Interpretação. Neste estudo destacaram-se as noções de sujeito, discurso, língua, interpretação e memória discursiva. Russo (2009) apresentou um panorama sobre o histórico dos ILS no Brasil, bem como dos intérpretes pelo mundo. Na sequência foram exploradas as noções apresentadas anteriormente, articulando Análise do Discurso e interpretação de língua de sinais. A pesquisa dialoga com referenciais de Aubert (2003), Rónai (1976) e Pagura (2003), mencionados com frequência no texto.

A autora apresentou uma distinção, por exemplo, de conceitos como competência comunicativa e competência tradutória, trazendo as contribuições de Hurtado Albir (2005), que assinala a gama de produções realizadas pelo Grupo PACTE (Processo de Aquisição de Competência Tradutória e Avaliação) da Universidade Autônoma de Barcelona. Russo (2009) também destacou, com base em Cokely (2005), o processo de deslocamento da posição do ILS nos Estados Unidos. Com base naquele autor, Russo (2009) comentou algumas mudanças ocorridas durante o processo de organização institucional dos ILS no contexto americano, as quais podem ser consideradas também no contexto brasileiro, em nosso ponto de vista.

Nos Estados Unidos, segundo Cokely (2005), um exemplo dessas mudanças ocorreu com a institucionalização da certificação de ILS, na qual eles passaram a ser prestadores de serviços. Russo (2009) resgatando Cokely (2005) salienta que esse deslocamento apresenta algumas consequências importantes a serem consideradas no processo de profissionalização da categoria de intérpretes. Uma dessas consequências refere-se ao afastamento dos ILS da comunidade surda, não participando mais dela como os intérpretes que emergiam desses contextos.

De fato, no Brasil alguns reflexos iniciais dessa busca pela profissionalização podem ser observados. Na UFSC, em entrevista aberta³⁴ como parte do Projeto Interdisciplinar do Curso de Letras-Libras no dia 10 de outubro de 2012 com o professor Dr. Rodrigo Rosso Marques e a professora Dra. Karin Lilian Strobel, um dos temas

³⁴ Entrevista integrante do Projeto de Corpus em Língua de Sinais coordenado pelo professor Dr. Tarcísio de Arantes Leite na UFSC.

mencionados no tópico sobre TILS foi o processo de profissionalização da categoria de intérpretes. Naquela oportunidade, o professor. Dr. Rodrigo Rosso Marques salientou dois conceitos para referir-se aos intérpretes, qual seja, “*intérpretes institucionais e intérpretes culturais*”.

Quanto aos intérpretes institucionais, ele destacava as novas posturas adotadas por estes profissionais em busca da profissionalização, diferentemente dos intérpretes culturais, que conheciam profundamente a comunidade surda, as concepções que essa comunidade detinha sobre a sociedade de forma geral. Dito de outra forma, o depoimento do professor Rodrigo tratando do contexto brasileiro, ainda que de forma preliminar³⁵, possivelmente corroboraria as mesmas percepções encontradas por Cokely (2005) quando destacou o contexto americano.

Os resultados encontrados por Russo (2009) comprovam alguns efeitos de sentido, como por exemplo: o saber sobre a língua, o saber fazer uma interpretação, os sentidos do sentir, as fronteiras da ação do intérprete, novos campos de atuação e a importância das tarefas de interpretação. Os depoimentos colhidos na pesquisa de Russo (2009) evidenciam contextos jurídicos, médicos, de serviços públicos ou ainda de lazer como promissores enquanto novos campos de atuação para ILS, além do âmbito educacional. Todos esses contextos demandam formações específicas para ILS, buscando nas áreas de competência (médica, jurídica e outras) referências que possam auxiliar e subsidiar as práticas cotidianas de interpretação. No entanto, em nosso país esses contextos (em especial, médicos e jurídicos) pouco são explorados seja por pesquisas ou ações que institucionalizem a presença de intérpretes nesses cenários. Queiroz (2011, p. 39) afirma que:

Vale lembrar que no Brasil, embora reconhecido como tradutor e intérprete juramentado, o conteúdo da prova do concurso nacional para recrutar profissionais avalia somente aptidões linguísticas conforme estabelece o artigo 5o que obedece a Lei 13.609/43, regulamentada na Instrução Normativa no. 84/2000 do Departamento Nacional de Registro do Comercio – NRC. Não há indicação da necessidade de

³⁵ Argumentamos ser uma reflexão preliminar pelo fato de não termos registro sobre esse tema por meio de publicações, pesquisas e outras demonstrações que comprovem uma circulação nacional sobre esta reflexão.

habilidades em técnicas em interpretação, frequentemente necessárias em interpretação em âmbitos jurídicos.

É uma área que demanda mais investimentos em todos os sentidos, sejam eles acadêmicos ou de ordem política, para organização da categoria. Por fim, Russo (2009) conclui em sua pesquisa que todos esses efeitos de sentidos caracterizam a posição discursiva do sujeito ILS que estamos formando. Nesse sentido, as áreas como Letras, Pedagogia, LA e Tradução são campos que atravessam e contribuem de forma efetiva na formação continuada desses profissionais abarcando diferentes níveis (superior, médio e fundamental). Ou seja, cada um desses níveis de atuação tem caracterizações pedagógicas, tradutórias e linguísticas que devem ser consideradas na elaboração de políticas governamentais. Além disso, os elementos encontrados nas dissertações sobre TILS podem colaborar para que sejam desenhadas melhores condições no exercício da interpretação de língua de sinais.

Por exemplo, Tuxi (2009) foi uma das pesquisas que focou na atuação do intérprete educacional no ensino fundamental. O texto contextualizou a presença do ILS na educação de surdos, relatando algumas experiências das Associações de Profissionais de Tradutores e Intérpretes no mundo contemporâneo e assinalando a busca de uma identidade nas Associações de Profissionais de Tradutores e Intérpretes de língua de sinais no Brasil. Além disso, Tuxi (2009) apresentou uma reflexão sobre o sujeito surdo e a educação bilíngue, apontando dilemas enfrentados na educação de surdos. Um desses dilemas, por exemplo, foi a nomenclatura professor-intérprete ou intérprete educacional, a relação entre o professor-intérprete e o professor regente como elementos para pensar a co-docência³⁶. Por fim, a autora tratou também do dialogismo e sua influência na aprendizagem do surdo.

Quando o professor regente e o intérprete educacional trabalham como uma dupla responsável, visualizando a turma como um todo, o processo de ensino-aprendizagem tem uma

³⁶ Tuxi (2009, p. 92) utilizou as definições de Kelman (2008) que distingue os conceitos de bi-docência e co-docência. “A bi-docência faz referência a dois profissionais que desempenham seus papéis em um mesmo ambiente. Já a co-docência é entendida como um trabalho mútuo, compartilhado, onde os planejamentos, as avaliações enfim, grande parte das atividades desenvolvidas no ambiente educacional são compartilhadas.”

qualidade maior do que as turmas em que os professores trabalham no sistema de bi-docência. TUXI, (2009, p. 93)

O processo de ensino-aprendizagem entre surdos e ouvintes pode ser afetado dependendo da forma como o papel do ILS é exercido em sala de aula, conforme menciona Tuxi (2009). O desconhecimento do papel do ILS ou ainda a proliferação de funções a serem desempenhadas no contexto educacional, especialmente no ensino fundamental e médio, geram incertezas para a atuação desse profissional em determinado espaço. Essas incertezas variam desde procedimentos que devem ser tomados, de ordem mais técnica com relação à interpretação propriamente dita e as demandas dessa atividade, até o papel da docência, que por vezes se coloca explicitamente para o intérprete.

Nos espaços acadêmicos, a postura do ILS é assegurada por regimentos, orientações, formações continuadas, que institucionalizam de forma mais evidente a presença desse profissional no ensino superior. No ensino médio e fundamental, a relação entre ILS e professores ou entre alunos, professores e intérpretes coloca uma série de desafios, uma vez que as tarefas não estão institucionalizadas de modo a direcionar quais encaminhamentos devem ser tomados no exercício de interpretação. É justamente nesse sentido que os resultados constatados por Tuxi (2009) apontam para a necessidade de políticas públicas que atentem para a valorização e a qualidade do serviço oferecido pelo intérprete educacional. Ou seja, a execução de ações que promovam a formação continuada deste profissional no contexto escolar, considerando todos os papéis que ele desempenha na área educacional, é urgente no Brasil.

No tocante a essa questão, acrescentamos ainda que os gestores educacionais e o corpo docente de forma geral necessitam de sensibilidade pedagógica e tradutória para observar as singularidades que se fazem necessárias à formação de intérpretes. Outra importante temática são as ações bilíngues importantes e necessárias para a inclusão de alunos surdos nos diferentes níveis educacionais. Um exemplo disso seriam investimentos financeiros por meio de projetos que discutam não só aspectos pedagógicos, mas também, técnicos, no sentido de qualificar o desempenho do ILS oferecendo-lhe e construindo maior autonomia profissional no exercício de suas funções no contexto educacional. As dissertações sobre interpretação de língua de sinais, especialmente Tuxi (2009), Costa (2008), Marinho (2007) e Vieira (2007), discutem as

novas configurações que se colocam no meio educacional a partir da presença de ILS.

Ainda que os ILS pareçam ter mais autonomia no ensino superior, há um ponto em comum tanto no ensino superior quanto no médio ou fundamental referente a suas condições de trabalho, como: contratação e infraestrutura tradutória (recursos como glossários e materiais bilíngues), estratégias que envolvam as traduções para as avaliações em sala de aula, entre outros pontos que poderiam ser destacados. É nessa perspectiva que Martins (2009) realizou uma pesquisa intitulada “Trajetórias de formação e condições de trabalho do intérprete de Libras em instituições de ensino superior” utilizando como referencial teórico as contribuições de Lev Semionovitch Vygotski e Pierre Bourdieu.

O texto apresentou um panorama das propostas educacionais para educação de pessoas surdas no Brasil, desde as primeiras iniciativas até a contemporaneidade com a inclusão e o bilinguismo. Em seguida, Martins (2009) contextualizou o trabalho do intérprete de Libras na educação da pessoa surda por meio de um resgate da história da tradução da língua de sinais e dos tradutores e intérpretes de língua de sinais. Outros temas como a história da tradução e da trajetória dos tradutores e intérpretes de línguas orais são resgatados no texto. Martins (2009) finalizou apontando algumas reflexões, entre elas os entraves que dificultam a organização do trabalho pedagógico bilíngue. Um desses entraves relaciona-se à formação dos profissionais envolvidos no espaço bilíngue, entre eles o intérprete de Libras. O texto aponta essa fragilidade devido ao campo simbólico de formação social e cultural do intérprete, o qual estaria vinculado às questões de religiosidade.

Um elemento comum entre tradutores e intérpretes corresponde a sua atuação como educador missionário, envolvido com a evangelização. Esse dado pode ser obtido pela análise de questões relativas à cultura, no qual observamos nesse trabalho, que o campo simbólico de formação social e cultural do intérprete é norteador por questões relativas à religiosidade. MARTINS (2009, p. 113).

Além desse campo simbólico de formação social e cultural do ILS estar ligado à religiosidade, outra fragilidade que agrava esse processo de reconhecimento constatado por Martins (2009) refere-se às

condições de contratação. A necessidade de contabilizar no contrato de trabalho do ILS as horas de exercício propriamente dito de interpretação e as horas destinadas à preparação do material é um entrave que não está claro para a contratação desses profissionais. É possível perceber que as dificuldades com relação ao ILS não são apenas de infraestrutura (compreendidas enquanto questões internas dos espaços escolares), mencionados em outras pesquisas, mas também de ordem contratual. Atender as demandas estabelecidas pelos ILS implica em ações que reconheçam a relevância e a qualidade necessária para o exercício da atividade de interpretação no contexto educacional. Essas demandas são constatadas pelas dissertações sobre interpretação de língua de sinais que mapearam por meio das pesquisas problemas enfrentados no campo de atuação de ILS, mas que ainda não ecoaram com visibilidade o suficiente para que a situação tenha mudanças efetivas nos mais diversos níveis de atuação dos ILS.

Por outro lado, a falta de infraestrutura é passível de ser analisada frente aos esforços e à densidade lexical presentes em contextos diversos de atuação dos ILS. Pesquisas como Gabrian e Williams (2009), que relatam os efeitos da fadiga e do cansaço enquanto fatores que interferem na qualidade da interpretação, servem como sólidos argumentos em prol do revezamento para ILS. Essa densidade lexical que se coloca para a interpretação de língua de sinais no ensino superior constatada por Martins (2009) é um importante resultado que poderia ocasionar mudanças de contratação por parte das mais diversas universidades brasileiras. Nesse sentido, a Universidade Federal de Santa Catarina, por meio da portaria nº 068/CCE/2011, designava elaboração da proposta de regulamentação das atividades dos Tradutores e Intérpretes de Libras, sendo que um dos temas era: “O atendimento de TILSP³⁷ deverá ocorrer em duplas, respeitando o tempo de revezamento (20 min para cada intérprete); intercalando a posição de ILS e apoio ao intérprete em atividade”.

Essa preocupação com o esgotamento físico e psicológico do intérprete quando em atividade de interpretação materializa-se numa compreensão do intérprete como parte constituinte do processo de interpretação e não numa visão tecnicista/instrumental em que ele teria a função somente de transferir a mensagem a ser dita. Queremos chamar a

³⁷ Tradutor-intérprete de língua de sinais/português. RESOLUÇÃO NORMATIVA N.º 01/Conselho da Unidade/CCE, DE 29 DE NOVEMBRO DE 2012.

atenção do leitor para o quanto os objetos de pesquisa investigados nas dissertações sobre interpretação de língua de sinais sugerem uma série de argumentos e levantam pontos que podem ser considerados na elaboração de documentos e até mesmo na formação desses profissionais. Esta reflexão sobre o esgotamento físico e a densidade lexical também é um ponto a ser tratado dentro dos aspectos que envolvam a infraestrutura tradutória necessária para o exercício profissional qualificado do ILS.

Em última instância poderíamos afirmar que existe um corpo físico e mental do ILS que é condição obrigatória para o exercício da interpretação de língua de sinais, de modo que este tópico precisa ser alvo de reflexão academicamente. Ainda que Silva (2009) não tenha abordado essa linha teórica dos esforços cognitivos e corporais empregados durante o ato de interpretação, a pesquisa desenvolvida demonstra atenção para as questões relacionadas à corporeidade do ILS na percepção dos sentidos produzida por interlocutores surdos. Em outras palavras, há um corpo presente no ato de interpretação que desempenha uma performance para que se efetive a comunicação entre duas línguas diferentes. Inicialmente, a pesquisa realizou uma discussão sobre a alteridade, a diversidade e a surdez, apresentando as implicações da presença dos ILS no contexto da educação inclusiva.

Segundo Silva (2009), com base nos referenciais sobre corporeidade e corpo, em especial Merleau-Ponty (1999), é importante enxergar a interpretação para além da produção sustentada por um corpo dualista e tecnicista. A partir da revisão bibliográfica foi constatado que o aspecto predominante nas pesquisas em língua de sinais foi de cunho linguístico e detectou que estudos voltados para a corporeidade e expressões faciais na prática de ILS são raros no Brasil.

Embora a corporeidade do ILS não tenha sido alvo de pesquisas, sua necessidade mostra-se legítima e reconhecida pelos profissionais envolvidos com a formação de ILS. Na prática, comentários informais de professores ou alunos com maior tempo de experiência e proficientes em língua de sinais salientam a necessidade de oficinas ou cursos de curta duração que ofereçam subsídios para a formação dos ILS em questões relacionadas à corporalidade. O diálogo entre as áreas de Artes Cênicas e interpretação de língua de sinais deveria ter sido mais intensa, pois várias disciplinas como expressão corporal, performance e outras poderão contribuir significativamente na formação do ILS. Outra articulação possível entre esses dois campos de saber ocorre por meio da participação dos intérpretes em peças teatrais ou festivais para garantir

acessibilidade às pessoas surdas, conforme pode ser observado na figura 3.

Figura 3: Foto de divulgação sobre teatro acessível no estado do Rio de Janeiro



Foto: Divulgação | ONG Escola da Gente

1ª Mostra de Teatro Acessível no Oi Futuro Ipanema

Acessibilidade é foco do evento que comemora dez anos da ONG Escola da Gente

Nos dias 2 e 3 de maio o Oi Futuro Flamengo contará com total acessibilidade para pessoas com deficiência: legenda eletrônica, intérprete de Libras (Linguagem brasileira de sinais), programas em braille e em letra ampliada, audiodescrição, visitas guiadas ao cenário dos espetáculos e atendimento prioritário para pessoas com deficiência e mobilidade reduzida. Esta iniciativa faz parte da 1ª Mostra de Teatro Acessível, produzida pela ONG Escola da Gente, que celebra dez anos de trabalho no auxílio à inclusão de pessoas em situação de vulnerabilidade na sociedade. A mostra terá como destaque os espetáculos "Ninguém mais vai ser bonzinho" e "O filho eterno".

Fonte: <http://www.blogdaaudiodescricao.com.br/2012/04/i-mostra-de-teatro-acessivel-da-escola.html>

Os resultados de Silva (2009) associados aos tópicos que levantamos como possíveis articulações referentes ao campo de atuação do ILS em contextos relacionados à corporeidade demonstram um vasto campo a ser explorado, bem como a necessidade de observar melhor o corpo no ato da interpretação. Compreender que este corpo não é apenas corpo, mas sim “veículo de comunicação vivo”, nas palavras de Silva (2009). Enfim, a interação, a dialogicidade, a interpretação estão além das questões exclusivamente linguísticas. Um dos resultados que corrobora tal afirmação refere-se às muitas ausências de expressões faciais e corporais encontradas nas interpretações de língua de sinais, segundo Silva (2009). Além disso, as emoções, os sentimentos e toda a corporalidade que constituía a história (da pesquisa analisada por Silva, 2009) necessitavam ser interpretadas de forma visualmente clara para que ocorresse uma compreensão do tema enunciado na peça teatral. Esse tema da corporeidade dos ILS não se repete em outras pesquisas.

Por exemplo, Cordova (2009), que encerrou o grupo de investigações realizadas em 2009, examinou as concepções de ILS acerca de sua atuação em contextos educacionais. Inicialmente, foram apresentados no texto argumentos sobre a ação e/ou prática pedagógica com comentários sobre as principais contribuições de Vygotski para os estudos sobre a surdez. Além disso, as reflexões desse autor são pensadas também no contexto do sujeito surdo, suas relações e desenvolvimentos em diferentes espaços sociais: na escola e na família. O texto problematizou, também, aspectos importantes sobre o profissional intérprete de línguas orais e o ILS. Deste último tópico, a autora mostrou a constituição profissional ao longo da história e a formação na atualidade, assim como as singularidades do intérprete educacional. Uma dessas singularidades pode ser observada no contexto educacional com relação aos modos de interpretação (simultânea ou consecutiva), que precisam ser pensados de acordo com as demandas que se estabelecem em sala de aula.

Os resultados constatados por Cordova (2009) ressaltam que o intérprete atuante no contexto educacional tem um comprometimento com o processo de ensino-aprendizagem do sujeito surdo; no entanto, ainda falta maior consciência disso por parte do corpo escolar. Ao final da pesquisa foi verificado que não basta pensar em uma atuação meramente técnica, em uma neutralidade por parte do profissional primando pelo distanciamento do processo de ensino-aprendizagem, quando na verdade o intérprete educacional está implicado significativamente no contexto escolar. Esses resultados se articulam com os constatados por Tuxi (2009), Martins (2008) e outros autores. Ou seja, a interpretação educacional e todas as singularidades já mencionadas nesta seção são um contexto em que tanto as dissertações quanto a prática de interpretação mostram ser urgente e eficaz o investimento na qualificação profissional e definição de papéis dos ILS. Em grande parte, os modelos implantados em diversas regiões brasileiras que tratam da presença de ILS necessitam de assessoramento, pesquisa e dados concretos sobre o exercício tradutório-interpretativo, mas também de reflexões e sistematizações que considerem os desafios da interpretação educacional (níveis fundamental e médio).

Por fim, há um conjunto de sete dissertações sobre interpretação de língua de sinais produzidas em 2010, distribuídas da seguinte forma: quatro na área de Educação, uma na área de Linguística (Sociolinguística e Dialetoлогия), uma na área de Literatura e uma na área de Estudos da Tradução. Na área da Educação, localizamos Miranda (2010), Almeida (2010), Belém (2010) e Constâncio (2010).

Miranda (2010) investigou as mediações linguísticas do ILS na sala de aula inclusiva. O texto apresentou um panorama dos caminhos da educação de surdos desde os avanços das propostas educacionais até os avanços nas legislações. Tais legislações são contextualizadas no âmbito estadual de Minas Gerais e no município de Belo Horizonte.

Em seguida, a pesquisa discorreu sobre o ILS na sala de aula inclusiva partindo da origem e formação deste profissional, passando pelas produções acadêmicas sobre ele, distinguindo os conceitos de tradução e interpretação e suas respectivas diferenças nas modalidades de línguas orais e de sinais. O texto trata ainda conceitos de competência linguística e competência tradutória³⁸, assim como aspectos da interpretação simultânea e a inserção do ILS na língua e na cultura dos surdos. As discussões finais giram em torno do paradoxo existente entre intérprete educacional e o professor-intérprete, ratificando mais uma vez a complexidade da nomenclatura adotada no sistema brasileiro com relação ao exercício de interpretação no contexto educacional.

A pesquisa de Miranda (2010) resgatou no referencial teórico seis dissertações produzidas sobre interpretação de língua de sinais, a saber: Leite (2004), Santos (2006), Marinho (2007), Vieira (2007), Pereira (2008) e Rosa (2008)³⁹. O número de dissertações de mestrado coloca em evidência o início de uma possível circulação entre conceitos e resultados obtidos nas investigações anteriores. A localização geográfica dos estados que hospedaram essas dissertações desconstrói o mito de que todas as produções acadêmicas estariam concentradas no sul, pois temos a seguinte distribuição: três dissertações defendidas na região sul, duas na região sudeste e uma na região centro-oeste.

Uma das consequências importantes dessa circulação é a articulação de um modo de pensar de um determinado grupo de pesquisadores sobre a interpretação de língua de sinais, ou ainda, sobre o profissional que a realiza. Ou seja, a circulação desses saberes proporciona que se crie um referencial de pesquisas no contexto brasileiro que seja tomado como base para fundamentar teoricamente a

³⁸ O marco teórico utilizado como base na reflexão desses conceitos foi Hurtado-Albir (2005). Cabe ressaltar que Miranda (2010) e Russo (2009) são duas dissertações sobre interpretação de língua de sinais que trabalham com referencial desta autora espanhola, Amparo Hurtado-Albir. Um tema interessante a ser investigado em futuras pesquisas refere-se à aquisição da competência tradutória na formação de tradutores e intérpretes de língua de sinais/língua portuguesa, observando as indicações de Hurtado-Albir (2005, 1999).

³⁹ Miranda utiliza o e-book de Rosa (2008), que consiste na dissertação defendida por Andrea Rosa em 2005.

interpretação de língua de sinais. O fluxo de ideias e reflexões conceituais que perpassa essas pesquisas pode inclusive ser objeto de argumentação sobre as mudanças de estilo e formas de pensar de diferentes momentos históricos. Nesse sentido, as pesquisas sobre interpretação de língua de sinais retomadas na dissertação de Miranda (2010) podem sugerir apontamentos históricos, sociais, tradutórios que foram visibilizados em determinados momentos históricos por certo grupo de pesquisadores. Um desses exemplos pode ser visualizado na seguinte constatação.

Nesta sala de aula, em específico, os alunos participantes se dividem em dois grupos: comunidade de interações em LS e comunidade de interações em LP. Desta forma, o professor, usuário da Língua Oral/Língua Portuguesa, mantém-se de frente para o grupo de ouvintes, e o ILS mantém-se de frente para o grupo dos surdos. No entanto, e curiosamente, pode observar que os participantes que conhecem e dominam as línguas circulantes — LS/LP — transitam entre os grupos. (MIRANDA, 2010, p. 194)

Assim, embora a interação em sala de aula e o impacto da presença do ILS em ambiente educacional tenham sido tratados sob diferentes vieses, Miranda (2010) detalha as constelações reconfiguradas em sala de aula e como elas acontecem. Essa reconfiguração do espaço escolar ainda não é eficaz, pois os resultados de Miranda (2010) comprovam que a inclusão acontece apenas no espaço físico, pois questões como o acesso à informação e ao conhecimento estão longe de serem atendidas quando comparadas aos alunos ouvintes. O argumento de Miranda (2010) na pesquisa ressaltou que a decisão por uma educação bilíngue não deve ser apenas de ordem técnica, pois é necessário considerar o enfoque sociolinguístico no qual o aluno está incluído. Em outras palavras, a demanda de políticas tradutórias em torno da proposição e da efetivação de uma educação bilíngue de qualidade para as pessoas surdas deve ser considerada ponto de pauta imprescindível para reflexão dos movimentos surdos, dos pesquisadores e dos ILS.

Essa tarefa deve ser compartilhada por todos os sujeitos que compõem a escola, pois uma política de TILS no âmbito escolar necessariamente envolve uma série de etapas (planejamento, organização dos temas a ser traduzidos/interpretados, infraestrutura

adequada para os projetos de tradução/interpretação, professores surdos e ouvintes envolvidos no projeto, dentre outras questões) até a execução final dessa atividade. Nesse sentido, o intérprete educacional no sistema de ensino brasileiro parece ter um papel além da execução da atividade tradutória em si, mas de um agente de transformação sobre as questões tradutorias conforme constatado na Cartilha sobre o Atendimento Educacional Especializado para pessoa com surdez distribuída pelo Ministério da Educação em nosso país. Segundo esse documento (AEE, p. 52), “O tradutor/intérprete é mais um profissional que, ciente de sua responsabilidade social, poderá mobilizar gestores e professores para a importância de se promover a igualdade de acesso ao conhecimento acadêmico para todos os alunos, indistintamente”.

Uma vez que o ILS tem o encargo de mobilizar professores e gestores, na concepção do Ministério da Educação, salientamos a necessidade de que tais profissionais estejam envolvidos, também, no âmbito da pesquisa em interpretação de língua de sinais. A participação de professores, sejam eles surdos ou ouvintes, é fundamental para o processo de construção de políticas tradutórias e de interpretação de língua de sinais no âmbito escolar. Esse tema foi investigado por Almeida (2010), que desenvolveu a pesquisa intitulada “O papel de professores surdos e ouvintes na formação do tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais”. Inicialmente, a pesquisadora apresentou seu percurso enquanto professora surda e posteriormente situou a história do campo da interpretação em línguas orais e em línguas de sinais. A pesquisa finalizou o referencial teórico discutindo a legislação atual e a prática do tradutor e ILS.

Essa pesquisa articula-se com as ações práticas realizadas em meados do ano de 2012. No Brasil, a presença de surdos que publicam, orientam e pesquisam na área de interpretação de língua de sinais tem aumentado nos últimos anos, considerando a visibilidade que os Estudos da Tradução e os Estudos da Interpretação têm alcançado em nosso país. Dois exemplos confirmam essa afirmação, sendo que o primeiro deles refere-se à presença de dois professores surdos credenciados na linha de pesquisa Estudos da Interpretação existente na PGET/UFSC, e o outro às publicações de Strobel (2011) e Perlin (2006), que apresentam um olhar surdo sobre as questões de TILS. Perlin (2006) optou pelas narrativas para ampliar as discussões sobre os aspectos da identidade cultural dos surdos e o processo de construção da identidade dos ILS. Já Strobel (2011) apresentou a atuação e alguns relatos dos intérpretes surdos como mais uma possibilidade de atuação no mercado de trabalho da tradução.

Essas ações que tem sido desempenhadas no espaço acadêmico colaboram para e corroboram a temática desenvolvida na pesquisa de Almeida (2010), pois o papel de professores surdos e ouvintes é fundamental na formação de ILS. Nesse sentido, um dos pontos constatados por Almeida (2010) foi a importante e necessária relação entre teoria e prática. A possibilidade de o aluno analisar sua própria atividade interpretativa e discutir com professores surdos, ouvintes e pares em formação é fundamental para a formação do ILS. Por exemplo, na pesquisa de Almeida (2010) foi constatada a interpretação literal de alguns enunciados, dificultando a compreensão por parte do aluno surdo, feedback este trabalhado em sala de aula pelos professores.

Em situações como essa, o texto problematizou a necessidade de explorar recursos visuais para que auxiliem tanto a compreensão do intérprete como também do aluno. Além disso, Almeida (2010) exemplificou as possibilidades do uso de sinais e suas mudanças de acordo com o contexto. Por fim, a pesquisa ressaltou que dentro da comunidade surda poucas discussões são realizadas sobre os processos complexos que constituem o ato de tradução e interpretação, fazendo com que a formação do profissional ILS se torne um processo solitário.

Por outro lado, Constâncio (2010) investigou no ensino superior o intérprete de Libras e sua atuação como mediador entre a língua portuguesa e a língua de sinais. De forma geral, Constâncio (2010) seguiu a prevalência nas dissertações sobre interpretação de língua de sinais, isto é, a recorrência de uma organização textual sobre discursos que focam especialmente:

- a) As diferentes vertentes da educação de surdos (Oralismo, Comunicação Total, Bilinguismo e Pedagogia Surda);
- b) A história do profissional intérprete de Libras, as atribuições destinadas a estes profissionais e o contexto de atuação;
- c) A legislação que regulamenta a presença do intérprete de Libras: Lei de Libras (10.436/02), Decreto 5626/05, Registro na CBO 2614-25 (Intérprete de Língua de Sinais) e Lei 12.319/10.

Essas recorrências presentes em várias dissertações sobre interpretação de língua de sinais atuam como “empoderamento discursivo”, atendendo a necessidade de legitimação e contextualização das pesquisas sobre interpretação de língua de sinais. É sabido que estamos em um momento de transição e deslocamentos teórico-práticos sobre a pesquisa em interpretação de língua de sinais, justificando, talvez, essa estratégia de legitimar discursos. Embora essa transição seja

visível, os resultados encontrados na pesquisa de Constâncio (2010, p. 80) revelam que a profissão do ILS “geralmente apresenta a situação inicial do voluntariado, de compromisso e preocupação com o próximo, para só depois estabelecer-se como uma profissão”. Outro aspecto levantado pela dissertação é a garantia do direito de acessibilidade pelo educando surdo respaldado pela regulamentação da profissão do intérprete de Libras, uma vez que está prevista a atuação no âmbito escolar no artigo sexto da Lei 12.319/10. Ao mesmo tempo em que tais contextualizações são importantes e necessárias na legitimação do discurso, há uma discrepância entre os objetos/resultados de pesquisas em interpretação de língua de sinais e as decisões governamentais sobre este profissional, independente do nível de atuação (fundamental, médio ou superior).

Encerrando o grupo de pesquisas produzidas na área educacional em 2010 temos Belém (2010), que investigou a atuação do intérprete de Libras no ensino médio. Com base em autores como Mikhail Bakhtin, Cristina Broglia Feitosa de Lacerda, Maria Cecília Rafael de Góes, Belém (2010) apresentou o contexto do intérprete de Libras e apontou as diferenças que implicam na atuação do intérprete educacional quando comparado com o intérprete geral⁴⁰. Belém (2010) contextualizou o leitor a respeito do profissional intérprete de Libras, dos diferentes tipos de interpretação, das condições de trabalho dessa categoria e de alguns dos dilemas (os diferentes papéis exercidos pelos intérpretes) enfrentados no cotidiano por esses profissionais quando em atuação na área educacional.

A pesquisa apresentou também o contexto do ensino médio, do ensino médio profissional, do ensino médio integrado e do aluno surdo no ensino médio. Esse aspecto sobre os papéis desempenhados pelos ILS em salas de aulas inclusivas havia sido mencionado por Leite (2004), alertando sobre a necessidade de os gestores criarem políticas governamentais que atendessem a demanda específica. De fato, o exercício duplo da interpretação (às vezes ensinar, às vezes interpretar) é reforçado pela ausência de políticas bilíngues comprometidas com a qualidade da educação de surdos, reforçando ainda mais a discrepância entre os resultados constatados nas pesquisas e as decisões do governo.

Os esforços por parte do governo na implementação de uma proposta de valorização nos aspectos tradutórios, especialmente no

⁴⁰ Nomenclatura utilizada pela autora.

ensino fundamental e médio, carecem de diretrizes mais definidas e empenho articulado com o espaço acadêmico, que tem desenvolvido uma série de pesquisas em torno da interpretação de língua de sinais. Ainda nesse âmbito, são práticas engendradas no sistema escolar calcadas em um ensino que não considera a língua de sinais que contribuem para que o intérprete oscile entre o papel de interpretar propriamente dito e o de exercer a docência em determinados momentos.

Segundo Belém (2010), alguns pontos destacaram-se no resultado da pesquisa, a saber: os conflitos vividos e as dificuldades encontradas para o exercício da função; o espaço físico e o lugar a ser ocupado por esse profissional nas unidades educacionais nas situações cotidianas. Belém (2010) ressalta ainda que a forma como se reconhece e se nomeia o intérprete educacional também é um dos pontos que devem ser considerados no escopo das reflexões. Ainda nesse tópico, Belém (2010) destaca os conflitos enfrentados na relação entre professor e intérprete. O ILS compartilha afetos, aproximações, encontros culturais por conhecer e interpretar as línguas implicadas no ambiente educacional. Já o professor se depara com o “outro”, nesse caso surdo, apresentado de certa forma pelo intérprete, uma vez que o professor não compartilha a língua que em este outro se enuncia. Sendo assim, a presença do intérprete coloca outra “voz” presente nas relações de interação do cenário educacional bilíngue, diferente de outros contextos em que as interações ocorrem sem a presença do ILS.

As atitudes que os intérpretes assumem no contexto educacional e as relações que se estabelecem são fundamentais para serem pensadas no âmbito da pesquisa. Nesse sentido, constatamos na área de Linguística a pesquisa desenvolvida por Passos (2010), que trata justamente das atitudes frente à língua de sinais e às pessoas surdas por ILS. A pesquisa de Passos (2010) contextualizou a trajetória profissional da pesquisadora enquanto ILS e a proximidade com o tema pesquisado. Logo em seguida foram apresentados aspectos da comunidade surda e da língua de sinais, assim como da língua de sinais no Brasil, da educação das pessoas surdas e da legislação atual. Um panorama histórico sobre os ILS no Brasil foi apresentado, assim como as características de atuação deste profissional, as habilidades e competências necessárias ao exercício da profissão e, por fim, as relações dos ILS com as pessoas surdas.

Quanto ao referencial teórico, Passos (2010) desenvolveu uma argumentação com base no conceito de atitudes, apontando questões como: os componentes da atitude, atitudes e comportamentos, atitudes e

estereótipos, métodos e investigação de atitudes, atitudes linguísticas e sociolinguísticas e, por fim, as políticas linguísticas. A análise dos dados identificou a perpetuação de práticas colonialistas por meio dos ILS, mesmo quando esses profissionais não se dão conta do exercício de tais práticas. Esses dados foram observados especialmente em intérpretes oriundos da área educacional e da educação especial, bem como naqueles que tinham um relacionamento amigável com os surdos antes de atuarem profissionalmente. As tensões que emergem desses encontros culturais entre ILS e a comunidade surda haviam sido mencionados por Santos (2006, p. 94): “Como os ILS convivem com o hibridismo cultural e linguístico, por estarem envolvidos entre duas línguas e grupos diferentes, no ato de interpretação e tradução, é por meio desse mesmo hibridismo que os efeitos do poder colonial se operam”.

As dissertações sobre interpretação de língua de sinais como Rosa (2005) e Santos (2006) demonstraram a complexidade do encontro entre intérpretes e surdos, no sentido de que estão implicadas neste ato fronteiras linguísticas, mas também culturais, de gêneros e tantas outras identidades que se intercambiam nesses (des)encontros. Em outras palavras, a pesquisa de Passos (2010) nos diz que se as atitudes dos intérpretes continuarem reforçando discursos do passado com práticas colonialistas, a tendência do desencontro, do distanciamento, do rompimento de uma confiança necessária no ato tradutório será cada vez mais evidente. Além da formação acadêmica para ILS para o exercício tradutório, é necessário sim buscar uma hospitalidade para acolher o outro na sua diferença, necessidade reforçada por pesquisas como Masutti (2007). Essa hospitalidade deveria constituir-se como princípio fundamental para o exercício profissional tanto de intérpretes quanto de tradutores de língua de sinais.

A diferença requer tradução sem o delírio ilusório de que é possível capturá-la em um texto estável e homogêneo. Viver a diferença é se arriscar o tempo todo em um intervalo que se produz de instante a instante, recolocando acentos, recriando formas. A primeira lição a aprender é que não existem fórmulas em relação à alteridade, mas abertura de sentidos para produzir relações de hospitalidade. (MASUTTI, 2007, p. 3)

Em consonância com a hospitalidade declarada de Masutti (2007) para o exercício tradutório, a pesquisa de Passos (2010) se encerrou apontando a necessidade de fazer um movimento de (re)construção de significados, de tomada de posições, de discussão, debate e formação de ILS. Nesse sentido, para Passos (2010), a comunidade surda tem um papel fundamental no rompimento dessas práticas preconceituosas, buscando ser agente de tais mudanças em parceria com os demais profissionais que atuam na área.

Cabe ainda ressaltar que as fronteiras não são exclusivamente linguísticas ou culturais, mas podem ser também literárias. É o que comprovou a pesquisa de Santana (2010), desenvolvida na área da Literatura, intitulada “Fronteiras literárias: experiências e performances dos tradutores e intérpretes de Libras”. Esta dissertação examinou em um primeiro momento as memórias e experiências de tradutores e suas traduções de contos de Machado de Assis, além da própria memória do pesquisador e seu olhar sobre o sujeito surdo, que encerraram a etapa inicial da pesquisa. O referencial teórico investigado por Santana (2010) envolvia a tradução literária e a tradução cultural, em seções como: “Traduções, culturas e literatura”; “A linguagem literária e seus valores”; “A tradução literária em Libras e a tradução cultural”; “A Libras além de língua”; “A gestualidade, a literatura do corpo e a performance” e, por fim, “Questões centrais apontadas no fórum de discussão produzido pela Editora Arara Azul sobre a tradução cultural”.

Todas essas seções desenvolvidas na pesquisa de Santana (2010) permitem entender que a língua de sinais está além das questões exclusivamente linguísticas, temática essa abordada anteriormente por Silva (2009) quando tratou da corporeidade do ILS. A língua de sinais apresenta uma modalidade visuo-espacial, carregando consigo parâmetros como expressões faciais/corporais, movimento, orientação da palma, configuração manual, ponto de articulação, que combinados constituem os sinais. Há uma gestualidade e uma performance empregadas na produção dessa língua que se constituem como desafios para o processo de interpretação.

Por exemplo, rosto e mãos podem mudar significados na língua de sinais e tal nuance deve ser considerada na performance de tradutores e intérpretes de língua de sinais. Essas questões corporais e visuais (corpo, olhar, rosto, mãos) despertaram a atenção de Santana (2010), que examinou a construção visual do conto *A missa do galo*, de Machado de Assis. A pesquisa de Santana (2010) detalhou a escrita desse conto e a tradução realizada para a Libras, analisando a tradução de cinco capítulos da obra produzida em língua de sinais. Por fim,

Santana (2010) sustentou a necessidade de estudos e pesquisas sobre a literatura do corpo, as manifestações poéticas sinalizadas pelos surdos e pelos intérpretes com o intuito de que tais estudos contribuam para o enriquecimento das possibilidades tradutórias e literárias.

Do nosso ponto de vista, essas possibilidades tradutórias e literárias podem ser observadas a partir do reconhecimento de que as traduções não ocorrem de forma isolada em uma cultura. A seleção dos textos a serem traduzidos revela a intencionalidade e a escolha de um determinado grupo ou instituição localizado em uma determinada época e com fins específicos para os quais as obras a serem traduzidas se destinam. Este processo de seleção de alguns textos em detrimento de outros evidencia as relações de poder existentes entre as culturas, definindo o que deve estar no centro e o que deve ficar na periferia do polissistema literário⁴¹.

Carvalho (2005, p. 30) afirma que Even-Zohar concebe as relações de poder entre “os elementos dos sistemas através das imagens de centro e periferia, sendo o centro o lugar ocupado por aqueles que detêm maior poder dentro de um sistema e a periferia a região ocupada por elementos menos dominantes ou hegemônicos”. A contribuição teórica de Even-Zohar no sentido de compreender as relações que se estabelecem entre os textos selecionados e os não selecionados na interpretação de língua de sinais é útil para identificar os agentes que operam nos processos tradutórios. O crescimento qualitativo da subárea de TILS também passa pela compreensão das demandas linguísticas, culturais, semióticas e de infraestrutura que se colocam para os processos tradutórios, bem como para as pesquisas que se apresentam nessa perspectiva. Nesse sentido, a pesquisa de Santana (2010) abriu possibilidades não apenas de dialogar teoricamente sobre a tradução cultural, mas também de visualizar outras articulações teóricas com os Estudos da Tradução, a exemplo de autores da Teoria dos Polissistemas.

Este objeto de pesquisa ou perspectiva teórica investigada por Santana (2010) não se repete em outras pesquisas. Nicoloso (2010)⁴² é

⁴¹ A teoria dos Polissistemas surgiu por volta de 1970. Alguns conceitos-chave dessa teoria são: centro, normas, periferia, poder e polissistema. Além disso, a teoria dos Polissistemas examina a posição da literatura traduzida dentro do sistema literário e investiga as regras e leis que regem a tradução, ajudando a formar tradutores. Dois pesquisadores destacam-se como representantes dessa teoria: Even-Zohar e Toury.

⁴² Na Tabela das Áreas de Conhecimento divulgada pela Capes, não constam registros nos Estudos da Tradução, conforme pode ser observado em: http://www.capes.gov.br/images/stories/download/avaliacao/TabelaAreasConhecimento_0720

uma das investigações que problematizou as marcas de gênero na interpretação de Língua de Sinais Brasileira. A pesquisa pautou-se em investigar, identificar, analisar e comentar como se construíam discursivamente as traduções e interpretações em Língua de Sinais Brasileira realizadas por intérpretes do sexo feminino e masculino. Dito de outra forma, o objetivo principal da pesquisa era investigar as possíveis características marcantes e contrastantes na tradução/interpretação de língua de sinais quanto à diferença de gênero do profissional que atua na interpretação. O referencial teórico utilizado por Nicoloso (2010) baseou-se na Análise Crítica do Discurso, nos Estudos Culturais, nos Estudos Surdos e nos Estudos da Tradução. A pesquisa apresentou as contribuições de Francis Aubert e os diferentes tipos de competência: referencial (conhecimento da área que será interpretada) e linguística (conhecimento das línguas envolvidas no ato de tradução/interpretação).

Além disso, são explicitados os conceitos de tradução e interpretação (simultânea, consecutiva e sussurrada), bem como as implicações práticas para o exercício profissional. Um dos exemplos consiste no tempo destinado a essas atividades e nas condições de trabalho oferecidas ao profissional. Nicoloso (2010) resgatou alguns marcos na história de ILS, considerando hiatos que nunca serão preenchidos em decorrência da falta de registros, de acordo com Delisle e Woodsworth (2003). Um dos resultados encontrados foi que a modalidade de explicitação foi mais evidente nas interpretações das mulheres, ao passo que os homens utilizaram com maior destaque a modalidade da transposição. Nessa pesquisa foram constatados que os intérpretes do sexo masculino demonstraram ser mais econômicos nas escolhas léxico-gramaticais e na estruturação do discurso, chegando, muitas vezes, a utilizar a estratégia de *omissão* de alguns dados considerados por eles irrelevantes.

Todos esses elementos (referenciais teóricos e resultados obtidos) nos situam sobre as pesquisas sobre interpretação de língua de sinais em nosso país. Este apanhado geral das teses e dissertações sobre interpretação de língua de sinais nos possibilita identificar algumas articulações com os Estudos da Tradução, ainda que de forma

[12.pdf](#). No entanto, a fim de contextualizar o leitor, neste trabalho há apenas uma dissertação realizada pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução — PGET/UFSC, a saber, Nicoloso (2010). No entanto, esta foi enquadrada na área de Linguística, Letras e Artes, respeitando a Tabela de Áreas divulgada pela Capes.

preliminar. Aquelas temáticas que não foram identificadas nas pesquisas (teses e dissertações) sobre interpretação de língua de sinais também nos sugerem profícuos temas futuros para os rumos das investigações dessa recente subárea. Por exemplo, os contextos médicos ou jurídicos ou ainda de conferências e aspectos relacionados ao processo de interpretação não foram objeto de investigação no período compreendido de 1990 a 2010 nas teses e dissertações sobre interpretação de língua de sinais.

Os dados e as categorias que emergiram dessas teses e dissertações sobre interpretação de língua de sinais serão retomados no capítulo que trata das análises. Cabe ressaltar que durante o processo em vários momentos dialogamos com reflexões que permitem tanto a pesquisadores quanto a ILS se reconhecerem dentro do texto. Optamos por articular os reflexos dessa produção acadêmica contemplando, também, aspectos que envolvem a profissão. Por fim, questionamo-nos se tais tendências e assuntos recorrentes nas dissertações sobre interpretação de língua de sinais se repetem nas tendências extraídas das teses e dissertações sobre tradução de língua de sinais. Essas convergências de assuntos, referenciais teóricos, distinções e articulações nas pesquisas sobre tradução de língua de sinais são apresentadas no próximo capítulo.

4. PESQUISAS SOBRE TRADUÇÃO DE LÍNGUA DE SINAIS

Neste capítulo situaremos a produção acadêmica das teses e dissertações sobre tradução de língua brasileira de sinais no período de 1990 a 2010. A tradução é uma das formas que contribuem significativamente para a evolução da língua, da sua literatura, introduzindo novos termos técnicos na área. Nesse sentido, na área de tradução em língua de sinais, a pesquisa desenvolvida por Ramos (1995) foi uma das primeiras investigações que examinou o processo envolvido na tradução propriamente dita. No entanto, estamos diante de um paradoxo. Se por um lado a pesquisa de Ramos (1995, 2000) inaugurou no mestrado a temática sobre a tradução da língua de sinais e posteriormente continuou as reflexões no doutorado, somente no ano de 2010 é que novas pesquisas sobre tradução de língua de sinais emergiram no espaço acadêmico.

É possível afirmar que grande parte das produções ocorridas entre os anos de 2000 a 2010 não se enquadravam no formato de teses e dissertações, mas sim de trabalhos autônomos realizados por tradutores autônomos ou ainda pesquisadores, tradutores surdos vinculados a editoras ou empresas que mantinham propósitos específicos (divulgação, produção de materiais bilíngues, oportunizar a acessibilidade para as pessoas surdas, entre outros) por meio da tradução de língua de sinais.

No ensino superior brasileiro, a língua de sinais tem passado por um processo de tradução bastante intensos (língua de sinais/português/língua de sinais), especialmente, em vestibulares e concursos. Essa ação de traduzir textos de uma língua para outra enriquece a própria língua por meio de glossários, dicionários, expansão de novos léxicos, terminologia técnica, neologismos e técnicas de tradução. No entanto, a ampliação dos trabalhos e investigações sobre a tradução é fundamental, também, em níveis como ensino médio e fundamental, pois em nenhum momento nas teses e dissertações analisadas são consideradas como objeto de investigação as traduções realizadas nesses níveis.

Nesta perspectiva, iniciam-se as primeiras articulações entre as pesquisas sobre TILS, pois Marinho (2007) apontava a necessidade de produzir materiais que pudessem auxiliar o processo pedagógico e a atuação do ILS, especialmente em áreas como Ensino de Biologia (foco da pesquisa da autora). Partindo da concepção de que as condições necessárias (tempo, tipos de textos, competências e contextos) investidos na tarefa de tradução são diferentes daquelas empregadas na

atividade de interpretação, a pesquisa de Marinho (2007) contribui para visibilizar um campo de atuação para tradutores pouco explorado no Brasil. A pesquisa dessa autora constata que os ILS têm disponíveis poucos recursos que possam auxiliá-los no processo de interpretação de áreas específicas em sala de aula. A conexão da constatação de Marinho (2007) com a presente seção se efetiva na medida em que reconhecermos processos tradutórios empregados para a produção de glossários, e outros recursos.

Além disso, a instalação de centros de tradução que possam auxiliar as políticas de inclusão nos mais diferentes estados do país é uma tomada de decisão relevante para uma maior qualidade na oferta dos serviços de interpretação de língua de sinais. Não basta garantir apenas a presença do profissional intérprete em conformidade com a lei, mas também a presença de tradutores especializados nas mais diversas áreas, de modo a desenvolver projetos que auxiliem de forma satisfatória as demandas que se apresentam no contexto pedagógico. Por outro, a necessidade de refletir e aprofundar o debate sobre o processo tradutório é fundamental para a qualificação dos trabalhos que serão oferecidos no sistema educacional e em tantos outros espaços. Neste viés, teoria (pesquisas sobre a tradução, sobre o tradutor, sobre os procedimentos adotados no processo tradutório) e prática (o fazer tradutório) se complementam a favor de grandes projetos que envolvam a tradução de língua de sinais no país.

Embora tenhamos registrado poucas pesquisas (teses e dissertações) no período de 1990 a 2010 sobre a tradução de língua de sinais, várias outras iniciativas que envolvem a tradução merecem ser destacadas, entre elas o trabalho efetuado pela Editora Arara Azul. Em 2001, esta editora foi fundada na cidade de Petrópolis, no estado do Rio de Janeiro, impulsionando grande parte dos trabalhos de tradução dos quais temos registro. Além disso, a editora fez vários projetos em parceria com órgãos governamentais e privados, a fim de publicar traduções e oportunizar o acesso a obras diretamente em língua de sinais. Com base nessas constatações é possível sinalizar que esses projetos realizados pela Editora Arara Azul são desdobramentos das pesquisas produzidas pela Dra. Clélia Regina Ramos.

Essa editora, juntamente, com outras instituições como International Business Machines – IBM, FENEIS, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro – FAPERJ, Ministério da Cultura, entre outras, promoveram e continuam produzindo grandes projetos de tradução, tais como: clássicos de literatura como as obras de Machado de Assis (*A cartomante*, *O relógio de ouro*, *A missa do galo*),

bem como publicações de pesquisas a respeito da língua de sinais. Com relação à atuação dessa editora é possível afirmar que⁴³:

A EAA – **Editora ARARA AZUL Ltda** tem, como uma de suas ações sociais previstas em médio e longo prazo, a criação de um CENTRO DE PRODUÇÃO DE MATERIAIS PARA SURDOS, sendo este constituído com autonomia física e jurídica. E, a curto prazo, esta Editora vem se dedicando a produção de materiais digitais bilíngues, em Língua Portuguesa e em Língua Brasileira de Sinais (LP/Libras). E, até a presente data, pode ser considerada com [sic] a única empresa brasileira em condições de produção contínua e em larga escala para atender a crescente procura por materiais deste tipo. Para realizar este trabalho, a EAA tem efetuado a capacitação dos profissionais envolvidos durante a execução de cada projeto.

Outra empreitada realizada no ano de 2007 pela Editora Arara Azul foi o Projeto Pitangüá em parceria com o governo federal que distribuiu gratuitamente os livros digitais de diversas disciplinas traduzidos para a Libras, como o exemplar da imagem abaixo. Na figura podem-se destacar duas informações relevantes: o autor e as observações gerais. Com relação ao autor, a Editora optou por não apontar aquele do texto em português, mas sim por nomear uma “tradução coletiva”, no sentido de todos os tradutores estarem incluídos naquela referência⁴⁴. A opção de indicar os nomes dos quatro profissionais que realizaram a tradução na capa das informações do Projeto Pitangüá não foi a escolha feita pela Editora.


Já com relação às observações gerais, é possível notar a forma como foram distribuídos tais livros digitais, bem como a instituição responsável pelo compartilhamento desses materiais. Em outras palavras, as informações contidas na capa poderiam, a princípio, constituir indícios iniciais de uma institucionalização da tradução de

⁴³ Conforme site: <http://editora-arara-azul.com.br/novoeaa/a-empresa/>.

⁴⁴ Esta discussão sobre a autoria e a coautoria por parte do tradutor de língua de sinais é problematizado por uma das dissertações que será apresentada na próxima seção.

língua de sinais assumida pela Editora Arara Azul e a Secretaria de Educação Especial⁴⁵ do Ministério de Educação.

Figura 4: informações sobre o Projeto Pitangüá



Projeto Pitangüá – Português – 1a. a 4a. Séries

Autor: Tradutores de quatro estados brasileiros.
Ano de Publicação: 2008
Preço: DISTRIBUIÇÃO GRATUITA/SEESP/MEC
Observações Gerais: O Livro Digital foi distribuído para as escolas públicas gratuitamente através da SEESP/MEC. Informações e solicitações: 0800 616161 ou através do site: www.mec.gov.br

Fonte: <http://www.editora-arara-azul.com.br/LivroDidaticoDigitalMec.php>

Do nosso ponto de vista, os caminhos de tradução percorridos pela Editora Arara Azul nos mostram dois grandes contextos que motivaram os projetos: o literário e o educacional. Com relação ao contexto literário, podemos dizer que a tradução e a literatura funcionam como sistemas de fortalecimento e enriquecimento de uma língua, conforme afirmávamos anteriormente. Em outras palavras, Delisle e Woodsworth (2003, p. 80) sugeriram ainda que:

Vale a pena examinar o processo: em primeiro lugar, a motivação das traduções, em seguida, sua percepção e teorização pelos próprios tradutores e a natureza do impacto exercido sobre a cultura recipiente. A tradução dentro de um determinado contexto, e seus momentos culminantes estão fundamentados na história.

Uma das hipóteses que explica os princípios motivadores das traduções da Editora Arara Azul no campo da literatura possivelmente está articulada com a dissertação produzida por Ramos (1995), que iniciou as primeiras investigações no país sobre a tradução da língua de sinais. Outro ponto que merece destaque foi a visibilidade, não só

⁴⁵ Devido à extinção dessa secretaria, seus programas e ações estão vinculados à SECADI (Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão). No entanto, um dos papéis da Secretaria de Educação Especial (Seesp) era desenvolver programas, projetos e ações a fim de implementar no país a Política Nacional de Educação Especial. A partir da nova política, os alunos considerados público-alvo da educação especial são aqueles com deficiência, transtornos globais de desenvolvimento e com altas habilidades/superdotação. http://portal.mec.gov.br/index.php?Itemid=355&id=288&option=com_content&view=article

acadêmica, mas também governamental que a Editora atingiu no mercado brasileiro fazendo parcerias com várias instituições nacionais e internacionais, além de constituir uma grande equipe de tradução. De forma geral, nos Estudos da Tradução no Brasil não são comuns pesquisas ou trabalhos de tradução a serviço do contexto educacional. No entanto, na língua de sinais, o contexto educacional reúne um elo de convergência entre os resultados obtidos nas pesquisas em TILS. Ou seja, tanto em contextos que envolvem interpretação quanto aqueles que envolvem a tradução no par Libras/Língua Portuguesa/Libras, os receptores podem estar no contexto escolar. É um caminho de mão dupla, na medida em que o princípio do acesso à informação das pessoas surdas pode ser facilitado por meio da tradução e da interpretação, o mesmo pode ocorrer com pessoas que desconhecem a língua de sinais. Por exemplo, as pessoas que não utilizam a língua de sinais podem acessar diversos aspectos desta língua por meio da tradução.

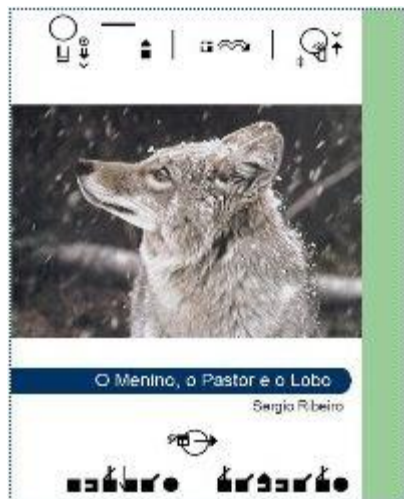
Em termos acadêmicos, a inserção da tradução de língua de sinais como parte dos Estudos da Tradução pode expandir o interesse desta área, ampliando ainda mais a diversidade de interfaces que se afiliam àquele campo. Além dos trabalhos desenvolvidos pela Editora Arara Azul, outro espaço propulsor de grandes empreitadas de tradução de língua de sinais foi a UFSC no ano de 2006 na criação do curso de Letras-Libras⁴⁶, na modalidade a distância. Um exemplo que comprova tal importância encontra-se nas pesquisas realizadas sobre tradução de língua de sinais em nosso país. Do total de quatro dissertações registradas, três delas foram produzidas na UFSC.

Outra iniciativa de projetos tradutórios que contemplaram a tradução da escrita de sinais (*Sign Writing*)⁴⁷ foi desenvolvida pelo Centro Educacional Cultura Surda, no estado de São Paulo. Esta empresa trabalha com a venda de materiais, de livros diretamente em *Sign Writing*, como o exemplo abaixo.

Figura 5: Livro *O Menino, o Pastor e o Lobo*.

⁴⁶ Maiores detalhes sobre a relevância do curso de Letras-Libras serão explicitados na seção que trata sobre as dissertações em tradução de língua de sinais.

⁴⁷ O *Sign Writing* é um dos sistemas de escritas das línguas de sinais mais difundidos no mundo. Outros sistemas foram desenvolvidos como o ELiS (Escrita das Línguas de Sinais) investigado na tese de doutoramento (2008) da prof. Dra. Mariângela Estelita, atualmente docente da Universidade Federal de Goiás.



Fonte: <http://www.culturaturda.com.br/produtos.html>

A escrita de sinais está no contexto de publicações mais recentes. A tradução por meio da escrita da língua de sinais é um novo mercado de trabalho de atuação de tradutores, bem como de pesquisas que envolvam a temática e os desafios nesse processo de tradução.

As publicações na escrita dos sinais (*Sign Writing*) têm sido uma inovação na tradição de contar e recontar histórias e, por outro lado, divulgam e imprimem materiais na Libras. No entanto, um dos problemas é a abrangência do público leitor nessa língua (Libras), já que poucos são usuários desse sistema, mesmo nas comunidades de surdos. (KARNOPP, 2008, p. 5)

Isso não significa, porém, que a tradução de língua de sinais não tenha conquistado uma amplitude e um status nunca visto antes no espaço acadêmico. Uma das publicações acadêmicas na área de tradução de língua de sinais em *Sign Writing* refere-se ao artigo “Tradução e Interpretação da Língua Brasileira de Sinais: Formação e Pesquisa”⁴⁸, da

⁴⁸ Objeto de pesquisa investigado na dissertação intitulada: Português Brasileiro e Libras: elos coesivos em textos em relação tradutória desenvolvida por Franz Kafka Porto Domingos defendida em 2013 no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução.

Dra. Marianne Rossi Stumpf e da Dra. Ronice Muller de Quadros. Todos esses projetos de tradução contribuíram significativamente para que as dissertações sobre tradução de língua de sinais se fortalecessem e se tornassem cada vez mais visíveis no meio acadêmico.

Desta forma, nesta seção apresentamos um pequeno panorama que contextualizou as ações e os projetos tradutórios em torno da língua de sinais. Na próxima seção apresentamos a contextualização das pesquisas sobre tradução de língua de sinais em nosso país, com o intuito de refletir sobre os resultados encontrados em tais investigações e como eles podem dialogar ou não com o capítulo anterior que tratava das pesquisas sobre interpretação de língua de sinais.

4.1 OS ESTUDOS DA TRADUÇÃO SOBRE LÍNGUA DE SINAIS NO BRASIL

No capítulo anterior, buscávamos dialogar sobre os assuntos, temas, tendências das teses e dissertações sobre interpretação de língua de sinais que emergiram entre os anos de 1990 e 2010. Neste capítulo, não só trataremos dos assuntos, tendências e temas que atravessam as teses e dissertações sobre tradução de língua de sinais no período de 1990 a 2010, mas também nos lançaremos a discussões e apontamentos bastante recentes para a área da língua de sinais. Conforme apresentamos na seção anterior deste capítulo, vários foram os trabalhos que contribuíram para que houvesse um movimento acadêmico em torno da pesquisa em tradução de língua de sinais, seja sobre os processos ou procedimentos ou ainda sobre a performance do tradutor nas obras investigadas.

As dissertações sobre tradução de língua de sinais apresentam como ponto central de investigação a questão do processo do ato tradutório propriamente dito, diferentemente das pesquisas sobre interpretação de língua de sinais, que não tratavam do processo com tanta intensidade, mas sim dos contextos de atuação e das problemáticas enfrentadas nesses espaços. É possível que essa diferença de tendências nas pesquisas nas duas áreas esteja associada ao modo de atuação das duas atividades, tradução e interpretação. Não temos dúvidas de que o contexto (linguístico, cultural e social) e as competências são fatores primordiais em ambas as atividades. No entanto, devemos assumir que a interação face-a-face (contexto comunitário) e o tempo (simultâneo ou consecutivo) presentes na maior parte das interpretações de língua de sinais geram objetos de pesquisa e diferentes perspectivas em função da proximidade estabelecida no contexto de atuação.

Por outro lado, levantamos a hipótese de que, nas dissertações sobre tradução de língua de sinais, justamente as características desta atividade, especialmente o tempo destinado à preparação dos materiais, possam ter criado objetos de investigação que priorizam o processo e os procedimentos como elementos importantes a serem investigados. É nesse sentido que esta seção a partir deste momento apresentará elementos que emergem das teses e dissertações sobre tradução de língua de sinais. Sobre o que essas pesquisas tratam? Por que esses temas e não outros? Que motivações e que percursos essas teses e dissertações sobre tradução de língua de sinais traçaram e que contribuem para a reflexão na área dos Estudos da Tradução?

O levantamento das teses e dissertações foi realizado no Banco de Teses e Dissertações da Capes, considerando as produções entre os anos de 1990 a 2010. Foram testadas as chaves de busca “tradutor de língua de sinais” e “tradução de língua de sinais”, sendo que não obtivemos retorno da plataforma. A opção pelo uso dessas palavras deveu-se ao fato de seguir um padrão de busca, uma vez que anteriormente o mesmo processo tinha sido aplicado para “intérprete de língua de sinais” e “intérprete de Libras” no capítulo 3. No entanto, tal dificuldade de busca⁴⁹ e os resultados oriundos dessas pesquisas foram registrados por Souza (2010).

Nesse sentido, tal como no capítulo 3, recorremos a Pereira (2010), que contemplou dados das teses e dissertações que tratam da tradução em língua de sinais. Os resultados indicam uma tese e três dissertações. Para complementar essas informações, sabendo da existência de mais uma dissertação sobre tradução de língua de sinais, foi verificado o banco de dados de teses e dissertações da PGET/UFSC. Dessa forma, os resultados finais somam quatro dissertações e uma tese sobre tradução de língua de sinais. Tais teses e dissertações foram contextualizadas no presente capítulo evidenciando as correntes teóricas abordadas, os contextos, bem como os resultados obtidos. A seguir, apresentam-se algumas considerações a partir desses trabalhos, especialmente no que tange às tendências que tais pesquisas nos apontam no contexto brasileiro.

⁴⁹ Este é um dos pontos discutidos no próximo capítulo que trata, também, do uso de descritores das teses e dissertações em TILS e as restrições enfrentadas para catalogação dessas pesquisas.

4.1.1 As teses sobre tradução de língua de sinais

As reflexões sobre a tradução de língua de sinais têm emergido nos últimos anos, especialmente após o decreto 5626/2005. Por meio dos trabalhos desenvolvidos por Ramos (1995; 2000), é possível afirmar que a subárea⁵⁰ de tradução de língua de sinais inaugurou um espaço de investigação anterior às pesquisas sobre interpretação de língua de sinais no Brasil. Do nosso ponto de vista, a Editora Arara Azul e o curso de Letras-Libras da UFSC são marcos históricos na promoção da tradução de língua de sinais, na veiculação da Libras e na divulgação de reflexões e pesquisas pertinentes ao tema.

Durante os anos de 1990 a 2010, há o registro de apenas uma tese, cujo título é “Uma leitura da tradução de *Alice no País das Maravilhas* para a Língua Brasileira de Sinais”, realizada por Ramos (2000). Novamente, a questão da recorrência sobre o que é língua de sinais vem à tona. Ou seja, refletir, investigar e problematizar os processos de tradução de língua de sinais no início dos anos 2000 é antes de tudo apresentar a Libras ao ensino superior. É, também, discorrer sobre os atributos linguísticos dessa língua, é expor as contradições e os paradoxos da educação de surdos. É ainda analisar os impactos dessa educação de surdos que são atravessados pelas decisões políticas nacionais e internacionais sobre as pessoas surdas, suas demandas sociais, linguísticas, culturais e — por que não? — tradutórias. É um elo de convergência entre as pesquisas em TILS, essa recorrência necessária sobre a educação de surdos, os aspectos linguísticos e assim por diante, pelo menos nas primeiras investigações que inauguraram estas subáreas.

Neste sentido, Ramos (2000) corroborou o pressuposto da contextualização necessária sobre a língua de sinais antes de problematizar questões sobre tradução. Esta afirmação é constatada na parte inicial da pesquisa, que apresentou um panorama sobre a Libras enquanto língua natural, o surdo como ser bicultural, o status cultural e político da língua de sinais no Brasil e no mundo, e, por fim, a situação da organização política dos surdos brasileiros. No fim dos anos noventa, início dos anos dois mil, se partirmos do pressuposto de que problematizar a tradução de língua de sinais enquanto objeto de

⁵⁰ Tratamos nesta tese tradução de língua de sinais como uma subárea dos Estudos da Tradução, ainda que ela não tenha sido registrada em nenhum dos mapeamentos indicados no capítulo 5.

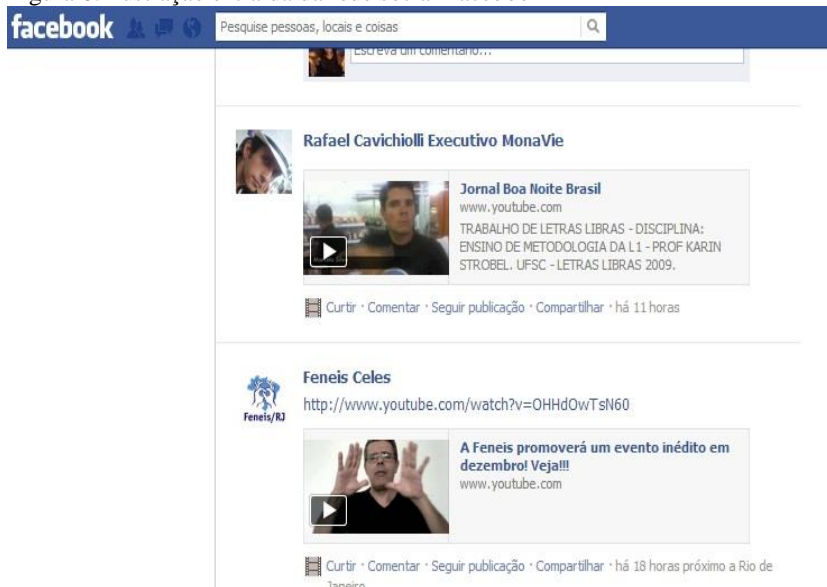
pesquisa era algo considerado um tema estrangeiro, forasteiro nos programas de pós-graduação no Brasil, mais acentuada ainda era essa situação em relação às análises destinadas à escrita da língua de sinais. É nesse sentido que a pesquisa de Ramos (2000) em um segundo momento abordou as questões relativas à escrita e aos desafios que se colocam na escrita em Libras. O texto apresentou algumas pontuações históricas sobre o *Sign Writing*, bem como as pesquisas e os desafios que se colocam nesse processo. Ramos (2000, p. 71) afirmou que:

Desde que a novidade chegou ao Brasil, em 1997, tenho visto uma rápida proliferação e divulgação de sua utilização, inclusive sob o rótulo de cultura surda. Não se trata de simplesmente negar as possibilidades que o sistema de notação proposto têm em termos arquivistas, mas, é impossível aceitar que a “escrita” em LIBRAS possa ultrapassar seu papel de notação.

Argumentos favoráveis e desfavoráveis podem ser observados em relação à recepção do *Sign Writing* tanto na área acadêmica como na sociedade em geral. Embora o reconhecimento de sua relevância para os usuários da comunidade surda sejam mencionados em pesquisas como Ramos (2000) e Karnopp (2008), esse sistema ainda gera incertezas quanto ao seu uso e preferência. As produções em vídeo de língua de sinais como forma de registro parecem ser a preferência da comunidade surda para arquivamento das informações que transitam em diferentes gêneros textuais, sejam eles literários, acadêmicos, técnicos, informativos ou outros. Um dos exemplos que corrobora essa informação refere-se ao registro em vídeo diretamente em língua de sinais relacionado ao uso das redes sociais entre a comunidade surda, conforme pode ser observado na figura abaixo⁵¹.

⁵¹ Esta imagem foi extraída em 25/11/2012 do grupo Associação da Comunidade Surda Brasileira do Facebook. Neste grupo estão cadastrados até o presente momento 5.103 membros. A comunidade participa ativamente das mobilizações nacionais em torno do interesse das pessoas surdas, especialmente a luta pela educação bilíngue.

Figura 6: ilustração extraída da rede social Facebook



Créditos da imagem: Rafael Cavichioli e Nelson Pimenta aparecem nos vídeos acima.

Em outras palavras, poderíamos ainda afirmar que a falta de mobilidade, de circulação desse sistema na sociedade em geral poderia ser um dos argumentos desfavoráveis à implementação do *Sign Writing* na vida cotidiana das pessoas surdas. Entretanto, esse sistema de notação tem sido defendido nas pesquisas, especialmente em classes de alfabetização de crianças surdas, conforme mostrou a investigação de Stumpf (2005) intitulada “Aprendizagem de Escrita da Língua de Sinais pelo sistema Sign Writing: Línguas de Sinais no papel e no computador”.

Há ainda aquelas pesquisas que tratam da estrutura linguística de produção desse sistema, como Nobre (2011), que investigou o “Processo de grafia da língua de sinais: uma análise fono-morfológica de sinais em Sign Writing”, ou ainda Wanderley (2012), que problematizou em sua pesquisa “Aspectos da leitura e escrita de sinais: estudos de caso com alunos surdos da educação básica e de universitários surdos e ouvintes”. Por fim, também na perspectiva da análise da leitura temos a pesquisa de Silva (2009) intitulada “Analisando o processo de leitura de uma possível escrita da língua brasileira de sinais: Signwriting”. A partir desses argumentos é possível inferir que há um empenho político em

desenvolver práticas que visibilizem e consolidem a escrita da língua de sinais (*Sign Writing*)⁵² dentro do sistema acadêmico por meio das pesquisas e da formação de especialistas nesta área. Na sociedade em geral, esse movimento a favor do ensino do *Sign Writing* nas escolas de surdos ou mesmo nas escolas inclusivas nos mostra uma ruptura de paradigmas no ensino de línguas, bem como na construção de um currículo que considere as identidades e a diferença surdas. Cabe ressaltar que alguns pesquisadores como Ramos (2000, p. 71) afirmam que “é impossível aceitar que a “escrita” em LIBRAS possa ultrapassar seu papel de notação”.

No Brasil, diante dos fatos expostos acima, é possível constatar que a circulação do *Sign Writing* como escrita da língua de sinais ainda enfrenta certas resistências, ratificadas por argumentos como o avanço das tecnologias, que permitiria um progresso na produção de vídeos como forma de registro, reforçando a afirmação de que não seria mais necessária a escrita da língua de sinais, ou ainda a restrição que tal escrita gera aos seus usuários, uma vez que o *Sign Writing* seria compartilhado apenas pelo grupo surdo que detém conhecimento sobre ela. Esses argumentos também são explorados por Karnopp (2008, p. 5):

A Língua de Sinais Brasileira é uma língua visual-gestual e recentemente seus usuários têm utilizado a escrita dessa língua em seu cotidiano. A escrita dos sinais (*Sign Writing*) é a forma de registro das línguas de sinais, mas raras são as obras literárias produzidas que utilizam essa escrita. Além disso, também são poucas as escolas que incluem a escrita dos sinais em seus currículos. Acreditamos, no entanto, que além das produções em vídeo (DVD), a escrita da língua de sinais (*Sign Writing*) é uma forma potencial de registro da literatura surda, pois possibilita que os textos sejam impressos e que circulem em diferentes tempos e espaços. As publicações na escrita dos sinais (*Sign Writing*) têm sido uma inovação na tradição de contar e recontar histórias e, por outro lado, divulgam e imprimem materiais na Libras.

⁵² Estamos tratando da escrita da língua de sinais focando no *Sign Writing* por ser uma das escritas de maior circulação em nosso país, tanto no ambiente acadêmico quanto na sociedade de forma geral.

No entanto, um dos problemas é a abrangência do público leitor nessa língua (Libras), já que poucos são usuários desse sistema, mesmo nas comunidades de surdos.

Por todas essas razões que apresentamos sobre a escrita da língua de sinais em articulação com as primeiras reflexões de Ramos (2000), mas também com todas as novas pesquisas desenvolvidas neste tema, é que constatamos um ramo de atuação pouco explorado na área da língua de sinais, a saber, a tradução de língua portuguesa para a escrita da língua de sinais e vice-versa. Por outro lado, o avanço tecnológico possibilitou que as formas de registro nas línguas de sinais desenvolvessem um acesso mais acelerado por meio dessas produções em vídeo. Nesse sentido, a preferência pelos registros em língua de sinais que contenham as produções visuais se tornam evidentes no referencial teórico problematizado na tese desenvolvida por Ramos (2000). O conceito de tradução cultural foi apresentado no texto explicitando as experiências vivenciadas pela comunidade surda, experiências estas atravessadas pelas produções visuais e culturais.

A pesquisa realizada por Ramos (2000) parte do pressuposto de que tudo pode ser traduzido, corroborado pelo processo de tradução textual de uma obra literária (*Alice no País das Maravilhas*) do português para a língua de sinais. A tese desenvolvida por Ramos (2000) problematizou as pretensões das práticas tradutórias que entendiam o ato de transladar apenas sob a perspectiva linguística. A autora argumentou que em toda tradução existe um movimento não só entre línguas, mas também entre culturas. Sendo assim, exemplificou os debates e desafios em torno da constituição das pessoas surdas enquanto sujeitos bilíngues e biculturais.

Nessa perspectiva de tradução cultural, como o próprio nome acentua, há um foco privilegiado nas questões culturais. Dito de outra forma, pesquisas dessa natureza concentram-se nos elementos que são emitidos pelo público-alvo a fim de fornecer pistas para a realização das traduções. No cenário dessa pesquisa há um processo de tradução que parte de uma língua escrita para uma língua de modalidade visual, no caso a língua de sinais. Pensar em elementos que pudessem visibilizar a língua de sinais, os surdos e os artefatos que constituem essa cultura é uma inversão da lógica estabelecida no mercado das traduções. Antigamente, em meados dos anos 1990, o foco das traduções privilegiava o texto-fonte, conforme foi possível constatar em Pires (1999), quando tratou do conceito de fidelidade na interpretação de

língua de sinais. Nos dias atuais, embora seja evidente a necessidade de considerar o texto-alvo, o público receptor e todos os elementos que façam o processo de tradução funcionar, nem sempre as reflexões giram em torno dessa perspectiva. Desta forma, entendemos a inversão da lógica enquanto uma ruptura das formas de representar a tradução e a língua de sinais, isto é:

a) Rompe-se com o mito⁵³ de que a língua de sinais não era língua, afinal poucas eram as pesquisas que envolviam tradução no início dos anos 2000. Outro ponto que contribuiu para esse mito é que a lei de Libras 10.436/02 ainda não tinha sido oficializada. Mesmo assim, com todos esses obstáculos, sejam eles sociais ou acadêmicos, em torno da língua de sinais, é possível observar uma emergência de pesquisas a seu respeito, por meio de processos de tradução e pesquisas como a tese de Ramos (2000).

b) Rompe-se com a ideia de que os espaços utilizados para a tradução poderiam ser ocupados apenas por tradutores ouvintes, pois em todo o processo da pesquisa de Ramos (2000) há tradutores surdos que participam ativamente das decisões. O mito de que os tradutores e intérpretes surdos não teriam condições de exercer essa profissão é abordado por Strobel (2011, p. 234), que afirma: “Até recentemente, predominava, na sociedade, a crença única de que os sujeitos surdos não poderiam interpretar porque não ouviam, ou que não sabiam falar corretamente, e por isso não seriam capazes de transitar da língua oral para a língua de sinais, e vice-versa”. O campo de atuação da TILS engloba uma série de atividades possíveis de serem realizadas: tradução escrita de língua de sinais para língua portuguesa e vice-versa, legendagem, interpretação entre duas línguas de sinais, entre outras.

Por outro lado, rompe-se com um processo de tradução calcado prioritariamente nas questões linguísticas, pois se reforça a partir da modalidade visual novas formas de “traduzir o outro”, nesse caso a história de Alice. Essas novas formas podem ser constatadas por meio

⁵³ A definição de mito, de acordo com dicionários de língua portuguesa, varia desde “tradição que, sob forma alegórica, deixa entrever um fato natural, histórico ou filosófico” até a exposição simbólica de um fato ou ainda, coisa inacreditável. De acordo com Quadros, Pizzio e Rezende (2009, p. 12): “Várias pessoas acreditam em coisas que não necessariamente sejam verdadeiras. Observamos nos discursos das pessoas que não conhecem os surdos e as línguas de sinais que há uma série de crenças que não correspondem à realidade”.

dos elementos semióticos (expressividade, corporeidade, visualidade) que se somam a elementos linguísticos e apresentam formas diferentes e desafios de fazer tradução. Há um deslocamento evidente que excede a questão textual do assunto a ser traduzido. Esse deslocamento, essa mudança de lugar dos assuntos prioritários a serem traduzidos rompem, também, com a visão de um texto “original” estático. O próprio verbo traduzir associado à questão cultural nos mostra uma ação empregada pela mudança, pelo deslocar, transladar, pela transformação de um determinado lugar para outro. Da periferia das atenções com relação à tradução, a língua de sinais passa por um processo de emergência e visibilidade com a tese de Ramos (2000).

Um desses desafios nos processos tradutórios que envolvem a língua de sinais perpassa a relação existente entre surdos e ouvintes. Tal relação, fortemente marcada por tensões, negociações e constantes deslocamentos culturais, linguísticos e subjetivos⁵⁴, exigem do tradutor um olhar acurado para as estratégias e escolhas adotadas nos processos tradutórios. A pesquisa de Ramos (2000) mostrou que há uma expectativa da “mão” do tradutor nas escolhas que este fará, e preferencialmente que este possa adequar o máximo possível o texto à língua-meta, nesse caso, língua de sinais. É o que observamos na afirmação de Ramos (2000, p. 96, grifo da autora):

O conceito de *tradução cultural* por si só rejeita o papel da origem enquanto valor, já que pressupõe uma estrada de duas mãos em fluxo constante. Assim, a possibilidade de interferência do tradutor existe e é esperada. No caso dessa tradução realizada, por exemplo, quando Alice dentro do túnel ouve os passos apressados (pisadinhas) do Coelho se aproximando, a sugestão de Marlene foi a visualização da sombra das orelhas do Coelho Branco, tremendo de nervoso. A opção de Marlene foi “ensurdecer” Alice e seus companheiros pelo texto afora.

⁵⁴ De acordo com Masutti (2007, p. 11): “O olhar surdo exige traduções culturais, que se tornam condições da relação e do encontro com o outro. A poesia do silêncio — que não é o silêncio estereotipado que se atribui à ausência de fala ou mudez, mas aquele silêncio que imprime uma potência de sentidos incomum ao olhar — requer sofisticadas e complexas traduções”.

Na pesquisa de Ramos (2000) foi possível observar as escolhas realizadas pela tradutora, que optou por colocar elementos visuais (visualização das sombras da orelha do coelho e corpo do animal tremendo de nervoso) em oposição aos elementos baseados no som (ouve passos, pisadinhas do coelho) da história de Alice no texto-fonte. Em outras palavras, afirmar que a opção foi “ensurdecer” Alice e seus companheiros é uma ruptura com as tradições linguísticas que priorizavam o som. Por outro lado, essa ruptura vai além das desconstruções linguísticas, pois ela apresenta à comunidade ouvinte novas formas visuais, novas belezas poéticas e estéticas da língua de sinais. Com relação à tradução literária, Hurtado Albir (1999, p. 167) afirma que “os textos literários se caracterizam pela sobrecarga estética. Exigem do tradutor: competência literária, originalidade e uma integração maior entre conteúdo e forma”.

No entanto, diante dos olhos ouvintes costumeiramente atentos à lógica escrita ou sonora, as escolhas visuais ou as estratégias adotadas por alguns tradutores surdos parecem não ter a mesma receptividade que as traduções que seguem uma perspectiva mais centrada no texto-fonte. É preciso escuta por todos aqueles que estão envolvidos em projetos tradutórios no sentido de atenção e hospitalidade para as diferenças culturais que são visibilizadas por meio das estratégias adotadas nas traduções. São essas traduções culturais que exigem do tradutor a sutileza e o olhar atento nas escolhas que devem ser realizadas ou ainda nas negociações necessárias a partir das armadilhas⁵⁵ que se impõem nos processos tradutórios. Ramos (2000) resgatou alguns teóricos da tradução como Rónai (1987) e os desafios para o profissional que realiza a tradução. A pesquisa ainda apontou a reflexão necessária para os exercícios tradutórios, a começar pela distinção do conceito de traduções literal x livre. Ramos (2000) mencionou ainda as produções literárias em língua de sinais realizadas por Nelson Pimenta, um importante pesquisador e tradutor no Brasil.

Por fim, na pesquisa de Ramos (2000) foi apresentado o trabalho propriamente dito de tradução contemplando aspectos como o texto que foi traduzido⁵⁶, as metodologias de trabalho, os relatos e o texto filmado

⁵⁵ Como uma das armadilhas poderíamos citar as metáforas que exigem do tradutor um repertório linguístico e cultural acentuado dos pares linguísticos em que em que elas se apresentam.

⁵⁶ De acordo com Ramos (2000, p. 105): “O texto-fonte utilizado foi a tradução realizada por mim na dissertação de mestrado a partir de uma edição fac-similar original de 1857. • Ficou

em Libras. Uma das conclusões constatadas por Ramos (2000) foi a necessidade urgente de mais pesquisas sobre a Libras, bem como a participação efetiva de surdos durante o processo de construção de um saber acadêmico. Vale ressaltar que, treze anos após a pesquisa de Ramos (2000), não só aumentaram significativamente os estudos sobre a língua de sinais, como também a presença de pesquisadores surdos produzindo conhecimento em diversas áreas do conhecimento: Educação, Linguística, Estudos da Tradução. As temáticas abordadas nas publicações mais recentes ou ainda a presença de pesquisadores surdos e ouvintes em torno da língua de sinais corrobora um dos resultados defendidos por Ramos (2000).

No entanto, a pesquisa de Ramos (2000) não considerou apenas o espaço acadêmico como único lugar para o desenvolvimento de ações a favor da língua de sinais, pois a autora também coloca em cena os trabalhos já em andamento que procuravam atender o mercado propriamente dito de tradução. De acordo com ela, um desses trabalhos já em andamento referia-se à Biblioteca de Clássicos da Literatura em Libras (em VHS) e os vários desdobramentos possíveis no intuito de que os surdos tenham acesso à língua escrita e às obras literárias de seu país. A equipe responsável pela execução desse trabalho era composta por dois surdos bilíngues, com assessoria de dois intérpretes ouvintes, sendo que a escolha dos títulos a serem traduzidos foi realizada por profissionais qualificados da área de literatura com consultoria e supervisão da equipe de tradutores.

A pesquisa de Ramos (2000) contribuiu significativamente para os estudos da tradução da língua de sinais em nosso país, especialmente naquelas investigações que focam o processo de tradução propriamente dito com foco em textos da área de Literatura. Ainda que Ramos (2000) não explicita claramente em sua linha teórica os referenciais dos Estudos da Tradução, a pesquisa desenvolvida por ela inaugura novas interfaces: a tradução das línguas de sinais como uma possibilidade de articulação com os Estudos da Tradução. Outra contribuição da pesquisa

claro entre as duas pesquisadoras que, mesmo sendo eu a representante do saber institucional, era Marlene a responsável pelas decisões finais com relação ao texto em LIBRAS. No início da pesquisa a nossa insegurança quanto ao desenvolvimento e continuidade da mesma, quanto ao nível de 'erros e acertos', prazos a cumprir, estabelecimento de confiança mútua, foi sendo aos poucos substituída por uma liberdade total para encaminhar seu trabalho individual e nosso trabalho em conjunto com tranquilidade e segurança”.

refere-se ao conceito de tradução cultural e das pessoas surdas como sujeitos bilíngues e biculturais no início dos anos 2000.

Tal forma de visualizar essa combinação perpassou toda a pesquisa, possibilitando a emergência das pessoas surdas como tradutores e inaugurando novas formas culturais e estéticas de perceber as traduções em língua de sinais. A pesquisa de Ramos (2000), embora seja a única representante das teses sobre tradução da língua de sinais da qual temos registro, contribuiu significativamente para o fortalecimento das investigações, uma vez que tomou como objeto de análise a tradução da língua de sinais. Essa tendência se confirma, também, na dissertação sobre tradução de língua de sinais do período de 1990 a 2000, uma vez que foi produzida pela mesma autora.

4.1.2 As dissertações sobre tradução de língua de sinais

Apresentar, contextualizar e problematizar as dissertações em tradução de língua de sinais compreendidas entre o período de 1990 a 2010 é falar de um processo em emergência, visto que temos o registro de apenas quatro dissertações. A seguir, com o intuito de visualizar melhor as produções realizadas em tradução de língua de sinais, propusemos a divisão de períodos, tal como realizada no capítulo 3 desta tese. Cabe ressaltar que o texto foi organizado na perspectiva de apresentar os principais pontos levantados pelas pesquisas realizadas nas dissertações, mas também as implicações que os resultados podem trazer para a formação de tradutores e da evolução desta subárea.

Nesse sentido, discutimos ao longo do texto algumas tendências preliminares que foram constatadas durante o processo de análise das dissertações. Com esse intuito, poderemos nos capítulos posteriores contextualizar alguns dos elementos com que os estudos sobre TILS podem contribuir para os Estudos da Tradução de forma geral. Dessa forma, a apresentação das dissertações sobre tradução de língua de sinais foi organizada em dois momentos, de acordo com o número de publicações existentes. O primeiro período foi composto pelas dissertações produzidas de 1990 a 2000, o que consistiu em apenas uma pesquisa, e o segundo foi organizado com as dissertações produzidas de 2001 a 2010, sendo que apenas três pesquisas foram registradas — todas no ano de 2010.

4.1.2.1 Período de 1990 a 2000

Com relação a dissertações produzidas entre os anos de 1990 e 2010, registramos apenas uma pesquisa: Ramos (1995), que tratou de uma proposta de tradução cultural, a partir da interface entre a língua de sinais e a Literatura. Essa foi uma das primeiras dissertações sobre tradução de língua de sinais da qual temos registro, inaugurando novos olhares e até mesmo dando os primeiros passos da institucionalização desta subárea no ensino superior. Ramos (1995) desenvolveu a fundamentação teórica detalhando aspectos como: história dos estudos da linguagem, a problematização dos conceitos de linguagem e língua no século XX e a justificativa da Libras como língua. Ainda que tal afirmação não esteja explícita na pesquisa da autora, foi possível observar o percurso da investigação nesta primeira parte do referencial teórico. Ou seja, pesquisar sobre a tradução cultural e os procedimentos adotados no processo tradutório que envolvia Libras é argumentar primeiramente sobre pesquisas que envolvem a história da linguagem. Em outras palavras, é explicar e fundamentar para o sistema acadêmico por que a língua de sinais é uma língua natural.

Isto não ocorreu apenas na pesquisa de Ramos (1995), pois, conforme foi mencionado no capítulo 3, esta tendência foi frequente em grande parte das teses e dissertações sobre TILS analisadas até o ano de 2010. É como se devêssemos revisitar o passado, buscar argumentos que justifiquem e autorizem a presença da língua de sinais e da educação de surdos no meio acadêmico no início da década de noventa. Visto sob outro prisma, os mesmos discursos históricos sobre a língua de sinais funcionaram como reinvenção da própria língua e da educação de surdos. Articulados aos estudos sobre a linguagem, tais referenciais ampliaram a abrangência teórica e de análise das pesquisas sobre tradução dessa época, desconstruindo tradições que insistiam em subalternizar e normalizar as pessoas surdas, assim como, sua língua. Embora não tenha sido mencionada por Ramos (1995), inferimos que uma das formas de reinventar a educação de surdos, a Libras, a tradução de língua de sinais pode ser percebida por meio da interface com o campo da Literatura. Os processos de tradução em língua de sinais por meio das traduções culturais propõem novos olhares, novas formas de perceber a língua de sinais.

As traduções culturais também podem servir como resistência de um determinado grupo no sentido de preservar marcas culturais e tradutórias importantes naquele público ou local. Nosso argumento é de que a tradução, além de ser um processo de aproximação cultural e

linguístico entre dois grupos, pode ser também um processo de “contra-resposta” cultural e linguística exercida por grupos que ora estiveram em posições de subalternidade. Costa (2007) foi uma das pesquisas que exemplificou essa perspectiva que estamos abordando, pois como o próprio título assinala (“Traduções e marcas culturais dos surdos capixabas: os discursos desconstruídos quando a resistência conta a história”), a pesquisa buscou por meio das narrativas dos participantes da investigação elencar outras formas de tradução que os surdos colocam em cena em seus cotidianos.

Essas formas de observar as traduções e as respectivas posições de poder que elas ocupam ou que ao mesmo tempo engendram determinadas concepções ou ainda os impactos que determinadas formas tradutórias causam em diversos grupos são também interesses de pesquisadores em Estudos da Tradução. Esses pesquisadores primam suas análises pelas decisões tradutórias que foram tomadas em determinados textos e as razões que possivelmente motivaram o tradutor a tais escolhas. Tais investigações se articulam aos estudos pós-colonialistas, possíveis diálogos para além da técnica e dos exercícios tradutórios. Ou seja, o papel que as traduções desempenham na formação de determinados países ou grupos e as relações de poder implicadas nesse processo podem oferecer elementos para a formação de tradutores e intérpretes, afinal é preciso refletir sobre as tensões e negociações aí envolvidas.

Essas formas de recepção das traduções variam de acordo com as diferentes filosofias que concebem a educação de surdos nos mais diversos países, pois podem visibilizar escolhas tradutórias mais próximas dos textos-fonte ou dos textos-alvo. Nesse sentido, uma das seções na pesquisa de Ramos (1995) tratou da filosofia educacional do bilinguismo para surdos⁵⁷ e contextualizou as raízes históricas das

⁵⁷Atualmente, este ainda é um tema espinhoso para o Brasil, pois o país se depara com o paradoxo em relação às políticas linguísticas em torno da língua de sinais. De um lado, vários investimentos empregados na promoção da Libras, como: oficialização da lei de Libras 10.436/02, regulamentação do decreto 5626/05, criação de cursos superiores como o Letras-Libras, implementação da disciplina de Libras nas licenciaturas do ensino superior e cursos de Fonoaudiologia, entre outras ações governamentais. Por outro lado, o ensino fundamental e médio carece de políticas linguísticas de atendimento efetivo para os surdos atendidos nesses contextos, que frequentemente se deparam com problemas de infraestrutura, como demanda de profissionais qualificados para o exercício das funções para as quais foram contratados, demanda de materiais bilíngues que possam subsidiar as práticas pedagógicas, e com tantos outros agravantes no sistema público brasileiro. Em razão desses problemas observados é que se criou a Proposta de Política Nacional de Educação Bilíngue para Surdos, resultado das

línguas de sinais e a história da datilologia. Além disso, um pequeno relato foi apresentado sobre a educação de surdos no mundo, mencionando países como Austrália, Alemanha, Holanda, França, entre vários outros tratados ao longo do trabalho. Por fim, a autora encerrou a seção tratando da realidade do Brasil com relação à educação de surdos e a questão do biculturalismo.

Nesse contexto, Ramos (1995) optou pela tradução de *Alice no País das Maravilhas*, uma tradução interlingual (de uma língua para outra língua, no caso Inglês/Português para a Libras). No entanto, o clássico também é constituído por aspectos semióticos que são tratados na pesquisa de Ramos (1995) a partir de fundamentos semiológicos, tomando como base principalmente os estudos⁵⁸ de Propp (1977) e Greimas (1975). Em um segundo momento, Ramos (1995) apresentou uma incursão profunda no objeto de sua pesquisa, a saber: a personagem Alice a partir de diferentes perspectivas e leituras realizadas, contemplando temas como: uma abordagem histórica, o conto de fadas e Alice, uma visão psicanalítica sobre essa personagem, o encontro de Alice com a filosofia.

Com a intenção de sorvermos também em nossa língua materna, o português, o vigor da narração carroliniana e além disso, como mais um subsídio para nosso trabalho futuro de tradução cultural para a LIBRAS, realizamos uma tradução pessoal. [...] optamos por fazer nossa leitura seguindo a ordenação dos capítulos para facilitar o trabalho futuro de tradução cultural e adaptação do texto,

reivindicações dos cidadãos surdos representados pela FENEIS. Conforme consta na apresentação dessa proposta, em sua página 4: “As propostas que se seguem apresentadas, além das Escolas Bilíngues, reivindicam outras propostas que precisam ser incluídas e implementadas para o sucesso da proposta global de uma Política Nacional de Educação Bilíngue para Surdos. Entre outras reivindicações, propõe-se a instituição e nomeação, pela Presidenta Dilma, de uma equipe/comissão que terá a responsabilidade de traçar essa Política Nacional de Educação Bilíngue para Surdos no país, em conjunto com os Ministérios da Educação, da Saúde, dos Direitos Humanos e do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, com representação institucional da Feneis, que é a entidade civil nacional representativa dos surdos brasileiros”. Disponível em:

<https://docs.google.com/file/d/0B8A54snAq1jAVnRnWUVXOGxBQ3M/edit>.

⁵⁸ Não é nosso objetivo descrever detalhadamente os estudos desses autores, pois tal descrição foi realizada na pesquisa de Ramos (1995). No entanto, no intuito de contextualizar o leitor, de acordo com Ramos (1995, p. 87) “Podemos dizer, a grosso modo [sic], que estes trabalhos que se realizam a partir dos pressupostos teóricos de Greimas estão na linha da semiótica, de fundamentação filosófica estruturalista [sic].”

destacando blocos de sentido que denominamos genericamente de jogos. Nossa proposta é, então, a criação de um texto poético-literário em LIBRAS. (RAMOS, 1995, p. 27)

A pesquisa de Ramos (1995) apresentou características comuns ao gênero da tradução comentada, pois foi realizado todo um projeto de tradução, sendo que Ramos (1995) faz um estudo detalhado do texto-fonte. Em seguida, as decisões tradutórias são justificadas à luz dos fundamentos semiológicos, tomando como base principalmente os estudos de Propp (1977) e Greimas (1975). O texto apresentou reflexões detalhadas do processo de tradução, mostrando exemplos sobre os resultados da tradução cultural e comentando as escolhas realizadas na pesquisa. Um exemplo disso ocorreu na passagem em que Ramos (1995) realizou algumas pontuações sobre o nível sintático e a inversão sintática de elementos de uma determinada frase encontrados no processo de tradução.

Do cats eat bats?/Gatos comem morcegos?" e "Do bats eat cats?/Morcegos comem gatos?. Infelizmente na tradução para o português é impossível manter o jogo da maneira como proposto pelo autor, mas em LIBRAS os dois sinais acontecem na face do falante e com o apoio dos dedos indicador e polegar, o que poderá restabelecer a brincadeira. (RAMOS, 1995, p. 129)

A inversão sintática realizada como estratégia de tradução para a Libras (texto-alvo) conseguiu atender a brincadeira que tinha sido estabelecida no texto-fonte. Esse é um dos motivos que, associados à descrição do projeto e dos processos de tradução, aos procedimentos adotados durante as diversas etapas, aos comentários que embasam os resultados, assinalam características importantes e mais comuns no gênero da tradução comentada. Não é possível atribuir uma metodologia fixa para a produção de uma tradução comentada, pois o tradutor trabalha com a autonomia de decisões em seu processo de tradução. Williams & Chesterman (2002, p. 7)⁵⁹ afirmam que a:

⁵⁹ Tradução de Mauri Furlan & Gustavo Althoff.

A tradução com comentário (ou tradução comentada) é uma forma de pesquisa introspectiva e retrospectiva em que o tradutor traduz um texto e, ao mesmo tempo, escreve um comentário a respeito de seu processo de tradução. Esse comentário inclui alguma discussão a respeito do encargo de tradução, uma análise de aspectos do texto-fonte e justificativas bem fundamentadas dos tipos de soluções a que se chegou para tipos específicos de problemas de tradução.

Embora Ramos (1995) não tenha mencionado que sua pesquisa foi uma tradução comentada, a pesquisa envolveu uma série de aspectos nesse sentido: as características do texto-fonte, a descrição do “passo-a-passo” organizado na tradução, as decisões (estratégias, dificuldades, comentários) do tradutor nos processos envolvendo as duas línguas, todas marcas típicas do gênero tradução comentada. Além disso, a análise desse processo tradutório possibilitou que o tradutor buscasse novas estratégias a fim de solucionar possíveis aspectos que geraram dúvidas e/ou problemas de tradução.

Por fim, os resultados constatados por Ramos (1995) demonstram a necessidade de considerar não somente os procedimentos tradutórios, mas também a relevância da atuação de tradutores surdos nos processos tradutórios. A interface da tradução cultural a partir das obras literárias contemplando a língua de sinais coloca-se como uma alternativa profícua em articulação com os Estudos da Tradução. Nestes moldes, a tradução não é só entendida pelo viés da acessibilidade de informações (obras clássicas) às pessoas surdas, mas sim da ressignificação do próprio termo “acesso à informação”. Ou seja, o processo realizado na tradução apresentado por Ramos (1995) constrói possibilidades artísticas e tradutórias que visibilizaram a Libras e celebraram diferentes olhares para a interface literatura e tradução de língua de sinais.

Os comentários e tomadas de decisão contribuem para a percepção de novos comportamentos por parte dos tradutores, pois colocam em debate soluções que foram satisfatórias ou não em um processo de tradução propriamente dita. O tipo de texto é fundamental para que ocorra uma produtividade da descrição sobre o processo tradutório, pois há diferentes perspectivas que orientam as traduções comentadas. Uma dessas perspectivas são os pressupostos do funcionalismo alemão. No entanto, Leal (2007, p. 121) afirma que:

(...) a aplicação do funcionalismo alemão à tradução literária pode ser produtiva e frutífera, malgrado sua natureza um tanto genérica — sobretudo quando se pensa especificamente na teoria do escopo e no modelo de Nord. Tal inespecificidade de fato não compromete o trabalho com a tradução literária, mas também, não oferece ferramentas suficientes para se descrever o objeto literário.

Ramos (2000) apresentou um formato de tradução comentada mais voltado aos textos literários, sendo que seu referencial teórico não tem conexão com o funcionalismo alemão. A conexão deste referencial teórico na tradução de língua de sinais encontra eco nas ações tomadas pela equipe pedagógica e professores do Curso de Bacharelado em Letras-Libras (modalidade à distância) no Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) no ano de 2012. A perspectiva de tradução comentada adotada nestes trabalhos voltou-se para textos acadêmicos na língua de sinais, não necessariamente de vertente poética. Na orientação dessas pesquisas de TCC cuja exigência foi uma tradução comentada, os alunos foram norteados pela perspectiva funcionalista alemã, considerando o Modelo de Christiane Nord⁶⁰ para guiar as etapas das traduções a serem realizadas na referida pesquisa de TCC.

Os artigos que constituíram o *corpus* de tradução disponível para os alunos de TCC referem-se ao volume Estudos Surdos (I, II, III e IV) publicados pela Editora Arara Azul, que comprovam e ratificam o vínculo e incentivo desta editora em produções acadêmicas em torno da tradução da língua de sinais. No entanto, mesmo com todas essas produções em torno da área de tradução de língua de sinais ao recorrermos especificamente às dissertações foi possível observarmos uma lacuna de quinze anos nas pesquisas que tratam da temática. Além da pesquisa de Ramos (1995), somente no ano de 2010 é que temos o registro de três dissertações sobre tradução de língua de sinais, a saber: Segala (2010), Souza (2010) e Avelar (2010).

⁶⁰ De acordo com Pfau (2010, p. 18): “ a teoria funcionalista de Nord (1991) sugere que toda e qualquer tradução antes de ser executada deva ser primeiramente tratada como um projeto a ser elaborado a partir do texto-fonte. Cada texto ou discurso pode ser traduzido por uma razão diferente. Os motivos que os levam a serem traduzidos variam, e isso se explica pela razão de que a tradução não é sempre direcionada para as mesmas pessoas, porque não é voltada para os mesmos contextos, tampouco pelos mesmos meios de comunicação”.

Um dos pontos em comum nessas pesquisas foi a investigação dos respectivos objetos concentradas todas no curso de Letras-Libras, evidenciando o contexto fértil que a equipe de tradução deixou como legado cultural, linguístico e tradutório para a área. Sobre o que dissertam essas pesquisas, quais as tendências que elas apontam e com que referenciais teóricos dialogam? Estes são alguns dos temas explorados ao longo da próxima seção.

4.1.2.2 Período de 2001 a 2010

As dissertações produzidas no ano de 2010 das quais temos registros selecionaram textos ou assuntos técnico-científico como objeto de pesquisa na tradução de língua de sinais. Inicialmente, apontamos algumas hipóteses preliminares para compreender essa predominância.

A primeira hipótese refere-se à demanda de novos vocabulários para a língua de sinais no ano de 2010, pois o enriquecimento de qualquer língua passa, também, pelo processo de tradução. Por exemplo, recursos como glossários, dicionários, diários de tradução foram usados com muita frequência pelos tradutores em geral como forma de ampliar a língua ou mesmo como estratégia de tornar a tradução acessível aos diversos grupos. Nesse caso, os objetos de pesquisa das dissertações sobre tradução de língua de sinais tratam justamente dos procedimentos, das estratégias e dos materiais que constituíram os processos de tradução empregados no curso de Letras-Libras (modalidade a distância) da UFSC.

A segunda hipótese refere-se às várias ações em torno da tradução de língua de sinais promovidas no ensino superior. A UFSC tem realizado traduções de provas da língua portuguesa para a Libras, provas do vestibular e dos processos de seleção do mestrado e doutorado. Todos esses contextos exigiram que equipes de tradução buscassem estratégias que suprissem as demandas colocadas pela falta de léxicos e pelas necessidades de negociação das diferenças culturais e linguísticas que permeavam todo o processo de tradução.

Diante desse panorama em que a tradução de língua de sinais se instaura, a frequência de dissertações produzidas no contexto do curso de Letras-Libras tornou-se um fato. Teorizar, refletir sobre as decisões tomadas nos processos tradutórios ou ainda sobre os componentes necessários para a produção de uma tradução de língua de sinais foram exemplos de objetivos das investigações realizadas ao longo de 2010. A dissertação de Segala (2010), por exemplo, refletiu sobre o processo de

tradução empregado no caso de línguas com modalidades distintas como língua de sinais e português.

Na subárea de TILS raras eram as pesquisas que tratavam das implicações da diferença entre modalidades, a saber, oral-auditiva e visual-espacial. Quadros (2004) foi uma das pesquisas que se aproximou das discussões sobre contraste das duas modalidades envolvidas em situações tradutórias entre a Libras e o Português. Quadros (2004) aponta os contrastes entre essas duas línguas focando em aspectos que devem ser considerados pelos ILS, mas não salienta questões direcionadas aos tradutores de língua de sinais naquela pesquisa. Segala (2010) tomou como base o efeito da modalidade e questionou a complexidade existente na tradução da língua portuguesa escrita para a Libras:

Um dos efeitos de modalidade mais marcantes é o fato do tradutor ser o ator e mostrar o corpo no ato da tradução. A co-autoria do tradutor, nesse caso, fica literalmente estampada diante dos olhos do leitor, pois, o texto está sendo visto na Língua Brasileira de Sinais no corpo do tradutor/ator. (QUADROS e SOUZA, 2008, p. 173)

Essa presença do corpo como parte da língua, um corpo que é constituído pelas expressões faciais e corporais, pelo olhar, pelo movimento, pode explicar a argumentação de Segala (2010) ao afirmar que, além da tradução interlinguística (de uma língua para outra língua), está implicada no processo também a tradução intersemiótica⁶¹. Esta afirmação de Segala (2010) foi uma das rupturas nas dissertações sobre tradução de língua de sinais no Brasil. O mito de que a Libras deveria assumir apenas o enquadramento de tradução interlinguística, uma vez que a tradução ocorria entre duas línguas diferentes entra em colapso. Alguns pesquisadores insistem em afirmar que a língua de sinais deva ser definida apenas como tradução intersemiótica. Tal concepção

⁶¹ De acordo com a definição clássica de Roman Jakobson há três tipos de tradução. Esses tipos foram abordados no texto-base de Introdução aos Estudos da Tradução por Guerini e Costa (2008, p. 09): A tradução intralingual, ou *reformulação*, consiste na interpretação dos signos verbais por meio de outros signos da mesma língua. A tradução interlingual, ou *tradução propriamente dita*, consiste na interpretação dos signos verbais por meio de alguma outra língua. A tradução intersemiótica, ou *transmutação*, consiste na interpretação dos signos verbais por meio de sistemas de signos não-verbais.

incomoda alguns usuários na medida em que seria atribuído um estatuto de linguagem e não de língua propriamente dita à Libras.

Por outro lado, pesquisadores com investigações voltadas para o estudo da gramática situada em contextos interacionais, com ênfase na análise da conversa, na linguística cognitiva e nos estudos de gestualidade têm outras concepções. Tomando a Libras como ponto de entrada, pesquisadores como Dr. Tarcísio de Arantes Leite⁶² argumentam que o caráter tradicional da língua com base no fonocentrismo exclui as contribuições advindas da gestualidade, da visualidade e da corporalidade como constitutivos de qualquer língua, seja ela oral ou de sinais.

Neste sentido, o fato de Segala (2010) argumentar que a tradução para Libras também é uma tradução intersemiótica oferece aos demais pesquisadores um olhar sensível em visualizar meios semióticos em correlação com as traduções interlinguísticas. Inicialmente, o texto de Segala (2010) descreveu os elementos da cultura surda, a história da surdez, os artefatos culturais focalizando na experiência visual e na Literatura Surda. As marcas textuais e culturais presentes no par Libras/português desafiam o tradutor como qualquer outra língua. Esses processos tradutórios serão mais ou menos satisfatórios dependendo dos feedbacks elaborados nos contextos de recepção de uma determinada comunidade.

Entre estes dois públicos, de recepção e de produção dos textos, encontram-se tradutores compelidos a escolher as melhores estratégias para transladar esses textos. Tais estratégias, sejam elas de omissão, explicitação, tradução literal ou outras, se recorremos ao aporte teórico de Aubert (1998), podem aproximar ou distanciar determinados grupos linguísticos. Na sua grande maioria, as negociações são oriundas de tensões linguísticas, culturais, étnicas ou até mesmo religiosas. É justamente nesse viés sobre as negociações e as tensões que Segala (2010) apontou algumas reivindicações referentes às traduções da língua portuguesa para a língua de sinais e as implicações decorrentes deste processo.

Nas traduções, é como se a cultura ouvinte dominasse a Língua de Sinais e prevalecesse sobre a cultura surda, que fica em segundo plano, quase apagada. As traduções — tanto as em vídeo

⁶² Relato informal concedido a Silvana Aguiar dos Santos em 12/12/2012.

quanto nas que utilizam SignWriting — não trazem as sutilezas da cultura surda; é como se fossem feitas por estrangeiros. Muitos surdos gostariam que esse problema fosse equacionado, outros até aceitam, porque entendem que não há solução possível para essa questão, mas as reclamações são muito intensas. (SEGALA, 2010, p. 45)

As temáticas que apresentam ou discutem os “ajustamentos” de negociações linguísticas e culturais entre surdos e ouvintes continuam pouco exploradas no espaço acadêmico. É comum nas pesquisas como Segala (2010) e Avelar (2010) a descrição das negociações necessárias entre aqueles grupos, mas tais investigações não necessariamente problematizam os ajustamentos⁶³ já criados como formas de sobrevivência entre essas comunidades.

Na tradução de língua de sinais é recente a reflexão sobre as negociações culturais e linguísticas tomando elementos tradutórios como respaldo teórico. As estratégias adotadas pelo tradutor no traslado de um texto podem minimizar ou aumentar a distância cultural e linguística entre as comunidades, pois o exercício do poder é constante frente às escolhas realizadas nos processos tradutórios. É importante que o tradutor tenha ciência dos riscos que assume nos processos de tradução, principalmente nas línguas com contato tenso cultural e linguisticamente. Nesses casos, a necessidade de estratégias coerentes com os projetos de tradução previamente estabelecidos é fundamental para resultados satisfatórios. Segala (2010) ancorou-se nos conceitos de “domesticação⁶⁴ e estrangeirização” de Venuti (2002), articulando-os com as análises realizadas no *corpus* da pesquisa a fim de explicitar

⁶³ Uma das dissertações que dialogou sobre o tema foi: CAMPOS, Mariana de Lima Isaac Leandro. **Cultura surda: possível sobrevivência no campo da inclusão na escola regular?**. Florianópolis, SC, 2008. 222 f. Dissertação (Mestrado) – UFSC.

⁶⁴ De acordo com Venuti (2002, p. 148) “a tradução forma sujeitos domésticos por possibilitar um processo de espelhamento ou autorreconhecimento: o texto estrangeiro torna-se inteligível quando o leitor ou a leitora se reconhece na tradução, identificando os valores domésticos que motivaram a seleção daquele texto estrangeiro em particular, e que nele estão inscritos por meio de uma estratégia discursiva específica”. Diferentemente da estratégia de domesticação, a estrangeirização utiliza recursos que privilegiam o texto-fonte, isto é, são mantidos no texto traduzido elementos linguísticos e culturais que permitem ao leitor identificar certa “estranheza” naquele texto traduzido. É possível afirmar, de acordo com Venuti (1995) que a estrangeirização contribui com os processos de resistência em relação ao etnocentrismo, bem como, como a promoção da diferença dos textos fontes.

quais formas de negociações e tensões são frequentes nos atos tradutórios. A descrição dos recursos e procedimentos de tradução utilizados do português brasileiro escrito para a Libras no contexto do curso de graduação em Letras-Libras foram apresentados na dissertação de Segala (2010).

Com relação à estrutura física do espaço foram apresentadas na pesquisa as características dos locais de realização das traduções: sala de gravação, parede de fundo azul, refletores de luz, filmadora de fundo fixo e automático, televisor de 29 polegadas, microcomputador. No que tange aos procedimentos de tradução, Segala (2010) analisou trechos das traduções em língua de sinais disponíveis no Ambiente Virtual de Ensino e Aprendizagem (AVEA). Os resultados constatados na pesquisa evidenciam certo estranhamento por parte dos alunos do curso de Letras-Libras com relação aos procedimentos de tradução (empréstimo linguístico, neologismo, português sinalizado e linguagem de ouvintes). Os conceitos de estrangeirização e domesticação de Venuti (1995, 2002) respaldam as problematizações apresentadas Segala (2010).

A pesquisa traz à tona questões voltadas à supremacia da língua portuguesa em detrimento da língua de sinais, por desconsiderar aspectos culturais desta língua de modalidade visual nos processos tradutórios. Segundo Segala (2010) foram naqueles procedimentos tradutórios (empréstimo linguístico, neologismo, português sinalizado e linguagem de ouvintes) que emergiram estranhamentos observados como uma imposição da língua portuguesa sobre a língua de sinais. Ao final são apresentadas sugestões de como realizar uma tradução satisfatória ao público-alvo do curso de Letras-Libras.

Concluindo, para traduzir os textos como língua-fonte, Português brasileiro, para a Língua Brasileira de Sinais – Libras, o tradutor deve ter domínio em Língua Portuguesa e Libras; suas variações linguísticas, sociais e culturais (bilíngues-biculturais), e também ter conhecimento do tema, ou seja, da área e suas normas linguístico-culturais. A língua de chegada (Libras) deve ser clara e moderna, e utilizar os sinais mais comuns aos surdos, os usuários de Libras, não seguindo a estrutura da Língua Portuguesa, nunca traduzindo literalmente palavras por sinais, obedecendo a ordem dos parágrafos sem a necessidade de se preocupar com virgulação, e sendo fiel ao sentido dos textos

para Libras, principalmente para que os usuários de Libras entendam e possam interpretar os textos em Libras. (SEGALA, 201, p. 57).

A pergunta que emergiu dessas reflexões de Segala (2010) foi: como os próprios tradutores de língua de sinais que constituíam a equipe de tradução do curso de Letras-Libras, sendo todos surdos, manifestavam em suas traduções procedimentos que causavam estranhamento ao público, sendo a maioria deles alunos surdos do curso de Letras-Libras? Este paradoxo ratificava a necessidade de investigar de forma mais profunda a própria equipe de tradução naquela época (2006 a 2010) no curso de Letras-Libras, observando as identidades e experiências que constituíam a equipe e a forma de tratar as línguas envolvidas no processo tradutório.

Com relação à língua de sinais, buscava-se um reconhecimento não somente político, mas também tradutório, no sentido de mostrar a potencialidade e riqueza que esta língua tinha para driblar as dificuldades que ora se colocavam nos textos a serem traduzidos. Com relação à língua portuguesa, instauravam-se, por exemplo, as medidas que deveriam ser tomadas pelos tradutores sobre termos técnicos e demais procedimentos que priorizariam ou não o texto-fonte. Dessa forma, o número de tradutores oriundos de diversos estados do Brasil agrupando-se todos na equipe de tradução da UFSC gerou algumas negociações.

Tais negociações não focalizavam somente as variantes da língua de sinais a serem utilizadas nas traduções, mas também uma estruturação que sistematizasse estratégias, bem como a construção de uma Norma Surda⁶⁵ que gerasse bons resultados de recepção dessas traduções pelo público-alvo. Essa direção da emergência de uma Norma Surda nos contextos brasileiros de tradução da língua portuguesa para a língua de sinais deve-se, em parte, às pesquisas desenvolvidas por Souza (2010). A pesquisa intitulada “Performances de tradução para a Língua Brasileira de Sinais observadas no curso de Letras-Libras” apresentou

⁶⁵ Stone (2009) apresentou o termo Norma Surda de tradução com base nos Estudos Surdos e também nos Estudos Culturais, de modo que, para ele, os tradutores para língua de sinais investigados durante sua pesquisa possuem uma identidade surda firmemente constituída e por isso trazem consigo uma normatividade Surda com “s” maiúsculo, isto é, uma prática normativa de trabalho influenciada por fortes marcações culturais da cultura Surda. (SOUZA, 2010, p. 114).

uma série de questões a serem consideradas em relação à tradução da língua de sinais.

Primeiramente, Souza (2010) apresentou os lugares de partida e a localização teórica da investigação explicitando a presença da língua de sinais nos mapeamentos⁶⁶ dos Estudos da Tradução, a saber: os mapeamentos de Holmes (1988), Williams e Chesterman (2002), St. Jerome (2007) e Pagano e Vasconcellos (2003). A pesquisa de Souza (2010) trouxe ainda as contribuições do mapeamento de Grbic (2007), que tratou das investigações voltadas à língua de sinais no contexto internacional. Considerando, também, os resultados encontrados no Banco de teses e dissertações da Capes, Souza (2010) propôs um esboço de mapa dos Estudos da Tradução e Interpretação da Libras em nosso país. Nesse sentido, destacamos a pesquisa de Souza (2010) como contribuindo diretamente em duas vertentes para os estudos voltados à tradução de língua de sinais: a dimensão ética e a dimensão política.

Não estamos compartilhando da dimensão ética somente naquela concepção atrelada ao cumprimento das leis, normas, hábitos e costumes, mas também naquela posição que corrobora a ética enquanto prática de acolhimento, de hospitalidade para com outros sujeitos, outros temas, outras formas de ver, nesse caso, a tradução. Em geral, estamos permeados por línguas orais que determinam quais procedimentos devem ou não ser abordados em certos tipos de textos, como devem ser realizadas tais traduções, que decisões devem ser tomadas diante dos processos tradutórios e tantas outras normas.

Na perspectiva da hospitalidade, Souza (2010) mostra que há outras formas de ver as traduções, metodologias e técnicas tradutórias. Essas outras formas não passam pelas tradições apenas das línguas orais, mas também das línguas visuais que cooperam com a tradução para a língua de sinais. Como exemplo, evoca-se o conceito de Norma Surda, desconstruindo a lógica dos procedimentos tradutórios pautados exclusivamente nas línguas orais. O referencial teórico sobre Norma Surda é recuperado por Souza (2010) a partir das reflexões realizadas por Stone (2009) no contexto da Inglaterra.

Ainda que de forma tímida no Brasil, o conceito de Norma Surda tem circulado nos espaços acadêmicos que discutem as traduções em língua de sinais. Um exemplo disso foi o III Congresso Nacional de Pesquisas em Tradução e Interpretação de Libras e Língua Portuguesa,

⁶⁶ Sobre a presença da língua de sinais e as implicações destes mapeamentos trataremos de forma explícita no capítulo 5 desta tese.

cuja descrição no site do evento mencionava que as Normas Surdas refletem aspectos éticos relacionados aos sujeitos envolvidos nos processos tradutórios. Além disso, um dos eixos temáticos desse evento, ocorrido de 15 a 17 de agosto de 2012 na cidade de Florianópolis, era intitulado “Tradução/interpretação de língua de sinais: norma Surda”.

Por outro lado, com relação à dimensão política, Souza (2010) utilizou como fonte documental o Banco de Teses e Dissertações da Capes, testando sete descritores para o campo “assunto”, a fim de realizar um levantamento das teses e dissertações produzidas na área da língua de sinais. A partir dos resultados encontrados, Souza (2010) realizou uma conexão dos objetos de pesquisa com o mapeamento internacional já mencionado anteriormente. As implicações políticas de pesquisas como essas se sobressaem por dois motivos em especial: (i) contribuem para o empoderamento das pesquisas sobre TILS em nosso país e (ii) colaboram para a emergência de pesquisas sobre o estado da arte, evidenciando temas investigados em determinada época.

Esses pontos levantados cooperam para a maturação das dissertações sobre tradução de língua de sinais, bem como para os Estudos da Tradução, que ampliam as articulações interdisciplinares. Essa característica interdisciplinar é uma marca dos Estudos da Tradução, afinal esse campo tem inúmeras interfaces: com a linguística, a antropologia, a sociologia, a tecnologia e muitas outras.

O texto apresentou uma distinção entre os conceitos de tradução e interpretação. Com base na linguística sistêmico-funcional de Halliday, Souza (2010) apresentou o conceito de tradução compreendendo-o enquanto retextualização. Já o conceito de interpretação, Souza (2010) explicita-o a partir de um paradigma da instantaneidade, com base em autores como Shuttleworth e Cowie (1997). Estes últimos autores apresentam uma série de tipos de interpretação, entre elas a interpretação de língua de sinais, que envolvem modalidades tanto orais quanto visual-gestuais.

Em certa medida, a pesquisa de Souza (2010) dialogou com Segala (2010). Ambas as dissertações têm em comum o contexto de pesquisa do curso de graduação em Letras-Libras na modalidade a distância da UFSC. Outra aproximação dessas pesquisas refere-se aos procedimentos tradutórios adotados pela equipe do curso, pois Souza (2010) declarou que o objetivo principal foi descrever os procedimentos tradutórios e as performances adotadas pelos tradutores do curso de Letras-Libras a distância.

As demandas de tradução do curso de Letras-Libras possibilitaram que detalhes minuciosos fossem constatados por Souza

(2010). Por exemplo, o percurso das traduções envolvia: as traduções ocorridas na equipe pedagógica, os percursos tradutórios presentes na equipe de vídeo, as demandas de tradução na equipe hipermídia, a montagem do cenário, os métodos e procedimentos de trabalho que constituíam cada uma dessas etapas. Esse aparato todo que constitui os processos de tradução de língua de sinais, a combinação do aspecto visual (imagem, tradutor/a) + o aspecto tecnológico (filmagem, hipermídias, edição de vídeos) desmorona as vertentes das traduções em geral que defendem veementemente a noção de invisibilidade do tradutor nos textos traduzidos.

A filmagem, a exposição facial do tradutor de língua de sinais nas telas em situações de tradução rompe visivelmente com a noção de invisibilidade. Esse tema já foi alvo de pesquisas, trazidas especialmente por Quadros e Souza (2008) quando trataram das especificidades das línguas envolvidas no processo de tradução do curso de Letras-Libras.

Os problemas enfrentados pelos tradutores de línguas escritas quanto à sua “impressão digital” no texto traduzido, não é uma questão tão problemática na tradução de textos para as Línguas de Sinais no sentido levantado por eles. O tradutor é realmente visível, pois, o texto é traduzido por meio de uma língua corporal (visual-espacial). As Línguas de Sinais são línguas produzidas com as mãos, a face e o corpo. Portanto, é uma língua que se constitui por uma gramática que se utiliza dos canais articulatório-perceptuais, visuais e espaciais (olhos e corpo). (QUADROS e SOUZA, 2008, p. 173)

Os efeitos de modalidade perpassam todo o processo de tradução, pois de acordo com Souza (2010, p. 67) “se procuram detalhes que ressaltam a singularidade dos procedimentos tradutórios envolvendo línguas de modalidades diferentes”. Desta forma, os resultados foram subdivididos em tópicos, a partir dos diferentes tipos de performances encontradas durante a pré-tradução e durante a tradução propriamente dita. Por exemplo, os resultados constatam que na pré-tradução há presença de glosas. Souza (2010, p. 129) afirmou: “Observa-se a necessidade de uma glosa em português do texto na língua de sinais para dar suporte ao procedimento de tradução”. As etapas que compõem esse procedimento tradutório (glosas) mencionado por Souza (2010, p. 129) são as seguintes: “1) Leitura (ou estudo) do texto em Português. 2) Uso

da interlíngua escrita com base no resultado da leitura prévia do conteúdo, já pensando na estrutura do texto a ser traduzido na Libras. 3) Embasamento nas glosas da retextualização em Libras.”

Esses resultados podem contribuir significativamente na formação de tradutores de língua de sinais-português. A experiência empírica-experimental (tomando decisões sobre estratégias e procedimentos a serem utilizados nos processos tradutórios) vivenciada na prática dos tradutores que realizam tais tarefas de tradução colabora para que se estabeleça uma formação baseada na noção de “objetivos e competências”⁶⁷. Ao mesmo tempo em que os resultados da pesquisa de Souza (2010) identificaram os procedimentos tradutórios adotados naquele contexto do curso de Letras-Libras, tais conclusões acenaram para as etapas que compõem esses procedimentos tradutórios. As contribuições dessa investigação se estendem além desse cenário do processo de tradução em si, uma vez que podem cooperar em aspectos mais amplos: (i) a partir dos procedimentos observados nas etapas de tradução da língua portuguesa para a língua de sinais, poder investir em metodologias de formação para tradutores embasadas na noção de competência tradutória; (ii) identificar problemas que ocorram em determinadas escolhas nos processos de tradução e apontar formas de resolver tais obstáculos a partir de conhecimentos específicos da área de tradução; (iii) oferecer subsídios teóricos que expliquem “o porquê” das ocorrências daqueles procedimentos tradutórios em determinados gêneros textuais e não em outros.

Por fim, com base nos resultados encontrados por Souza (2010), estamos propondo que se desenvolva uma Didática de Tradução na formação de tradutores de língua de sinais, sugerindo o viés adotado pelo Grupo de Pesquisa PACTE (Processo de Aquisição da Competência Tradutória e de Avaliação), liderado pela Profa. Dra. Amparo Hurtado Albir e localizado na Universidade Autônoma de Barcelona, na Espanha. No Brasil, cabe ressaltar que alguns diálogos teóricos e práticos com a formação de tradutores de maneira geral a partir de um viés pautado na noção de competência tradutória e sua

⁶⁷ A Dra. Maria Lucia Vasconcellos, professora associada da UFSC, com atuação nos programas de Pós-Graduação em Estudos da Tradução (PGET) e de Pós-Graduação em Inglês (PGI) concluiu recentemente (2012) seu pós-doutorado na Universitat Autònoma de Barcelona – UAB, na Espanha. Em 2013/1, uma disciplina intitulada “Didática de Tradução” foi ofertada no currículo da PGET, baseada na “noção de objetivos e competências”, tomada como marco metodológico na formação de tradutores na subárea Didática de Tradução.

respectiva aquisição já se iniciariam entre alguns pesquisadores. Destacam-se alguns estudiosos dos Estudos da Tradução como a Profa. Dra. Maria Lucia Vasconcellos na (UFSC), Dr. Jose Luiz Vila Real Gonçalves na Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), Profa. Dra. Adriana Pagano, Profa. Dra. Célia Magalhães e Dr. Fábio Alves na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)⁶⁸.

O resultado das pesquisas acima mencionadas baseadas na competência tradutória vale também para a performance de transliteração⁶⁹, outro procedimento, além das glosas, encontrado na pesquisa de Souza (2010). Algumas informações importantes sobre a transliteração são apresentadas por esse autor: “1) O uso da transliteração revela a apreensão pessoal da tradutora-atriz das estruturas textuais de partida e de chegada e a aplicação dos objetivos do curso e dos procedimentos de tradução. 2) O emprego da transliteração ratifica a autoria e a visibilidade da surda tradutora-atriz” (p. 160).

Por fim, Souza (2010) analisou os dados obtidos à luz da equação⁷⁰ de Gile (1995, 2009), pontuando cada um dos elementos que compõem essa fórmula. O autor afirma que os resultados encontrados em sua pesquisa estão de acordo com a equação de Gile e contribuem com a fórmula, pois versam sobre uma língua de modalidade diferente daquela pensada inicialmente por Gile (1995). Além disso, Souza (2010) ainda discorre sobre as perdas e ganhos presentes nas performances da tradutora-surda-atriz de acordo com o embasamento de Gile, dando exemplos concretos a respeito dos resultados que a pesquisa apontou. Souza (2010) sugere que este modelo de texto-alvo de Gile seja considerado para reflexão, pois é bastante pertinente e eficaz para as práticas tradutórias da equipe de tradutores de língua de sinais do curso de Letras-Libras.

⁶⁸ Outra iniciativa que merece destaque são as publicações e demais projetos desenvolvidos pelo corpo docente da Universidade Federal de Minas Gerais mencionados anteriormente, que em parceria com outros pesquisadores têm contribuído de forma relevante em temas relacionados à competência em tradução. Um exemplo disso é a seguinte publicação: ALVES, F.; MAGALHÃES, C.; PAGANO, A. (org.). *Competência em tradução: cognição e discurso*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2005.

⁶⁹ Segundo Quadros e Souza (2008), essa performance é definida por Isham (1998: 231-235 in: Baker e Malmkjaer, 1998), como sendo a transposição de uma palavra, letra a letra, de uma língua oral para uma língua de sinais. Em seu texto, Isham se refere à transposição do inglês para a língua de sinais norte-americana (ASL), mas essa relação também pode ser aplicada da mesma forma na interface entre o português e a Libras.

⁷⁰ A equação mencionada no texto consiste na seguinte fórmula: Texto-alvo = M + FI + LII + PI. Para maiores informações consultar Vasconcellos e Bartholamei (2008).

Ainda no contexto dos processos tradutórios, Avelar (2010), por sua vez, investigou a padronização linguística de sinais nos atores-tradutores surdos do curso de Letras-Libras da UFSC. A marcação “atores-tradutores-surdos” presente no título da dissertação de Avelar (2010) alerta para a necessidade de uma suposta ratificação discursiva de que surdos podem ser tradutores. Será que em algum momento poderíamos pensar que estes não poderiam exercer a tradução? Que elementos e caminhos teóricos buscaríamos para justificar tal posição, o viés patológico? Essa necessidade de marcar a identidade surda ou não surda como condição imóvel, estática de exercício em determinadas atividades específicas, como a tradução dever ser exercida prioritariamente pelas pessoas surdas ao passo que interpretação de língua de sinais deve ser exercida pelas pessoas ouvintes, coloca o Brasil distante das discussões teóricas e atuações práticas se comparado com os contextos internacionais, em que surdos e ouvintes operam profissionalmente desde que qualificados para tal atividade.

Talvez a marcação no título seja uma resposta à resistência que a área de TILS tem em lidar com temáticas como essa, no caso, as oposições binárias. Há necessidade, tanto dos pesquisadores quanto dos profissionais tradutores e intérpretes em TILS, de refletir sobre o tema. Seria um retrocesso⁷¹ acadêmico, linguístico e cultural nos pautarmos em oposições binárias que determinariam se determinados sujeitos podem ou não atuar profissionalmente em áreas específicas. **As discussões precisam pautar-se na qualificação profissional desses sujeitos e nos serviços por eles oferecidos.** (Grifo meu).

Outras iniciativas não compartilham do mito mencionado acima, entre elas as edições do I, II e III Congresso Nacional de Pesquisas em Tradução e Interpretação de Libras e Língua Portuguesa, que contaram com a presença de pesquisadores, tradutores e intérpretes ouvintes e surdos discutindo temas que interessam à profissionalização e ao desenvolvimento acadêmico da área. Outro exemplo refere-se às pesquisas desenvolvidas tanto por surdos como ouvintes em torno da

⁷¹ Em nosso país, algumas pesquisas em torno das identidades, das alteridades, dos Estudos Surdos, dos currículos e de tantos outros temas marcaram as produções desenvolvidas pelo Núcleo de Pesquisas em Políticas Educacionais para Surdos (NUPPES) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul na década de noventa e início dos anos dois mil. Skliar (2000, p. 11) descreve: “Os Estudos Surdos em Educação podem ser definidos como um território de investigação educativa e de proposições políticas que, por meio de um conjunto de concepções linguísticas, culturais, comunitárias e de identidades, definem uma particular aproximação ao conhecimento e aos discursos sobre a surdez e os surdos.”

subárea TILS, especialmente na PGET/UFSC, que contam com uma série de resultados que ampliam os horizontes dessa área em consolidação. Há também os diálogos teóricos entre as próprias pesquisas desenvolvidas na PGET/UFSC, aquelas de Segala (2010) e Avelar (2010), que discutem as negociações necessárias entre a equipe de tradutores do curso de Letras-Libras em relação à diversidade dialetal encontrada nas traduções do curso. Nesse sentido, Avelar (2010) ampliou as discussões e deteve-se no estudo descritivo e lexicográfico do sinal “cultura”.

Avelar (2010) apresentou a trajetória pessoal e profissional da autora seguida da contextualização da pesquisa. Em seguida expôs os caminhos metodológicos adotados para a pesquisa, descrevendo passo a passo o contexto investigado, o curso de Letras-Libras. O objetivo principal de Avelar (2010) foi:

Avaliar a ocorrência de sinais novos que exprimem conceitos idênticos, padronizados ou escolhidos dentro do consenso de usuários, que são específicos das disciplinas do curso de Letras-LIBRAS, mediante um estudo descritivo da tradução de um desses casos — o sinal “cultura” — considerando dois léxicos de Língua Brasileira de Sinais. (p. 16)

O prisma que a pesquisa apresentou no referencial teórico parte diretamente para a realidade da Libras focando na diversidade dialetal. Avelar (2010) afirmou que tal diversidade é oriunda da falta de padronização e do fato de os atores-tradutores surdos serem provenientes de diversos estados brasileiros. Nesse sentido, a autora problematizou a formação das identidades culturais da comunidade surda e das contribuições da tradução cultural como parte fundamental na construção dessas identidades. Nas pesquisas localizadas no período compreendido entre 2001 e 2010 nos estudos da tradução de língua de sinais, Avelar (2010) foi uma das primeiras a tratar no referencial teórico do papel da tradução no desenvolvimento da Libras. No texto foi apresentado um breve histórico argumentando uma série de acontecimentos, entre eles a fundação da FENEIS e sua contribuição para a emergência de tradutores e intérpretes, como marco importante na tradução de língua de sinais.

É fato que a preocupação da FENEIS com as questões voltadas para a tradução e interpretação tenha ocupado parte de suas ações em

prol do desenvolvimento e atuação de tradutores e intérpretes de língua de sinais e também para as pesquisas em torno dessa temática. São exemplos dessa institucionalização da subárea TILS na FENEIS: o Departamento Nacional de Intérpretes (DNIF), os vários eventos nacionais e regionais de encontros de tradutores e intérpretes, a formação desses profissionais distribuída em vários cursos de capacitação ao longo dos anos, as bancas de avaliação e certificação para tradutores e intérpretes organizadas pela FENEIS e, por fim, as seções na Revista da FENEIS destinadas a artigos, relatos de experiências e informes que tratam da tradução e interpretação. Outro ponto fundamental que contribuiu para o desenvolvimento da tradução em língua de sinais, segundo Avelar (2010, p. 54), foi a atuação da Editora Arara Azul:

As atividades da Editora Arara Azul, com a publicação de suas traduções em CD-ROM espalhadas pelo Brasil afora, contribui, a nosso ver, para o início da padronização da LIBRAS, que, como toda língua natural, apresenta diversas variedades oriundas das diferentes regiões do Brasil.

Ainda que Avelar (2010) tenha usado como ponto de partida o texto “Os tradutores e o desenvolvimento das línguas nacionais” (DELISLE e WOODSWORTH, 1995) para tratar do papel das instituições no desenvolvimento da língua de sinais em nosso país, estendemos aqui a contribuição dessa pesquisa, também, para a vertente da história das dissertações sobre tradução de língua de sinais. Todos esses apontamentos a respeito do papel dessa instituição, dos tradutores ao longo dos tempos, fornecem elementos primários para entender a relevância dos contextos históricos nos quais os processos de tradução estavam envolvidos na área da língua de sinais em nosso país.

A área de história das pesquisas sobre tradução é bastante elementar tanto nos estudos voltados à tradução de língua de sinais, quanto nos Estudos da Tradução de forma geral. Há uma série de argumentações que corroboram esta assertiva: Pagano (2001, p. 117), por exemplo, afirma que “o campo da historiografia da tradução constitui uma área incipiente e pouco explorada dentro de uma disciplina igualmente incipiente e em vias de consolidação como é os Estudos da Tradução”. Por outro lado, Milton e Martins (2010, p. 5) corroboram a falta de estudos voltados para essa vertente:

Há áreas da história de tradução totalmente virgens, dentro e fora do Brasil. Entre elas podemos mencionar a história do ensino de tradução; a história da interpretação; a história da tradução na mídia; e a tradução e interpretação nas comunidades de imigrantes: aqui no Brasil não existem estudos sobre a tradução dentro das comunidades italiana, alemã, japonesa, russa, ucraniana, polonesa, chinesa, coreana etc., e a tradução entre as línguas indígenas e o português.

Ou seja, a subárea história da pesquisa sobre tradução é alimentada pelas ações, pelas atuações, pelo papel da tradução nas instituições que possibilitam que objetos sejam analisados cotidianamente. Tanto nos Estudos da Tradução de forma geral quanto nos estudos voltados a tradução de língua de sinais estamos diante de um campo profícuo de pesquisas que se tornam de extrema importância. Essa relevância colabora para compreender os caminhos da institucionalização em nosso país, bem como coopera para o fortalecimento deste campo. Sem dúvida, as pesquisas desenvolvidas até o momento contribuíram para este movimento de institucionalização, mas ainda não são suficientes para criar uma representação nacional que dê conta da série de assuntos descobertos, conforme mostraram Milton e Martins (2010). Na tradução de língua de sinais, Avelar (2010) ressaltou que a verdadeira lacuna da tradução de Libras está relacionada à modalidade visual da língua.

Por fim, na seção destinada ao referencial teórico, Avelar (2010) trata do uso polissêmico do sinal “cultura” direcionando as discussões sobre a relação entre o sinal e o conceito/significado na Libras em sua dissertação. Embora Avelar (2010) não tenha identificado sua pesquisa como parte de uma investigação voltada para os estudos da história da pesquisa em tradução, a investigação compartilha de elementos que mantém certa afinidade com a metodologia utilizada por aqueles estudos. Pagano (2001, p. 120) afirma que:

Para atender a essa perspectiva múltipla e descontínua, o corpus do historiador amplia-se e passa a incorporar diversas fontes de pesquisa ou documentos, dentre os quais, os relatos orais, as memórias, as cartas e o próprio texto ficcional, como, por exemplo, o romance.

É nessa perspectiva que Avelar (2010) organizou a pesquisa em termos metodológicos. Destacaram-se pontos problemáticos, bem como as soluções trazidas pelos próprios tradutores surdos nas decisões acerca da padronização linguística. Os resultados evidenciaram a possibilidade de alcançar uma padronização linguística, especialmente em relação aos novos sinais técnicos. As necessidades comunicativas apresentadas nas disciplinas do curso de Letras-Libras foram um dos fatores que auxiliaram na criação de novos sinais. Além disso, outro resultado constatado por Avelar (2010) foi a preferência de atores-tradutores surdos pelo uso dos dicionários do INES e de Capovilla. As soluções e estratégias adotadas para a padronização linguística estavam respaldadas pelas reuniões e estudos sistemáticos realizados pela equipe de tradução, considerando o feedback dos alunos do curso de Letras-Libras.

Dessa forma, argumentamos que Avelar (2010) ratificou o diálogo com a vertente da tradução técnica de língua de sinais articulada aos Estudos da Tradução. Foi possível observar por meio dos seus resultados que os tradutores participam ativamente dos processos de padronização de termos técnicos. Com isso, uma série de desafios a serem considerados na formação destes tradutores se coloca em cena, entre eles: exploração do conhecimento de termos técnicos das línguas envolvidas, realização de análises de traduções técnicas e textos paralelos que colaborem para a aquisição de uma “competência técnica” para atuação em determinada área, manuseio de ferramentas tecnológicas que possam auxiliar o processo de traduzir, ensino de procedimentos que contribuam para a identificação do grau e da densidade da informação a ser traduzida.

Embora o número registrado de teses e dissertações sobre tradução de língua de sinais seja pequeno, por meio dessa contextualização acerca dessas obras foi possível introduzir os temas que foram pesquisados, quais referenciais teóricos foram privilegiados e os resultados obtidos. A partir dessa explanação foi possível observar a forte tendência que a área de tradução de língua de sinais tem delineado no meio acadêmico, isto é, o foco no processo de tradução como um tema comum tratado em todas as dissertações e tese mencionadas neste capítulo.

Por outro lado, notamos a partir do escopo pesquisado (teses e dissertações de 1990 a 2010) que as investigações sobre tradução de língua de sinais têm contemplado exclusivamente dois contextos, a saber, o literário e o acadêmico/linguístico (de ordem mais técnica). Em outras palavras, ainda não dispomos de pesquisas (teses e dissertações

até o ano de 2010) que tratem de contextos diferentes dos mencionados. As categorias que emergiram dessas teses e dissertações sobre tradução de língua de sinais serão tratadas no capítulo das análises. Por fim, a partir de todas as discussões nos capítulos 3 e 4, que trataram das pesquisas (teses e dissertações) compreendidas no período de 1990 a 2010 sobre TILS, que razões podem explicar a omissão dessa subárea nos mapeamentos dos Estudos da Tradução no Brasil? O debate no próximo capítulo ancora-se nos elementos discutidos até o presente momento que podem colaborar para o fortalecimento da subárea TILS filiada aos Estudos da Tradução em nosso país.

5. REFLEXOS DAS TESES E DISSERTAÇÕES DE TILS NA ARTICULAÇÃO COM OS ESTUDOS DA TRADUÇÃO

A partir das contextualizações de pesquisas sobre TILS apresentadas nos capítulos 3 e 4, é fundamental que façamos articulações com os Estudos da Tradução. Construir, debater e dialogar sobre políticas de TILS em um país cuja consolidação da própria área de Estudos da Tradução é recente se torna um desafio intenso no qual se alicerça este capítulo.

No Brasil, o desenvolvimento da pesquisa no meio acadêmico que tenha como viés o aspecto político nos Estudos da Tradução é bastante recente. Embora tenhamos algumas pesquisas (artigos, dissertações, teses e outros) desenvolvidas no grande campo dos Estudos da Tradução que se articulam com aspectos políticos de um determinado assunto ou mesmo com as políticas da tradução ou da interpretação, não há um “lugar” legitimado pelos mapeamentos da área que possa acolher tais investigações.

Nessas investigações há em comum a perspectiva teórica adotada, sendo as mais recorrentes nos Estudos da Tradução aquelas que se afiliam às correntes pós-colonialista, da análise discursiva (estudos de gênero, estudos feministas e outros), pós-estruturalista (em alguns casos), de cunho historiográfico ou ainda aquelas embasadas pelos Estudos Culturais. Na maioria das vezes, tais investigações permanecem hospedadas em determinadas universidades que têm cursos de graduação ou pós-graduação ou ainda linhas de pesquisas em Estudos da Tradução, não atingindo a visibilidade nacional em torno do tema. Neste sentido, uma das primeiras conexões desta tese com os Estudos da Tradução é mostrar a relevância da pesquisa sobre o estado da arte para cartografar a própria área e sistematizar os referenciais teóricos que têm respaldado a realização das mais diversas pesquisas.

A articulação de pesquisadores das mais diferentes universidades brasileiras, o desenvolvimento das pesquisas em torno dos Estudos da Tradução e as constantes pautas de reivindicações a favor da consolidação deste campo em nosso país foram materializadas em ações como a criação de Grupos de Pesquisas cadastrados no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPQ ou Grupos de Trabalho interessados na temática. Esses grupos de pesquisa fortalecem a articulação nos Estudos da Tradução no sentido de legitimar e construir políticas tradutórias acerca de determinadas questões, como a institucionalização das pesquisas em Estudos da Tradução. Em consulta ao site do GT de Tradução – GTTRAD da

Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (ANPOLL), uma das iniciativas realizadas refere-se à fundação da Associação Brasileira de Pesquisadores em Tradução (ABRAPT), com sede em São Paulo, em 3 de abril de 1992. A fundação dessa associação colaborou para a institucionalização de um espaço formal para a pesquisa em Estudos da Tradução.

No mesmo site⁷² encontramos uma série de artigos organizados pelas diversas coordenações que administraram o GT, sendo destaque o volume organizado pelo Dr. João Azenha Junior intitulado “Os Caminhos da Institucionalização dos Estudos da Tradução no Brasil”, que apresenta um panorama nacional de histórias e perspectivas sobre diferentes cursos de Tradução no país, bem como sobre a área dos Estudos da Tradução e seu processo de consolidação no país. Outro texto que contribui para refletirmos sobre os aspectos políticos nas pesquisas foi escrito pela Profa. Dra. Maria Lúcia Vasconcellos intitulado “ComUNIDADE na diversidade dos Estudos da Tradução”.

Neste último texto foram tratados os seguintes aspectos: contextualização dos mapeamentos dos Estudos da Tradução, historicização sobre o que éramos ontem, o que somos hoje, o que nos une como área e o que nos separa em cada uma de nossas áreas, o bônus/ônus desse esforço em manter uma unidade e, por fim, os custos e benefícios de uma política de centramento disciplinar num campo de vocação interdisciplinar. As reflexões de Vasconcellos (2009) oferecem elementos tanto do ponto de vista político quanto histórico para as pesquisas em Estudos da Tradução.

Neste sentido, argumentamos a favor dessa pesquisa que realiza uma sistematização histórica diacrônica das teses e dissertações em TILS oferecendo fortes marcadores políticos que atravessam a constituição de tais trabalhos. Tal constatação oferece argumentos que podem sugerir a expansão de vertentes nos Estudos da Tradução no Brasil, pois as próprias pesquisas dessa área evidenciam novas temáticas em emergência. Talvez esse seja um elemento que contribua para responder o questionamento realizado por Vasconcellos (2009) “a historicização, sobre o que éramos ontem, o que somos hoje, o que nos une como área e o que nos separa”?

Desta forma, os capítulos 3 e 4 desta pesquisa, que trataram da contextualização das teses e dissertações sobre TILS, oferecem

⁷² <http://letra.letras.ufmg.br/gttrad/>

elementos para compreendermos a forma como a pesquisa sobre TILS foi realizada e os possíveis rumos e tendências que ela sugere para os dias atuais e futuros. Se há uma produção representativa ao longo dos anos nas pesquisas sobre TILS, que razões explicariam a omissão dessa subárea nos mapeamentos dos Estudos da Tradução em nosso país?

5.1 OS MAPEAMENTOS EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO

Nesta seção argumentamos a favor de políticas para a subárea TILS em nosso país, especialmente na articulação desta com os Estudos da Tradução. Para atender este desafio perseguimos dois objetivos importantes que colaboram no desenvolvimento dessa proposição: (i) familiarizar-se com os mapeamentos dos Estudos da Tradução e observar neles em que momento a política da subárea TILS é referenciada nestas fontes e, (ii) contextualizar algumas das possíveis causas que interferiram para a tardia discussão sobre a articulação da TILS com os Estudos da Tradução.

De forma geral, no que tange aos mapeamentos dos Estudos da Tradução temos o registro de quatro mapas ao longo da história da área sistematizados por Vasconcellos e Bartholamei (2008). Na unidade 1 do texto-base da disciplina de Estudos da Tradução I oferecida ao curso de Bacharelado em Letras-Libras⁷³, Vasconcellos e Bartholamei (2008) apresentaram um apanhado geral dos mapeamentos que constituem os Estudos da Tradução. Nosso alvo é resgatar tais mapeamentos e dialogar com eles a fim de elencar argumentos que sustentem a inserção da subárea TILS dentro dos Estudos da Tradução.

A fundação do campo disciplinar Estudos da Tradução surgiu na década de oitenta com o mapeamento de Holmes, o qual aglutinou as produções acadêmicas que eram realizadas naquela época, mas que não compartilhavam de uma área em comum que reunisse tais investigações. De acordo com Vasconcellos e Bartholamei (2008, p. 04),

Até a segunda metade do século XX, as reflexões em forma de artigo acadêmico eram publicadas de forma aleatória, espalhadas em periódicos de campos disciplinares já estabelecidos (por

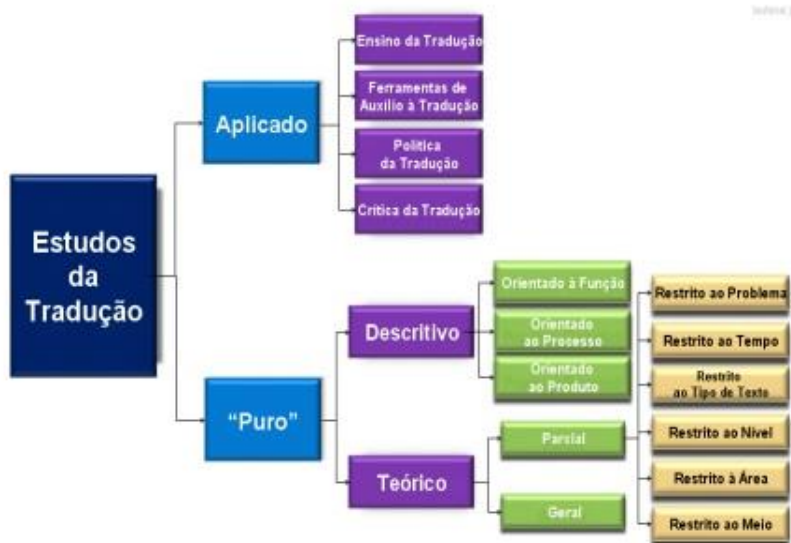
⁷³Maiores informações disponíveis em:

http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecificica/estudosDaTraducaoI/asets/316/Texto_Base_Estudos_Traducao_I.pdf

exemplo, a Linguística Aplicada ou a Literatura Comparada), ainda não constituindo um conjunto de conhecimentos agrupados num campo específico.

Holmes sistematizou de forma detalhada os objetos de pesquisa em um mapa dos Estudos da Tradução, separando-o em duas grandes áreas, a saber: aplicada e “pura”. Interessa-nos o ramo aplicado, especialmente, pelo fato de o autor ter tratado já naquela época — década de oitenta — o tema políticas da tradução. Pagano e Vasconcellos (2003) propuseram uma forma de visualização do mapa de Holmes, que segue abaixo, na figura 7.

Figura 7: Mapa de Holmes



Fonte: Vasconcellos e Bartholamei (2008)

No entanto, cabe ressaltar que Holmes (1988) tratou de políticas da tradução referindo-se ao aspecto prático de atuação dos tradutores. Ele sugeriu que fossem realizados esclarecimentos à sociedade em geral acerca do papel do tradutor, as funções a desempenhar, isto é, o trabalho propriamente dito deste profissional. Por outro lado, o texto de Holmes (1988) ainda propõe que se pense e se realizem rigorosas e extensas

pesquisas sobre a eficácia da tradução como método de ensino de línguas.

Embora Holmes (1988) não tenha tratado da interpretação de forma explícita⁷⁴, e menos ainda da TILS, sua contribuição para esta pesquisa é ter tratado de políticas da tradução, um tema pouco reconhecido como parte das pesquisas acadêmicas a partir da década de noventa. Por exemplo, um fato que soma argumentos a essa afirmação é a raridade de pesquisas no formato de teses e dissertações nos Estudos da Tradução da PGET/UFSC que se articulam com esse tema, ou mesmo sobre o profissional tradutor e suas demandas, condições de trabalho, identidades, narrativas etc. — ex.: Avelar (2010), Correa (2010) e Pinsegher (2011). Na sua grande maioria, as produções científicas parecem atender as ávidas descobertas dos processos da tradução, das técnicas e estratégias, dos procedimentos adotados em determinadas traduções. Sem dúvida, tais resultados, além de importantes teoricamente, contribuem também quando aplicados à formação continuada de tradutores, mas pensar em uma didática de formação para tais profissionais é pouco comum no meio acadêmico brasileiro.

O fato é que novos objetos de investigação, novas demandas instauradas pela globalização e pela sociedade pós-moderna, mudanças tecnológicas, novas metodologias de pesquisas, contribuíram para a expansão deste campo disciplinar denominado Estudos da Tradução. Nesse sentido, J. Williams e A. Chesterman lançaram o livro *The Map: A Beginner's Guide to Doing Research in Translation Studies*, oferecendo literalmente o mapa de construção de projetos de pesquisa no cenário acadêmico, bem como dos temas investigados na área dos Estudos da Tradução. A organização de uma obra nesses moldes auxilia os acadêmicos e pesquisadores a localizarem melhor as “trilhas” pelas quais transitam, bem como a conduzirem com maior segurança as afiliações teóricas pelas quais optam em seus trabalhos. Embora o mapa proposto por Williams e Chesterman tenha sido publicado somente no ano de 2002, são ações como essa que contribuem para subsidiar teoricamente as pesquisas desenvolvidas nos Estudos da Tradução.

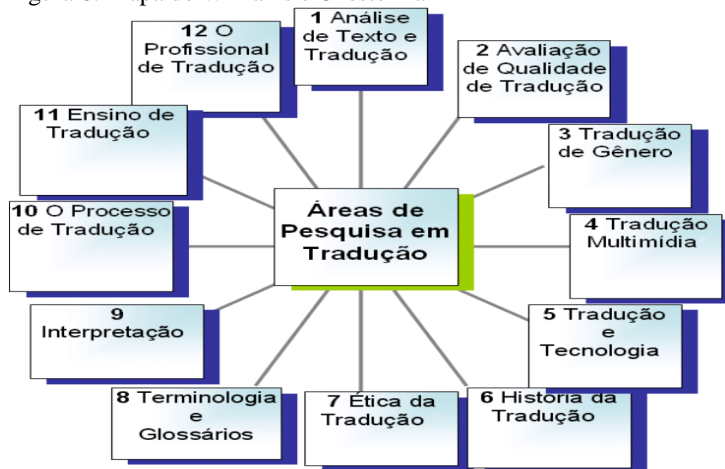
⁷⁴ Holmes (1972) “propõe um mapeamento que organiza ramos e subcategorias para o campo disciplinar do ET. Nessa organização, a interpretação aparece, no ramo dos *estudos puros*, categoria dos estudos teóricos, subcategoria das teorias parciais restritas ao meio (medium restricted), como uma forma de tradução oral humana”, de acordo com Rodrigues (2012, p. 14).

Além disso, este novo mapa revitaliza as temáticas que permanecem e aponta as que se tornaram obsoletas na pesquisa quando comparadas com o mapa de Holmes (1988).

Nesta perspectiva de organizar essas “trilhas” que no capítulo 1 do livro *The Map* os autores abordam doze áreas cartografadas nos Estudos da Tradução, apresentando as questões centrais decorrentes dessas afiliações. Por exemplo, tradução e gênero, história da tradução ou ainda interpretação são algumas das áreas mencionadas nessa obra, as quais refletem a expansão do campo de estudos tratado. Por outro lado, temos dois pontos a destacar: ainda que os autores não tenham utilizado explicitamente o termo “política da tradução” como fez Holmes, possibilitam nas subáreas propostas que fossem discutidos aspectos como o profissional de tradução, o ensino de tradução, que de certa forma provocam reflexões e — por que não? — a produção de pesquisas que tratem das demandas necessárias de políticas da tradução a serem implantadas.

O destaque neste mapa de Williams e Chesterman (2002) refere-se à subárea interpretação, que menciona os contextos de interpretação para surdos, citando as legendas e outras formas como possibilidades de pesquisa em TILS. Em outras palavras, estamos afirmando que no contexto internacional dos Estudos da Tradução, a interpretação de língua de sinais foi mapeada no ano de 2002, diferentemente dos encaminhamentos tomados no Brasil.

Figura 8: Mapa de Williams e Chesterman



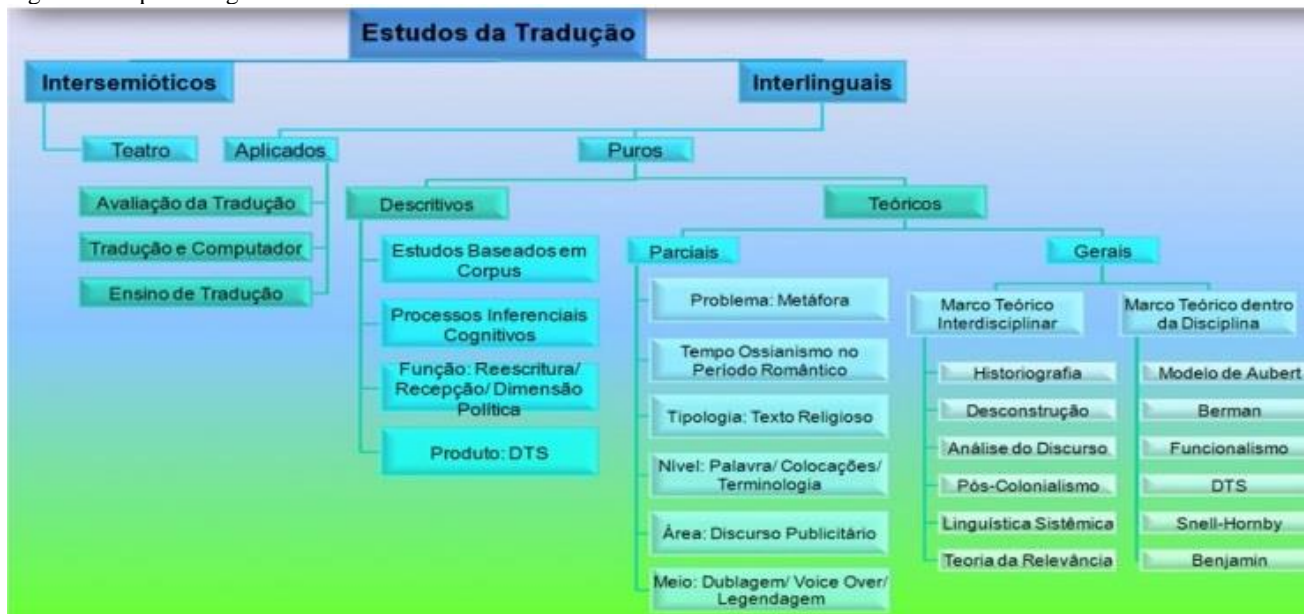
Fonte: Vasconcellos e Bartholamei (2008)

No mapeamento de Williams e Chesterman (2002) as temáticas de pesquisa giram em torno do profissional que realiza a tradução, mas não necessariamente da pesquisa propriamente dita em Estudos da Tradução. Por outro lado, em nosso país as discussões em torno da inserção da subárea TILS em mapeamentos são bastante recentes. No Brasil, um dos mapeamentos em Estudos da Tradução que merece destaque foi proposto pelas professoras Dra. Maria Lúcia Vasconcellos (UFSC) e Dra. Adriana Pagano (UFMG), realizado em 2003. Um dos objetivos desse trabalho foi examinar a produção acadêmica brasileira, com foco nas teses e dissertações produzidas nos anos de 1980 a 1990, sendo que o resultado desta pesquisa traduz-se no mapa da figura 9, inspirado em Holmes (1988).

Em nosso país, no mapa proposto pelas pesquisadoras em 2003, a TILS não foi mencionada enquanto subárea dos Estudos da Tradução. No entanto, as pesquisas que tratavam da TILS já faziam parte do cenário nacional, conforme visto nos capítulos 3 e 4. Que fatores interferem nesse quebra-cabeça? Embora a oficialização da língua de sinais tivesse ocorrido em 2002 e houvesse pesquisas produzidas sobre TILS, alguns fatores interferiram no reconhecimento desta subárea dentro do mapeamento brasileiro.

Dentre esses fatores destaca-se o desconhecimento sobre os objetos e contextos comuns às pesquisas em TILS. Além disso, o uso equivocado de descritores como palavras-chave das teses e dissertações pode ter contribuído para a ausência da língua de sinais no mapa de Pagano e Vasconcellos (2003). Por outro lado, destacamos que nos assuntos que compuseram o mapa das autoras, a área da educação não foi mencionada em nenhuma das pesquisas investigadas. Cabe ressaltar que a área de educação é um dos contextos comunitários frequentes nas pesquisas em interpretação de língua de sinais, conforme demonstrou o capítulo 3. Por outro lado, ainda que teses e dissertações sobre TILS fossem publicadas antes da pesquisa de Pagano e Vasconcellos e (2003), as dificuldades de compilação das autoras seriam bastante acentuadas, uma vez que grande parte dessas pesquisas foi hospedada na área educacional. No Brasil, as interfaces entre os Estudos da Tradução e a área de Educação são bastante escassas, sendo que os poucos trabalhos que dialogam com essa vertente priorizam aspectos pedagógicos que envolvem o ensino de tradutores ou ainda as questões curriculares.

Figura 9: Mapa de Pagano e Vasconcellos



Fonte: Vasconcellos e Bartholamei (2008)

Martins tratou da institucionalização da tradução no Brasil no caso da PUC-Rio (Martins, 2007) e dos “novos desafios na formação de tradutores” (Martins, 2008), exemplos de trabalhos que exemplificam a interface entre a área educacional e os Estudos da Tradução. O fato é que as pesquisas em interpretação de língua de sinais, especialmente as teses e dissertações, apresentam de forma bastante latente os dilemas enfrentados no contexto comunitário (educacional). Em nosso país, essa característica não é comum nas pesquisas em Estudos da Tradução que focam suas análises em outros contextos, de acordo com Pagano e Vasconcellos (2003), a saber: processos de tradução, estudos baseados em *corpus*, avaliação da tradução e outros.

Nesse sentido, um dos primeiros trabalhos que buscou categorizar em abordagens teóricas a subárea TILS a partir da realização de pesquisas foi realizado por Albres (2009). A autora iniciou um mapeamento dos principais materiais (artigos, resumos, trabalhos de conclusão de curso, teses e dissertações) que tratavam de TILS, o qual se encontra disponível no blogue intitulado “Dignidade acadêmica dos Estudos da Tradução”. Um dos resultados dessa pesquisa foi agrupar e classificar os materiais encontrados para o período de 1980 a 2006 de acordo com as teorias da tradução presentes nas línguas orais. O produto dessa empreitada resultou na constatação das seguintes abordagens como mais frequentes nas pesquisas sobre TILS em nosso país: Estudos Comparativos e Contrastivos, História da Tradução, Estudos Interculturais, Estudos da Interpretação, Tradução Literária, Tradução Especializada, Tradução e Identidade Cultural, Teoria da Tradução, Políticas de Tradução, Tradução Automática, Tradução e Múltiplas Categorias e Tradução Audiovisual (fílmica e televisiva).

Essa pesquisa apresentada no blogue foi embasada no estudo de Albres (2006) intitulado “Tradução e interpretação em língua de sinais como objeto de estudo: produção acadêmica brasileira: 1980 a 2006”. Albres (2006) destaca a lacuna de trabalhos sobre TILS entre as décadas de 1980 e 1990 devido à inexistência de registros sobre pesquisas naquele momento histórico. Albres (2006) atribuiu essa lacuna ao fato de que, nessa época, o foco nas pesquisas em língua de sinais era linguístico e descritivo, essenciais para o reconhecimento da língua.

Embora o mapeamento de Pagano e Vasconcellos (2003) não tenha abordado as pesquisas sobre TILS, possivelmente pelos argumentos que apresentamos anteriormente, ele contribuiu significativamente para a consolidação dos Estudos da Tradução em nosso país. O fato de mapear uma determinada área reunindo a produção acadêmica brasileira traduzida nas teses e dissertações também contribuiu

para a visibilidade política da área. Esta visibilidade é um dos pontos de contato entre a pesquisa de Pagano e Vasconcellos (2003) e a presente tese, isto é, ambas as investigações tratam de teses e dissertações em busca de mapeamentos e análises sobre o estado da arte do campo no país. A grande novidade do mapeamento realizado por Pagano e Vasconcellos (2003) foi a apresentação do marco teórico interdisciplinar e do marco teórico dentro da disciplina registrados no mapa. Em outras palavras, Pagano e Vasconcellos (2003) não somente diagnosticaram quais eram os temas frequentes nas pesquisas em tradução no país, mas também demarcaram quais interfaces e afiliações teóricas estavam presentes naquelas teses e dissertações.

A apresentação dessas interfaces constituintes de um mapeamento em Estudos da Tradução rompe com o mito de que este serviria apenas enquanto “quadro teórico fechado em si mesmo”. Pagano e Vasconcellos (2003) nos mostram que um mapeamento é sempre uma possibilidade de explicitar os assuntos a serem pesquisados, de forma a nortear o pesquisador, jamais com o intuito de engendrar em concepções teóricas sem possibilidade de ampliar seus horizontes metodológicos, teóricos e epistemológicos. Este é outro ponto de contato da subárea TILS com os Estudos da Tradução, pois as metodologias, as afiliações teóricas são bastante diferenciadas do que normalmente se registra no campo. Sugerimos até uma interface intitulada Pedagogia da Tradução, que poderia oferecer respaldo teórico-prático para refletir sobre o ensino de tradutores e intérpretes de língua de sinais. Como pensar em currículo, por exemplo, sem transitar pelos referenciais da Pedagogia?

É essa perspectiva de expansão dos objetos de pesquisa em Estudos da Tradução que caracteriza um dos mais recentes mapeamentos realizados pela Editora St. Jerome⁷⁵, corroborando o

⁷⁵ De acordo com Vasconcellos e Bartholamei (2008, p. 8) “Se fizermos uma rápida visita ao sítio daquela que é, talvez, a mais importante editora de obras vinculadas aos Estudos da Tradução no mundo ocidental – St. Jerome Publishing, vamos verificar que novos interesses disciplinares emergem, adquirindo importância e sendo apresentados como áreas sistematizadas e consolidadas, como é o caso de interpretação de línguas sinalizadas (“signed languages”), que passam a constituir ramos do campo disciplinar na atualidade”. No texto base de Estudos da Tradução I disponível em: http://www.libras.ufsc.br/hiperlab/avalibras/moodle/prelogin/adl/fb/logs/Arquivos/textos/estudos_da_traducao/Estudos_Traducao_I.pdf há referência detalhando a diferença entre língua de sinais e língua sinalizada mencionada pela Editora St. Jerome. Em síntese, língua de sinais apresentaria todos os parâmetros linguísticos típicos de uma língua com estrutura própria,

caráter interdisciplinar do campo. No mapeamento desta editora (figura 10) é possível localizar, por exemplo, Políticas de Tradução e Interpretação de Línguas Sinalizadas ou ainda Estudos da Interpretação como subáreas de um campo constituído de diferentes vertentes e interesses teóricos.

O mapa proposto pela Editora St. Jerome apresenta novos temas e valoriza a importância da pesquisa para a área de Estudos da Tradução. Por exemplo, interfaces como Metodologia de Pesquisa, Teoria de Tradução, Interpretação Simultânea e de Conferência, História da Tradução e Interpretação, Interpretação para a Comunidade/Serviço Público/Interpretação de Diálogo e Bibliografias são vertentes não registradas nos mapeamentos anteriores com o grau de especificidade da figura acima. Há inclusive a distinção entre Tradução e Política e Políticas da Tradução, o que até então não havia ocorrido nos demais mapeamentos nos Estudos da Tradução.

Tradução e Política, conforme Holmes (1988) definiu, estaria associada às questões que interessam o tradutor e a tradução propriamente dita. Neste caso, desde o ensino de línguas para tradutores até o assessoramento sobre a função do profissional da tradução. Por outro lado, a Tradução e Política também se articulam os aspectos que envolvem contextos políticos, muitas vezes em situações de conflito entre zonas de fronteira marcadas pelas tensões e negociações culturais, linguísticas, entre outras. Nessas situações que envolvem a atuação do tradutor ou mesmo em pesquisas e temáticas que envolvem essa vertente, a ideologia nacional de um país ou povo se sobressai, deixando marcas acentuadas no texto ou no processo de tradução. Mona Baker, ao escrever *Translation and Activism* (2006) e *Translation and Conflict* (2006), salienta os aspectos ideológicos, as arenas de conflitos, as questões de dominação e resistência e os movimentos políticos que se entrelaçam com a atuação do profissional da tradução.

Figura 10: Mapa da Editora St. Jerome

Tradução Multimídia e Audiovisual	Tradução Religiosa e Bíblica	Bibliografias	Interpretação para a Comunidade/ Serviço Público/ Interpretação de Diálogo	Interpretação Simultânea e de Conferência
Estudos Comparativos e Contrastivos	Estudos Baseados em Corpus	Interpretação Legal e Jurídica	Avaliação/ Qualidade/ Avaliação / estes	História da Tradução e Interpretação
Estudos Inter-Culturais	Estudos de Interpretação	Tradução Literária	Tradução (auxiliada) por Computador	Trabalhos de Múltiplas Categorias
Estudos Orientados ao Processo	Metodologia de Pesquisa	Interpretação de Linguas Sinalizadas	Tradução Técnica e Especializada	Terminologia e Lexicografia
Gênero e Tradução	Tradução e Ensino de Línguas	Tradução e Política	Tradução e a Indústria da Língua	Políticas de Tradução
		Teoria de Tradução	Formação de Tradutor e Intérprete	

Fonte: Vasconcellos e Bartholamei (2008)

Por outro lado, a interface Políticas da Tradução busca compreender a criação de ações governamentais a favor do crescimento da tradução e conseqüentemente dos profissionais que realizam a atividade. Nesse sentido, Políticas da Tradução estão relacionadas com políticas linguísticas, pois em um país as decisões que são tomadas a respeito das línguas podem promover ou não as ações em torno da tradução. Outro ponto de contato entre a subárea TILS e os Estudos da Tradução ocorre na medida em que uma série de ações tem sido tomada em torno da Libras, tanto no uso e ensino quanto na pesquisa. Em nosso país, algumas ações governamentais e acadêmicas em torno da subárea TILS ilustram resultados significativos em interfaces com o campo das Políticas da Tradução.

Com relação às ações governamentais, em especial, registramos a Lei de Libras (10.436/2002) e o decreto 5626/2005, que propiciaram a inserção de surdos nos mais diversos setores acadêmicos, seja como professores de disciplinas de língua de sinais ou como instrutores de língua de sinais. Além disso, os cursos de Letras-Libras (licenciatura e bacharelado) foram criados também em atendimento ao decreto mencionado. As questões voltadas às políticas linguísticas, ao papel do decreto 5626/2005 e aos cursos de Letras-Libras são encontradas com muita frequência nas dissertações sobre interpretação de língua de sinais, especialmente do 2º e 3º períodos investigados (2001 a 2005 e 2006 a 2010).

Com relação às ações acadêmicas que se articularam aos Estudos da Tradução, tomamos como exemplo o I Congresso Nacional de Pesquisa em Tradução e Interpretação de Língua de Sinais, realizado nos dias 9 e 10 de outubro de 2008 nas dependências da UFSC. Um dos principais objetivos daquele congresso foi reunir pesquisadores, tradutores e intérpretes no intuito de disseminar os resultados de pesquisas com vistas a visibilizar a subárea TILS no ensino superior. O evento contou com palestrantes nacionais e internacionais, oficinas e apresentações de pôsteres que abordavam a temática da tradução e da interpretação. Uma das conexões visíveis entre a pesquisa e a atuação prática em TILS pode ser constatada por meio dos assuntos que compuseram esse evento.

Por exemplo, Lacerda (2008) tratou da atuação do intérprete de Libras nos espaços educacionais, temática recorrente nas dissertações sobre interpretação de língua de sinais, e Sander (2008) salientou a relevância das questões históricas da atuação de intérpretes em “Uma história nossa”. Por outro lado, desde aquela época havia um movimento para que a subárea TILS estivesse afiliada aos Estudos da Tradução,

com contribuições importantes de pesquisadores como Vasconcellos (2008).

A segunda edição desse evento ocorreu de 25 a 27 de novembro de 2010 e contou mais uma vez com palestrantes nacionais e internacionais, bem como minicursos e comunicações orais divididas por eixos temáticos como: formação de intérpretes de língua de sinais, formação de tradutores de língua de sinais, discurso e tradução/interpretação de/para a língua de sinais, metodologias para implementar a tradução de/para a língua de sinais, avaliação da tradução/interpretação de/para a língua de sinais, tradução de/para a escrita de sinais e metodologias para implementar a interpretação de/para a língua de sinais. Ou seja, os eixos temáticos demonstram a construção de um empoderamento da subárea TILS afiliada aos Estudos da Tradução. Em outras palavras, a criação dos anais do evento, da socialização das palestras e resultados de pesquisas é um marco teórico na sistematização e circulação de saberes em TILS.

A terceira edição do congresso foi realizada nos dias 15 a 17 de agosto de 2012. Além de contar com vários minicursos pertinentes à área de tradução e interpretação, palestrantes nacionais e internacionais trataram do tema da ética sob diferentes perspectivas e da formação do profissional tradutor ou intérprete. Cabe ressaltar que nesta terceira edição, o evento institucionalizou os anais por meio da aquisição do International Standard Serial Number – ISSN, bem como demarcou no título os pares linguísticos envolvidos no ato tradutório/interpretativo: III Congresso Nacional de Pesquisas em Tradução e Interpretação de Libras e Língua Portuguesa.

Por fim, o evento contou com novos eixos (tradução/interpretação de língua de sinais: ética, tradução/interpretação de língua de sinais: norma Surda, políticas de tradução/interpretação de língua de sinais, tradução/interpretação de língua de sinais: identidades em questão) além daqueles já mencionados na segunda edição. Os novos eixos que constituíram este congresso colaboram para que a subárea de TILS seja institucionalizada no meio acadêmico. Observamos os primeiros passos no meio acadêmico em nosso país na emergência de eixos como “políticas de tradução/interpretação de língua de sinais”. Em outras palavras, estamos ratificando que a subárea TILS também tem colaborado com os Estudos da Tradução, no sentido de acrescentar temas que até então não tinham sido registrados no mapeamento de Pagano e Vasconcellos (2003).

Uma segunda ação acadêmica foi o volume especial sobre TILS nos Cadernos de Tradução XXVI da UFSC em 2010, pois reuniu uma

coletânea de pesquisas que estabeleceram as primeiras interfaces da subárea TILS com os Estudos da Tradução. Há certo amadurecimento nas pesquisas, observado, por exemplo, nos objetos de pesquisa tratados naquele volume especial. Tais pesquisas anunciavam um deslocamento teórico da subárea TILS em direção à articulação com os Estudos da Tradução, pois até então a Educação era o campo que hospedava a maioria das teses e dissertações em TILS.

Nesse sentido, vale destacar alguns artigos que explicitaram esse processo da história da produção acadêmica, bem como a afiliação da TILS aos Estudos da Tradução: Metzger (2010), Vasconcellos (2010) e Pereira (2010). Em comum, essas publicações ressaltam a necessidade de conhecer as trajetórias teóricas, os temas privilegiados ou não em determinadas pesquisas e as implicações dessas escolhas perante o cenário acadêmico. Em outras palavras, nos parece que a subárea de TILS, por meio do volume especial dos Cadernos de Tradução XXVI da UFSC em 2010, busca responder para si mesma a interrogação inicial deste capítulo realizada por Vasconcellos (2009), isto é, a historicização sobre o que éramos ontem e o que somos hoje.

Por todas essas razões, constata-se que por meio das pesquisas sobre TILS, os resultados alcançados nestas investigações colaboraram para a emergência e conseqüentemente a visibilidade desta área em direção a uma institucionalização junto aos Estudos da Tradução no contexto brasileiro. Diante deste cenário e das reflexões realizadas nos capítulos 3 e 4 e com base nos mapeamentos apresentados, a presente tese conforme já mencionamos localiza-se nos Estudos da Tradução da seguinte forma:

Mapeamento de Holmes (1972, 1988) – Aplicado (Política da Tradução)

Mapeamento de Williams e Chesterman (2002) – Interpretação / Tipos Especiais de Interpretação: Interpretação de Língua de Sinais

Mapeamento da Editora St. Jerome (2008) – Estudos da Interpretação / Interpretação de Línguas Sinalizadas e Políticas de Tradução.

No entanto, ainda que tenhamos apresentado os mapeamentos dos Estudos da Tradução e localizado o respaldo teórico desta tese, faz-se necessário buscarmos dados que visibilizem a história da produção acadêmica de TILS. Que levantamentos sobre esta produção foram realizados e que resultados nos apontam? É neste sentido que buscamos na próxima seção conhecer mais desta produção sobre TILS, bem como averiguar elementos que cooperem na construção de um *empowerment*.

5.2 LEVANTAMENTOS BIBLIOMÉTRICOS⁷⁶ EM TILS

Esse movimento acadêmico de marcar o espaço, de institucionalizar o campo da TILS em articulação com os Estudos da Tradução não ocorre unicamente no Brasil. No contexto internacional, Grbic (2007), Metzger (2010) e Napier (2010) são exemplos de pesquisas que realizaram levantamentos sobre as produções acadêmicas em torno da subárea TILS. Por exemplo, Grbic, em seu artigo intitulado “*Where do We Come From? What Are We? Where Are We Going? A Bibliometrical Analysis of Writing and Research on Sign Language Interpreting*” (2007) realizou um estudo bibliométrico das pesquisas sobre interpretação de língua de sinais.

O próprio título da pesquisa de Grbic (2007) evidencia a necessidade de investigações que tratem do estado da arte, na área de interpretação de língua de sinais. Por meio de pesquisas dessa natureza foi possível ter acesso ao desenvolvimento, às transformações, à implicação e aos possíveis impactos das investigações realizadas na área de interpretação de língua de sinais. No caso de Grbic (2007), indagações como “de onde viemos, o que somos e para onde vamos” são indicativos da busca pela identidade com vistas a situar, localizar, mapear e fortalecer a área da interpretação de língua de sinais.

Grbic (2007) realizou um estudo quantitativo das pesquisas produzidas sobre interpretação de língua de sinais utilizando como respaldo teórico a interface Estudos da Tradução/Estudos Culturais. O trabalho foi composto por quatro grandes seções, que compreendem: introdução, metodologia e *corpus*, resultados e interseção entre interpretação de língua de sinais e outras disciplinas. É possível observar um esforço acadêmico de investigar e de quantificar trabalhos que apresentem quais são as interfaces ou mesmo os referenciais teóricos aos quais pesquisadores-intérpretes de língua de sinais tem se afiliado com frequência em suas pesquisas.

O *corpus* analisado por Grbic (2007) foi constituído pelas seguintes fontes: *Annotated Bibliography on Interpretation of Sign Language* (PATRIE; MERTZM, 1997); a versão da internet *International Bibliography of Sign Language*, de Guido H. G. Joachim,

⁷⁶ De acordo com Araújo (2006, p.12) a bibliometria pode ser definida como “técnica quantitativa e estatística de medição dos índices de produção e disseminação do conhecimento científico”. In: ARAÚJO, Carlos Alberto. Bibliometria: evolução história e questões atuais. *Em Questão*, Porto Alegre, v. 12, n. 1, p. 11-32, jan./jun. 2006.

Siegmund Prillwitz e Thomas Hanke; e o LiDoc compilado pelo Departamento de Estudos da Tradução da Universidade de Graz, Alemanha. Foram analisados 908 textos publicados entre 1970 e 2005, divididos em sete períodos de cinco anos. Essa estratégia de dividir o estudo por períodos permite ao leitor acompanhar o desenvolvimento dos trabalhos, bem como a diversidade e o crescimento dos temas que englobam a área da interpretação em língua de sinais. Grbic (2007) não apenas faz um detalhamento quantitativo, mas explicita os fatores que motivaram o aumento ou a diminuição desses trabalhos.

O levantamento detalhado das pesquisas e trabalhos que tratam sobre a interpretação em língua de sinais é uma contribuição significativa para os estudiosos e pesquisadores da subárea TILS, que até então não tinham de forma sistematizada um panorama global desses estudos. Além de localizar o estado da arte, pesquisas desse tipo contribuem para observar o fluxo dos assuntos discutidos e investigados em determinada área e por quais concepções e/ou tendências acadêmicas essas pesquisas têm se movimentado. Um exemplo dessa afirmação foram os resultados encontrados por Grbic (2007) no detalhado panorama dos trabalhos existentes, dos quais a autora considera subseções como: línguas, tipos de textos, autores, distribuição de temas.

O texto de Grbic (2007) aponta certa superficialidade em relação aos artigos publicados em volume especial e foi sugerido pela autora um investimento mais profundo da área no que tange a publicações desta natureza. Alguns dos resultados dos campos de pesquisa que se destacaram nas investigações analisadas pela autora foram: papel social do intérprete, contextos, modalidades, profissionais, qualidade da interpretação de língua de sinais, entre outros.

Em relação à distribuição dos temas por áreas foi possível observar que a área educacional destacou-se como um dos meios mais representativos dessas pesquisas. Grbic (2007) salientou ainda que o aparecimento tardio de textos com foco nos Estudos da Tradução se deve justamente à demasia de textos na área educacional. Este resultado encontrado por Grbic (2007) é corroborado especialmente pelo capítulo 3 desta tese, no qual a contextualização das pesquisas sobre interpretação da língua de sinais no Brasil também apontou com maior frequência o espaço educacional. Outra pesquisa que reforça essa assertiva foi aquela desenvolvida por Pereira (2010), que também ratificou o contexto educacional como mais evidente nas pesquisas investigadas.

Nesse sentido, políticas da TILS que estejam atentas não somente aos aportes educacionais, mas também aos respaldos tradutórios,

qualificam as ações a serem desempenhadas, tanto criticamente no contexto acadêmico, quanto nas práticas adotadas por profissionais que exercitam a tradução e a interpretação propriamente ditas. Em nosso país, talvez esse dado seja um dos motivos que tenha colaborado para que as identidades tramadas no contexto educacional entre professores e intérpretes sejam em certa medida tensas, conforme apontaram as dissertações do terceiro período sobre interpretação de língua de sinais. Em outras palavras, estamos sugerindo que tanto pesquisadores quanto órgãos do governo e profissionais da subárea TILS realizem um esforço para pensar o contexto educacional, também, com um olhar tradutório.

No entanto, as políticas da TILS podem se alimentar de pesquisas com caráter histórico da produção acadêmica que ofereçam pistas de como a área tem se movimentado nos últimos anos. Ainda no contexto internacional, articulada com essas reflexões temos o registro da pesquisa de Napier (2010). O texto trata de uma perspectiva histórica das investigações sobre a interpretação de língua de sinais com destaque para as próprias pesquisas realizadas pela autora. Napier (2010) apontou a emergência da pesquisa sobre interpretação de língua de sinais nos últimos vinte anos como uma subárea dos Estudos da Tradução e da Interpretação, fazendo referência inclusive ao trabalho de Grbic (2007). A circulação de saberes por meio dos resultados de pesquisas parece mais evidente no contexto europeu, como Grbic (2007) e Napier (2010) demonstram em estudos que focam a produção acadêmica sobre interpretação de língua de sinais.

No que diz respeito às instituições, Napier (2010) destacou o papel da *Gallaudet University Press* por contribuir significativamente na disseminação da área de interpretação de língua de sinais por meio da série de Estudos de Interpretação, que continha volumes com análises qualitativas e quantitativas das pesquisas realizadas. Tais pesquisas focavam temas variados, como por exemplo os aspectos linguísticos do processo de interpretação, o perfil demográfico da profissão, ou ainda os aspectos híbridos que constituem a interpretação educacional, resultante das características que compõem a interpretação de comunidade e a interpretação de conferências.

Nesse panorama internacional realizado por Napier (2010) são pontuados dois resultados importantes perante as pesquisas sobre interpretação de língua de sinais. Esses dados podem servir de argumentos para cooperar no ensino e na formação de intérpretes no contexto brasileiro. Os resultados da pesquisa de Napier (2010) corroboram aqueles levantados nas dissertações sobre interpretação de língua de sinais no Brasil, ou seja:

- i) As pesquisas envolvem muito mais temas como o papel e as responsabilidades dos intérpretes educacionais do que necessariamente a eficácia desse tipo de interpretação no contexto escolar;
- ii) Há falta de normas e confusão dos papéis do intérprete educacional, uma “fronteira” pouco clara que gera expectativas tanto para esses profissionais quanto para os demais que compõem o contexto escolar (professores, assessores e outros).

Napier (2010) destacou as pesquisas pessoais realizadas ao longo dos anos, analisando especialmente as características linguísticas que envolvem o processo de interpretação no contexto universitário, fazendo uma análise contrastiva entre a língua de sinais australiana (AUSLAN) e o inglês, e o desempenho que os sujeitos apresentam conforme critérios pré-estabelecidos. Ao averiguarmos as contribuições de Napier (2010) diante do contexto brasileiro é possível observarmos, também, que a garantia da língua de sinais e da presença de ILS no espaço educacional se tornam cada vez mais evidentes em decorrência da legislação. No entanto, a maioria das pesquisas foca o papel e a responsabilidade do profissional intérprete, e não a eficácia da sua interpretação frente ao contexto no qual está inserido.

A tendência das investigações que tomam como objeto a eficácia dos serviços de interpretação oferecidas no contexto educacional é recente. Uma das pesquisas que segue esta nova tendência é a dissertação produzida por Silva (2013), que analisou a participação dos alunos surdos no discurso de sala de aula do mestrado na UFSC mediada por intérpretes. Registramos poucas pesquisas conforme segue abaixo que investigaram a atuação de ILS em contextos de sala de aula.

Para realizar esta pesquisa, foram filmadas turmas em que havia intérpretes atuando em sala de aula na ULBRA. Foram analisadas as produções dos intérpretes na língua de sinais comparando-se com as produções dos professores e, ou colega na língua portuguesa. Os aspectos considerados na análise foram os seguintes: as estruturas linguísticas usadas, o conteúdo semântico e pragmático e as escolhas lexicais. Foi realizado o levantamento da equivalência das informações para se chegar às discrepâncias possíveis. A partir disso, foram identificados os efeitos da diferença na modalidade da língua no processo de interpretação com o intuito de tornar acessível aos intérpretes tais informações para minimizarem

seus problemas de interpretação. Constatou-se, no entanto, que a necessidade de qualificação técnica é urgente. (QUADROS, 2004, p. 65)

Napier (2010) ratificou ainda a necessidade evidente de um deslocamento de identidade, a emergência de uma nova afiliação, a saber: os Estudos da Tradução e sua interface com os Estudos da Interpretação, um tema também apontado no trabalho de Quadros e Santos (2010) no contexto brasileiro. Tanto Napier (2010) quanto Metzger (2010) argumentam a favor da afiliação dos diferentes campos de pesquisa em TILS aos Estudos da Tradução. Com relação aos levantamentos das produções acadêmicas, Metzger (2010) tratou das pesquisas realizadas em interpretação de língua de sinais evidenciando os trabalhos seminais e discutindo-os em um contexto mais amplo (Estudos da Interpretação) embasando-se em autores como Pöchhacker (2004) e Shlesinger (1989).

O *corpus* analisado por Metzger (2010) compreendeu 97 estudos localizados em duas fontes: a base de dados *International Bibliography of Sign Language* e o periódico *Journal of Interpretation*. A pesquisa apresenta um estudo diacrônico de pesquisas empíricas e experimentais de interpretação de língua de sinais do período de 1970 a 2005, agrupando tais investigações com base em assuntos, métodos de pesquisa, nação e paradigma de investigação. Além da descrição a partir dessas categorias tomadas com base em Pöchhacker (2004)⁷⁷, o texto evidencia pontos críticos dentro do exercício da interpretação de língua de sinais.

Um dos resultados dessa análise mostrou que dois assuntos (efetividade e caracterização da interpretação; e comparações fonte-alvo) foram estudados permanentemente ao longo das décadas examinadas no contexto estadunidense. Este resultado não coincide com o contexto australiano, pois Napier (2010) mostrou que as temáticas mais frequentes foram sobre a responsabilidade do ILS, mas não a eficácia do serviço de interpretação em contextos de sala de aula. Outro ponto interessante refere-se ao fato de que as primeiras pesquisas sobre interpretação de língua de sinais, no contexto americano, demonstram uma preferência clara pela metodologia quantitativa, diferentemente da realidade nas pesquisas do Brasil.

⁷⁷ No capítulo que tratará sobre a metodologia desta tese explicitaremos melhor essas categorias, uma vez que parte delas constituirá a análise desta tese.

Um dos fatos que possivelmente poderia explicar tal resultado diz respeito à tradição americana nas pesquisas quantitativas, pois no decorrer das décadas investigadas, essa preferência não desapareceu. Ao mesmo tempo, um aumento evidente no uso de métodos qualitativos e qualitativo-quantitativos também foi observado. A nação que representou em todas as décadas o maior número de pesquisas foi os Estados Unidos, ao passo que o paradigma mais expressivo nos dados analisados foi a abordagem tradutória orientada conforme o texto-alvo, diferentemente dos resultados encontrados em Grbic (2007) e Napier (2010). No contexto americano, o número significativo de pesquisas que utilizaram o método experimental ou quantitativo predominou na década de setenta.

No contexto brasileiro, os levantamentos bibliométricos em torno das pesquisas em TILS publicados no meio acadêmico são bastante reduzidos, destacando-se Vasconcellos (2010), Pereira (2010) e Souza (2010). Em comum, tais pesquisas apontam a emergência e consolidação da área de TILS junto aos Estudos da Tradução, o que também foi mencionado no contexto internacional por Grbic (2007), Napier (2010) e Metzger (2010).

No Brasil, Vasconcellos (2010) apresentou um mapeamento da constituição do campo disciplinar “Estudos da Tradução” a partir de um panorama internacional e nacional. Em um segundo momento, Vasconcellos (2010) mostrou como a TILS tem sido reconhecida como subárea dos Estudos da Tradução, alimentando-se de exemplos sobre a inserção de tradutores/intérpretes de língua de sinais nas pesquisas (distribuição de teses e dissertações) realizadas na PGET/UFSC. Vasconcellos (2010), mesmo reconhecendo a natureza problemática da filiação em termos da questão identitária, defendeu o argumento da inserção estratégica da TILS nos Estudos da Tradução, sobretudo na pós-graduação brasileira.

Do nosso ponto de vista, o empenho de Vasconcellos (2010), Pereira (2010), entre outras participações de pesquisadores em congressos, seminários e eventos locais a favor da inserção da TILS nos Estudos da Tradução no contexto brasileiro fortalece as ações de institucionalização desta articulação no meio acadêmico. As contribuições desses trabalhos são de extrema relevância para a pesquisa em TILS, por várias razões, entre elas:

i) Mostra o panorama detalhado internacionalmente/nacionalmente de como a subárea TILS tem se mobilizado em termos de pesquisa e dos

temas que interessam no atual momento, situando os pesquisadores em formação, bem como aqueles já atuantes nos Estudos da Tradução.

ii) Em um segundo momento, problematiza os objetos de pesquisa sobre TILS tornando-os visíveis à comunidade acadêmica, mostrando que os resultados dessas pesquisas podem contribuir para as interfaces linguísticas, políticas e culturais em nosso país.

iii) Por fim, as contribuições da Profa. Dra. Maria Lucia Vasconcellos associadas às demais pesquisas em Estudos da Tradução e Interpretação apontam categorias de expansão tanto para a pesquisa como também para a formação de tradutores e intérpretes em geral. Um exemplo disso são as várias perspectivas sobre a atuação do ILS no contexto educacional, objeto de investigação bastante explorado pelas pesquisas em interpretação comunitária. No contexto brasileiro, as pesquisas em torno dos Estudos da Tradução não haviam registrado no mapeamento de Pagano e Vasconcellos (2003) temas a respeito da interpretação comunitária, expansão essa possível a partir das contribuições das teses e dissertações sobre TILS apresentadas nos capítulos 3 e 4.

No Brasil, a produção de pesquisas que contemplem o estado da arte sobre TILS nos Estudos da Tradução é carente e parece insuficiente para determinar ações governamentais a favor da formação de profissionais da tradução e interpretação. Outro ponto para o qual estudos dessa natureza contribuem refere-se ao poder de decisão dos profissionais que exercem essa atividade, pois uma vez conhecedores dos aspectos históricos que envolvem a profissão, das perspectivas adotadas nas pesquisas, dos períodos históricos que a área perpassa, ganham força argumentativa e empoderamento em torno das demandas necessárias a determinado contexto.

Além disso, determinadas práticas de interpretação de língua de sinais no contexto educacional continuam perpetuando-se ao passo que pesquisas demonstram ou que estão obsoletas, ou que carecem de investigação para que sejam tomadas ações concretas de encaminhamento para tais situações. Para exemplificar, citamos a crise de identidade entre o fazer interpretativo e o fazer docente exercido por intérpretes e professores em sala de aula. Neste sentido que as pesquisas em estado da arte contribuem significativamente para os contornos em que uma área em emergência como a TILS tem se movimentado nos últimos anos. Romanowski e Ens (2006, p.39) ratificam esse posicionamento, pois “[a] realização destes balanços possibilita contribuir com a organização e análise na definição de um campo, uma

área, além de indicar possíveis contribuições da pesquisa para com as rupturas sociais”.

Neste sentido, um mapeamento inicial das teses e dissertações que tomaram como objeto a subárea de TILS até o começo do segundo semestre de 2009 em nosso país foi produzido por Pereira (2010). O *corpus* analisado compreendeu 36 trabalhos retirados da *Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD)* e da *Plataforma Lattes*. Em um primeiro momento, o texto apresentou duas categorias de análise: trabalhos concluídos e trabalhos em andamento. A necessidade de investigar materiais em andamento deve-se, segundo Pereira (2010), à escassa produção nacional sobre a área. Além disso, a autora afirma que os trabalhos em andamento permitem estabelecer uma comparação da evolução deste segmento até os dias atuais, assim como fazer projeções do perfil que a área está adotando.

Pereira (2010), além de seguir a tendência internacional dos estudos bibliométricos, salientou a dificuldade no Brasil quando se trata de fontes documentais que sirvam de *corpus* para as investigações que se interessam pelo tema. Para analisar as pesquisas em andamento foram utilizados acervos particulares e a lista de discussão dos ILS do Brasil (BrasILS). Essa análise bibliométrica das produções acadêmicas, no contexto brasileiro, tem sua inspiração em dois trabalhos publicados no campo dos Estudos da Tradução, o de Pagano e Vasconcellos (2003) e o de Grbic (2007).

Um dos resultados do trabalho de Pereira (2010) foi constatar que a primeira dissertação cujo objeto era a tradução de língua de sinais ocorreu no ano de 1995. Com relação à interpretação de língua de sinais, a primeira dissertação foi registrada em 1999. Segundo Pereira (2010) quando focalizamos as dissertações sobre interpretação de língua de sinais, os resultados demonstram que, das dezesseis concluídas sobre esse tema, oito pertenciam à área da educação. A maioria foi desenvolvida em universidades federais, ao passo que as teses, segundo Pereira (2010), distribuem-se de forma mais equilibrada com relação à área (educação, educação escolar e letras vernáculas).

No que concerne às pesquisas em andamento, Pereira (2010) observou um crescente número de produções, sendo que o surgimento de trabalhos afiliados ao campo dos Estudos da Tradução aumentou consideravelmente, o que nos mostra um deslocamento na forma de conceber as pesquisas, bem como o próprio objeto investigado. Se esses resultados de pesquisa mostram novas discussões conceituais, autores e argumentações durante todas essas décadas, a criação de políticas tradutórias que considerem tais elementos é urgente no sistema

educacional brasileiro. O campo dos Estudos da Tradução e por consequência os objetos investigados dentro deste escopo são amplos e ricos de interfaces teóricas, como mostraram os mapeamentos, transitando em áreas desde a linguística, a sociologia, a psicologia até a tecnologia. No entanto, com base nos dados analisados, Pereira (2010) alertou sobre o vácuo existente em pesquisas direcionadas a outras áreas que não a educação, uma vez que esta predomina na maioria das investigações realizadas em interpretação de língua de sinais.

Pereira (2010) realizou ainda um cruzamento das informações em seu estudo bibliométrico, isto é, expôs o panorama das pesquisas no contexto brasileiro, as perspectivas que essas pesquisas apontam e a relação histórica que elas desencadeiam com o reconhecimento da Libras e a educação de surdos. A exemplo de Grbic (2007) e Metzger (2010), a pesquisa de Pereira (2010) foi fundamental no contexto brasileiro para que investigações voltadas para o estado da arte como a presente tese tivessem o pontapé inicial para a ampliação das buscas em torno da produção acadêmica brasileira em TILS.

No Brasil, outra contribuição para os mapeamentos em TILS foi a pesquisa de Souza (2010). O texto apresentou um percurso histórico da língua de sinais, articulando-se com os principais mapas dos Estudos da Tradução (Holmes, Williams e Chesterman, Pagano e Vasconcellos e da Editora St. Jerome) e chegando à proposta de Grbic (2007). É uma das primeiras vezes que localizamos na pesquisa brasileira sobre TILS no formato de dissertação a referência aos mapeamentos em Estudos da Tradução detalhados e problematizados como parte do referencial teórico. Além disso, outro salto qualitativo no mapeamento de Souza (2010) foi a busca pelas áreas investigadas no contexto internacional e a correlação ou não daqueles resultados nas pesquisas mapeadas no território brasileiro. Essa correlação, além da descrição de por que tal pesquisa seria enquadrada em uma determinada categoria, auxilia pesquisadores novatos e *experts* na visualização dos movimentos que a área vem tomando nos últimos anos.

A partir da pesquisa de Pires (1999) sobre Questões de fidelidade na interpretação em língua de sinais, acredita-se que essa pode ser analisada conforme as categorias da subárea dos estudos da interpretação de língua de sinais propostas por Grbic (2007). Nesse sentido, enquadrou-se Pires (1999) como investigação do campo da qualidade da interpretação de

língua de sinais. Assim, conferiu-se o termo qualidade na esfera do mapa dos ETILSB. (SOUZA, 2010, p. 44).

Souza (2010) propôs que tal mapeamento, no contexto brasileiro, seja nomeado de Estudos da Tradução e Interpretação de Língua de Sinais (ETILSB), seguindo a proposta dos mapeamentos internacionais, nos quais a subárea TILS afilia-se aos Estudos da Tradução. O *corpus* analisado por Souza (2010) foi o Banco de Teses e Dissertações da Capes, compreendendo os anos de 1987 a 2007⁷⁸. Em nosso país, pesquisas que abordam e analisam as diferentes perspectivas e o estado da arte dos Estudos da Tradução em diversas investigações científicas é recente, sendo mais esparsos ainda na subárea de TILS. O esboço sugerido por Souza (2010) é um dos primeiros realizados no Brasil na subárea TILS, conforme pode ser visualizado abaixo.

Figura 11: Esboço de mapa de campos de pesquisa nos Estudos da Tradução e Interpretação da Língua Brasileira de Sinais (ETILSB), com base em Grbic (2007), Pagano e Vasconcellos (2003) e Banco da CAPES.

Estudos da Tradução e Interpretação da Língua Brasileira de Sinais			
Esboço com base em Grbic (2007), Pagano e Vasconcellos (2003) e Banco de Teses e Dissertações da CAPES			
Campos de Pesquisa	Geral	Marco Teórico: Interdisciplinar	Desconstrução: intradisciplinar
Profissionais: Modelo	Contextos e Modalidades	Profissionais: Interpretes de LS	Meio
Aplicado: Computador	Modalidades: pós-colonialismo	Desconstrução	Descritivos: Produto
Linguístico: Palavra	Linguístico: Abordagem Performativa	Descritivo: Dimensão	Qualidade

Fonte: Souza (2010).

⁷⁸ Ainda que o autor tenha colocado no cotejamento as dissertações defendidas em 2010 na PGET/UFSC.

Os resultados encontrados por Souza (2010) condizem com os apontamentos realizados por Romanowski e Ens (2006, p. 39):

Esses trabalhos não se restringem a identificar a produção, mas analisá-la, categorizá-la e revelar os múltiplos enfoques e perspectivas. Segundo Soares (2000, p. 4), num estado da arte é necessário considerar “categorias que identifiquem, em cada texto, e no conjunto deles as facetas sobre as quais o fenômeno vem sendo analisado”.

Nestes mapeamentos, tanto no contexto internacional quanto no nacional, observou-se a perspectiva indicada por Romanowski e Ens (2006), isto é, tais investigações não só quantificaram de forma estatística os resultados encontrados em teses, dissertações, artigos e outras fontes documentais, mas mantiveram como parte de suas análises reflexões de ordem qualitativa que auxiliaram a compreensão dos assuntos, dos referenciais teóricos adotados, das preferências metodológicas em determinadas épocas. Esses resultados são fundamentais para que tenhamos elementos que nos permitam conhecer o passado, bem como inferir os motivos que ocasionaram determinadas decisões institucionais em torno de uma subárea como a TILS. Além disso, tais mapeamentos colaboram para a compreensão do estado da arte da TILS, pois apresentaram quais assuntos tornaram-se demasiadamente pesquisados ao longo dos anos em oposição àqueles temas que nunca foram privilegiados no andamento das pesquisas. Por outro lado, quando argumentamos a favor de pesquisas que valorizam o estado da arte de uma determinada área, a necessidade de tomar cuidado com os “absolutismos” como resultados únicos e verdadeiros precisa ser pensada. As análises dos mapeamentos precisam levar em consideração o contexto no qual as pesquisas foram desenvolvidas. Por exemplo, se enquadrássemos as pesquisas de Santos (2006), Lima (2006) e Martins (2009) em uma única categoria, “a atuação do ILS no ensino superior”, perderíamos a possibilidade de compreender que cada uma delas tratou do tema a partir de diferentes perspectivas teóricas e práticas. Santos (2006) tratou das identidades daqueles profissionais ao passo que Lima (2006) focou no discurso e na identidade desses profissionais no ensino superior e Martins (2009) investigou as trajetórias de formação e as condições de trabalho daqueles profissionais no ensino superior.

Dessa forma, nesta seção que apresentou os levantamentos bibliométricos em TILS, interrogou-se também sobre a necessidade de articulação desses resultados acadêmicos com as ações governamentais. Em outras palavras, afirmamos que os levantamentos bibliométricos também podem desempenhar uma função política enquanto ferramentas que divulgam resultados potenciais para subsidiar instituições interessadas na criação de políticas de tradução e interpretação. Além disso, contribuem para a institucionalização das pesquisas analisadas, uma vez que caracterizam épocas, instituições com altos índices de produtividade, orientadores de destaque, entre outras categorias. O fato é que tais levantamentos bibliométricos em TILS no Brasil são bastante recentes, sendo que sequer mapearam outras fontes documentais como anais de congressos acadêmicos, relatos de experiências, artigos acadêmicos em revistas científicas, periódicos da área dos Estudos da Tradução ou mesmo TCCs, monografias e outros.

Embora todos esses levantamentos bibliométricos tenham colaborado significativamente para o desenvolvimento das pesquisas em TILS, cruzando informações, argumentando a favor da articulação com os Estudos da Tradução, por que ainda não temos mapeada essa subárea em nosso país? Quais dificuldades se colocam nesse processo de articulação entre as pesquisas em TILS e os Estudos da Tradução? A próxima seção busca responder esta indagação oferecendo possibilidades de entender a peça que falta no quebra-cabeça.

5.3 DIFICULDADES ENFRENTADAS NOS LEVANTAMENTOS BIBLIOMÉTRICOS EM TILS

No contexto internacional, a subárea Interpretação de Línguas Sinalizadas foi mapeada pela Editora St. Jerome, uma renomada editora internacional que publica temas relacionados à área de tradução. No contexto brasileiro, explicitamos alguns motivos na primeira seção deste capítulo que confirmam a ausência da subárea TILS no mapa de Pagano e Vasconcellos (2003). Nesse sentido torna-se fundamental compreendermos os contextos, as trajetórias, os possíveis motivos que dificultaram essa articulação em nosso país.

As pesquisas sobre TILS no Brasil têm crescido de forma veloz nos últimos anos, especialmente após o reconhecimento da Lei de LIBRAS nº 10.436/02 e, posteriormente, com a regulamentação dessa lei, após o decreto nº 5626/05, conforme apontaram Pereira (2010), Avelar (2010), Segala (2010), entre outros. O referido decreto demarcou uma virada jurídica, acadêmica e política. Do ponto de vista jurídico

brasileiro, até então a concepção sobre o ser intérprete e/ou tradutor de Libras ou até mesmo sobre a língua de sinais eram visualizados a partir de uma lógica da acessibilidade⁷⁹ das pessoas surdas aos mais diferentes meios. No artigo 10 do decreto 5626/2005 é possível observar o incentivo à pesquisa sobre a língua de sinais:

As instituições de educação superior devem incluir a Libras como objeto de ensino, pesquisa e extensão nos cursos de formação de professores para a educação básica, nos cursos de Fonoaudiologia e nos cursos de Tradução e Interpretação de Libras - Língua Portuguesa. (Capítulo III, artigo 10, Decreto 5626/2005).

Esse decreto é o resultado de uma série de pesquisas em torno da língua de sinais que fundamentaram seu status linguístico, bem como das demandas tradutórias decorrentes das interações linguísticas entre usuários e não-usuários da língua de sinais. Do ponto de vista político, uma série de políticas linguísticas foram implementadas no país a favor do cumprimento dessa legislação, entre elas os cursos de Letras-Libras (bacharelado e licenciatura). Do ponto de vista acadêmico, nas teses e dissertações sobre TILS, alguns obstáculos na coleta de dados dos levantamentos bibliométricos foram observados. Um desses obstáculos refere-se à escolha das palavras-chaves para serem utilizadas como descritores de busca no campo Assunto: “Foram eles: Língua de Sinais, Língua Brasileira de Sinais, Língua de Sinais Brasileira, Tradução de língua de sinais, LSB, Estudos da Tradução e da Interpretação de Língua

⁷⁹ Observe a forma como o intérprete é nomeado nessas leis que aparecem a seguir. Uma das primeiras vezes em que o intérprete é relatado no meio jurídico brasileiro (Código de Processo Civil) é na lei 5.869, de 11 de janeiro de 1973, no capítulo V, que dispõe sobre os auxiliares da justiça. Na seção IV, que especifica a função do intérprete e suas responsabilidades, o artigo 151 afirma que “o juiz nomeará intérprete toda vez que o repute necessário para: I - analisar documento de entendimento duvidoso, redigido em língua estrangeira; II - verter em português as declarações das partes e das testemunhas que não conhecerem o idioma nacional; III - traduzir a linguagem mímica dos surdos-mudos, que não puderem transmitir a sua vontade por escrito”. (grifo meu). Outro exemplo disso é a lei 10.098/2000, que dispõe no capítulo VII sobre a acessibilidade nos sistemas de comunicação e sinalização. A menção ao intérprete de língua de sinais aparece em seu artigo 18: “O Poder Público implementará a formação de profissionais intérpretes de escrita em braille, linguagem de sinais e de guias-intérpretes, para facilitar qualquer tipo de comunicação direta à pessoa portadora de deficiência sensorial e com dificuldade de comunicação” (grifo meu).

de Sinais, e por último, Tradução e interpretação de língua de sinais”. (SOUZA, 2010, p. 38).

A necessidade de utilizar sete descritores na pesquisa de Souza (2010) para mapear as teses e dissertações sobre tradução de língua de sinais em nosso país demonstra que o uso das palavras-chave tem seguido aportes teóricos diferentes e com uma grande abrangência. Dito de outra forma, de acordo com os estudos de Souza (2010), as palavras-chave utilizadas nas pesquisas sobre TILS pouco representam o campo dos Estudos da Tradução ou os conceitos afiliados a ele. Esse fato é um dos motivos que nos instigou a pesquisar, também, quais eram as palavras com alto índice de ocorrência nas teses e dissertações. Quais seriam as palavras (de conteúdo) mais frequentes que poderiam constituir um conjunto de situações que poderiam caracterizar o período em questão? Cabe ressaltar que as palavras-chave que se restringem a tradução, interpretação, tradutor, intérprete e assim por diante parecem pouco comuns nas teses e dissertações que Souza (2010) investigou em sua análise.

Quando usado um termo mais amplo, como “língua de sinais”, como descritor, a incidência de teses e dissertações aumentou significativamente, possibilitando que outras interfaces, não necessariamente com o tema tradução ou interpretação, aparecessem como resultados da pesquisa. Tal preocupação com o uso de descritores também foi observada por Vasconcellos (2010) na palestra intitulada “A pesquisa em TILS na pós-graduação brasileira: palavras-chave e a questão das filiações teórico-metodológicas”, proferida no II Congresso de Pesquisas em Tradução e Interpretação de Língua de Sinais na Universidade Federal de Santa Catarina, no ano de 2010. Vasconcellos (2010) alertou para os riscos que decorrem da forma como as palavras-chaves de dissertações e teses são indexadas.

Os resultados ora apresentados mostram variações na metalinguagem utilizada em TILS, conforme manifestado nos descritores utilizados. Sugere-se que esse cenário pode prejudicar não apenas o processo de formação de pesquisadores, no que tange o estabelecimento das filiações de sua pesquisa, mas também a conversação na área e a recuperação do conhecimento produzido, por aqueles interessados no estado-da-arte da pesquisa. (VASCONCELLOS, 2010, não-publicado).

Essa fragilidade observada em relação às palavras-chave utilizadas nas teses e dissertações nas pesquisas sobre TILS ratifica o deslocamento teórico que a subárea tem enfrentado nos últimos anos. Possivelmente esta mudança de aportes epistemológicos tenha sido um dos fatores que justificam a conclusão de Pereira (2010) ao afirmar que as pesquisas brasileiras aparecem tardiamente no cenário acadêmico, quando as comparamos com as produções de outros países. A inserção das pesquisas em TILS afiliadas aos Estudos da Tradução ou aos Estudos da Interpretação, em países como Áustria e Estados Unidos apresentaram movimentos mais rápidos e direções teóricas diferentes, quando comparados com as produções acadêmicas brasileiras.

As opções metodológicas, bem como as temáticas adotadas nas investigações ilustram algumas diferenças entre os países. No Brasil, especificamente nas teses e dissertações sobre TILS, não temos registro de temas como processamento cognitivo, diferentemente dos Estados Unidos, que na década de setenta, de acordo com Metzger (2010), já tinha trabalhos produzidos nessa vertente. O número acentuado de pesquisas apresentados por Grbic (2007), Metzger (2010), Napier (2010) e Pereira (2010), que pesquisaram o contexto educacional, colocam em cena afiliações a outros campos teóricos, que não necessariamente a TILS ou os Estudos da Tradução.

Com relação a essa incidência de trabalhos produzidos na área educacional, Metzger (2010) afirma que o contexto de atuação de ILS demarca características distintas quando comparados aos intérpretes de línguas orais. Nesse sentido, Metzger (2010) ancorou-se nas argumentações de Roberts (1987), que afirma que os intérpretes de línguas faladas tendem a ser associados à interpretação de conferências, enquanto os intérpretes de LS trabalham mais frequentemente em contextos comunitários e dialógicos, onde estaria incluído o contexto educacional. Essa afirmação se reflete no contexto brasileiro, pois em nosso país as pesquisas voltadas ao contexto comunitário são menos frequentes, não atingindo uma visibilidade acadêmica. Essa afirmação pode ser comprovada por meio do mapeamento de Pagano e Vasconcellos (2003), que não registrou essa vertente, possivelmente em decorrência de ser uma subárea pouco explorada no contexto brasileiro. Com as políticas em torno da língua de sinais, com a massiva presença de tradutores e intérpretes de língua de sinais em diferentes espaços, a emergência de pesquisas em torno da temática da interpretação comunitária começa aos poucos a tornar-se visível no meio acadêmico.

No Brasil, o termo “interpretação comunitária” raramente tem sido empregado nas pesquisas sobre interpretação, quer seja de línguas

orais ou de sinais. Rodrigues (2010) e Queiroz (2011) destacaram-se como pioneiros no desenvolvimento de pesquisas que tratam dessa área com afiliação aos Estudos da Tradução em nosso país. Rodrigues (2010) realizou um panorama da interpretação comunitária até a interpretação de conferências, abordando os desafios que se colocam na formação de ILS. Queiroz (2011) tratou sobre a interpretação médica no Brasil, apresentando abordagens teóricas e definições, assim como comparações entre o estado de desenvolvimento da interpretação médica no Brasil e nos Estados Unidos.

Tanto Rodrigues (2010) quanto Queiroz (2011) concordam com Carr *et al* (1995) ao afirmar que o termo “*community interpreting*” (interpretação comunitária) é definido como uma “interpretação que ‘permite que pessoas não fluentes na(s) língua(s) oficial(is) de um país possam se comunicar com provedores de serviços públicos de forma a facilitar acesso igual e integral a serviços legais, médicos, educacionais, governamentais e serviços sociais’”.⁸⁰

Essa questão sobre os diferentes contextos de atuação (conferências, contextos legais, contextos médicos), também foi observada nos trabalhos de Gile (1998) e Wadensjö (1998). Com base nesses autores, Rodrigues (2010) apresenta um quadro comparativo mostrando cenários e características típicos da interpretação comunitária e da interpretação de conferência, respectivamente. Vejamos dois exemplos que reforçam a afirmação anterior.

Enquanto na interpretação de conferências ocorre a interpretação de discursos, e em grandes eventos na maioria das vezes ocorre simultaneamente (ou consecutivamente), na interpretação comunitária ocorre uma interpretação de e para ambas as línguas, sendo uma delas a língua oficial do país e a outra a de uma minoria, comunidade estrangeira ou outro grupo marginalizado. Enquanto a interpretação comunitária caracteriza-se por ser uma atividade de caráter *intrassocial*, a interpretação de conferências caracteriza-se por ser uma atividade de caráter *internacional*, ambas as afirmações são defendidas por Pöchhacker (2001). (RODRIGUES, 2010, p. 5)

⁸⁰ Tradução de Mylene Queiroz. Sem acesso à citação original em inglês.

É possível observar uma contradição nas pesquisas sobre TILS. Embora a interpretação comunitária não tenha sido mapeada no Brasil, pesquisas que poderiam ser enquadradas como partes da interpretação comunitária também não se reconhecem em sua totalidade nessa afiliação. Dito de outra forma, ainda que o contexto educacional tenha sido focalizado inúmeras vezes nas teses e dissertações em TILS, os referenciais teóricos tomados como respaldo pouco coincidem com os conceitos e teóricos dos Estudos da Interpretação. São utilizados referenciais da área da educação, filosofia, sociologia, entre outros, para subsidiar tais pesquisas, mas não da área dos Estudos da Interpretação ou alguma menção ao conceito de interpretação comunitária. Essa situação é um fato problemático quando tratamos da afiliação da subárea TILS junto aos Estudos da Tradução, pois é preciso reconhecer essa situação histórica que constitui a identidade das pesquisas em TILS em nosso país.

Possivelmente esse fato esteja associado ao desconhecimento da nomenclatura de interpretação comunitária ou ainda ao pouco acesso a literaturas disponíveis no Brasil que tratam do assunto. Se no país a demanda por referências bibliográficas em Estudos da Tradução é sempre uma constante, tratar de fontes documentais como livros específicos dos Estudos da Interpretação é um desafio maior ainda. Por outro lado, a interpretação de língua de sinais também pode ser exercida nos contextos de conferência, embora não tenha sido registrada em nenhuma das dissertações investigadas em TILS. Há menções sobre a atuação desses profissionais no contexto de conferências, mas não pesquisas que tratem das implicações de modalidade (oral-auditiva e espaço-visual) em situações de interpretação simultânea ou consecutiva, entre outros tantos assuntos a serem explorados. Por exemplo, Metzger (2010) assegura que “a questão sociolinguística também está relacionada com toda a história de propósitos e políticas linguísticas que têm influência sobre a vida das pessoas surdas ao redor do mundo e, por conta disso, sobre o trabalho dos intérpretes de LS” (METZGER, 2010, p. 51).

Além disso, Metzger (2010) argumenta que a diferença no fazer interpretativo está mais associada à modalidade em si, pois há uma distinção clara entre intérpretes de línguas orais e intérpretes de língua de sinais. Enquanto os primeiros trabalham com duas línguas de modalidade oral, os outros trabalham entre uma língua oral e uma sinalizada, e tais diferenças demarcam implicações para o cumprimento desse trabalho. Na medida em que não temos registro de teses e dissertações na subárea de TILS que foquem o contexto de conferências

ou ainda que foquem outras interfaces como a tecnologia, estudos baseados em *corpora*, metáforas, legendagem, dublagem e outros assuntos, as chances de registro em mapeamento ou mesmo a visibilidade dessas produções no meio acadêmico diminuem consideravelmente.

No Brasil, outro ponto complicado nas pesquisas em TILS refere-se ao diálogo com pesquisadores e conceitos específicos da área de Estudos da Interpretação ou mesmo Estudos da Tradução no contexto internacional. A fragilidade da leitura em língua inglesa para alguns pesquisadores novatos ou ainda o acesso restrito a materiais, especialmente livros estrangeiros, que pudessem subsidiar o desenvolvimento das pesquisas, contribuiu para uma inserção tardia dos resultados brasileiros em comparação com o contexto internacional. À medida que novas interfaces como Estudos da Interpretação, Estudos Linguísticos, Estudos da Tradução entraram em cena na pesquisa, novos objetos e referenciais teóricos passaram a ser explorados.

Diante desta situação, o desafio que se coloca para as pesquisas em TILS, principalmente os levantamentos bibliométricos, é que, no contexto brasileiro, tais resultados possam ser cruzados com mapeamentos já realizados pelos Estudos da Tradução. Ou ainda que esses dados tornem-se subsídios para construção de políticas voltadas às demandas de formação de futuros profissionais de acordo com as exigências nacionais. Por outro lado, as pesquisas sobre TILS em nosso país não seguem as tendências internacionais (processos tradutórios, aspectos cognitivos, estudos sobre a interferência nas modalidades), ratificando a necessidade de considerar o percurso e o momento histórico desta área vivido no contexto brasileiro. Em termos de contextualização histórica sobre as investigações em interpretação de língua de sinais, estas apresentam em comum, tanto no primeiro quanto no segundo período (1990 a 2000 e 2001 a 2005), uma tendência descritiva.

Esta afirmação pode ser confirmada pela necessidade de definir e esclarecer para a comunidade questões relativas ao papel dos tradutores/intérpretes e da tradução/interpretação na sociedade como um todo, frequentemente encontrada nos referenciais teóricos das teses e dissertações analisadas. Ou seja, estamos em um momento de transição teórica, isto é, movendo-nos de um referencial descritivo/prescritivo para um referencial discursivo/processual que permite diferentes perspectivas a fim de examinar os objetos de tradução.

É nesta interseção que a presente tese se localiza. Isto é, primeiramente contextualiza todas as pesquisas das quais temos registro

produzidas no contexto brasileiro até o momento, e em um segundo momento, inspirada nos resultados de Metzger (2010), busca no Brasil traçar um levantamento sobre assuntos, conceitos, principais referenciais teóricos e metodologias adotadas na subárea TILS. Tais resultados contribuirão tanto para pesquisadores da área como para a formação de tradutores/intérpretes de língua de sinais. Dessa forma, concluímos a seção refletindo que as dificuldades enfrentadas na afiliação de TILS aos Estudos da Tradução demonstram por meio dos levantamentos bibliométricos: (i) uso de palavras-chave pertencentes a outros campos teóricos, (ii) uso pouco frequente nas pesquisas em TILS de aportes teóricos dos Estudos da Tradução, (iii) falta de mapeamento no Brasil da área de interpretação comunitária em levantamentos bibliométricos, (iv) transição da área educacional para os Estudos da Tradução nas pesquisas em TILS, (v) a falta de contato e mesmo de pesquisas com temas sobre interpretação de conferências.

Ou seja, conforme Vasconcellos (2010) afirmava, a variação na metalinguagem pode prejudicar o processo de formação de pesquisadores em TILS. Além disso, o uso não compartilhado de referenciais conceituais de um campo pode prejudicar, também, o empoderamento desta recente subárea, pois não há uma interlocução entre seus próprios pares. O investimento de pesquisas em estado da arte pode colaborar para visibilizar essas pesquisas em TILS, bem como para apontar conexões possíveis entre TILS e Estudos da Tradução. Possivelmente, tais pesquisas estão obscurecidas pela falta de “garimpagem” da produção acadêmica sobre TILS. Dessa forma, buscamos contribuir na construção de um empoderamento da área sugerindo o desenvolvimento da habilidade de pensar criticamente, conforme Stromquist (1997).

5.4 CONSTRUÇÕES DE UM EMPODERAMENTO NA AFILIAÇÃO DA PESQUISA SOBRE TILS ARTICULADA AOS ESTUDOS DA TRADUÇÃO

A construção de argumentos extraídos das teses e dissertações sobre TILS, bem como a articulação das discussões de forma geral aos Estudos da Tradução é bastante árdua. No entanto, apontamos dois aspectos que merecem atenção nessa construção: a) a tradução do conceito de empoderamento e b) os reflexos nas teses e dissertações em TILS e as conexões com as práticas formativas de ILS na construção de um empoderamento.

A tradução do conceito de “*empowerment*” na língua portuguesa é bastante problemática, pois depende muito do contexto e do campo de saber em que esse conceito esteja inserido. As definições podem variar muito, desde “a autonomia e o pleno exercício da cidadania” até “energização do sistema organizacional”. Essa constatação a respeito da problemática terminológica do conceito é registrada em algumas produções acadêmicas, como no trabalho de Carvalho (2004), que afirma:

"*Empowerment*" é um conceito complexo que toma emprestado noções de distintos campos de conhecimento. É uma idéia [sic] que tem raízes nas lutas pelos direitos civis, no movimento feminista e na ideologia da "ação social" presentes nas sociedades dos países desenvolvidos na segunda metade do século XX. Nos anos 70, este conceito é influenciado pelos movimentos de auto-ajuda [sic], e, nos 80, pela psicologia comunitária. Na década de 90 recebe o influxo de movimentos que buscam afirmar o direito da cidadania sobre distintas esferas da vida social entre as quais a prática médica, a educação em saúde e o ambiente físico.

Algumas áreas, como a de Administração, adotam o conceito na forma original, em língua inglesa (*Empowerment*), referindo-se mais diretamente às diferentes formas de gerenciamento, maior autonomia nas decisões sobre como realizar tarefas ou ainda à forma como se manifesta e é exercido o poder nas organizações. Tal afirmação é ratificada por Lima e Frota (2002, p. 5), que afirmam: “O *empowerment* é uma filosofia ou ferramenta gerencial adotada nas organizações modernas ou pós-empresariais que presume uma mudança nas relações sociais de trabalho através do emprego de formas autônomas de poder para as pessoas ou para as equipes”.

No Brasil, em alguns trabalhos acadêmicos a tradução literal de “*empowerment*” para “empoderamento” é frequentemente relacionada à área de direitos sociais e civis, em especial os direitos das mulheres na tomada de decisões coletivas e em questões sobre o exercício da cidadania. Ainda que existam diferentes vertentes teóricas que embasem o conceito de “*empowerment*”, na maioria dessas abordagens elas compartilham da “raiz central” que constitui o conceito, isto é, a questão do poder. Devido à natureza complexa desse conceito, uma vez que ele

tem distintas traduções, conforme abordado nos parágrafos anteriores, adotamos nesta tese a perspectiva de empoderamento a partir de um viés que considera o fortalecimento identitário da subárea de TILS como uma inserção estratégica aos Estudos da Tradução, conforme Vasconcellos (2010).

Neste sentido, as pesquisas em TILS contribuem diretamente para a compreensão do conceito de empoderamento. Nessas produções é possível examinar, por exemplo, quais perspectivas teóricas e o que a subárea entende por empoderamento. Várias dissertações sobre interpretação de língua de sinais contextualizadas no capítulo 3 respaldam-se nos Estudos Pós-Coloniais para abordar as relações de poder presentes no exercício interpretativo ou ainda o fortalecimento alcançado ou não a partir de ações realizadas pelos profissionais que praticam tal atividade.

Esses dados merecem ser considerados em uma perspectiva “macro” do conceito, no sentido de que somam argumentos a favor da ampliação e abrangência dos Estudos da Tradução, campo caracterizado pelo caráter interdisciplinar, conforme Vasconcellos (2009). Outro elemento fundamental refere-se à possibilidade de extrair categorias que indiquem linhas de formação ou ainda a extração de um conjunto de palavras recorrentes em determinado tempo nas teses e dissertações. Tais práticas colaboram na argumentação deste empoderamento e, conseqüentemente, fortalecem a consolidação da subárea TILS.

Na maioria das vezes, na literatura em geral dos Estudos da Tradução, incluindo por exemplo Venuti (2002), Vasconcellos (2010) e Tymoczko (2007), quando argumentamos a favor de um empoderamento na área dos Estudos da Tradução, os olhares se voltam para o exercício do poder pelos tradutores e intérpretes ou ainda para as resistências sociais e falta de autonomia às quais esses profissionais estão expostos no mundo contemporâneo. Todas essas concepções ou formas de visualizar os profissionais, os objetos e os resultados de pesquisas no meio acadêmico colaboram em certa medida para a construção de um empoderamento, gerando políticas de tradução e interpretação mais efetivas.

Neste sentido, a inserção estratégica da TILS nos Estudos da Tradução não ocorre somente pela via da pesquisa, mas também pelo viés dos profissionais, como demonstrou Vasconcellos (2010).

[...] a inserção estratégica do tradutor e do intérprete de língua de sinais em um campo disciplinar já estabelecido, longe de diminuir a

importância de sua questão identitária, pode contribuir para o fortalecimento do empoderamento (*empowerment*) desses profissionais que, mesmo filiados a um campo disciplinar já constituído, não perdem sua especificidade ou visibilidade. (VASCONCELLOS, 2010, p. 121)

A afirmação de Vasconcellos (2010) encontra eco nas próprias pesquisas desenvolvidas sobre interpretação de língua de sinais, especialmente, as teses e dissertações. A maioria dessas publicações trata do profissional ILS e dos aspectos relacionados ao exercício da sua prática. Uma vez que temos as pesquisas sobre TILS, as práticas de atuação de TILS no meio profissional, que elementos constituem o empoderamento a fim de que possamos argumentá-lo com maior propriedade? Stromquist (1997) foi uma das autoras que se dedicou às reflexões acerca dos elementos que permeiam e se articulam à ideia de empoderamento, e para além disso, reforça que os parâmetros constituintes deste conceito são:

- i) Construção de uma autoimagem e uma confiança positiva;
- ii) Desenvolvimento da habilidade para pensar criticamente;
- iii) Construção da coesão de grupo;
- iv) Promoção da tomada de decisões;
- v) Ação.

Esses parâmetros respaldam a ideia de empoderamento relacionado às questões de gênero, poder e movimento das mulheres. No entanto, destacamos os tópicos (iii) e (iv), que tratam da construção da coesão de grupo e a promoção da tomada de decisões como critérios a considerar, também, para as pesquisas sobre TILS em nosso país. A construção do empoderamento é necessariamente uma construção coletiva, da busca pela coesão de grupo seja de pesquisadores ou de tradutores e intérpretes de língua de sinais. O diálogo interno da subárea, a circulação de resultados de pesquisa, a inserção estratégica no contexto internacional, as tomadas de decisões, os encaminhamentos ou não sobre metas estabelecidas para determinada área são ações que cooperam no fortalecimento identitário da TILS.

A construção da coesão de grupo fornece condições para que as relações interpessoais e institucionais entre os pesquisadores se estabeleçam para além das pesquisas, uma vez que redes de cooperação

podem ser criadas por meio de grupos de pesquisa a favor de temas centrais para a área ou até mesmo na tomada de decisões nacionais que podem ser respaldadas pela coesão institucional. A falta de circulação de algumas informações institucionais, assim como dos resultados de pesquisas, colabora para que a repetição de respostas endereçadas aos órgãos governamentais seja uma constante. Se tivéssemos uma coesão mais acentuada entre os pesquisadores em TILS, compartilhando de um referencial mais sólido sobre os aspectos tradutórios, a tomada de decisões poderia ter melhor efeito nas políticas linguísticas em nosso país. Um exemplo que ilustra essa afirmação refere-se a resultados constatados por Santos (2006, p. 109) a respeito da existência do cargo de tradutor-intérprete nas universidades federais do país:

Tradutor-intérprete no quadro funcional previsto no Plano único de classificação e retribuição de cargos e empregos 7596 de 1987, regulamentado pelo decreto 94664/87 que confere no anexo I, sub-grupo NS – 03 – Tradutor e intérprete. Já no sub-grupo NM – 01 – que compete ao ensino médio, consta como cargo de nº 58, o tradutor e intérprete de Linguagem de Sinais.

O Ministério de Educação insiste em realizar concursos públicos para tradutor-intérprete de nível médio, desqualificando⁸¹ todas as

⁸¹ Em 2013 a UFPR estava com concurso para tradutor/intérprete (nível E) aberto para o par linguístico Libras/Português. De acordo com comunicado EDITAL N.º 280/13-PROGEPE em 04 de novembro de 2013, “

O Pró-Reitor de Gestão de Pessoas da Universidade Federal do Paraná, no uso de suas atribuições legais e,

1. Considerando o ofício nº 2190/2013- CGGP/SAA/SE/MEC, de 25/10/2013, recebido por esta Pró-Reitoria em 31/10/2013, o qual esclarece sobre as atribuições do cargo de Tradutor e Intérprete;

2. Considerando que, no referido ofício acima mencionado, o Ministério da Educação esclarece que a Lei nº 10.436 de 2002,

reconheceu a Linguagem Brasileira de Sinais – Libras como meio legal de comunicação e expressão, e que Libras não foi reconhecida como um idioma;

3. Considerando que a descrição das atividades do cargo de Tradutor e Intérprete é a de traduzir de um idioma para outro, e a este cargo não foi atribuído funções inerentes a tradução e interpretação de linguagem de sinais - libras;

4. Considerando que o concurso para o cargo de Tradutor e Intérprete foi aberto para atender o Curso de Letras/Libras, cujos profissionais deverão ter conhecimento em Língua Brasileira de Sinais – Libras, pois é requisito necessário para atuarem junto ao Curso de Letras/Libras resolve cancelar o concurso acima referido.

políticas linguísticas em torno da língua de sinais, visibilizadas cada dia mais no meio acadêmico e fora dele. Esta é uma lacuna nas teses e dissertações sobre objetos de pesquisa como concursos públicos para tradutores e intérpretes de língua de sinais ou ainda diferentes formas de contratação. Tal temática deveria ser discutida à luz do referencial dos Estudos da Tradução, bem como considerando todo o processo histórico de constituição da área de TILS. Em nosso país, a Libras é língua oficializada e regulamentada. Que argumentos estão em cena para a não aprovação de concursos com nível superior para tradutores e intérpretes de língua de sinais na maioria das universidades federais em nosso país?

Nesse sentido vale mencionar a ação da UFSC em relação ao concurso público realizado em setembro/2009 para técnicos administrativos. Inicialmente naquele concurso o edital 037/DDPP/2009 previa cinco vagas para *tradutor e intérprete de linguagem de sinais*, enquadrado no cargo de nível de classificação D. Em 2009, o curso de Letras-Libras desta instituição, representado pelo coordenador Prof. Dr. Tarcísio de Arantes Leite, manifestou-se contrariamente a este cargo, solicitando à Procuradoria da UFSC modificação no edital nº 037/DDPP/2009 para o cargo de tradutor-intérprete respaldado em argumentos como:

Na verdade, tanto em termos de atribuições do cargo de tradutor e intérprete, quanto em termos de estatuto da Libras como língua, não há motivos justificáveis para se designar um cargo de tradutor e intérprete de *libras* como um cargo distinto do de tradutor e intérprete de *línguas*. Isso nos leva a crer que distinção entre esses dois cargos na legislação brasileira seja herança de um período histórico em que a Libras, embora levada em consideração por legisladores e pela sociedade de modo geral, não era *plenamente reconhecida como uma língua natural*, com estatuto igual ao das línguas orais. (LEITE, 2009, p. 1)

Imediatamente o pedido foi deferido pela Procuradoria e manifestada a alteração no edital nº 086/DDPP/2009 para o cargo

tradutor-intérprete conforme solicitado⁸². Tal documento de envio à procuradoria da UFSC tem servido a várias outras universidades como argumentação para alteração do cargo de concursos para tradutores e intérpretes de língua de sinais. A construção da coesão do grupo, bem como a promoção da tomada de decisões possibilita que tanto pesquisadores quanto tradutores e intérpretes exerçam de forma autônoma e com argumentos sólidos as demandas geradas pela TILS. Tais encaminhamentos resultam em ações fortalecidas e possíveis alvos de políticas tradutórias em nosso país.

Desta forma, é pertinente a contribuição de Vasconcellos (2010) ao se referir ao conceito de empoderamento, pois é fundamental explorarmos os desdobramentos desse fortalecimento na subárea TILS. Um exemplo desse desdobramento é o recente processo de consolidação de pesquisadores em TILS, os quais têm mostrado novos rumos de investigação, eixos de pesquisas para a área dos Estudos da Tradução conforme mencionado, em seções anteriores, sobre os Congressos de Pesquisas em TILS.

Esses fatos reforçam a ideia de afiliação estratégica de TILS ao campo dos Estudos da Tradução, conforme defende Vasconcellos (2010). Além de reforçar, as novas descobertas da TILS por meio das pesquisas e também do agenciamento dos tradutores e intérpretes contribuem significativamente para a ruptura de possíveis visões tradicionais dos Estudos da Tradução. No entanto, estamos diante de um processo duplo de “alargamento” ou expansão teórica dos Estudos da Tradução. Para que a TILS fosse articulada aos Estudos da Tradução em nosso país haveria necessidade de expansão desta grande área, acolhendo pesquisas que priorizam os preceitos da interpretação comunitária, valorizando diferentes grupos culturais e linguísticos como a comunidade surda. Esta é uma influência marcada pelas demandas atuais do mundo da tradução e dos Estudos da Tradução, pois amplia nossa compreensão sobre o colonialismo e as relações de tensão enfrentadas por diferentes comunidades e que desafiam qualquer tradutor em seu trabalho. Em outros momentos da história dos Estudos da Tradução, reflexões sobre o empoderamento de tradutores, diferentes pontos de vista e visões ideológicas foram problematizadas.

⁸² No entanto, esta mesma universidade no ano de 2013 por meio do concurso público, EDITAL N° 252/DDP/2013 e EDITAL N° 255/DDP/2013 abriu vagas para o cargo de tradutor/intérprete de linguagem de sinais (nível D).

As epistemologias pós-positivistas descentram as visões dominantes e têm o potencial de abrir o campo do discurso para as perspectivas, pontos de vista e valores de todos os povos e todas as posições subjetivas. Assim, mudanças em uma área acadêmica em direção a abordagens pós-positivistas, como ocorreu nos estudos da tradução, trarão consigo considerações relativas à ética e ideologia, incluindo as perspectivas de diversos grupos culturais e de diversos indivíduos. No caso dos estudos da tradução, tais considerações convergiram na ideologia dos processos e produtos tradutórios, assim como na posição ética e no empoderamento dos tradutores, os agentes da tradução. (TYMOCZKO, 2007, p. 191).

Tymoczko (2007) aponta não só para as epistemologias pós-positivas e suas consequências nos Estudos da Tradução, como também reconhece o empoderamento dos tradutores como um ponto fundamental nessas reflexões, uma vez que são os agentes da tradução. Com o intuito de contribuir com as reflexões de Tymoczko (2007) e Vasconcellos (2010) que refletem sobre o empoderamento por parte dos tradutores, afirmamos que os próprios levantamentos e problemáticas levantadas por esses profissionais podem tornar-se objetos de investigação para ampliar, desmistificar ou ratificar práticas de tradução realizadas até o presente momento. Por que a separação entre prática e teoria deveria ser estimulada, quando a articulação entre elas beneficia as duas vertentes? Neste sentido, um ponto fundamental a ser pensado nas pesquisas sobre TILS é a aplicabilidade dos temas investigados, bem como sua abrangência. Em que medida e como contribuem para o empoderamento daquela área ou de que forma os resultados de tais pesquisas contribuem ou dialogam com os Estudos da Tradução.

Nessa perspectiva, refletir sobre a construção do empoderamento nas pesquisas realizadas em TILS é também considerar os períodos históricos que constituíram determinadas épocas. Por exemplo, no contexto mais amplo dos Estudos da Interpretação, Gile (1995) afirma que um dos primeiros períodos que marca as pesquisas é o período preliminar. Como o próprio nome afirma, uma das principais características deste período histórico referia-se à presença efetiva de

professores e praticantes (intérpretes) como pesquisadores. Por volta da década de cinquenta, estes pesquisadores escreviam e refletiam sobre experiências pessoais nas práticas de interpretação, uma vez que raros eram os estudos que tratavam da pesquisa em interpretação.

Esse período preliminar nos Estudos da Interpretação de acordo com Gile (1995) demonstra o poder de atuação dos intérpretes e a busca pela consolidação daquela área a favor do empoderamento. No Brasil, a contextualização das pesquisas em interpretação de língua de sinais no capítulo 3 mostra um processo semelhante ocorrido nas pesquisas desenvolvidas em nosso país. No período de 2006 a 2010 as pesquisas sobre interpretação de língua de sinais exploravam como objeto de pesquisas temas como: as identidades dos ILS, as condições de trabalho dos intérpretes no ensino superior, a qualidade de formação dos intérpretes, entre outros assuntos que demonstram a preocupação dos agenciamentos exercidos pelos profissionais da área.

Os resultados dessas pesquisas, bem como todo esse movimento acadêmico e, de certa forma, político contribuem para o empoderamento tanto de pesquisadores de TILS como dos tradutores e intérpretes de língua de sinais. Esse cenário oferece elementos para que as tomadas de decisões e, conseqüentemente, as ações sejam mais fortalecidas e empoderadas. No Brasil, o panorama da tradução e especialmente da interpretação de língua de sinais nos revela que as pesquisas desse período preliminar enfrentam um deslocamento crucial em termos epistemológicos. Quadros e Santos reconhecem esses deslocamentos que a área tem enfrentado nos últimos anos e afirmam:

Não estamos mais falando apenas da prática de tradução/interpretação de língua de sinais, estamos realizando uma meta-tradução, isto é, falando sobre questões, conceitos e práticas que enfocam os Estudos da Tradução e interpretação da Libras. Deslocamo-nos de (a) pensar somente como são operacionalizados esses conceitos na interpretação, que técnicas adequadas devem ser usadas, para (b) buscarmos referenciais teóricos que justifiquem as escolhas e explicam [sic] a tradução e interpretação da Libras. (QUADROS e SANTOS, 2010, p. 8).

Os resultados de pesquisas, bem como as ações até aqui mencionadas a favor do processo de consolidação da TILS filiada aos Estudos da Tradução, conduzem a um movimento de emancipação

política e científica. Tal movimento se traduz no fortalecimento e na visibilidade das produções realizadas até o presente momento. Nesse sentido, a partir das reflexões apresentadas sobre o deslocamento e amadurecimento das pesquisas (aspecto acadêmico), a formação dos pesquisadores da área⁸³ e as ações desencadeadas em torno da formação de tradutores e intérpretes de língua de sinais constituem-se como elementos da construção de um empoderamento da TILS. Com base nessas discussões argumentamos que o vínculo da teoria desdobrada em pesquisas que contribuam de alguma forma com as práticas de tradução e interpretação é um forte elemento para a construção de políticas de tradução e interpretação em nosso país.

Além do período preliminar, Gile (1994) apontou outros estágios presentes na constituição histórica das pesquisas em interpretação: o período da Psicologia Experimental, o período dos Praticantes e a Renascença. Na década de sessenta e primeiros anos da década de setenta, a Psicologia Experimental exerceu intensa influência nas pesquisas em interpretação. Assuntos como o processamento cognitivo, ruídos que afetavam a interpretação, questões relacionadas às línguas de partida e língua de chegada assinalam os interesses do segundo estágio das pesquisas em interpretação de acordo com Gile (1994). Um dos ganhos de pesquisas dessa natureza foram as articulações realizadas entre psicólogos e linguistas, que, em busca de maior consistência teórica e objetividade nas pesquisas, debruçaram-se na investigação de tais temas utilizando-se de métodos quantitativos e experimentais.

Se por um lado argumentamos a favor do período preliminar por entender que ele contribuía diretamente para a visibilidade de intérpretes e das pesquisas realizadas por esses profissionais, por outro são bem vindos também os resultados oriundos desse segundo estágio. A partir do respaldo de pesquisas dessa natureza, Metzger (2010), por

⁸³ A necessidade de formar profissionais para implementar diretrizes e políticas de formação *stricto sensu* no país era evidente. Esse foi um dos motivos que originou o projeto “Educação de surdos: professores bilíngues, professores surdos e intérpretes de língua de sinais em foco”, coordenado pela professora Dra. Ronice Müller de Quadros, desenvolvido de 2003 a 2008 na UFSC. Na descrição desse projeto, o objetivo principal já apontava a falta de pesquisadores na área e a demanda urgente pela formação: “O objetivo geral do presente projeto é formar professores e pesquisadores da educação de surdos, da língua de sinais e da interpretação da língua de sinais para garantir a implementação da Lei 10.436, de 24 de abril de 2002. As áreas temáticas do projeto abrangem a inclusão de surdos, a língua brasileira de sinais e a tradução e interpretação da língua de sinais no campo educacional. Tais áreas estarão situadas dentro da linha de pesquisa em educação inclusiva no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFSC.” (QUADROS, 2003, p. 1).

exemplo, afirmou a relevância de assuntos como o efeito da fadiga na competência de intérpretes. Embora com incidência menor, os dados apresentados por Metzger (2010) também evidenciam essa influência da psicologia experimental nas pesquisas sobre interpretação de língua de sinais no contexto americano. Tal tendência não se mostra evidente no Brasil até o ano de 2010, cedendo espaço para as pesquisas de caráter qualitativo.

A ausência de pesquisas sobre interpretação de língua de sinais no contexto brasileiro que demonstrem, por exemplo, os efeitos do cansaço a partir de determinado tempo de interpretação ocasiona práticas legitimadas no exercício profissional de intérpretes, mas frágeis perante a lei, uma vez que não há respaldo legal no país. Uma iniciativa preliminar foi a construção do Regimento Interno do serviço de tradução e interpretação de Libras/Português⁸⁴ da UFSC, pois no artigo 19º há a seguinte orientação: “O atendimento de TILSP deverá ocorrer em duplas, respeitando o tempo de revezamento (20 min para cada intérprete); intercalando a posição de intérprete de língua de sinais e apoio ao intérprete em atividade”. A lacuna no contexto brasileiro de pesquisas experimentais sobre as condições de trabalho às quais ILS estão expostos contribui para a falta de políticas tradutórias que considerem a atuação desse profissional nos mais diversos contextos garantindo condições adequadas para o exercício profissional.

Por outro lado, uma das dificuldades de viabilizar tais pesquisas nessa perspectiva refere-se ao número restrito de pesquisadores que se dedicam à interpretação de língua de sinais em nosso país. Este fato é agravado pela tradição existente no Brasil de pesquisas de caráter qualitativo, conforme mencionado anteriormente. Os desafios metodológicos e científicos são acentuados em um processo recente de consolidação como TILS. Essas características parecem coincidir com o período que Gile (1994) destacou como período dos Praticantes. O aumento de intérpretes interessados na realização de pesquisa era evidente com o passar dos anos, o que também encontra eco na subárea TILS no âmbito da PGET/UFSC.

No entanto, um dos obstáculos enfrentados na época de acordo com Gile (1994) foi a formação daqueles pesquisadores no que se refere ao conhecimento científico e metodológico, pois a maioria deles tinha experiência na prática profissional, mas não na atuação como

⁸⁴ Este regimento encontra-se em tramitação no Conselho de Unidade do Centro de Comunicação e Expressão da UFSC.

pesquisador. Nesse sentido, tal obstáculo pode ser observado, também, no atual momento das pesquisas sobre TILS no contexto brasileiro. A maioria delas conta com pesquisadores novatos em TILS, que outrora exerciam a prática de traduzir/interpretar. Por fim, Gile (1994) afirma que o último estágio refere-se à Renascença⁸⁵, caracterizado pelo amadurecimento dos pesquisadores e pela ampliação de metodologias empregadas nas investigações. Além disso, era evidente uma maior interdisciplinaridade de temas escolhidos para as pesquisas e associados a novas ideias e concepções sobre a interpretação. Um dos marcos dessa nova tendência nos Estudos da Interpretação foi o Simpósio ocorrido em Trieste, na Itália, em 1986, de acordo com Pöchhacker e Queiroz (2010).

Os períodos históricos dos Estudos da Interpretação contribuíram de forma relevante para a visibilidade e, conseqüentemente, o empoderamento destas pesquisas. No Brasil, a ausência de registros que nos indiquem os períodos históricos das pesquisas sobre TILS é uma fragilidade na construção do empoderamento seja dos pesquisadores ou dos tradutores/intérpretes que realizam a atividade propriamente dita. Mais uma vez, o intuito de pesquisas como a presente tese constitui-se, também, como uma forma de empoderamento, pois revisa as interfaces, os aportes teóricos já realizados em TILS, e aponta a inserção de novos temas que estão descobertos pelas investigações.

Pesquisas dessa natureza contribuem para o amadurecimento teórico, bem como para a formação de intérpretes e tradutores de língua de sinais, uma vez que poderão participar com maior embasamento teórico na construção de currículos mais sólidos. As relações são dinâmicas, portanto as práticas de significação compartilhadas pelos pesquisadores em TILS no início da década de noventa, por exemplo, podem não ser as mesmas que visualizamos na década de dois mil. Neste contexto, as práticas de significação traduzidas nas tomadas de decisões em torno de pesquisas, seus objetos e a forma como os resultados impactam a área, visualizamos os efeitos ou não da construção do empoderamento.

É certo que vários fatos contribuíram para que os objetos de pesquisa pudessem deslocar-se em direção aos Estudos da Tradução, assim como novas demandas se mostraram evidentes para a pesquisa e com isso novas articulações se fizeram necessárias. Todo esse

⁸⁵ Mais informações sobre este e os demais estágios, bem como as argumentações de Gile (1995) podem ser encontradas no trabalho de Luciano (2005) intitulado “A interpretação simultânea sob a ótica da Linguística Aplicada”.

movimento acadêmico em torno das pesquisas sobre TILS coloca em evidência novas representações que contribuem para a construção do empoderamento. No entanto, do nosso ponto de vista não é recomendável que estas supostas representações sejam tomadas no sentido literal da palavra no sentido de representar, mas que o debate permita entender que funções essas representações da área de TILS desencadeiam na comunidade científica.

Dito de outra forma, vale mencionar que as representações em torno da TILS, especificamente nas teses e dissertações, têm funções simbólicas que são construídas socialmente e cientificamente pelos grupos que partilham de tais discursos. O conceito de representação pode ser analisado a partir de diferentes vertentes teóricas linguísticas ou culturais. Por exemplo, a Linguística Sistêmico-funcional⁸⁶ adota uma perspectiva funcionalista para explicar que a linguagem não se manifesta de forma isolada, pois são os diferentes contextos e os seus usos que fazem com que ao nos comunicarmos estejam presentes três tipos de significados simultâneos, de acordo com Halliday (1971).

É a partir desta premissa de que a “linguagem tem sempre uma função” que o autor apresenta três metafunções: Ideacional, Interpessoal e Textual⁸⁷. Todas essas metafunções são realizadas por sistemas. Nesta perspectiva, o conceito de representação se localiza na metafunção ideacional. Esta metafunção caracteriza-se como aquela que constrói a experiência humana, isto é, a língua funciona como um sistema modelador de realidades, ou ainda, como representação. O conteúdo do discurso é o centro (ponto de partida) dessa metafunção. Ela reflete a forma como o indivíduo organiza suas experiências no mundo, a forma como ele percebe essas experiências, a forma como concebe as ações, a forma como fala dessas ações, incluindo, entre elas, fenômenos internos da experiência desses indivíduos.

⁸⁶ Ao se referir à Linguística Sistêmico-funcional, Meurer (2006) afirma: “A linguística sistêmico-funcional (LSF) é uma teoria da linguagem e um método de análise de textos e seus contextos de uso. Em sua perspectiva mais ampla, a LSF procura explicar como os indivíduos usam a linguagem e como a linguagem é estruturada em seus diferentes usos (Eggs, 2004).”

⁸⁷ Com base em Halliday (1994), a **metafunção interpessoal** explora a língua a partir do seu potencial de interação, incluindo os usos possíveis a partir dessa interação, sejam eles para expressar relações sociais ou pessoais de todas as situações que o falante enfrenta. Nesta metafunção se encaixam as opiniões, os julgamentos e as próprias atitudes do falante. Questões como, por exemplo, quais são os papéis do falante e do ouvinte ou qual a atitude do falante em determinado ato de fala, são comuns nesta metafunção. A **metafunção textual** foca o uso da linguagem na organização do texto, seja ele escrito ou oral, permitindo a existência concreta das outras duas metafunções.

No caso das dissertações sobre TILS, um fato bastante comum nas considerações iniciais dos textos foi o depoimento ou menção pessoal sobre o lócus de enunciação do pesquisador. Em outras palavras, havia o registro de situações e circunstâncias que envolviam os processos ocorridos em um determinado fato e sobre quem eram os participantes daqueles episódios históricos. Esta posição de o sujeito assumir-se dentro da pesquisa poderia acenar como uma construção do empoderamento almejado em TILS. Por outro lado, sabemos que a representação, bem como a construção do empoderamento e as condições e/ou instrumentos que “alimentam” estes conceitos estão para além do discurso no nível textual das teses e dissertações.

Os significados e as práticas que definem determinada representação daquele objeto ou daquela área ou ainda daquela concepção teórica são adquiridos por meio da linguagem compartilhada em uma determinada cultura. De acordo com Woodward (2004, p. 17), a representação inclui “práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais significados são produzidos, posicionando-nos como sujeitos. É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos”.

São os sistemas simbólicos que fornecem condições para que os indivíduos reflitam sobre os possíveis lócus de enunciação que ocupam, constroem, e que a partir dali se manifestem, materializando representações e identidades coletivas ou individuais. Tal forma de pensar não deve ser encarada como única fonte de verdade. As “verdades”, as posições assumidas nestes lócus de enunciação que se materializam em discursos escritos são construídas e estão em constantes mudanças. Além de dinâmicos, os discursos são, também, relacionais na medida em que oportunizam que sejam construídas identidades e diferentes formas de empoderamento de acordo com diferentes tempos históricos.

Woodward (2005) afirma que há um aspecto relacional assumido nas identidades. Elas não existem de forma isolada, elas precisam justamente de elementos que circulam em outras identidades. São esses elementos que fornecem condições para que diferentes identidades possam existir e coexistir. Por exemplo, não há como construir identidade da área de TILS, sem antes dialogar com os constructos da “casa” de TILS. Um campo não emerge de forma isolada, mas sim a partir das condições acadêmicas, políticas e teóricas que o instrumentalizam para movimentar-se na construção de ações que empoderam a área em debate.

O campo relacional e a construção de identidades na área TILS, materializados nas teses e dissertações foco desta pesquisa, evidenciam que negociações no cotidiano acadêmico são necessárias e importantes, pois os espaços das representações se intercambiam a todo momento e não são livres de tensões. Inclusive essas negociações podem definir quem ou quais assuntos são incluídos ou excluídos de determinadas agendas, sendo este um processo evidente de construção do empoderamento. Como refere Wortmann (2001, p. 7):

O significado é contestado e, às vezes, até severamente disputado, pois em qualquer cultura, em uma mesma época, há sempre diferentes circuitos de significação circulando. Isso me remete a ressaltar que a produção dos significados está sempre associada a lutas de poder — essa produção se inscreve em relações de poder — e é nesse processo, que se define, por exemplo, o que é “normal” (ou não) em uma cultura, ou quem pertence a um determinado grupo, ou é dele excluído.

O significado não deve ser visto de forma isolada, conforme mencionamos algumas vezes, mas é parte de uma conjuntura maior que aponta elementos para explicar determinada situação ou contexto que mostram os laços ou caminhos pelos quais o empoderamento foi construído em determinada época. Um exemplo preliminar ratifica essa questão: considerando as teses e dissertações analisadas sobre TILS, os resultados indicam certas palavras (de conteúdo) mais recorrentes nessas produções, como por exemplo “aluno” e “língua”.

Que elementos justificam a recorrência destas palavras e não outras como: interpretação, língua portuguesa, incluídas no bojo dessas produções? Essa presença de algumas palavras nessas produções nos dá indícios de como as representações estão demarcadas em TILS. Ainda que de forma inicial, alguns desses indicativos podem ser observados adiante:

- (i) a produção daquelas pesquisas evidenciou um foco teórico voltado para o aluno (um dos usuários do serviço de tradução ou interpretação) e com menos frequência, ou raramente, para o desempenho do ato tradutório em si.
- (ii) a produção desses trabalhos também evidenciou um foco na língua, mas direcionada à Libras. Evidenciar o valor da língua portuguesa no

exercício profissional de tradutores-intérpretes seria importantíssimo nessas pesquisas, pois em nosso país o par linguístico mais frequente de atuação dos profissionais dessa área é Libras-Português. Esta reflexão sobre os pares linguísticos não aparece de forma expressiva nas produções analisadas.

Um dos motivos que pode explicar tal fato se deve à representação ao longo dos anos da língua portuguesa para as pessoas surdas. A língua portuguesa era tomada como uma língua não confortável por desconsiderar as experiências visuais e espaciais nos métodos de ensino nas escolas e, talvez por extensão, isto se refletiu nas tomadas de decisões da maioria dos pesquisadores sobre TILS da década de noventa e início dos anos dois mil. A partir do decreto 5626/2005, a forma como a língua portuguesa tem sido trabalhada nas escolas, bem como na formação dos tradutores-intérpretes, mudou radicalmente. Ou seja, estamos observando novas construções de empoderamento, seja por meio da língua ou de outros temas enquanto objeto de pesquisa ou mesmo em busca de estudos do estado da arte que mostrem os períodos históricos presentes nas teses e dissertações sobre TILS.

Neste capítulo buscamos apresentar os mapas dos Estudos da Tradução, mostramos a localização teórica desta pesquisa, dialogamos com tais mapas. Além disso, apresentamos alguns argumentos a favor da articulação da TILS aos Estudos da Tradução, mas também explicitamos que esse caminho não é exclusivo da pesquisa. Em alguns momentos realizamos discussões pontuais incluindo também os reflexos das teses e dissertações na prática de tradutores e intérpretes de língua de sinais. Por outro lado, mostramos as dificuldades enfrentadas nos levantamentos bibliométricos que poderiam explicar algumas razões pelas quais a subárea TILS não foi ainda mapeada no Brasil. Por fim, argumentamos pela construção de um empoderamento da TILS articulada aos Estudos da Tradução, considerando toda a constituição histórica dessa área. E agora? Por fim, com o intuito de compreendermos o caminho delineado na presente pesquisa, trataremos das análises realizadas nesta tese.

6. ANÁLISE DE DADOS DAS TESES E DISSERTAÇÕES SOBRE INTERPRETAÇÃO DE LÍNGUA DE SINAIS

Neste capítulo apresentamos alguns percursos enfrentados na pesquisa sobre interpretação de língua de sinais registrada por meio das teses e dissertações. Foi possível identificar e analisar os assuntos, as metodologias, os paradigmas, as regiões brasileiras, entre outras categorias que emergiram das teses e dissertações sobre interpretação de língua de sinais compreendidas no período de 1990 a 2010. Por outro lado, exploramos por meio da extração das palavras (de conteúdo) mais frequentes categorias de cunho qualitativo. Tais análises esclarecem problemáticas enfrentadas no contexto educacional (objeto de investigação de tais teses e dissertações), possibilitando uma forma diferente de olhar para essas produções acadêmicas.

A contribuição desta pesquisa para os Estudos da Tradução se articula nas análises realizadas, mostrando a construção de um “estado da arte” da pesquisa sobre interpretação de língua de sinais. Esse tipo de pesquisa foi pouco explorado em nosso país até o presente momento nos Estudos da Tradução, constituindo-se como um ponto importante para reflexão pelos pesquisadores em geral interessados em tradução. A seguir oferecemos ao leitor algumas inquietações e provocações, fruto das análises que registramos nessas produções acadêmicas.

6.1 DECISÕES METODOLÓGICAS SOBRE A ANÁLISE DAS PESQUISAS DE INTERPRETAÇÃO DE LÍNGUA DE SINAIS

A constatação da pouca circulação dos resultados das teses e dissertações sobre a interpretação de língua de sinais em nosso país ou mesmo a motivação inicial de examinar e extrair tendências presentes em tais produções nos guiou nesta análise. O intuito de responder perguntas como: o que se pesquisa, em que época e por que se investiga determinados temas e não outros, com que metodologias, em que áreas, entre outras categorias que emergiram nas análises, colaborou para os primeiros passos da construção do estado da arte das pesquisas sobre interpretação de língua de sinais no Brasil. Os dados extraídos dessa investigação cooperaram na constituição de uma identidade, fortalecendo o empoderamento da interpretação de língua de sinais, bem como sua articulação aos Estudos da Tradução. Por fim, há desdobramentos desta pesquisa para a formação de tradutores e intérpretes de língua de sinais, especialmente nos elementos encontrados nas teses e dissertações ou ainda na extração das palavras mais

frequentes que sugerem temas a serem repensados nos currículos e na capacitação desses profissionais.

Dito de outra forma, esta análise responde os objetivos iniciais, assim como as perguntas norteadoras que respaldaram esta tese no intuito de mapear, sistematizar, problematizar e argumentar a favor da pesquisa sobre TILS em nosso país. O ponto de entrada desta análise baseou-se principalmente nas pesquisas realizadas por Metzger (2010) e Pereira (2010), nas quais as autoras realizaram um levantamento bibliométrico e mapearam as produções científicas descritas no capítulo 5. Uma das decisões metodológicas foi reaplicar as categorias que Metzger (2010) utilizou para a análise no contexto estadunidense, readaptando-as conforme o contexto brasileiro. Primeiramente, essa adaptação foi necessária porque a pesquisa nos EUA desenvolvida por Metzger (2010) mapeou produções internacionais, o que não é o caso desta tese. Neste sentido, excluimos a categoria nação e a substituímos por região, uma vez que a análise desta tese foi realizada no Brasil. Além disso, emergiram duas categorias novas no contexto brasileiro, a saber: área da tese ou dissertação investigada e local (objeto/espço) onde a análise foi realizada.

A categoria área havia sido mapeada por Pereira (2010), que investigou as produções de teses e dissertações sobre TILS até o ano de 2009. No entanto, optamos por testar novamente tal categoria nesta pesquisa, uma vez que as produções analisadas nesta tese abrangem até 2010. Com relação à escolha da categoria “local” mapeada nesta tese, deveu-se a entendermos que políticas tradutórias podem ser assumidas por instituições, pesquisadores e governo brasileiro quando observadas as carências nas pesquisas de acordo com locais/espços específicos. Um exemplo disso são as poucas pesquisas sobre interpretação de língua de sinais destinada ao ensino médio, bem como sobre formação de intérpretes de língua de sinais/português naquele âmbito.

Com o intuito de ampliar a compreensão sobre aspectos metodológicos presente nas pesquisas brasileiras sobre TILS, tomou-se outra decisão: mapeamos, também, os diferentes tipos de coleta de dados encontrados nas teses e dissertações sobre TILS. Por fim, as extrações das palavras (de conteúdo) mais frequentes nas teses e dissertações indicam quais movimentações teóricas perpassam os períodos analisados. Cabe ressaltar que a extração dessas palavras frequentes não tem como foco a análise linguística, mas sim colaborar no processo de descrição dos períodos históricos das pesquisas sobre TILS em nosso país. Na próxima seção apresentamos as análises

propriamente ditas referentes às teses sobre interpretação de língua de sinais.

6.1.1 As teses sobre interpretação de língua de sinais

Tabela 1: categorias analisadas nas teses sobre interpretação de língua de sinais

Assunto	Área	Local analisado	Quantidade	Ano	Autores
Interpretação educacional / formação de TILS	Educação/ Educação Especial	Ensino superior	1	2010	(Gurgel, 2010)
Interpretação educacional / caracterização das relações em sala de aula (professor fluente, intérprete e aluno surdo)	Educação	Ensino Médio	1	2006	(Pedroso, 2006)
Interpretação educacional / caracterização e impacto no contexto escolar	Educação	Ensino Fundamental	1	2005	(Rossi, 2005)

Fonte: dados da pesquisa

Os resultados na tabela 1⁸⁸ indicam os assuntos, áreas, locais analisados, quantidade, ano e autores. Com relação aos assuntos, foi possível observar que a interpretação comunitária (contexto educacional), conforme descrito no capítulo 3, foi destaque em todas as teses analisadas sobre interpretação de língua de sinais. No entanto, com o passar dos anos diferentes perspectivas dentro da interpretação no contexto educacional são contempladas nas teses, mostrando o refinamento dos objetos investigados nas três teses mencionadas

⁸⁸ Todas as tabelas, quadros e gráficos são elaboração da própria autora.

anteriormente. Por outro lado, há dois elementos que colaboram para a institucionalização da subárea TILS articulada aos Estudos da Tradução observados por meio das teses sobre interpretação de língua de sinais no ensino superior.

O primeiro ponto refere-se aos diferentes assuntos tratados como objetos de pesquisa, reflexos de uma “força jurídica” baseada na presença e na implantação de diretrizes em torno da língua de sinais e das políticas inclusivas educacionais nas diversas instituições de ensino brasileiras. Essa “força jurídica” é corroborada pelo decreto 5626/2005, que regulamentou a língua de sinais. Ou seja, em vários momentos tal decreto apresentou determinações sobre a necessidade da TILS como forma de difusão da Libras, bem como sobre a formação de profissionais qualificados para o exercício de tal tarefa. Por exemplo, no artigo 10 do decreto citado apresenta o seguinte texto: “As instituições de educação superior devem incluir a Libras como objeto de ensino, pesquisa e extensão nos cursos de formação de professores para a educação básica, nos cursos de Fonoaudiologia e nos cursos de Tradução e Interpretação de Libras - Língua Portuguesa”. No período em que as teses foram analisadas, é notório que não bastava apenas garantir que a atividade de TILS fosse exercida nos meios educacionais; havia a necessidade de institucionalizar tal atividade, sendo que a produção de conhecimento, as reflexões pautadas na metalinguagem sobre o fazer tradutório ou sobre as implicações desta atividade em tal contexto contribuíram para que diferentes concepções sobre interpretar estivessem em jogo.

O segundo ponto refere-se aos objetos de pesquisa investigados nessas teses, que desempenharam um papel fundamental na construção dos processos de institucionalização. As pesquisas corroboraram a necessidade de legitimar conhecimentos, prescrever práticas, justificar condutas sobre as mudanças que reconfiguram e permeiam o ambiente escolar após a inserção da língua de sinais e por consequência da atividade de interpretação desta língua. Neste sentido, todos os assuntos analisados na tabela 1 ratificam o foco sobre o ILS, observando-o a partir de diferentes perspectivas (caracterização, impacto de sua presença e formação desse profissional).

Dessa forma, destacamos as determinações jurídicas traduzidas em políticas linguísticas associadas às teses desenvolvidas no período investigado como fortes elementos que contribuíram para a institucionalização da subárea TILS. Ainda nesse escopo de reflexão, as determinações jurídicas do referido decreto, especialmente quanto ao direito das pessoas surdas usufruírem dos serviços de interpretação,

modificam todas as configurações do sistema educacional. Tradicionalmente, sem a presença da Língua de Sinais, a sala de aula se configurava em uma relação composta por duas dimensões, isto é, relações e interações exercidas pelos alunos e professores ouvintes.

Com a inclusão de alunos surdos, com a presença do ILS, o espaço das relações passa a ser exercido pelo conjunto de três atores (o ILS, o professor e os alunos surdos e ouvintes), agentes importantes no cenário educacional. Mais uma vez, observa-se a necessidade de produzir conhecimento sobre essas mudanças e as demandas que emergem dessas novas configurações a fim de que a institucionalização desses processos se sustente no sistema educacional. Talvez esta seja uma das razões que possa explicar a tese de Rossi (2005) ao tratar como objeto não somente a caracterização do profissional intérprete e todo ambiente pedagógico no qual ele esteve inserido, mas também o impacto exercido pela presença deste profissional no contexto escolar.

É nesta perspectiva que emerge outro objeto de investigação, ainda que dentro da interpretação educacional, a saber, a caracterização das relações em sala de aula envolvendo o professor fluente em língua de sinais atuando como intérprete e os alunos surdos, conforme apresentado na tabela 1. O percurso dos objetos investigados parece nos conduzir ao discurso: uma vez já descritos e analisados os impactos da presença do profissional ILS no ambiente escolar, a necessidade de investigar as atribuições de cada um nesse contexto parecia ser urgente em meados de 2006, especialmente no ensino fundamental e médio. É possível que isso tenha ocorrido devido à inclusão do novo profissional no sistema escolar, sendo necessário esclarecer as funções a serem desempenhadas naquele ambiente. Inicialmente, as duas teses analisadas nos anos de 2005 e 2006 nos mostram duas forças (jurídica e pedagógica) que concorrem no sistema educacional.

As determinações jurídicas que prescrevem o que deve ser feito e as determinações pedagógicas que anseiam por investigações que auxiliem os processos de nomear quem é quem contribuem para a explicitação dessas atribuições no cenário escolar. Diante deste panorama, por mais que as pesquisas tratem do profissional intérprete como elemento no processo de inclusão, seja na caracterização ou no impacto que sua presença exerce, o objeto tratado não focaliza essencialmente o exercício tradutório desempenhado por este profissional. Essa perspectiva de analisar o profissional ou aspectos que envolvam sua prática propriamente dita foi tratada somente por Gurgel (2010) em sua tese de doutorado.

O objeto de pesquisa investigado nessa tese em 2010, a saber, a formação dos ILS que atuam no âmbito educacional no ensino superior, possibilita aberturas de áreas como a didática da tradução ou ainda as metodologias de ensino na formação de tradutores e intérpretes, temáticas tratadas por Hurtado-Albir (1999). É possível constatar que os objetos de pesquisa sobre interpretação de língua sinais com foco nas teses estão associados de forma acentuada às políticas linguísticas em torno da língua de sinais, sendo que todos tratam da interpretação educacional. Neste sentido, a necessidade de uma revisão na formação dos tradutores-intérpretes de língua de sinais por parte do governo brasileiro é urgente, pois os assuntos contemplados nas teses comprovam que as demandas para cada nível de ensino (fundamental, médio e superior) são diferentes. Nosso argumento centra-se na formação diferenciada de acordo com níveis educacionais: fundamental, médio e superior. Cada um desses níveis exige tradutores e intérpretes com perfis de formação diferentes dadas as demandas que emergem de tais contextos.

Desses resultados, em articulação com os Estudos da Tradução, seguindo a linha teórica de Hurtado-Albir (1999) para tratar sobre a formação de tradutores e intérpretes, a necessidade de uma pesquisa que apresente elementos sobre a demanda de mercado é fundamental para o desenho curricular do profissional que se quer formar. Queremos dizer com isso que os objetos investigados nas teses sobre interpretação de língua de sinais comprovam essa necessidade, pois assuntos como caracterização do papel e impacto escolar demonstram que este profissional (intérprete) ainda não tem asseguradas em seu ambiente de trabalho as funções que deveriam desempenhar. A carência de políticas linguísticas e tradutórias efetivas em torno da língua de sinais dentro das escolas brasileiras de ensino fundamental força o profissional intérprete a desempenhar funções que estão além daquelas normalmente realizadas por um tradutor-intérprete, comprovadas pelas teses que debatem esta temática. O intérprete acumula papéis, isto é, torna-se um assessor escolar do professor, orientando sobre questões que envolvem a língua de sinais, especialmente em temáticas sobre as metodologias de ensino para alunos surdos ou ainda sobre formas de avaliação coerentes com o nível de alfabetização das crianças surdas, mas não tem assegurada a legitimação sobre seu fazer tradutório.

Com relação às áreas de pesquisa as teses desenvolvidas nesse período concentram-se na Educação, com exceção da tese produzida por Gurgel (2010), que apresenta duas áreas registradas: Educação e Educação Especial. Cabe ressaltar que o mapeamento das áreas seguiu

as informações contidas no site da CAPES no banco de teses e dissertações. No que se refere aos níveis de ensino contemplados nas teses sobre interpretação de língua de sinais há uma distribuição equilibrada, isto é, uma pesquisa para cada nível de ensino: fundamental, médio e superior. Com relação aos anos, as teses foram registradas de 2005 a 2010, somando apenas três pesquisas, todas no contexto educacional.⁸⁹

Essas constatações sobre as áreas e os objetos de pesquisa mapeadas nas teses sobre interpretação de língua de sinais corroboram não só os diferentes vieses de investigação na interpretação educacional, como também fortalecem o argumento do paradigma de interação discursiva como predominante nos dados analisados, conforme o quadro abaixo.

Quadro 1: categorias analisadas nas teses sobre interpretação de língua de sinais

Metodologia / coleta de dados	Paradigma	Região Brasileira	Ano
Qualitativa / entrevista a distância	Interação discursiva	Sudeste	2010
Qualitativa / entrevista – observação e registro caderno de campo	Interação discursiva	Sudeste	2006
Qualitativa / Entrevistas semiabertas – observação participante – gravação de vídeo e registro fotográfico	Interação discursiva	Sudeste	2005

Fonte: dados da pesquisa

Conforme mencionamos anteriormente, a relação triádica existente na sala de aula constituída por professores, alunos e intérprete

⁸⁹ Ainda que não seja escopo de análise desta tese, vale ressaltar uma nova tendência presente nas pesquisas (teses) em andamento nas universidades brasileiras de apresentar temas mais específicos relacionados à TILS. Oliveira (2013) aborda a tradução de materiais acadêmicos para Libras com foco no processo de formação de neologismos, Pereira (2013) trata sobre as interações mediadas por intérpretes de Libras, Rodrigues (2013) problematiza a interpretação para a língua de sinais brasileira: efeitos de modalidade e processos inferenciais à luz da Teoria da Relevância. Vale destacar novamente a criação da linha de Estudos da Interpretação na PGET que tem contribuído significativamente para que novas pesquisas e disciplinas sejam produzidas e ofertadas. A disciplina “PGT410076 - Seminário de prática em interpretação” oferecida pelos profs. Tarcísio de Arantes Leite e Markus Weinger é um exemplo disso.

propiciou a confirmação do paradigma da interação discursiva como o mais evidente nas teses sobre interpretação de língua de sinais. Este paradigma foi um dos mais recentes apresentados aos Estudos da Interpretação. De acordo com Pöchhacker e Queiroz (2010, p. 67):

De maior consequência, a perspectiva da interpretação de Cecília Wadensjö como sendo um discurso administrado numa relação triádica, onde o foco recai mais na interatividade do que na produção monológica de um texto, deu forma a um novo paradigma. Centrado no discurso e interação dialógico (DI), esse paradigma inspirou-se, sobretudo, nos conceitos e métodos de áreas tais como a sociolinguística, a análise da conversação e a psicologia social. Como evidenciado por importantes contribuições de pesquisadores em interpretação de língua de sinais, tal como Cynthia Roy (2000), o paradigma DI provou servir bem tanto para interpretação da língua falada como para a língua de sinais.

Embora, Pöchhacker e Queiroz (2010) enfatizem que os referenciais teóricos, conceituais e metodológicos que iluminaram o paradigma da interação discursiva tenham sido das áreas de psicologia social, análise da conversação e sociolinguística, no contexto brasileiro os aportes teóricos das pesquisas sobre interpretação de língua de sinais comprovaram tendências diferentes. No Brasil, foi constatado que os referenciais de base para o paradigma da interação discursiva (nas teses sobre interpretação de língua de sinais) foram das áreas de Pedagogia, Estudos Surdos ou ainda Educação Especial, envolvendo problematizações em torno do preconceito, da inclusão, da diversidade e da surdez.

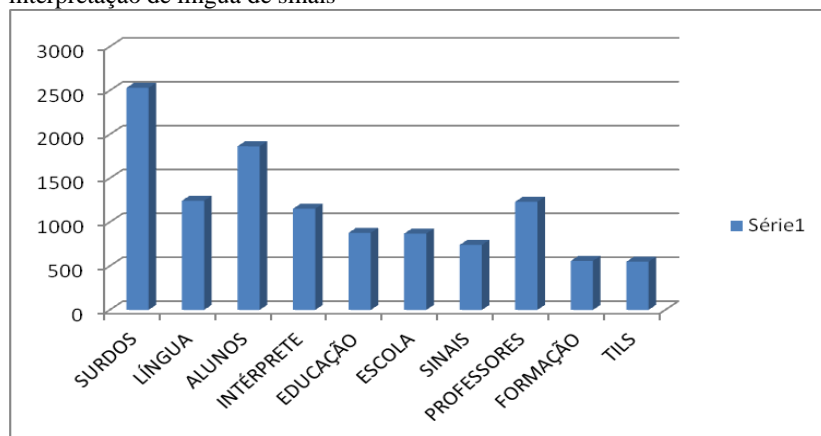
Os referenciais conceituais e até mesmo metodológicos salientavam os desafios externos (contextos de gestão escolar, políticas governamentais necessárias) e os contextos internos (sala de aula, interação entre alunos, professores e intérpretes). Constatamos que as análises metodológicas destas teses sobre interpretação de língua de sinais foram amplamente problematizadas por meio da abundância de materiais recolhidos na coleta de dados, uma vez que a abordagem qualitativa foi unânime nas pesquisas investigadas.

Há coleta de dados que privilegiaram o uso de entrevistas semiabertas, observação participante com gravação de vídeo e registro

fotográfico, assim como entrevista com observação e registro de caderno de campo ou ainda entrevista a distância. Esta perspectiva brasileira difere radicalmente dos resultados obtidos por Metzger (2010), referentes ao contexto americano. Naquele país, nas primeiras décadas investigadas sobre a produção de pesquisas que tratavam sobre a interpretação de língua de sinais, os dados revelavam a abordagem quantitativa como mais evidente, acompanhada de métodos experimentais com maior circulação entre os pesquisadores.

Por fim, os dados chamam atenção para a região brasileira que abrigou tais teses sobre interpretação de língua de sinais: todas foram desenvolvidas na região sudeste, mais especificamente, no estado de São Paulo. Os dados constatados pela tabela 1 e pelo quadro 1 são corroborados em certa medida pelo gráfico⁹⁰ que explicita a extração das palavras com maior ocorrência nas teses sobre interpretação de língua de sinais. Nele analisamos três categorias que emergem deste grupo de dez palavras com maior índice de frequência, a saber: (i) personagens/atores que compõem o contexto de atuação, (ii) campo/local e (iii) outros, conforme pode ser visualizado abaixo.

Gráfico 1: palavras (de conteúdo) com maior ocorrência nas teses sobre interpretação de língua de sinais



Fonte: dados da pesquisa

⁹⁰ Os dados contidos nas extrações das palavras (de conteúdo) mais frequentes nas teses e dissertações sobre TILS foram resultantes de uma metodologia que aplicou tratamento estatístico para montagem das tabelas em Excel. Somente depois é que os dados foram organizados com as informações contidas nessas tabelas.

Com relação aos personagens/atores que compõem o contexto de atuação, o gráfico mostra que as palavras com maior índice de ocorrência são: surdos, alunos, intérprete, professor e com menor grau de ocorrência TILS (tradutor-intérprete de língua de sinais). Tais dados não só revelam, mas corroboram o que havíamos discutido anteriormente, isto é, as pesquisas realizadas no contexto educacional descrevem como parte da investigação os agentes envolvidos no processo tradutório, que são: intérpretes, professores e alunos surdos e ouvintes. A amplitude dos objetos ao descrever quem é quem nesse cenário e as funções a serem desempenhadas constitui-se como um marco dessa época (1990 a 2010) nas teses investigadas, denotando a condição de “assentamento” recente de objetos que envolviam a interpretação educacional. Com base na extração de dados, os resultados evidenciam que a palavra “surdo” tem maior destaque sobre todas as demais, seguida de alunos e professor⁹¹. Em seguida temos a palavra intérprete e, por fim, um novo personagem constituinte do cenário escolar, o tradutor-intérprete de língua de sinais.

Com relação ao campo, temos as palavras que se destacaram: educação, escola e formação. A evidência dessas palavras revela uma interface recente para os Estudos da Tradução em nosso país: a área educacional e em especial a pedagogia. Nesse sentido, os resultados destas teses sobre interpretação de língua de sinais contribuem de forma significativa para os Estudos da Tradução e, em um recorte mais pontual, para a interpretação comunitária no campo dos Estudos da Interpretação. As palavras acima mencionadas representam uma expansão necessária para os Estudos da Tradução, pois no Brasil, conforme destacado no mapeamento de Pagano e Vasconcellos (2003), os contextos de interpretação comunitária ainda não são tradição enquanto objetos de pesquisa.

Nesse sentido, a escola enquanto palavra representada na extração ratifica o local profícuo enquanto contexto de investigação tradutória e análise para além dos argumentos de garantir somente a presença do aluno surdo em atendimento às legislações. As teses sobre interpretação de língua de sinais também analisam a escola na perspectiva de abarcar uma série de desafios a serem pensados e implementados não só do ponto de vista da tradução e interpretação,

⁹¹ A sugestão para pesquisas futuras é que investiguem não só esta ocorrência com maior profundidade, mas também realizem as listas de concordância para situar o uso dessa palavra dentro das teses sobre interpretação de língua de sinais.

como também das políticas linguísticas a serem adotadas propondo uma nova organização no contexto educacional.

Por outro lado, mesmo diante de tantos desafios instaurados na escola, duas palavras enquadradas dentro da categoria “outros” se destacam na extração (língua e sinais). Embora não tenhamos mais elementos para saber a quais línguas ou sinais se refere o texto, podemos inferir que tais itens lexicais marcam o contexto pedagógico e afetam as dinâmicas a serem desenvolvidas na sala de aula. Nesta perspectiva, o espaço da sala de aula torna-se um espaço de (des)encontros entre línguas que disputam e/ou cooperam para que as relações que envolvem a inclusão de alunos surdos e o exercício da tradução e interpretação aconteçam no contexto educacional.

Por fim, cabe ressaltar que o campo da Educação tem muito a contribuir para a formação de tradutores e intérpretes, sejam de línguas orais ou de sinais. No contexto europeu, pesquisas como Hurtado-Albir (1999, 2005), Kelly (2005), entre outras, demonstraram a importância dessa interface para a criação de currículos e conseqüentemente a formação de profissionais habilitados para o exercício da tradução ou da interpretação. Nas teses sobre interpretação de língua de sinais, uma vez realizadas na área da educação, a necessidade de um diálogo instaurado entre Estudos da Tradução e TILS é urgente em nosso país. Estas mesmas problemáticas e tendências apresentadas se refletem nas dissertações sobre interpretação de língua de sinais?

6.1.2 As dissertações sobre interpretação de língua de sinais no Brasil

A produção de dissertações sobre interpretação de língua de sinais aumentou consideravelmente nos últimos anos. No entanto, adotamos na análise a mesma divisão realizada no capítulo 3, onde foram apresentados os dados detalhados das produções.

6.1.2.1 Período de 1990 a 2000

Durante todo o período de 1990 a 2000 foi registrada apenas uma dissertação sobre interpretação de língua de sinais, conforme a tabela abaixo.

Tabela 2: categorias analisadas na dissertação sobre interpretação de língua de sinais (1990 a 2000)

Assunto	Área	Local analisado	Quantidade	Ano	Autores
Comparação entre língua-fonte e língua-alvo	Educação/ Educação Especial	Sujeitos TILS e surdos (examinadores)	1	1999	(Pires, 1999)

Fonte: dados da pesquisa

Esses resultados evidenciam uma tendência diferente do que foi observado nas teses sobre interpretação de língua de sinais. Ainda que o contexto educacional esteja presente como pano de fundo desta investigação, constata-se que o assunto “comparação entre língua-fonte e língua-alvo” é o destaque da dissertação analisada. Este assunto pode ser pensado a partir de lógicas diferentes.

A primeira delas é direcionar as problematizações de pesquisas como a de Pires (1999) para questões como qualidade de interpretação, competências necessárias ao tradutor, e acrescentamos aqui o intérprete, especialmente nas escolhas e estratégias realizadas por este profissional. As escolhas e as estratégias adotadas por um intérprete em um processo de interpretação estão relacionadas à competência ou não deste profissional sobre o tema ou mesmo sobre a língua, e podem ser observadas em pesquisas que comparam texto-alvo com texto-fonte.

Aubert (1993) destacou três tipos de competências necessárias ao profissional da área de tradução: competência linguística, competência referencial e competência tradutória. Tais competências, de acordo com Bartholamei Junior e Vasconcellos (2008), podem ser estendidas, também, ao contexto de atuação do intérprete. Em outras palavras, é preciso dominar o conhecimento sobre a língua (desde os aspectos voltados à estrutura gramatical até o uso propriamente dito dessa língua). É preciso estar familiarizado com o contexto de atuação na qual se pratica a atividade tradutória. Por exemplo, interpretar no âmbito legal requer conhecimentos e formação específicos. Por fim, é preciso desenvolver e dominar as habilidades sobre o fazer tradutório nas suas diversas nuances.

Outra lógica possível de argumentação é a favor dos estudos voltados à equivalência, se analisássemos de forma literal o assunto “comparação entre língua-fonte e língua-alvo”, conforme discutido no capítulo 3. No entanto, a comparação entre língua-fonte e língua-alvo

presente na dissertação indicada convoca o leitor a observar outros aspectos que não somente o viés da equivalência. Embora seja cobrada “fidelidade” por parte do intérprete na pesquisa realizada, é importante considerar o contexto assimétrico nos quais intérpretes de língua de sinais, surdos e ouvintes estabelecessem suas relações. Tais contextos apresentam elementos complexos ao serem traduzidos porque são permeados por situações pós-coloniais, em que a tradução (e a interpretação) ultrapassam as escolhas linguísticas ou culturais. Tymoczko (2007, p. 198) afirma que:

a tradução em situações pós-coloniais coloca em alto-relevo o fato de que as traduções não são uniformes e consistentes. As traduções pós-coloniais normalmente não podem ser definidas nos termos das estruturas cognitivas binárias das quais os estudos da tradução têm dependido para descrever traduções — literal vs. livre, equivalência formal vs. equivalência dinâmica, adequação vs. aceitabilidade, ou até mesmo domesticação vs. estrangeirização — e geralmente também não caem num *continuum* entre tais polaridades.⁹² Em vez disso, as traduções pós-coloniais são complexas, fragmentárias, e às vezes até autocontraditórias, uma vez que os tradutores operam dentro de contextos históricos e políticos muito específicos para posicionar seu trabalho ideológica e pragmaticamente.⁹³ (tradução nossa)

⁹² Outras oposições binárias são levantadas por Wilt (2003, p. 6-7).

⁹³ No original: “Moreover, translation in postcolonial situations sets in high relief the fact that translations are not uniform and consistent. Postcolonial translations cannot normally be defined in terms of the binary cognitive structures that translation studies has depended on to describe translations — literal vs. free, formal-equivalence vs. dynamic-equivalence, adequate vs. acceptable, or even domesticating vs. foreignizing — and translations in postcolonial contexts do not generally fall on a continuum between such polarities either.⁹³ Instead postcolonial translations are complex, fragmentary, and even at times self-contradictory as translators operate within very specific historical and political contexts to position their work ideologically and pragmatically.”

Essas reflexões que apresentamos sobre a dissertação de Pires (1999) com relação ao assunto “comparação entre língua-fonte e língua-alvo” mostram a potencialidade de diferentes perspectivas possíveis nas quais os processos de interpretação podem ser visualizados. Por outro lado, há dois destaques na tabela 2 que merecem atenção: O primeiro ponto refere-se ao fato de pesquisar sobre o processo de interpretação de língua de sinais em uma área como Educação / Educação Especial no ano de 1999. Tal atitude foi um rompimento com os tradicionais objetos investigados por aquelas áreas que não apresentavam no rol de interesses a temática da interpretação ao final dos anos 1990.

Outro destaque direciona-se ao local analisado, isto é, a dissertação desenvolvida em 1999 não analisou contextos como níveis fundamental, médio ou ainda superior, a exemplo das teses anteriormente analisadas. Constatou-se que o corpus da dissertação foi constituído por sujeitos tradutores-intérpretes de língua de sinais e surdos que não estão vinculados a um determinado nível de ensino, mas a diversos locais de atuação profissional. O fato de incluir surdos como examinadores produzindo feedbacks tradutórios sobre um texto produzido pelos ILS conforme realizado por Pires (1999) salienta a importância de pesquisas nessa vertente.

Esta relevância é justificada na medida em que tais feedbacks podem ser analisados não somente do ponto de vista teórico-metodológico, mas também do ponto de vista aplicado à formação de tradutores e intérpretes de língua de sinais, com retornos importantes advindos do usuário dos serviços de interpretação. Esse foco no texto-alvo, a presença dos surdos durante os processos metodológicos, evidencia uma perspectiva sobre a função da interpretação e a forma como é recebida por determinada comunidade. Tais características que inferimos dessa pesquisa fornecem elementos para enquadrar essa investigação no paradigma denominado “abordagem teórico-tradutória orientada conforme o texto-alvo”, segundo quadro abaixo.

Quadro 2: categorias analisadas nas dissertações sobre interpretação de língua de sinais (1990 a 2000)

Metodologia / coleta de dados	Paradigma	Região Brasileira	Ano
Qualitativa / gravação de vídeo – análise de conteúdos	Abordagem teórico-tradutória orientada conforme o texto-alvo	Sul	1999

Fonte: dados da pesquisa

Embora tenhamos considerado a dissertação sobre interpretação de língua de sinais produzida por Pires (1999) como parte do paradigma da abordagem teórico-tradutória orientada conforme o texto-alvo, vale ressaltar as considerações de Metzger (2010, p. 24):

A despeito do fato do paradigma da orientação conforme o texto alvo não ter “nascido” oficialmente nos estudos da interpretação de línguas orais na Europa entre o final da década de 1980 ou início dos anos 1990, essas primeiras pesquisas sobre ILS estão de acordo com as estratégias metodológicas (questionários ou pesquisas de campo) e com o foco da produção textual característico dessa tradição.

No contexto brasileiro, ainda que a metodologia adotada na pesquisa tenha priorizado a abordagem qualitativa, tendo como coleta de dados a gravação de vídeos e posterior análise de conteúdos, argumentamos a favor do enquadramento no paradigma da abordagem teórico-tradutória orientada conforme o texto-alvo. Embora as decisões metodológicas da pesquisa brasileira sobre interpretação de língua de sinais de 1999 estejam diferentes daquelas apontadas por Metzger (2010), a qual se respalda nas reflexões e definições de Pöchhacker (2004), as características da produção textual conforme detalhadas no capítulo 3 desta tese demonstram a preocupação com o texto-alvo ainda que para a análise não tenham sido utilizados referências da área da linguística ou da análise do discurso.

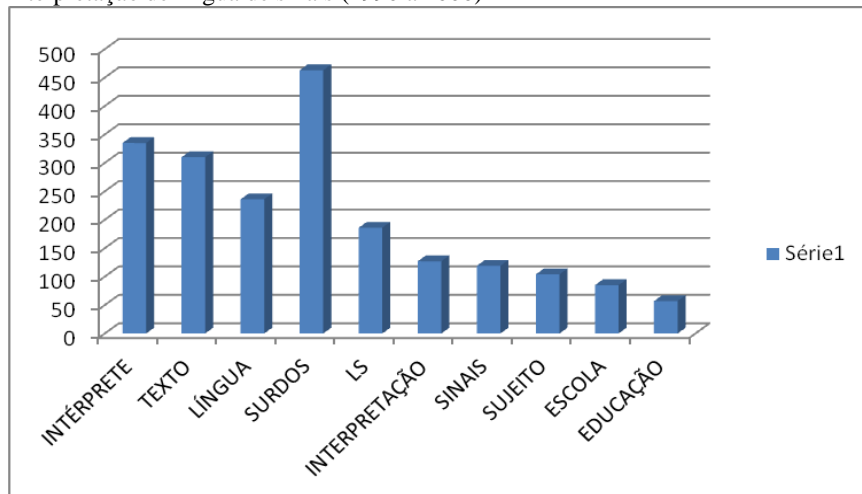
Em outras palavras, ainda que a pesquisa esteja focada na busca da “fidelidade”, há uma descrição sobre o processo de tradução, comparando os textos da língua-fonte e da língua-alvo, confrontando e problematizando as estratégias adotadas pelos intérpretes. Por todas essas razões é que argumentamos a favor do paradigma da abordagem teórico-tradutória orientada conforme o texto-alvo, mesmo cientes das ressalvas já apontadas acima.

Por fim, a dissertação de Pires (1999) foi realizada na região sul do país, mais especificamente no estado do Rio Grande do Sul. Este é um dado interessante, pois a representatividade daquela região foi registrada inicialmente neste período (1990 a 2000). Há uma lacuna no período de 2001 a 2005, com nenhum registro de dissertações sobre interpretação de língua de sinais naquela região. A região sul só retorna ao índice de registros de dissertações sobre interpretação de língua de

sinais no último período a ser investigado, isto é, de 2006 a 2010, evidenciando o fortalecimento dessa região e sua inserção estratégica aos Estudos da Tradução no cenário nacional.

Por outro lado, os resultados obtidos na extração das palavras com maior índice de ocorrência confirmam as reflexões realizadas até o presente momento referentes ao período 1990 a 2000 no que tange às dissertações sobre interpretação de língua de sinais. Por meio da ocorrência das palavras constatou-se uma tendência diferente desta dissertação se comparada, por exemplo, com as teses sobre interpretação de língua de sinais. Observe o gráfico abaixo.

Gráfico 2: palavras (de conteúdo) com maior ocorrência na dissertação sobre interpretação de língua de sinais (1990 a 2000)



Fonte: dados da pesquisa

Com base nos dados apresentados no gráfico acima, organizamos em quatro categorias as palavras que tiveram maior ocorrência na dissertação sobre interpretação de língua de sinais: personagens/atores, elementos linguísticos, campo/local, e outros. Com relação aos personagens/atores que constituem o contexto educacional temos representadas as palavras “surdos” e “intérprete” com maior destaque, sendo que “sujeito” aparece com menor ocorrência. Os resultados obtidos para essa primeira categoria validam as discussões realizadas até o presente momento, pois as palavras “surdos” e “intérprete” estabelecem uma lógica de raciocínio instaurada no processo de realização da atividade tradutória. Em outras palavras, estamos

afirmando que os surdos se constituem em uma comunidade receptora da atividade tradutória, ou seja, é um dos públicos-alvo que se destacam de forma evidente em Pires (1999). Já a segunda palavra que se destaca é “intérprete”, identificando visivelmente o profissional que realiza a atividade tradutória. As demais palavras, “professora” e “sujeito”, aparecem com menor visibilidade, conforme mostra o quadro.

No entanto, a tendência constatada nesta dissertação parece diferente daquelas constatadas nas teses sobre interpretação de língua de sinais. Enquanto as teses tinham maior equilíbrio entre a ocorrência das palavras com relação aos constituintes do contexto escolar (professores, intérpretes e alunos), esta dissertação apresentou certa discrepância entre as ocorrências relacionadas a estes profissionais que compõem o ambiente escolar. Desta forma, do ponto de vista acadêmico, com relação aos debates em torno dos receptores da interpretação e dos profissionais que realizam tal atividade, foi constatada a necessidade de reflexão sobre o texto que o intérprete produz no ato tradutório com relação à interpretação simultânea. Tais discussões somam argumentos a favor de uma abordagem teórico-tradutória orientada conforme o texto-alvo, focando justamente no público-alvo, nesse caso, a maioria alunos surdos em salas de aula inclusivas. Contudo, tais resultados obtidos naquela dissertação do período 1990 a 2000 não necessariamente estão efetivados na realidade educacional brasileira. Por exemplo,

(...) apenas a presença do TILS em sala de aula não assegura que as questões metodológicas sejam alteradas para contemplar todas as necessidades educacionais especiais do aluno surdo visando a uma atenção inclusiva. Muitas vezes, a presença do intérprete acaba por mascarar uma inclusão que exclui. Além disso, a falta de formação profissional específica para a atuação educacional leva a uma visão equivocada de que o intérprete deve ter uma formação generalista, e que ele, por vezes, pode se responsabilizar pelos processos de aprendizagem dos alunos surdos. Com isso, a aquisição dos conteúdos curriculares pode continuar sendo insatisfatória, criando obstáculos novos para o desenvolvimento educacional do estudante surdo. (LACERDA, 2006, p. 145)

As reflexões acima realizadas por Lacerda (2006) corroboram a argumentação que apresentamos até o presente momento. Dito de outro

modo, ainda que pesquisas sejam realizadas investigando uma abordagem que priorize o público-alvo, é necessária uma política que repense o papel do intérprete dentro do contexto educacional, assim como sua formação e os atributos que tal profissional deve desempenhar. Embora a realidade da inserção do ILS no contexto educacional apresente uma série de desafios, como afirmou Lacerda (2006), o gráfico 2, por meio das ocorrências, pode oferecer soluções a partir de um grupo de palavras relacionadas aos aspectos linguísticos.

Com relação aos elementos linguísticos, os dados apresentam maior frequência para as palavras “língua”, “texto”, “língua de sinais” e, com menor incidência, “sinais”. (i) “Língua” e “texto” aparecem como possibilidades-chave para a tomada de decisões. Do nosso ponto de vista, tais palavras não se constituem apenas como dados de extração de um software em uma dissertação, mas oferecem contribuições profícuas para a atuação e formação de profissionais intérpretes no contexto escolar.

Pensar no público-alvo, em uma abordagem orientada ao texto-alvo, implica de fato estudar o processo e investigar que textos estão sendo produzidos, sejam eles em língua de sinais ou em língua portuguesa. Em outras palavras, um dos desdobramentos possíveis da dissertação produzida em 1999 sobre interpretação de língua de sinais é justamente examinar a efetividade do conteúdo que está sendo interpretado ou explorar de forma profunda a qualidade dos serviços que estão sendo prestados. Pesquisas desta natureza colaboram para a formação continuada de ILS. Além disso, valorizam as políticas linguísticas e as medidas adotadas pelo governo, pois passam a garantir mais que direitos legais de acessibilidade para as pessoas surdas. Aspectos como competência profissional, tradutória, linguística, referencial, entre tantas outras habilidades, devem ser condições básicas para o exercício tradutório de ILS em todo país.

Tanto é verdade tal linha de raciocínio que as demais palavras (ii) se referem a língua de sinais e sinais, isto é, nomeia-se que a prioridade da investigação deste processo recai sobre os sinais e sobre a língua de sinais. Ainda que estejamos tratando de uma dissertação sobre interpretação de língua de sinais no final da década de noventa, há aqui uma prevalência sobre a língua de sinais. Tal fato aponta a lacuna existente de estudos, pesquisas, reflexões e políticas que examinem a necessidade de investigação sobre o processo de aquisição da competência na língua materna do ILS ou ainda da segunda língua (nesse caso, Libras). No Brasil, pesquisas sobre interpretação de língua de sinais que analisem dados referentes à produção propriamente dita do

ato interpretativo da língua de sinais para a língua portuguesa ainda são raras.

Embora tenhamos enquadrado em uma categoria denominada “outros” a palavra “interpretação”, conforme o gráfico acima, indiretamente estamos falando de uma competência tradutória necessária para o exercício do ato interpretativo. Esta consideração implica assumir um deslocamento significativo para os estudos sobre interpretação de língua de sinais. A ocorrência da palavra mais frequente transfere-se da pessoa que executa tal função, isto é, do profissional intérprete em si, do ser intérprete, e desloca-se para a atividade de interpretação. Ao mesmo tempo em que seria impossível separar o profissional intérprete da atividade que ele executa, queremos com fins didáticos chamar a atenção do leitor para as diferentes perspectivas que estão implicadas nesta questão.

Embora as mudanças de perspectiva sejam sutis em primeira instância, vale considerar que no contexto brasileiro, ao tratarmos do intérprete como objeto de pesquisa, a grande maioria das investigações analisou as identidades, os direitos de exercício profissional, a certificação, as atribuições profissionais em determinado contexto. A diversidade de metodologias e coleta de dados de pesquisas com essa temática era uma constante variando desde a etnografia até o estudo de caso, especialmente nos períodos de 2001 a 2005 e de 2006 a 2010. Ao tratarmos da atividade de interpretação, o foco de análise passa pelo processo interpretativo, pelos esforços empregados pelo profissional intérprete, pelas estratégias adotadas. Por outro lado, o produto final, que é a atividade de interpretação, é o cerne da análise de estudos dessa natureza.

Tais constatações reforçam a necessidade de diferentes perspectivas de investigação, mas também a urgência de uma articulação entre esses pontos de vista distintos. A emergência da palavra “interpretação” registrada por meio da extração de dados em meados dos anos 1990 é um salto qualitativo para as pesquisas sobre interpretação de língua de sinais. Embora a citação abaixo trate do contexto da tradução, parece-nos que a reflexão é aplicável também ao contexto da interpretação de língua de sinais.

O próprio realizador do processo de tradução — o tradutor — parece ser visto como um ente idealizado, descontextualizado, e que deve seguir regras prescritivas sem ter que refletir sobre o processo. Theodor (1986), por outro lado,

considera importante a fundamentação teórica para a orientação do tradutor na prática. Só que, para esse autor, o papel da universidade em sua formação seria o de fornecedora de bases científicas, enfatizando os métodos tradutórios e cuidando da qualificação lingüística do aprendiz. À teoria caberia, assim, a mera formulação de regras básicas de tradução para resolver as dificuldades dos alunos. Com isso, prevalece a ruptura entre essa teoria e a prática efetivamente realizada. E o teórico acaba sendo visto como um idealista totalmente dissociado do que ocorre na prática — tanto em relação ao fazer tradutório, quanto à sala de aula de cursos de tradução. (RODRIGUES, 1993, p. 182)

Essa dissociação é importante ser repensada nos campos conceituais que atravessam a formação do ILS. Neste sentido, a categoria campo/local, onde se destacaram as palavras “educação” e “escola” como as mais frequentes, deverá ser ressignificada na articulação entre Estudos da Tradução e TILS a partir de soluções trazidas pelas próprias dissertações. Para finalizar, a tendência apontada nessa dissertação sobre interpretação de língua de sinais registrada no período de 1990 a 2000 convoca-nos a perceber a urgência de investigar temas que analisam o processo e o produto do ato interpretativo, no contexto escolar, a qualidade desses serviços e as formas que possam contribuir para a efetividade das políticas linguísticas em torno da língua de sinais em nosso país. As problemáticas levantadas nesse período com relação às dissertações sobre interpretação de língua de sinais pouco dialogam com os resultados obtidos no período de 2001 a 2005, conforme pode ser constatado na próxima seção.

6.1.2.2 Período de 2001 a 2005

Em princípio, os resultados obtidos referentes ao período de 1990 a 2000 com relação às dissertações sobre interpretação de língua de sinais pouco dialogam com as problemáticas assinaladas nas produções do período de 2001 a 2005. A tendência que emerge deste último, conforme constatado pelos dados, é mais próxima daquelas análises levantadas das teses sobre interpretação de língua de sinais. Os dados abaixo ratificam essa constatação inicial:

Tabela 3: categorias analisadas nas dissertações sobre interpretação de língua de sinais (2001 a 2005)

Assunto	Área	Local analisado	Quantidade	Ano	Autores
Interpretação educacional (papel do intérprete)	Linguística Aplicada	Ensino Fundamental	1	2004	(Leite, 2004)
Atuação profissional (trajetórias, práticas e formação).	Educação	TILS	1	2005	(Rosa, 2005)
Interpretação eclesial – papel do intérprete (estudo descritivo)	Linguística Aplicada	Organização das Testemunhas de Jeová	1	2005	(Hortêncio, 2005)

Fonte: dados da pesquisa

No que diz respeito aos assuntos, há uma heterogeneidade de objetos investigados, desde a interpretação educacional até a interpretação eclesial. Tais resultados assemelham-se àqueles encontrados entre 2000 e 2005 por Metzger (2010) no contexto estadunidense. Ainda que não tenhamos o objetivo de estabelecer uma comparação direta entre uma nação e outra, torna-se interessante observarmos em que medida o interesse de pesquisas ou mesmo as tendências se conectam ou não entre os dois países. Em outras palavras, estamos afirmando que a evidência de determinados objetos de pesquisa investigados na mesma época configuram-se em interesses de pesquisa de um coletivo de pesquisadores.

Possivelmente, tais interesses de pesquisa por determinado objeto estejam associados às demandas empíricas que se apresentam como pontos nevrálgicos na atuação do ILS. Em outras palavras, no contexto brasileiro o elo que conecta vários pesquisadores em torno da temática sobre interpretação educacional talvez seja um dos indícios dos pontos cruciais não resolvidos pelo sistema de ensino brasileiro a respeito das funções e papéis a serem desempenhados pelo ILS. No Brasil, em

termos de objetos de pesquisa no período de 2001 a 2005 as tendências apontam para o papel do intérprete como temática central, seja no contexto educacional ou no contexto religioso. Em um segundo momento, há um foco de interesse na atuação profissional (trajetórias, práticas e formação). Embora tenhamos duas dissertações, Rosa (2005) e Hortêncio (2005), produzidas no mesmo ano, o diálogo sobre o papel do intérprete ocorre no cruzamento das pesquisas de Leite (2004) e Hortêncio (2005). Não é de estranhar pesquisas sobre a interpretação em meio eclesialístico, pois, conforme Santos (2006) e Rosa (2005), o tema da religião foi apontado nas dissertações sobre interpretação de língua de sinais como um dos marcos de identidade do exercício tradutório de ILS em nosso país. No entanto, há uma virada acadêmica quando este assunto não se coloca apenas como parte de uma seção ou ainda capítulo de uma dissertação, mas sim como objeto de análise, como ocorreu no ano de 2005.

Os assuntos investigados no período de 2001 a 2005 nos alertam para o desconhecimento sobre o papel do intérprete e sua atuação profissional (trajetórias, práticas e formação). Estas temáticas não tinham sido exploradas na academia por meio das dissertações sobre interpretação de língua de sinais registradas até então. As análises se tornam mais claras quando cruzamos os dados dos objetos (assuntos) investigados com as áreas que hospedaram tais pesquisas. Se por um lado o papel do intérprete (contexto educacional e contexto religioso) foi objeto de investigação nas pesquisas, este foi explorado por meio de duas obras (anos de 2004 e 2005) no campo da Linguística Aplicada. Das dissertações registradas nesse período, somente uma delas foi realizada no campo da Educação.

Por essa razão, constata-se que um dos ramos da Linguística que acolheu as pesquisas sobre interpretação de língua de sinais foi a LA. Essa articulação teórica não foi por acaso, pois a LA conectada com os Estudos da Tradução interessa-se por investigações que envolvam o ensino de tradução, as formas como tradutores aprendem a língua estrangeira, os métodos utilizados na formação de aprendizes de tradução, a concepção de tradução que permeia os currículos, o papel do tradutor, as interações que se estabelecem em sala de aula, etc. Dentro dessa perspectiva, é possível explicar, por exemplo, o motivo que ocasiona uma diversidade de locais (ensino fundamental, ILS e organização das Testemunhas de Jeová) analisados nas dissertações do período 2001 a 2005.

De fato, há dois processos de visibilidade implicados na interpretação de língua de sinais quando tratamos dos locais

investigados nesse período. O primeiro deles refere-se ao lócus investigado, isto é, a Organização das Testemunhas de Jeová. Sem entrar no mérito da questão religiosa em si, chamamos a atenção para o papel da religião na formação de tradutores e de intérpretes, fato que não é exclusivo das línguas de sinais, mas da área de tradução em si. A visibilidade da Organização das Testemunhas de Jeová não é tema exclusivo do período em questão — outras pesquisas utilizaram o mesmo contexto de investigação.

Masutti (2007) propôs um debate sobre religião, tradução e expansão colonial, argumentando com base nos estudos pós-estruturalistas a favor de uma hospitalidade necessária por parte do intérprete em contextos dessa natureza. No entanto, ainda que a hospitalidade necessária se evidencie em contextos religiosos, nos demais espaços ela também é uma habilidade importante por parte do profissional intérprete para com seu público-alvo. Estender a questão da hospitalidade para com o público-alvo para além das questões religiosas é uma reflexão importante para a formação de tradutores e intérpretes de língua de sinais no Brasil. Nesta perspectiva, as interações ocorridas entre o público-alvo do contexto fundamental (a maioria alunos surdos, ouvintes e professores) são mediadas por ILS, conforme demonstrou uma das dissertações. O investimento acadêmico necessário nesse contexto é de extrema relevância, pois no ano de 2005 o ensino fundamental destacou-se enquanto *corpus* de pesquisa sobre interpretação de língua de sinais. Se cruzarmos os dados até aqui apresentados constataremos uma dissertação e uma tese que concentraram seus resultados nas problemáticas que emergem desse espaço.

Por fim, a dissertação desenvolvida por Rosa (2005) não analisa locais em específico. Tal dissertação busca na categoria de tradutores e intérpretes de língua de sinais de diferentes partes do país elementos como “o tornar-se intérprete, o lugar da formação na prática do ILS”, e problematiza esses elementos a partir das teorias da tradução. Examinamos nessa pesquisa a emergência de uma tendência em torno de aspectos identitários da categoria de ILS. Do nosso ponto de vista, esses resultados estão relacionados ao papel que as políticas linguísticas da língua de sinais exerceram durante a época analisada. Em termos históricos, no ano de 2005 estávamos no auge das discussões acerca da regulamentação da Libras, sendo necessário não só apresentar à academia as fragilidades e desafios da atuação no campo da interpretação educacional, mas também a história de constituição dos profissionais intérpretes e a valorização de suas práticas formativas. Tais

observações, juntamente, com as metodologias empregadas na seção seguinte, oferecem indícios elementares que se articulam com as diferentes coletas de dados e colocam em emergência o ponto de vista de ILS.

Quadro 3: categorias analisadas nas dissertações sobre interpretação de língua de sinais (2001 a 2005)

Metodologia /coleta de dados	Paradigma	Região Brasileira	Ano
Qualitativa / Microanálise etnográfica – gravação vídeo – entrevista (questionário) – registro de campo	Interação discursiva	Sudeste	2004
Qualitativa / entrevista – questionários	Interação discursiva	Sudeste	2005
Qualitativa / entrevista – questionário – gravação de vídeo	Abordagem teórico-tradutória orientada conforme o texto-alvo	Nordeste	2005

Fonte: dados da pesquisa

No quadro 3, com relação à metodologia foi unânime a abordagem qualitativa. Por exemplo, na pesquisa realizada no ano de 2004 foi utilizada uma microanálise etnográfica com o intuito de examinar os papéis que o intérprete poderia assumir quando estava atuando em uma sala de aula inclusiva. Os dados foram obtidos a partir de gravações de aulas de diversas disciplinas, sendo que uma dessas gravações foi analisada minuciosamente com base em vários conceitos trazidos por Goffman (1981) e no modelo teórico proposto por Wadensjö (1998). Além disso, instrumentos como: entrevista, questionário e diário de campo foram utilizados como coleta de dados. Por outro lado, a pesquisa realizada em 2005 escolheu intérpretes de diferentes regiões do país e distribuiu um questionário composto de vinte e uma perguntas. Outra pesquisa realizada no mesmo ano utilizou para a coleta de dados três instrumentos, quais sejam, questionário, filmagens e entrevistas. Há uma preferência explícita em termos de coleta de dados pelo uso dos questionários, bem como das gravações em vídeos.

Com relação aos paradigmas, foram registrados dois: a interação discursiva e a abordagem teórico-tradutória orientada conforme o texto-alvo. Associando o resultado do paradigma da interação discursiva com as descrições realizadas no período 2001 a 2005 no capítulo 3, constatou-se: especialmente na dissertação realizada por Leite (2004), há significativas aproximações teóricas com o contexto americano, explorando as contribuições de autores consagrados nos estudos da interpretação e nos estudos da interpretação de língua de sinais. Enquanto o paradigma da interação discursiva da pesquisa de Leite (2004) foi respaldado pelo modelo teórico proposto por Wadensjö (1998) explicitando os desafios da sala de aula e a presença do intérprete, o mesmo paradigma registrado em uma das pesquisas realizadas no ano de 2005 tem subsídios diferentes daquele primeiro.

Ao verificar o paradigma (interação discursiva) da pesquisa realizada por Rosa (2005), constata-se que este foi alimentado por temas como as relações interpessoais entre intérpretes e pessoas surdas, assim como os desafios oriundos da mediação entre surdos e ouvintes pautada por questões colonialistas. Além disso, chegamos à conclusão de que no período de 2001 a 2005 o paradigma da interação discursiva presente nas dissertações sobre interpretação de língua de sinais apresentou diferentes perspectivas a partir dos elementos constituintes. A argumentação que apresentamos para responder tal constatação refere-se à seguinte hipótese: nas pesquisas realizadas nas dissertações sobre interpretação de língua de sinais, nem todas focam efetivamente o contexto da sala de aula, isto é, a interação pedagógica (professor, aluno e intérprete).

Algumas dessas pesquisas denunciam aflições decorrentes da interação entre surdos e ouvintes (considerando intérpretes) que extrapolam o contexto educacional, isto é, são demandas que ocorrem nas relações do cotidiano pautadas pelas relações de poder. No contexto brasileiro, como estamos em fase de transição com relação aos objetos investigados, bem como aos seus aportes teóricos, é importante que os elementos constituintes do paradigma da interação discursiva sejam flexibilizados, acolhendo diferentes formas de interação que envolvam a interpretação de língua de sinais. Esta mesma observação já tinha sido problematizada no texto de Leite (2004). A autora resgata as considerações realizadas por Mason (1999, p. 147):

Os fenômenos observados nesses estudos demonstraram aspectos da interpretação até então desconsiderados para o trabalho dos intérpretes

em conferência, ou, então, só considerados como objetos de interesse de pesquisas nos estudos da interpretação. Temas como conflitos de papéis, lealdade a determinado grupo, status de participação, relevância, negociação face-a-face — todas essas questões são agora reconhecidas como objeto de indagações.⁹⁴

Para finalizar com relação ao ano de 2005, registramos o paradigma da abordagem teórico-tradutória orientada conforme o texto-alvo. A vasta coleta de dados desta dissertação de Hortêncio (2005) propiciou que diferentes reflexões fossem problematizadas concentrando-se no perfil dos intérpretes de Libras na cidade de Fortaleza, bem como nas estratégias adotadas por esses profissionais e o papel desses intérpretes em um contexto específico, nas Testemunhas de Jeová. É possível inferir que não se trata da abordagem teórico-tradutória orientada conforme o texto-alvo por si só, focada somente no público-alvo que recebe o produto final (tradução).

Há um levantamento de estratégias e perfis dos profissionais que realizam essa atividade, focando em reflexões que se voltam para o texto recebido e o texto final da tradução. Por exemplo: na medida em que se verifica a ocorrência de determinadas estratégias e as categoriza-se: (i) colabora-se para uma institucionalização de procedimentos adotados em uma determinada comunidade específica; (ii) constata-se que naquele determinado local (no caso, âmbito religioso), os índices de ocorrência de tais estratégias são passíveis de serem registrados novamente, uma vez que podem ser padronizados pela organização religiosa. Essa padronização tradutória tende a funcionar como uma norma que aos poucos se institucionaliza no âmbito religioso daquela comunidade específica.

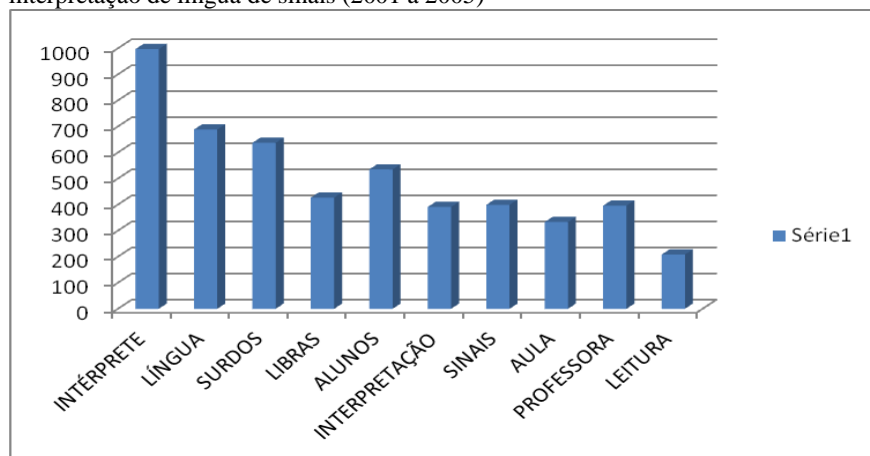
Com relação à região, duas dissertações foram produzidas na região sudeste, sendo uma no estado do Rio de Janeiro — Leite (2004) — e a outra no estado de São Paulo — Rosa (2005). No mesmo ano, foi registrada uma dissertação produzida na região nordeste, mais especificamente no estado do Ceará, por Hortêncio (2005). Com todos esses resultados concluímos que as tendências apontadas nas dissertações sobre interpretação de língua de sinais no período de 2001 a 2005 apontam que:

⁹⁴ Tradução de Emeli Leite. Sem acesso ao texto original.

- a) predominam as pesquisas na região sudeste;
- b) destaca-se a abordagem qualitativa, sendo o questionário e a entrevista os instrumentos mais utilizados para as coletas de dados;
- c) a área da LA é a mais registrada;
- d) por fim, o tema com maior ocorrência é o papel do intérprete, sendo investigado no âmbito educacional e posteriormente no âmbito religioso.

A extração das palavras (de conteúdo) com maior índice de ocorrências ratifica tais reflexões realizadas nesse período ou apontam resultados diferentes? A próxima seção apresenta considerações que contribuem para elucidar as características que marcam o referido período.

Gráfico 3: palavras (de conteúdo) com maior ocorrências nas dissertações sobre interpretação de língua de sinais (2001 a 2005)



Fonte: dados da pesquisa

Os resultados registrados acima foram divididos entre as seguintes categorias: personagens/atores, atividades realizadas e componentes de ordem linguística. Com relação aos personagens/atores de um determinado contexto, as palavras que se destacaram foram: “intérprete”, “surdos”, “alunos” e “professora”. Ou seja, a predominância do contexto educacional ainda é evidente. No entanto, há uma nova tendência registrada: enquanto na dissertação sobre interpretação de língua de sinais no período anterior (1990 a 2000) a palavra com maior índice de ocorrências era “surdo”, neste período a

palavra “intérprete” foi constatada com maior frequência. Os dados referentes aos personagens/atores corroboram que o contexto educacional ainda é o preferido das pesquisas. Embora tenhamos já discutido as singularidades que compõem o contexto educacional, chamamos a atenção do leitor para a ocorrência da palavra “intérprete” como sendo a de maior destaque.

O deslocamento do foco no público-alvo (no caso, os surdos, como ocorreu no período de 1990 a 2000) para dar ênfase ao profissional intérprete é uma virada cultural e política. É cultural, porque até então o enfoque das pesquisas tratava com maior ocorrência o público surdo que recebia as interpretações realizadas, as singularidades do público surdo no contexto educacional, etc. Em outras palavras, havia uma institucionalização discursiva em pensar esse público-alvo como foco de atenção nas dissertações investigadas. Do ponto de vista político, a ocorrência mais evidente da palavra “intérprete” corroborou não só a importância de investigar o papel desse profissional, como também as funções, os atributos, os incômodos gerados e a própria visibilidade ou representação deste no contexto escolar.

Todas essas considerações desembocam nas discussões já realizadas por Rosa (2005), que abordou justamente o paradoxo do ILS, isto é, ao mesmo tempo tão visível em função da modalidade visual da língua de sinais e mesmo assim invisível perante outros aspectos como a formação, a valorização profissional, entre outros. Nesta vertente, seriam interessantes pesquisas que tomassem as ferramentas dos Estudos de *Corpora* e investigassem, por exemplo, as concordâncias ou associações do léxico “intérprete” ao longo dos períodos aqui selecionados, ou ainda em que partes das orações emergem a palavra intérprete ou mesmo onde ela se localiza nos textos acadêmicos.

Por outro lado, há uma visibilidade atribuída aos personagens que compõem o âmbito de atuação do profissional intérprete, pois aparecem como palavras de destaque “alunos” e “professora”. É a primeira vez que nas dissertações sobre interpretação de língua de sinais aparece claramente menção a essas palavras, visto que anteriormente (1990 a 2000) o foco centrava-se apenas no aluno surdo. Conforme as palavras frequentes comprovam, a tendência que emerge deste período (2001 a 2005) é a descrição de papéis e atributos que o profissional intérprete assume, mas outros personagens se somam a ele para de fato assumir seus papéis. Em outras palavras, estamos ratificando que o papel do intérprete no âmbito educacional não é o do professor, visto que este

último profissional aparece visibilizado nas extrações realizadas das palavras mais frequentes.

O gráfico acima revela, também, um conjunto de palavras que podem ser agrupadas em uma categoria referente às atividades realizadas no contexto investigado, que são: “leitura”, “interpretação” e “aula”. Tais atividades podem ser exercidas em ambos os contextos, religioso e educacional, que são os espaços de destaque do período de 2001 a 2005 nas dissertações. No entanto, cabe ressaltar que palavras como “interpretação” podem se referir à interpretação enquanto atividade desenvolvida pelo intérprete ou ainda interpretação de textos, uma vez que “leitura” também apresenta um índice de ocorrência significativo. Sugerimos aqui, portanto, futuras pesquisas que explorem a concordância dessas palavras e seu uso dentro de teses e dissertações. Além disso, palavras como “leitura” são atividades que podem ser exercidas tanto pelos alunos em salas de aula ou como atividade prévia de preparação de materiais a serem interpretados.

Por fim, constatamos duas palavras (“língua” e “Libras”) que agrupamos em uma categoria que intitulamos “componentes/elemento linguístico” por se referirem à língua. Destacamos a frequência da palavra “Libras”, que pela primeira vez aparece na extração dos dados de forma visível. Tal fato corrobora todo o investimento de movimentos políticos e acadêmicos no período de 2001 a 2005 em torno de ações linguísticas acerca da língua de sinais, como o decreto 5626/2005 e as pesquisas hospedadas sobre a Libras no campo da Linguística. Por outro lado, o reconhecimento da “Libras” como uma palavra frequente nas dissertações sobre interpretação de língua de sinais apresenta indícios sobre as possíveis mudanças de perspectiva em investigações do próximo período.

6.1.2.3 Período de 2006 a 2010

Ao longo dos períodos analisados até o presente momento foi possível constatar as mudanças de objetos de pesquisa ou mesmo as características que marcaram determinado período. Por exemplo, no período de 1990 a 2000 o foco do objeto das dissertações sobre interpretação de língua de sinais concentrava-se na comparação entre língua-fonte e língua-alvo. No período seguinte, 2001 a 2005, o objeto de pesquisa girava em torno do papel do intérprete em diferentes contextos, como o religioso e o educacional. Alguns indícios anunciam, ainda que de forma acanhada, as mudanças que estariam por vir.

Algumas das primeiras pesquisas em tradução/interpretação de língua de sinais (LEITE, 2004; ROSA, 2005; SANTOS, 2006) respaldavam-se em aportes teóricos da área da Linguística Aplicada e/ou da Educação, iniciando uma tímida relação com aspectos e/ou teorias da área dos Estudos da Tradução. (SANTOS, 2010, p. 149)

Ainda que haja uma articulação tímida com os Estudos da Tradução, conforme Santos (2010) afirmou, as dissertações sobre interpretação de língua de sinais referentes ao período de 2006 a 2010 são caracterizadas pela proliferação de objetos de pesquisa. O aumento significativo dessas produções, bem como a ampliação de seus aportes teóricos, contribui e serve de alimento para o empoderamento da subárea de interpretação de língua de sinais no Brasil. Na tabela 4 a seguir é possível acompanhar os resultados obtidos nesta pesquisa.

Os resultados indicam um número acentuado de dissertações produzidas cujo objeto de investigação abordou diferentes singularidades que emergem no âmbito pedagógico contando com a presença do ILS. Por exemplo, com relação aos assuntos, os dados mostrados na tabela 4 foram agrupados nas seguintes categorias:

a) Aspectos do contexto educacional / caracterização: atuação do intérprete de Libras – discurso e identidade; professor ouvinte e aluno surdo – relações pedagógicas e ILS (ambas em 2006); ensino de Biologia – intérprete + geração de sinais; identidades – professor/intérprete e intérprete (ambas em 2007); a atuação do ILS (2008, 2009); concepções sobre atuação do ILS (2009); mediações linguísticas de ILS (2010); atuação do ILS no ensino médio (2010); atuação do ILS – caracterização e línguas em contato (Libras e LP) – 2010.

b) Aspectos profissionais de ILS: identidades de ILS; políticas públicas e os sujeitos surdos – intérprete de língua de sinais (ambas em 2006); ILS – posição discursiva e trajetórias de formação e condições de trabalho (ambas em 2009) e papel de professores surdos e ouvintes na formação de ILS (2010).

Tabela 4: categorias analisadas nas dissertações sobre interpretação de língua de sinais (2006 a 2010)

Assunto	Área	Local analisado	Quantidade	Ano	Autores
Identidades de ILS	Educação	Ensino superior	1	2006	(Santos, 2006)
Políticas públicas e os sujeitos surdos – (intérprete de língua de sinais)	Educação	Profissionais ligados à surdez	1	2006	(Filietaz, 2006)
Contextos educacionais: Atuação do intérprete de Libras (discurso e identidade)	Linguística, Letras e Artes	Ensino superior	1	2006	(Lima, 2006)
Contextos educacionais: professor ouvinte e aluno surdo (relações pedagógicas e ILS)	Educação	Ensino fundamental	1	2006	(Zampieri, 2006)
Contextos educacionais: ensino de Biologia (intérprete + geração de sinais)	Linguística, Letras e Artes	Ensino médio	1	2007	(Marinho, 2007)
Contextos educacionais: identidades (professor-intérprete e intérprete)	Educação	Ensino fundamental	1	2007	(Vieira, 2007)
Educação de surdos (ILS, relações de poder + (re)criações do sujeito)	Educação	Ensino superior*	1	2008	(Martins, 2008)
Testes de proficiência linguística em língua de sinais (ILS)	Linguística Aplicada	Estudantes e potenciais avaliadores	1	2008	(Pereira, 2008)
Contextos educacionais (atuação do ILS) – caracterização	Linguística, Letras e Artes	Ensino fundamental + médio	1	2008	(Costa, 2008)
ILS (posição discursiva)	Educação	ILS	1	2009	(Russo, 2009)
Contextos educacionais (atuação do ILS) – caracterização	Educação	Ensino fundamental	1	2009	(Tuxi, 2009)

Trajetórias de formação e condições de trabalho	Educação	Ensino superior	1	2009	(Martins, 2009)
A corporeidade da ILS e a percepção de sentidos – efetividade	Educação/Educação Especial	ILS	1	2009	(Silva, 2009)
Contextos educacionais (concepções sobre atuação do ILS)	Educação	Ensino superior, médio e fundamental	1	2009	(Cordova, 2009)
Contextos educacionais (mediações linguísticas de ILS)	Educação	Ensino médio	1	2010	(Miranda, 2010)
Papel de professores surdos e ouvintes na formação de ILS	Educação	Ensino superior	1	2010	(Almeida, 2010)
Contextos educacionais (atuação do ILS no ensino médio) – caracterização	Educação	Ensino médio	1	2010	(Belém, 2010)
Contextos educacionais (atuação do ILS) – caracterização e línguas em contato (Libras e LP)	Educação	Ensino superior	1	2010	(Constâncio, 2010)
ILS (atitudes frente à LS e às pessoas surdas)	Linguística, Letras e Artes	Ensino superior, médio e fundamental	1	2010	(Passos, 2010)
Fronteiras literárias (experiências e performances de TILS)	Literatura Brasileira (Teoria Literária)	Conto: A Missa do Galo	1	2010	(Santana, 2010)
Marcas de gênero na interpretação de LS	Linguística, Letras e Artes (Estudos da Tradução)	Ensino superior	1	2010	(Nicoloso, 2010)

Fonte: dados da pesquisa

c) Aspectos mistos (corporais, atitudinais, linguísticos, tradutórios e etc.) sobre a atuação do ILS: educação de surdos – ILS, relações de poder + (re)criações do sujeito; testes de proficiência linguística em língua de sinais – ILS (ambas no ano de 2008); A corporeidade da ILS e percepção de sentidos – efetividade (no ano de 2009); ILS – atitudes frente à LS e às pessoas surdas; fronteiras Literárias – experiências e performances de tradutores e ILS; marcas de gênero na interpretação de LS (todas no ano de 2010).

Uma vez que são muitas pesquisas a serem analisadas nesse período (2006 a 2010), adotamos uma sistematização didática por meio das categorias que facilitasse nossas discussões sobre tais produções. A partir dessas subdivisões é possível constatar as mudanças de objeto de pesquisa ao longo dos anos, bem como a permanência de temas que parecem não solucionados até os dias de hoje. Um exemplo disso são aquelas pesquisas sobre os contextos educacionais que foram registradas ao longo de todos os anos analisados, demonstrando a necessidade de maior atenção governamental sobre o tema.

Com relação aos aspectos do contexto educacional, a caracterização do ILS no meio pedagógico é tomada como objeto durante todo o período analisado. Em outras palavras, estamos dizendo que há uma tendência institucionalizada comprovada por meio das dissertações sobre interpretação de língua de sinais a respeito da falta de esclarecimentos sobre a atuação desse profissional naquele determinado contexto de atuação. É como se a todo momento houvesse a necessidade de dizer quem é este profissional, quais são as suas funções, que identidades estão em jogo a partir dessas relações (se professor ou se intérprete) entre várias outras problemáticas abordadas nas pesquisas que são reflexos da realidade educacional do país.

Ainda que tais dissertações sobre interpretação de língua de sinais tenham contribuído significativamente para a institucionalização do ILS no meio escolar, parece-nos que há uma carência sobre as diretrizes ou mesmo orientações do papel profissional do intérprete dentro do contexto escolar. Dito de outro modo é importante que seja traçada uma política tradutória em nosso país que oriente a atuação deste profissional no meio educacional na perspectiva dos Estudos da Tradução, pois os objetos de pesquisa nas dissertações sobre interpretação de língua de sinais constatam a falta de infraestrutura adequada para seu exercício profissional.

Ou seja, estamos tratando de um tema abrangente (contexto educacional – atuação/caracterização do ILS), recorrente em várias dissertações, conforme constatado na tabela 4, compartilhado por um

grupo de pesquisadores dentro da mesma área. Em outras palavras, há uma construção da coesão de grupo de pesquisadores que compartilham de um mesmo tema, parâmetro afirmado por Stromquist (1997) como constituinte de um empoderamento. As pesquisas que tomaram como objeto os contextos educacionais de atuação dos ILS têm circulado de forma muito presente nas dissertações sobre interpretação de língua de sinais do período de 2006 a 2010, corroborando a premissa de que a caracterização do papel do intérprete e sua respectiva atuação no meio educacional é uma tendência desse período.

Por outro lado, nessas mesmas dissertações deste período (2006 a 2010) encontramos elementos que revelam uma crise identitária instaurada no contexto escolar. Quem é o ILS? Ele exerce a docência? Talvez seja por isso que mapeamos outro grande conjunto de trabalhos que enquadrados na categoria: aspectos profissionais de ILS. Os dados revelam novos interesses de pesquisa já registrados no ano de 2006 que evocam muito mais os aspectos profissionais dos ILS. Os objetos de pesquisa que se destacaram nesse período tratavam das identidades dos profissionais ILS no ano de 2006 ou mesmo das trajetórias de formação e condições de trabalho desses profissionais, sendo esta última dissertação desenvolvida no ano de 2009.

Este período é marcado, também, por uma tendência que valoriza as questões profissionais, sendo que tais interesses são tomados como objeto de pesquisas. Em outras palavras, percebeu-se a necessidade de investigar o ILS a partir de diferentes perspectivas. Por exemplo, estudos que trataram da posição discursiva dos ILS, desenvolvidos no ano de 2009, ou mesmo do papel de professores surdos e ouvintes na formação de ILS, no ano de 2010. Desta forma, neste período há uma segunda tendência (aspectos profissionais de ILS) concorrendo com aquelas pesquisas que tratavam do contexto educacional na mesma época. Por outro lado, constata-se que as dissertações sobre interpretação de língua de sinais dessa época buscam por meio de seus objetos de investigação colocar em cena o profissional ILS, tendência corroborada pelas metodologias e coletas de dados empregadas que priorizam os depoimentos, narrativas e métodos do gênero.

Uma vez identificados os objetos de pesquisa e examinada a concorrência das tendências (contexto educacional/caracterização e atuação do ILS e aspectos profissionais), os resultados indicam uma nova fase no período investigado. Denominamos essa tendência mais recente como “aspectos mistos”, uma vez que incorpora nos objetos de pesquisa temas relacionados às questões corporais, atitudinais, linguísticas, tradutórias, entre outras. Uma importante contribuição para

a investigação dos diferentes objetos tratados neste período refere-se a aportes teóricos diversificados, tais como: educação, LA, teoria literária, estudos da tradução e outros.

Esta última tendência não só elegeu novos objetos de pesquisa como também encontrou um espaço flexível e ávido no meio acadêmico para hospedar temas sobre a interpretação de língua de sinais. Essas diferentes perspectivas de pesquisa — como exemplo, educação de surdos – ILS, relações de poder + (re)criações do sujeito; testes de proficiência linguística em língua de sinais – ILS (ambas no ano de 2008); a corporeidade da ILS e percepção de sentidos – efetividade (no ano de 2009); ILS – atitudes frente à LS e às pessoas surdas; fronteiras Literárias – experiências e performances de TILS; marcas de gênero na interpretação de LS (todas no ano de 2010) — contribuíram para que houvesse condições concretas de um empoderamento para a área. Além disso, os resultados das pesquisas e a sistematização dessas tendências possibilitam que uma comunidade de pesquisadores sobre interpretação de língua de sinais seja visibilizada em nosso país.

Por outro lado, a sistematização dessas tendências evidencia as diferentes diretrizes que podem ser adotadas nas políticas tradutórias necessárias em nosso país. Ou seja, não basta pensar o ILS (objeto de investigação das dissertações) somente do ponto de vista da atuação no contexto educacional. As próprias dissertações, por meio dos seus resultados, demonstraram a necessidade de examinar esse profissional a partir de um viés profissional, que explore as condições de trabalho, suas identidades, assim como comportamentos atitudinais, elementos linguísticos e tradutórios presentes nos processos de formação dessa categoria que demandam qualquer contexto de atuação.

Esta sistematização das tendências contribui, também, para que sejam observadas as lacunas que não foram investigadas ao longo dos períodos analisados. Por exemplo, ainda que tenhamos mapeado pesquisas que investigaram as condições de trabalho do profissional intérprete, estas articularam seus aportes teóricos com a área educacional. Embora saibamos os motivos que levaram a esse resultado, discutidos no capítulo 3, é fundamental que temáticas como essa sejam articuladas com referenciais da área de Saúde e dos Estudos da Tradução, para que os resultados possam gerar diretrizes que levem em consideração os aspectos ergonômicos como: revezamento de intérpretes, cansaço cognitivo, entre outros.

Neste sentido é que apresentamos ao leitor as áreas que hospedaram essas dissertações investigadas durante o período de 2006 a 2010. O total de dissertações sobre interpretação de língua de sinais

registrado neste período soma 21. Na área de Educação, o total de trabalhos foi 14 dissertações, sendo assim distribuídas:

- 2006: 3
- 2007: 1
- 2008: 1
- 2009: 5
- 2010: 4

Na área de Linguística, Letras e Artes foram somadas 4 dissertações, desenvolvidas nos anos de 2006, 2007, 2008 e 2010 (uma em cada ano). Nesse período (2006 a 2010), a área de LA foi representada por uma dissertação desenvolvida no ano de 2008, da mesma forma que Literatura (Teoria Literária), com uma dissertação desenvolvida no ano de 2010 e Linguística, Letras e Artes (foco nos Estudos da Tradução), com uma dissertação desenvolvida também no ano de 2010.

Nesses termos, confirmou-se a premissa de que a área educacional tem um papel muito forte enquanto campo epistemológico que subsidiou os objetos de pesquisa sobre interpretação de língua de sinais, uma vez que o número de dissertações registrado foi significativo. O resultado não só demonstra a predominância da área educacional, como também indiretamente apresenta as lacunas pela falta de articulação a outros campos teóricos que possam subsidiar as pesquisas acadêmicas.

Isto constitui um elo do qual é difícil nos distanciarmos: pessoas surdas na escola => intérpretes vistos prioritariamente sob a perspectiva educacional => pesquisas sobre os intérpretes na Educação. Só uma visão mais abrangente das interações nas quais uma pessoa surda precisa de um ILS pode despertar o interesse em entender melhor, também, outros campos de interpretação. (PEREIRA, 2010, p. 111)

Essa eleição de novos objetos de pesquisa a serem investigados é um movimento bastante recente, posterior ao ano de 2010. Outro ponto importante é que ocorrem novas articulações com o campo dos Estudos da Tradução, ainda que em nosso ponto de vista não seria a mudança do campo que solucionaria os problemas até aqui apontado. Nosso

argumento é que as novas articulações com o campo teórico dos Estudos da Tradução poderiam contribuir significativamente na problematização de objetos de pesquisa que foram olhados exclusivamente por um viés educacional.

A articulação entre o campo da Educação e dos Estudos da Tradução guarda riquezas pouco exploradas no Brasil, haja vista que grande parte das pesquisas localiza-se ou exclusivamente em um campo ou em outro. Neste sentido, sugere-se que futuras pesquisas possam retornar a este *corpus* com o objetivo de buscar as perspectivas interdisciplinares possíveis entre os campos da Educação e dos Estudos da Tradução como tem feito Albres (2013), ou ainda entre a LA e os Estudos a Tradução. As dissertações sobre interpretação de língua de sinais, especialmente pelos seus referenciais teóricos, contextos explorados e resultados obtidos, contribuem de forma pontual para os Estudos da Tradução, pois ampliam os objetos de pesquisa a fim de serem investigados com aportes da interpretação comunitária.

No Brasil, o elo entre interpretação comunitária e Estudos da Tradução é pouco explorado, salvo dissertações como Queiroz (2011). Por fim, as dissertações sobre interpretação de língua de sinais nos diversos campos registrados (Educação, Linguística, LA, Teoria Literária) colaboram para que os Estudos da Tradução acolham novos objetos de pesquisa, que não somente aqueles pautados nas investigações de traduções propriamente ditas. Na UFSC/PGET esta realidade tem sido cada vez mais evidente, pois uma série de pesquisadores ouvintes e surdos tem desenvolvido pesquisas na área da interpretação de língua de sinais nas quais novas articulações emergem.

Por outro lado, é uma mudança importante, também, os Estudos da Tradução se abrirem para novas temáticas que valorizam o ramo aplicado, se adotarmos o mapa de Holmes (1972, 1988), conforme abordamos no capítulo 5 desta tese. A pesquisa em nosso país na área aplicada (crítica da tradução e ferramentas de auxílio à tradução) é produzida com certa frequência, mas as subáreas política da tradução e ensino de tradução não apresentam a mesma ocorrência de investigações científicas. Esta é outra contribuição do campo da Educação para os Estudos da Tradução, resultante em grande parte das pesquisas sobre interpretação de língua de sinais. Tais pesquisas têm um vínculo acentuado não só pelos aportes teóricos, mas pela reflexão direta dos resultados aplicados à formação de tradutores e de intérpretes.

Outro fato que contribui para que novas áreas ou mesmo objetos de pesquisa sejam inaugurados refere-se aos contextos investigados nas dissertações sobre interpretação de língua de sinais. Das dissertações

investigadas durante o período de 2006 a 2010, conclui-se, conforme a tabela 4, que os locais (*corpus*) das pesquisas foram os seguintes: (i) sete (7) pesquisas registraram o ensino superior como foco de análise; três (3) pesquisas focaram o ensino médio como base de suas análises; três (3) pesquisas restringiram seu foco de análise no ensino fundamental; três (3) pesquisas utilizaram como *corpus* uma coleta mista envolvendo o ensino superior, médio e fundamental; e, por fim, cinco (5) pesquisas utilizaram um *corpus* que enquadramos na categoria “outros contextos”, por ser bastante diversificado.

O ensino superior foi o espaço com maior número de pesquisas desenvolvidas, seguido de outros contextos abrangentes, como por exemplo investigações que analisaram entrevistas de diversos intérpretes sobre diferentes temas ou mesmo a análise do conto *A missa do galo*. Registramos, também, aquelas pesquisas mistas que utilizaram dados coletados nos três níveis escolares (fundamental, médio e superior). Destacou-se também o ensino fundamental com uma série de dissertações produzidas e, por fim, o contexto do ensino médio, com pouca incidência de investigações. Os contextos, bem como os resultados analisados nas dissertações sobre interpretação de língua de sinais nos dão pistas sobre desdobramentos dessas pesquisas na formação continuada de ILS. Há certas disciplinas no meio educacional com alto grau de complexidade, colocando à prova a competência referencial e tradutória do profissional intérprete.

Os textos traduzidos/interpretados em sala de aula versam sobre temas diversos e variam em grau de complexidade de acordo com o vocabulário. Conteúdos de algumas disciplinas, por exemplo, as que pertencem as [*sic*] Ciências da Natureza-Biologia, Física e Química, por possuírem termos específicos, são comuns à [*sic*] inexistência de termos equivalentes em Libras. (SOUZA, 2011, p. 2)

Observe-se como tal demanda prática apresentada pelos ILS foi corroborada pela pesquisa de Marinho (2007), que tratou do ensino de biologia e da geração de sinais pelo intérprete. Essa pesquisa ressaltou um dos campos promissores que contribuirão significativamente para a formação de ILS, qual seja, a área de Lexicografia. A necessidade de projetos que envolvam a criação de glossários didáticos bilíngues, dicionários e material de apoio são urgentes. Tais materiais poderão

contribuir para os procedimentos de interpretação, bem como qualificarão os profissionais que exercem os serviços de interpretação oferecidos nos diversos níveis, especialmente ensino médio e superior, em que o grau técnico dos conteúdos apresentados é mais evidente.

Além disso, os resultados dos objetos investigados podem somar novos interesses de investigação aos Estudos da Interpretação de forma geral, uma vez que, segundo Pöchhacker (2009), os principais tópicos de interesse são: *o processamento cognitivo, a qualidade, o treinamento, a ética e a tecnologia*. Constatamos que os objetos analisados nas dissertações sobre interpretação de língua de sinais do período de 2006 a 2010 não coincidem com os tópicos levantados por Pöchhacker (2009), corroborando a premissa de que novos paradigmas de pesquisa sobre interpretação de língua de sinais no Brasil estão em construção. Neste sentido, para colaborar na construção desses novos paradigmas, apresentamos a seguir os resultados obtidos com relação à metodologia abordada nessa produção acadêmica.

Conforme os resultados no quadro acima demonstram, a abordagem qualitativa como metodologia das dissertações sobre interpretação de língua de sinais do período 2006 a 2010 foi registrada de forma unânime. No entanto, as coletas de dados na maioria das vezes ocorrem de forma mista, isto é, uma combinação de dois ou três instrumentos a fim de examinar o *corpus* pretendido, sendo as entrevistas nos mais diversos formatos os instrumentos privilegiados.

Por exemplo: entrevistas estruturadas, semiestruturadas, não estruturadas, entrevistas com foco nas histórias de vida ou narrativas desempenharam um papel importante na construção de novas concepções sobre o profissional intérprete. Investigar, examinar, realizar um processo de escuta sobre o que os ILS tinham a narrar, ou mesmo como desempenhavam a atividade de interpretação, é uma atitude metodológica reflexiva sobre as práticas encontradas no meio educacional. Em seguida, outros instrumentos frequentes nas coletas de dados foram a observação e a gravação de vídeo. Entendemos que estes instrumentos conectam-se de forma pontual às reflexões que são oriundas do contexto educacional. Em outras palavras, o pesquisador, quando opta por opções metodológicas dessa natureza, especialmente no contexto da sala de aula, realiza um investimento de alto grau de complexidade. Esta decisão pauta-se em olhar para todos os que compõem a sala de aula, as experiências que naquele espaço são partilhadas acentuadas pelas posições subjetivas e negociações assumidas nas interações sociais.

Quadro 4: categorias analisadas nas dissertações sobre interpretação de língua de sinais (2006 a 2010)

Metodologia /coleta de dados	Paradigma	Região Brasileira	Ano
Qualitativa / entrevistas (histórias de vida)	Interação discursiva	Sul	2006
Qualitativa / entrevista não estruturada	Interação discursiva	Sul	2006
Qualitativa / pesquisa etnográfica (observação participante, notas de campo e entrevistas)	Interação discursiva	Centro-Oeste (DF)	2006
Qualitativa / entrevistas e vídeo-gravação	Interação discursiva	Sudeste	2006
Qualitativa / entrevistas estruturadas, observações e gravação em vídeo.	Interação discursiva	Centro-Oeste (DF)	2007
Qualitativa / entrevistas (narrativas da atuação profissional)	Interação discursiva	Sul	2007
Qualitativa / observação (Teoria do Acontecimento Didático) + gravação de vídeo	Interação discursiva	Sudeste	2008
Qualitativa / análise documental, observação participante, entrevistas semiestruturadas e análise de relatos	Interação discursiva	Sul	2008
Qualitativa /entrevista semiestruturada	Interação discursiva	Nordeste	2008
Qualitativa /autoavaliação de alunos em curso de formação de ILS	Interação discursiva	Sul	2009
Qualitativa / gravações de vídeo + análise microgenética	Interação discursiva	Centro-Oeste (DF)	2009
Qualitativa /aplicação de questionários	Interação discursiva	Sudeste	2009
Qualitativa /gravações de vídeos + análises por “avaliadores surdos”	Interação discursiva	Sul	2009
Qualitativa / entrevistas, observações e conversas informais	Interação discursiva	Centro-Oeste (DF)	2009
Qualitativa / observação, gravações em vídeos e entrevista	Interação discursiva	Sudeste	2010

Qualitativa / gravações em vídeo	Interação discursiva	Sudeste	2010
Qualitativa / metodologia da autoconfrontação	Interação discursiva	Sudeste	2010
Qualiquantitativo / entrevistas semiestruturadas	Interação discursiva	Sudeste	2010
Qualitativa / observações, entrevistas e aplicações de questionários	Interação discursiva	Sul	2010
Qualitativa / observação e descrição	Abordagem teórico-tradutória orientada conforme o texto-alvo	Sul	2010
Qualitativa / estudo de caso	Abordagem teórico-tradutória orientada conforme o texto-alvo	Sul	2010

Fonte: dados da pesquisa

Tais decisões metodológicas corroboram os assuntos de várias dissertações sobre interpretação de Língua de sinais que investigavam as relações pedagógicas com um olhar para os constituintes do ambiente escolar — sala de aula: professores, intérpretes e alunos surdos/ouvintes. Essa própria interação na qual duas línguas de modalidades diferentes (Libras e Língua Portuguesa) se inter cruzam no contexto educacional pode ter motivado nos pesquisadores a coleta de dados com o uso de instrumentos mistos. Outro fato que ratifica essa linha de raciocínio refere-se à gravação de vídeo ter sido utilizada como opção junto a outros instrumentos em várias dissertações sobre interpretação de língua de sinais desse período. Por fim, há outros instrumentos utilizados com menor frequência, como: pesquisa etnográfica (2006), Teoria do Acontecimento Didático (2008), metodologia da autoconfrontação (2009) e estudo de caso (2010).

Essas opções metodológicas evidenciam a preocupação com as interações, os discursos, as narrativas, as condições de trabalho e as identidades que se alimentam do contexto educacional como fonte profícua de elementos importantes na construção das relações pedagógicas que envolvem ILS. Sendo assim, as reflexões dessas decisões metodológicas influenciam, também, os paradigmas de pesquisas encontrados nas produções realizadas no período de 2006 a 2010.

Neste sentido, o paradigma da interação discursiva é o mais evidente nas pesquisas, visto que grande parte dessas investigações abordou um contexto da interpretação comunitária, a saber, educacional. Vários elementos foram favoráveis para que o paradigma da interação discursiva tivesse um maior destaque, entre eles frisar que a presença do ILS reconfigura papéis, comportamentos e posições assumidas em sala de aula pelos seus constituintes (professores, alunos surdos e ouvintes e intérpretes).

Esta afirmação é corroborada pelos resultados obtidos no contexto brasileiro, isto é, foi possível constatar que estão em jogo nos objetos tratados pelas dissertações desta época vertentes diferentes dentro do paradigma da interação discursiva. A primeira dessas vertentes relaciona-se com um grupo de dissertações que explorou efetivamente os constituintes da sala de aula e as consequências oriundas desta relação. Por meio de observações, gravação de vídeos, tomada de notas ou ainda conversas informais, algumas pesquisas analisaram o espaço onde as relações pedagógicas se intercambiavam no âmbito da sala de aula.

Por outro lado, uma segunda vertente dentro do paradigma da interação discursiva estaria mais voltada, especialmente, ao profissional ILS. Em outras palavras, há características marcantes em relação às coletas de dados dessas pesquisas que priorizam narrativas pessoais, depoimentos, formas de autoavaliação, entre outros. Essas opções metodológicas realizam convergências muito claras com objetos que foram explorados no quadro 4, como a busca identitária pela profissionalização, pelas condições de trabalho, pela proficiência e desempenho destes profissionais em seus respectivos espaços de trabalho.

Nosso argumento é que o paradigma da interação discursiva não problematize objetos somente voltados à análise do discurso de interpretação propriamente dita enquanto produto final. Vale frisar que a investigação sobre os fatores psicossociais (condições de trabalho, comportamento físico, aspectos emocionais, definição clara de papéis, entre outros) que envolvem os profissionais que realizam a tarefa da interpretação é importantíssima. Dessa forma, haverá uma contribuição para a expansão dos objetos de interesse dos Estudos da Interpretação, bem como elementos que cooperem com as rotinas de trabalho de ILS.

Destacam-se no ano de 2010 duas pesquisas que se relacionam com os paradigmas da abordagem teórico-tradutória orientada conforme o texto-alvo. Tais pesquisas focaram suas investigações nos processos de interpretação, refletindo sobre estratégias adotadas pelos intérpretes, ou ainda na observação e descrição das performances dos tradutores-intérpretes em determinados tipos de tradução. Essas descrições são bastante proíficas na medida em que oferecem elementos que podem orientar a formação de ILS no contexto brasileiro. Esses possíveis elementos variam de acordo com os períodos históricos e as escolhas que determinada comunidade sociocultural elege como central nos processos de tradução. Por exemplo, desenvolver uma análise sobre os processos de tradução orientados ao texto-alvo na década de noventa é diferente de examinar esses mesmos processos no ano de 2010. Enquanto na década de noventa constituía um desafio abordar tal tema, nos anos mais recentes ele torna-se mais um no rol de objetos a serem explorados sobre a temática da interpretação de língua de sinais.

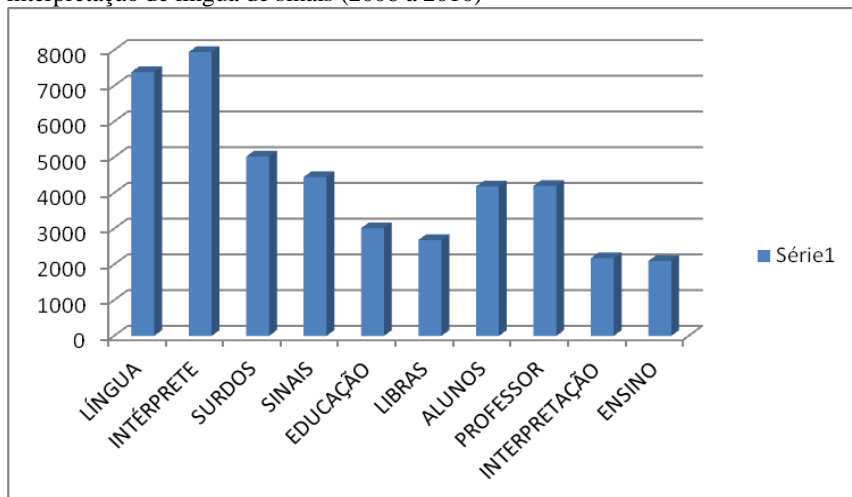
Por fim, com relação à região brasileira registrada nas dissertações sobre interpretação de língua de sinais no período de 2006 a 2010, constatamos os seguintes resultados. Há uma expressiva contribuição da região sul do país na produção dessas pesquisas, somando nove (9) trabalhos ao longo do período analisado, seguida da região sudeste, que registrou sete (7) investigações. O Distrito Federal

representou quatro (4) pesquisas, ao passo que a região nordeste representou somente uma (1) dissertação. Não foram registradas dissertações produzidas na região norte. Embora sejam poucas as articulações teóricas realizadas nas pesquisas desta época, o fato de mapear a região brasileira que hospeda tais trabalhos evidenciou os lugares nos quais as pesquisas cujo objeto tratava da interpretação de língua de sinais foram realizadas. Em outras palavras, poderíamos inferir que há uma “recepção” dessa temática em determinadas regiões brasileiras, contribuindo para um empoderamento das pesquisas sobre interpretação de língua de sinais em nosso país.

Dessa forma, as tendências que representam as dissertações sobre interpretação de língua de sinais referentes ao período de 2006 a 2010 são:

- a) a região sul destaca-se pela produção das pesquisas;
- b) a abordagem qualitativa ainda é unânime, sendo a observação e a gravação de vídeo os instrumentos mais utilizados para as coletas de dados. Cabe ressaltar que esse período é marcado por uma série de instrumentos utilizados enquanto coleta de dados, caracterizando-se por abordagens mistas de análise;
- c) a área da Educação foi a mais registrada nas pesquisas, seguida da área de Linguística. No entanto, a diversidade de novas áreas respaldando as pesquisas mais recentes datadas no ano de 2010 revelou a transição teórica pela qual a área está passando em nosso país;
- d) o objeto de destaque investigado foi relacionado aos aspectos do contexto educacional / caracterização. Ou seja, mesmo diante de uma série de pesquisas desenvolvidas ao longo desse período, constatamos que o papel deste profissional ainda não é definido de forma clara nos mais diversos espaços do âmbito educacional. Neste sentido, o ensino superior concentra um grande número de pesquisas dessa natureza. Esses dados são corroborados pela extração das palavras (de conteúdo) com maior índice de ocorrência, que podem ser visualizadas no gráfico abaixo.

Gráfico 4: palavras (de conteúdo) com maior ocorrências nas dissertações sobre interpretação de língua de sinais (2006 a 2010)



Fonte: dados da pesquisa

Com base no gráfico acima foi possível reunir as palavras que tiveram destaque ao longo do período em quatro categorias: a) Personagens / atores do contexto educacional: intérpretes, surdos, alunos, professor; b) Aspectos linguísticos: língua, sinais, Libras; c) Atividades realizadas no contexto analisado: interpretação, ensino; d) Campo: Educação.

Os resultados obtidos neste período com relação aos personagens/atores do contexto educacional são muito semelhantes aos revelados no período de 2001 a 2005. O grupo de palavras que tiveram destaque foi: “intérpretes”, “surdos”, “alunos” e “professor”. Esses dados corroboram uma temática privilegiada (constituintes do contexto educacional) que permeou este período, sugerindo-nos uma forma de pensamento compartilhado pelos pesquisadores dessa época. O fato é que a necessidade de caracterização do profissional ILS no contexto escolar continua sendo um ponto nevrálgico a ser resolvido nos sistemas educacionais, conforme demonstrado em vários períodos analisados, incluindo teses e dissertações sobre interpretação de língua de sinais. Do nosso ponto de vista inferimos uma lógica de pensamento que permeia as dissertações desse período (2006 a 2010), organizada da seguinte forma:

Ministério da Educação — políticas de inclusão — contexto escolar — professor/intérprete — e agora, quem é quem e como fazer?

Ou seja, dissertações como as de Lima (2006), Vieira (2007) e Tuxi (2009) salientam a falta de estrutura para acolher esse profissional, bem como as interações que se desencadeiam na sala de aula ou mesmo a terminologia a ser adotada pelo Ministério da Educação, se intérprete ou professor-intérprete. Na sequência adotada acima as dissertações desse período privilegiam objetos que estejam relacionados com a estrutura de atendimento à educação de surdos, elencando o profissional da tradução como principal sujeito a ser analisado nesse contexto. Dito de outra forma, as palavras que tiveram o maior índice de ocorrência nessa categoria indicam a forma de pensamento compartilhado entre os pesquisadores desse período. Naquela época, publicações sobre as políticas de inclusão adotadas pelo Ministério da Educação definiam professores-intérpretes como:

Profissional bilíngue (língua de sinais e língua portuguesa) que atua na interpretação/tradução dos conteúdos curriculares e atividades acadêmicas, envolvidas na escola. Sua função principal é a de permitir acesso às informações veiculadas, principalmente, em sala de aula, no mesmo nível e complexidade que as recebem os demais alunos. (MEC/SEESP, 2007, p. 101)⁹⁵

Ainda que tanto tais publicações do Ministério da Educação quanto as dissertações tratassem dessa problemática com referenciais do campo da Educação, isso não foi suficiente para a criação de políticas tradutórias que contemplassem essa realidade. Infelizmente, o que nenhuma das duas partes frisou foram estudos, pesquisas ou mesmo discussões nacionais voltadas para a competência do profissional da tradução no âmbito escolar. Embora reconheçamos todo o esforço realizado das duas partes (instituição governamental + instituição acadêmica) o fato é que a falta de estudos sobre a efetividade desse profissional no âmbito escolar propiciou que, embora muitas dissertações tivessem sido produzidas tratando da interpretação, as funções, as competências ou mesmo a efetividade desse profissional,

⁹⁵ Acesso ao site: http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/ae_da.pdf

diretrizes e tomadas de decisão governamentais ainda continuam em aberto.

Se por um lado o ILS precisa desenvolver competências pedagógicas, uma vez que atua no contexto educacional, por outro lado deve reunir competência tradutória⁹⁶ para o exercício da função de interpretar. Essa afirmação encontra eco nos resultados descobertos na segunda categoria, referente às palavras com índice de ocorrência frequente. A categoria que denominamos aspectos linguísticos englobou as palavras “língua”, “sinais” e “Libras”. Ou seja, o destaque de tais palavras nas dissertações sobre interpretação analisadas no período de 2006 a 2010 apontam para várias questões implicadas na formação de intérpretes e que precisam ser repensadas pelo sistema brasileiro, seja por meio de pesquisas ou ações governamentais.

Por exemplo, a aquisição da competência tradutória do ILS no contexto escolar ou ainda o ensino de Libras na formação de ILS ou desenvolvimento da competência linguística são temáticas pertinentes nessas reflexões. A própria amplitude da ocorrência “língua” abre possibilidades para que investigações sejam realizadas sobre qual língua é essa e como deve ser ensinada em um contexto de formação de intérpretes? Por outro lado, embora a palavra “Libras” esteja pontuada, definindo uma das línguas de interação do contexto escolar, chamamos mais uma vez a atenção para a importância da língua portuguesa na formação de intérpretes. De acordo com os resultados extraídos a partir das palavras de conteúdo com maior índice de ocorrência, em nenhum momento a palavra “português” foi registrada. Este fato merece destaque, uma vez que em nosso país a Libras e a língua portuguesa são ou serão os pares linguísticos mais frequentes na atuação de um ILS⁹⁷.

Essa competência de transferência, isto é, a atividade de interpretar de uma língua para outra é tão evidente que as dissertações registraram as palavras “interpretação” e “ensino” com ocorrência acentuada. Embora não saibamos em qual contexto de concordância textual essas palavras se conectam nas dissertações, os indícios que constatamos nesse período nos permitem inferir que as funções de

⁹⁶ Embora não estejamos nesta tese tratando sobre aquisição da competência tradutória, vale mencionar todo o arcabouço teórico desenvolvido pela pesquisadora Dra. Amparo Hurtado Albir, que à frente do grupo de pesquisa PACTE – Espanha na Universidade Autônoma de Barcelona tem contribuído significativamente na formação de tradutores e intérpretes.

⁹⁷ Um exemplo dessa preocupação para com o papel da língua portuguesa na formação de tradutores e intérpretes foi a inclusão das disciplinas de Português I, II e III como disciplinas obrigatórias do curso de Bacharelado em Letras-Libras (currículo 2012) da UFSC.

interpretar e ensinar estão demasiadamente “coladas” no contexto escolar, se não se sobrepondo em determinados momentos, dificultando as atribuições que cada profissional (professor e intérprete) deveria tomar nesse cenário. O descolamento e a revitalização dessas funções são fundamentais no âmbito educacional, visto que as produções acadêmicas apontam um número acentuado de objetos de pesquisa tratando da caracterização do profissional intérprete.

Os resultados demonstram que embora as dissertações sobre interpretação de língua de sinais tenham abordado assuntos respaldados em uma nova área, qual seja, os Estudos da Tradução, a concentração no campo da Educação foi uma tendência que não desapareceu ao longo das produções analisadas de 2006 a 2010. Esses cruzamentos de referenciais teóricos a partir de diferentes campos de saberes oportunizam a interdisciplinaridade, uma marca característica dos Estudos da Tradução. Dito de outra forma, há elementos na complexa atividade de interpretação, bem como nas pesquisas realizadas na área, que somente os Estudos da Tradução ou a Educação não ofertarão subsídios que respondam em sua totalidade as demandas levantadas. A mescla dessas duas áreas é significativamente frutífera para que ambas sejam revitalizadas pelas consequências dessa interface. A PGET/UFSC teve uma importante contribuição no sentido de hospedar e institucionalizar pesquisas. Ou seja, este espaço cooperou para que fosse criado um coletivo de pesquisadores interessados na temática da interpretação de língua de sinais, refinando os objetos investigados e aprimorando os referenciais teóricos e metodológicos de um determinado período.

Por fim, este último período é caracterizado, ainda que timidamente, por uma circulação de saberes e resultados entre as próprias pesquisas em diferentes espaços do Brasil. Por exemplo, Miranda (2010) e Nicoloso (2010), entre outras dissertações, resgatam reflexões realizadas por alguns pesquisadores como Leite (2004), Santos (2006) e Pereira (2008). Esses resultados com relação às tendências, às reflexões em torno das dissertações sobre interpretação de língua de sinais são exclusivas dessa subárea ou coincidem com as constatações realizadas nas pesquisas que tratam sobre a tradução de língua de sinais? O percurso trilhado pelas dissertações sobre tradução de língua de sinais proporcionam reflexões importantes a serem consideradas, conforme apresentamos no próximo capítulo.

7. ANÁLISE DAS TESES E DISSERTAÇÕES SOBRE TRADUÇÃO DE LÍNGUA DE SINAIS

O que, quando, de que forma e quais são os caminhos percorridos nas pesquisas sobre tradução de língua de sinais? É nesta perspectiva que o presente capítulo está organizado. Buscamos responder tais questionamentos por meio das categorias levantadas como: assuntos, metodologias, paradigmas, regiões brasileiras que caracterizaram as teses e dissertações compreendidas no período de 1990 a 2010 sobre tradução de língua de sinais. A seguir, apresentamos os resultados que foram constatados por meio das palavras (de conteúdo) mais frequentes daquele período. Tais análises podem colaborar para que conheçamos o estado da arte das pesquisas sobre tradução de língua de sinais, especialmente para que tal percurso possa fornecer elementos sobre: o que já se pesquisou nesta subárea, quais tendências e pontos são significativos em diferentes períodos, bem como os temas descobertos e potenciais para futuras pesquisas.

7.1 AS TESES SOBRE TRADUÇÃO DE LÍNGUA DE SINAIS

Embora o título anuncie “as teses sobre tradução de língua de sinais”, seria coerente utilizar “a tese sobre tradução de língua de sinais”, uma vez que houve apenas um registro no período de 1990 a 2010. A cautela necessária é condição primordial para que tal produção não seja tomada de forma generalista enquanto medida de representação de um determinado período da tradução de língua de sinais. Desde já, sugere-se que futuras pesquisas investiguem a produção acadêmica da tradução de língua de sinais por meio de artigos, resumos expandidos e outras fontes documentais a fim de colaborar para a circulação de saberes nessa subárea, uma vez que há poucos registros sobre o tema.

O registro de apenas uma tese sobre tradução de língua de sinais nos dá pistas iniciais sobre o recente processo de consolidação desta subárea de pesquisa, ainda que a tese desenvolvida tenha sido produzida no ano de 2000. Em outras palavras, este resultado contrasta com aqueles encontrados nas teses sobre interpretação de língua de sinais. Enquanto aquelas tiveram registro a partir do ano de 2005, a tese sobre tradução de língua de sinais foi registrada cinco anos antes. Ou seja, a tendência que constatamos nas teses sobre interpretação de língua de sinais de que haveria uma “força jurídica” que subsidiaria a investigação de objetos de pesquisa pautados nas resoluções, decretos e políticas linguísticas que tratavam da língua de sinais e da presença do ILS no

ambiente educacional não se aplica à realidade da pesquisa sobre tradução de língua de sinais.

O percurso trilhado da tese sobre tradução de língua de sinais é diferente daquelas produzidas sobre interpretação de língua de sinais. As teses sobre interpretação desenvolveram objetos de pesquisas em meio a um processo ordenado juridicamente (por leis, decretos, resoluções e políticas em torno da Libras) que buscava no princípio de acessibilidade oferecer condições de inclusão à pessoa surda por meio do serviço de interpretação de língua de sinais. A tese sobre tradução de língua de sinais ancora-se na livre expressão, na manifestação performática de um tradutor, dos processos tradutórios adotados como metodologia da tradução e outros aspectos relacionados.

Dessa forma, a institucionalização da produção acadêmica no formato da tese sobre tradução de língua de sinais recebe influências de diversas ordens, sendo que a tecnologia e a Literatura desempenharam um papel fundamental no desenvolvimento dos primeiros objetos de pesquisa. Conforme já visto no capítulo 4, não houve registro de pesquisas que tratassem da escrita de sinais como uma modalidade escolhida enquanto objeto de investigação da tradução, mas sim reflexões sobre processos de tradução que adotavam as produções visuais como forma de registro, isto é, como produto final da tradução para a Libras.

Nesse sentido, a língua de sinais, por ser uma língua de modalidade visuo-espacial, contribuiu para que a tradução propriamente dita e a gravação em vídeos aprimorassem objetos de pesquisa focando justamente os processos envolvidos na tarefa de transladar. Embora Karnopp (2008) não tenha especificado os processos tradutórios, a autora afirma a relação da literatura surda e a relevância da tecnologia nas questões voltadas à língua de sinais:

A literatura surda tem uma tradição diferente, próxima a culturas que transmitem suas histórias oral e presencialmente. Ela se manifesta nas histórias contadas em sinais, mas o registro de histórias contadas no passado permanece na memória de algumas pessoas ou foram esquecidas. Assim, estamos privilegiando a literatura surda contemporânea, após o surgimento da tecnologia, da gravação de histórias através de fitas VHS, CD, DVD ou de textos impressos que apresentam imagens, fotos e/ou traduções para o português. O registro da literatura surda começou

a ser possível principalmente a partir do reconhecimento da Libras e do desenvolvimento tecnológico, que possibilitaram formas visuais de registro dos sinais. (KARNOPP, 2008, p. 2)

As formas visuais de registro contribuíram, também, para que os processos de tradução fossem levados em consideração. Esta prática permitia que a equipe de tradução pudesse avaliar de forma coletiva se as escolhas realizadas pelo tradutor teriam sido satisfatórias ou não. Ou seja, o modo de operacionalizar a tradução com tempo maior para realizar a análise sobre as escolhas realizadas, para consultar subsídios teóricos ou mesmo pares profissionais que pudessem colaborar e avaliar as estratégias adotadas se reflete na forma de construção do objeto de pesquisa sobre tradução de língua de sinais. É possível retornar várias vezes em uma mesma gravação de tradução a fim de escolher as melhores opções para que a tradução “funcione” para o público-alvo. O objeto de pesquisa da tradução de língua de sinais nos mostra os diferentes encaminhamentos adotados em um processo, bem como a preocupação com a forma de recepção dessa tradução pelo público-alvo.

Essa empreitada no formato de operacionalizar a tradução difere bastante dos processos de interpretação, sendo que esses encaminhamentos se refletem nos objetos de pesquisa quando contrastamos as pesquisas sobre TILS. No processo de interpretação simultânea de língua de sinais, não há tempo durante a interpretação propriamente dita de verificar as estratégias adotadas pelo profissional, sendo possível uma análise da efetividade desta interpretação somente no final do trabalho. Além disso, como era de esperar, tais objetos de pesquisa refletem as diferenças apresentadas pelas características que as próprias atividades de traduzir e interpretar demandam em seus diversos contextos.

Dito de outra forma, teríamos, de acordo com Shuttleworth e Cowie (1997) e ratificados por Souza (2010), o paradigma da instantaneidade como um elemento central que distinguiria as atividades de traduzir e interpretar. Enquanto o intérprete tem de lidar com a pressão para produzir um discurso pautado pela interpretação simultânea ou consecutiva, o tradutor usufrui de um tempo maior para consultar os materiais que melhor se adequem às suas necessidades textuais, culturais ou outras. Essas formas distintas de tratamento com a atividade de traduzir/interpretar, sem dúvida também se refletem nos objetos de pesquisa das teses sobre TILS.

Por outro lado, uma tendência diferente ao observarmos os objetos de pesquisas de teses sobre tradução e interpretação refere-se ao fato de que, enquanto as teses sobre interpretação de língua de sinais discutiam problemas referentes à presença do ILS dentro do ambiente educacional, a tese sobre tradução de língua de sinais aborda demandas que não focam com exclusividade o contexto educacional, mas também outros setores da sociedade. Os resultados apresentados na tabela 5 comprovam as afirmações da tese sobre tradução de língua de sinais.

Tabela 5: categorias analisadas na tese sobre tradução de língua de sinais

Assunto	Área	Local analisado	Quantidade	Ano	Autores
Tradução cultural (fonte/alvo) e tradutores surdos	Teoria Literária/ Semiologia	Clássicos de literatura – <i>Alice no País das Maravilhas</i>	1	2000	(Ramos, 2000)

Fonte: dados da pesquisa

Com relação ao assunto, constatamos que a tradução cultural foi a temática investigada na tese produzida no ano de 2000, conforme havia sido detalhado no capítulo 4. Pode-se observar um processo de construção coletiva em relação ao assunto, pois o processo do ato tradutório demanda uma equipe envolvida nesta empreitada. Além disso, o assunto da tese evidencia a presença de tradutores surdos envolvidos nos processos tradutórios, os quais buscam estratégias que atinjam o público-alvo, no caso a comunidade surda.

Dito de outra forma, há a preocupação textual e tradutória com o material (fonte e alvo), de modo que este tenha um modo de recepção efetivo para o grupo ao qual ele se destina. O assunto tratado nesta tese é um bom exemplo de articulação com os temas que compuseram o mapa de Williams e Chesterman (2002), especialmente na subárea “o processo de tradução”. Mais uma vez, pode-se afirmar que a pesquisa da subárea de tradução de língua de sinais emerge das discussões, negociações e decisões em meio a abordagens que privilegiam os processos tradutórios em oposição àquelas que se centram exclusivamente na tradução como produto final.

Os objetos de pesquisa não estão dissociados da realidade histórico-social que cerca os pesquisadores, bem como a tradução propriamente dita. Há várias influências que podem determinar o que deve ser traduzido ou ainda as condições favoráveis de pesquisa de

determinados objetos em detrimento de outros. Por exemplo, o ano que antecedeu a tese de Ramos (2000) foi marcado pelas reivindicações das pessoas surdas com o objetivo de tornarem-se protagonistas nos mais diversos setores da sociedade. A elaboração pela comunidade surda do documento a partir do pré-congresso ao V Congresso Latino-Americano de Educação bilíngue para surdos, realizado na cidade de Porto Alegre/RS, no salão de Atos da Reitoria da Universidade Federal do Rio Grande do Sul nos dias 20 a 24 de abril de 1999, não faz nenhuma menção de forma explícita à tradução de língua de sinais. No entanto, esse documento oferece elementos que favorecem a produção visual, colaborando para o empoderamento das pessoas surdas, mas também reflexões científicas, como pesquisas no formato de teses e dissertações, que consideram importantes aspectos no processo de tradução. Algumas das diretrizes enunciadas nesse documento são:

- a) Criar livros e histórias onde apareça o sujeito surdo sem a presença de estereótipos;
- b) Considerar que os olhos, as mãos, a expressão corporal e facial são sinais referenciais para os surdos;
- c) Despertar os surdos para a arte, a fim de que possam expressar sua identidade surda através dela;
- d) Promover a(s) cultura(s) surda(s) através de história, arte, direitos dos surdos, tecnologia e escrita de sinais, privilegiando os meios visuais em sua produção, veiculação e acesso.
- e) Estimular as crianças a produzirem histórias clássicas em língua de sinais, registrando-as na escrita de sinais, em vídeo, desenhos e pinturas.

Essas são algumas das diretrizes constituintes do referido documento que podem ter colaborado para que as atividades de tradução tivessem uma produção mais visível e, com isso, que pesquisas fossem desenvolvidas em torno dessa demanda que se instalara. Associado a este ambiente oportuno, a institucionalização da pesquisa sobre tradução de língua de sinais recebe influências do campo onde essa tese foi produzida, ou seja, a área de Teoria Literária/Semiologia. Ou seja, o ponto de partida dessas teses em tradução e interpretação de língua de sinais não apenas é diferente nos assuntos que permeiam suas investigações, mas também emergem de caminhos diferentes, a saber, campos como Literatura e Educação, respectivamente.

Não são apenas os objetos de pesquisa que mudam, mas também o lócus de enunciação desses objetos que proporcionam diferentes perspectivas de análise, na medida em que exploram novos contextos de

atuação para tradutores e intérpretes. Se antes, o foco das teses sobre interpretação de língua de sinais estava na sala da aula e nas demandas que surgiam desse ambiente interacional com a presença do ILS, o foco da tese sobre tradução de língua de sinais experimenta outros espaços e atividades até então não vivenciados, como: estúdios, performance, texto escrito, aspectos culturais, entre outros.

Por outro lado, embora o local explorado na tese sobre tradução de língua de sinais sejam os clássicos de literatura (*Alice no País das Maravilhas*), a tradução deste livro tem um papel pedagógico muito importante, contribuindo a partir de dois pontos. O primeiro refere-se ao papel inovador da tradução dentro da escola como mais um material importante para que professores possam usufruir desse recurso visual que disponibiliza a língua de sinais e apresenta traços relevantes dos aspectos culturais a serem refletidos no contexto educacional.

O segundo ponto refere-se à contribuição dessa pesquisa para a fundação da Editora Arara Azul, uma empresa dedicada à tradução e à produção de materiais bilíngues. Ou seja, a tese produzida por Ramos (2000) foi um marco importante para a institucionalização da editora, bem como para as atividades em torno da tradução de língua de sinais. Cabe ressaltar que a empresa contribui, também, para que a tradução da língua portuguesa para a língua de sinais seja disseminada e para isso cria parcerias com várias instituições, entre elas a FENEIS, o Ministério da Cultura, a IBM, entre outras.

O papel da tecnologia associada à questão visual da língua de sinais, por meio de CD-ROMs, DVDs e até disponibilização on-line (em determinados casos) oportunizam que a circulação de saberes e até mesmo de resultados de outros trabalhos científicos estejam ao dispor de pesquisadores, professores, tradutores, intérpretes e demais interessados no tema da tradução. A tecnologia não está presente na tese apenas como recurso que faz parte dos processos tradutórios, mas também como parte da metodologia adotada por Ramos (2000). É o que demonstra o quadro abaixo:

Quadro 5: categorias analisadas na tese sobre tradução de língua de sinais

Metodologia /coleta de dados	Paradigma	Região Brasileira	Ano
Qualitativa / tradução comentada/gravação de vídeo	Abordagem teórico-tradutória orientada conforme o texto-alvo	Sudeste	2000

Fonte: dados da pesquisa

Os resultados constatados neste quadro sobre tradução de língua de sinais no ano de 2000 revelam que a metodologia empregada foi qualitativa, sendo que a coleta de dados foi realizada por meio da gravação de vídeo. Além disso, acrescentamos o gênero tradução comentada por observarmos que as estratégias e decisões adotadas durante todo o processo tradutório foram contextualizadas de forma descritiva, explicitando o porquê daquelas decisões ao longo do texto. Nesse sentido, as justificativas fundamentam nossa atribuição do gênero tradução comentada, ainda que Ramos (2000) não tenha mencionado o referencial teórico sobre esse gênero. Por meio da coleta de dados adotada, a tese sobre tradução de língua de sinais mexe com a materialidade (texto-fonte) e nos apresenta outras perspectivas para aquele texto, embasadas na abordagem teórico-tradutória orientada conforme o texto-alvo.

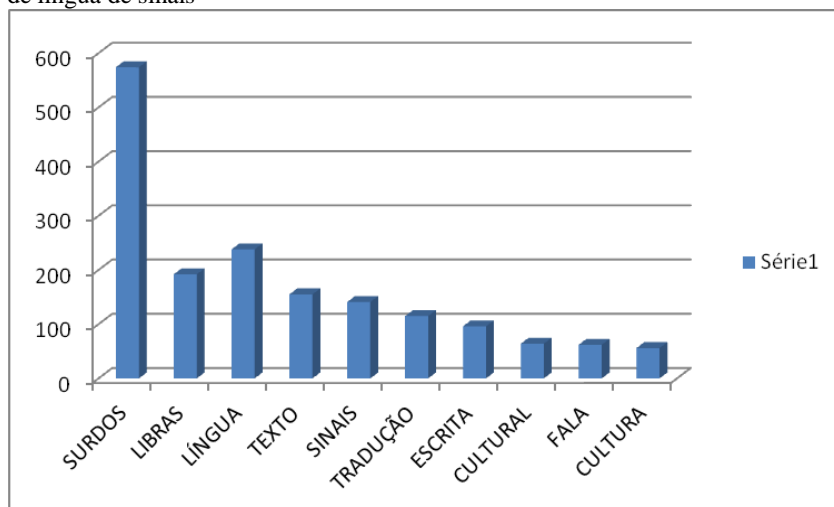
Ou seja, em casos como esse sabemos que além do texto no sentido da forma compreendida enquanto aspectos linguísticos há uma preocupação latente com a função a ser desempenhada pela tradução. Considerando o paradigma da abordagem teórico-tradutória orientada conforme o texto-alvo, é importante atentar para o seguinte fato: no processo de tradução não está em jogo apenas a tradução de uma língua para outra no sentido interlingual, mas também a tradução intersemiótica, em que aspectos corporais como o olhar, o corpo, o movimento, as expressões corporais são partes constituintes da língua de sinais. Uma das razões que corrobora nossa afirmação refere-se ao referencial teórico adotado na tese de Ramos (2000), que inclui reflexões sobre o papel da semiótica.

Por fim, essa pesquisa foi realizada na região sudeste, mais especificamente no estado do Rio de Janeiro, dado que coincide com a tendência levantada nas teses sobre interpretação de língua de sinais, isto é, a região sudeste como pioneira na produção de pesquisas no formato de teses na subárea TILS. Talvez uma das razões que possa explicar a concentração dessas pesquisas na região sudeste deva-se ao fato de instituições renomadas e importantes na educação de surdos, como o Instituto Nacional de Educação de Surdos e a FENEIS, localizarem-se no estado do Rio de Janeiro. Essas duas instituições têm um papel fundamental na educação de surdos, bem como em parcerias de formação de tradutores e intérpretes de língua de sinais, além de vários pesquisadores ligados a universidades federais que desenvolveram pesquisas a favor da língua de sinais. Essas características da região sudeste somam positivamente para que

reflexões em torno da subárea TILS tenham ganhado visibilidade no espaço acadêmico.

Ainda que essas reflexões sobre a tradução de língua de sinais estejam pautadas na extração manual das categorias levantadas nesta análise seguindo o padrão que desenvolvemos, contrastamos com as ocorrências oriundas da extração das palavras (de conteúdo) mais frequentes encontradas no texto da tese. Os apontamentos que seguem ratificam a linha de raciocínio que tecemos até aqui sobre a tradução de língua de sinais.

Gráfico 5: palavras (de conteúdo) com maior ocorrências na tese sobre tradução de língua de sinais



Fonte: dados da pesquisa

O gráfico acima revela um conjunto de palavras extraídas com maior índice de ocorrências, que foi dividido em quatro categorias: público-alvo (surdo), aspectos linguísticos (“língua”, “Libras”, “texto” e “sinais”), atividades desempenhadas (“escrita”, “tradução” e “fala”) e outros (“cultural” e “cultura”). Com relação ao público-alvo, a palavra “surdo” aparece com maior índice de ocorrências sobre todas as demais, comprovando o paradigma da abordagem teórico-tradutória orientada conforme o texto-alvo já constatada anteriormente nesta pesquisa. Em outras palavras, a ocorrência corrobora o objetivo que permeou a tese de Ramos (2000) ao declarar ser um produto realizado para a comunidade surda. Evidentemente, as ocorrências resultantes aqui não estão

registradas de forma isolada no texto. Pelo contrário, conectam-se umas às outras por meio das categorias levantadas. Por exemplo, para que o público-alvo seja contemplado, a categoria “aspectos linguísticos” apresenta algumas palavras importantes como: “Libras”, “língua”, “texto”, “sinais”. Ou seja, há uma materialidade que subsidiará alguma tarefa a ser realizada. Estamos falando de um texto em uma determinada língua que deverá ser pensado, refletido e projetado em sinais, isto é, em Libras. Ou seja, estamos argumentando a favor do processo tradutório.

Esse processo tradutório é constituído de atividades que são desempenhadas ou já institucionalizadas por meio de um texto escrito que deverá passar por um processo de tradução para a Libras. A palavra “fala” foi enquadrada dentro desta categoria, mas não atribuímos nenhuma observação a ela nesse processo, por entendermos que nessa conjuntura que apresentamos o contexto dos sinais apresentam maior relevância. A última categoria intitulou-se “outros”, por incluir as palavras “cultura” e “cultural”. Tais palavras ratificam o processo realizado durante toda a tese de Ramos (2000), isto é, um processo de tradução cultural para uma comunidade específica.

Embora soubéssemos que essa tendência já estava anunciada no título da tese analisada, o processo de análise que aplicamos aqui nos permitiu visualizar que tanto de forma manual quanto de forma automática, por meio da extração, os dados corroboraram as tendências já pré-anunciadas. Ao mesmo tempo em que se tem um autor a ser traduzido, com toda a problemática linguística, estilística e cultural presente em um texto A, privilegiam-se esses mesmos aspectos de uma forma que a tradução para o texto B faça sentido para determinada comunidade, corroborando a manifestação literária e artística potencial que há em cada novo texto. Esta perspectiva da tradução cultural vai além da tese sobre tradução de língua de sinais e estende-se à dissertação no período de 1990 a 2000 na mesma subárea, uma vez que foi produzida por Ramos (1995).

7.2 AS DISSERTAÇÕES SOBRE TRADUÇÃO DE LÍNGUA DE SINAIS

Embora tenhamos constatado que as pesquisas sobre tradução de língua de sinais no formato de dissertações se iniciaram antes que as pesquisas sobre interpretação de língua de sinais, o certo é que registramos somente quatro dissertações ao longo do período analisado (1990 a 2010). A tradução de língua de sinais é uma subárea recente com relação às pesquisas, não tendo sido registrada em nenhum dos

mapeamentos tratados no capítulo 5. Há duas grandes tendências que concorrem nessas pesquisas, sendo uma que se direciona para os processos de tradução comentada e outra mais focada nos processos de tradução de textos técnicos. Na seção seguinte apresentamos as análises referentes às dissertações sobre tradução de língua de sinais enquadradas no período de 1990 a 2000.

7.2.1 Período de 1990 a 2000

No período de 1990 a 2000 registramos apenas uma dissertação sobre tradução de língua de sinais, produzida por Ramos (1995). Os dados constatados, conforme segue abaixo, foram os mesmos registrados na tese sobre tradução de língua de sinais.

Tabela 6: categorias analisadas nas dissertações sobre tradução de língua de sinais (1990 a 2000)

Assunto	Área	Local analisado	Quantidade	Ano	Autores
Tradução cultural (fonte/alvo)	Teoria Literária / Semiologia	Clássicos de literatura – <i>Alice no País das Maravilhas</i>	1	1995	(Ramos, 1995)

Fonte: dados da pesquisa

Conforme verificado, o assunto dispõe sobre a tradução cultural (fonte/alvo) analisando os clássicos de literatura (*Alice no País das Maravilhas*), no ano de 1995 na área de Teoria Literária/Semiologia. A empreitada realizada nesta dissertação, conforme foi demonstrado no capítulo 4, apresenta dois pontos importantes a serem considerados. O primeiro deles desconstrói a visão social e acadêmica em torno da língua de sinais, e mais ainda, dos processos tradutórios que envolvem uma língua de modalidade visual. Ou seja, pesquisas desta natureza apresentaram a Libras como uma língua capaz de ser analisada a partir de diferentes perspectivas, tanto do ponto de vista literário/tradutório quanto do ponto de vista linguístico, a partir das decisões adotadas por Ramos (1995).

As poucas pesquisas realizadas nessa época em torno da língua de sinais demonstravam a importância do bilinguismo e da inclusão das pessoas surdas, se adotarmos o referencial da área educacional. Por outro lado, se adotarmos o referencial da Linguística, observaremos que

os objetos de pesquisa concentravam-se na parte considerada mais estruturalista da língua de sinais, corroborando os parâmetros linguísticos daquela língua. As pesquisas sobre tradução de língua de sinais eram praticamente inexistentes nesse período. Mesmo diante dessa conjuntura acadêmica, a dissertação sobre tradução de língua de sinais não deixou de abordar aspectos relacionados às filosofias educacionais de ensino para surdos, tendo inclusive de apresentar a diferença de língua e linguagem, dos países envolvidos com educação de surdos, entre outras. No entanto, a dissertação de Ramos (1995) é um bom exemplo de articulação aos Estudos da Tradução por demonstrar dois aspectos importantes, entre outros que poderiam ser selecionados.

O primeiro aspecto refere-se ao processo de tradução abordado na dissertação realizada no ano de 1995, que coloca em cena a visibilidade de duas línguas, a saber, a língua portuguesa e a língua de sinais. Embora isto seja evidente e até óbvio em certa medida quando falamos de tradução interlingual, em meados da década de noventa no contexto da língua de sinais, a língua portuguesa não era bem vista, dados os processos discriminatórios que eram utilizados na educação de surdos e que consideravam o português em detrimento da língua de sinais. Não temos a pretensão de afirmar de forma prematura que a tradução solucionou tais representações em relação à língua portuguesa, mas queremos dizer que o processo tradutório nessa pesquisa cooperou para que o texto em língua portuguesa pudesse ser visto de outra forma. Em outras palavras, é dizer que tais aspectos linguísticos, estilísticos, culturais por meio de um processo de traduzir precisam funcionar dentro de outra língua que é visual. Ainda que a pesquisa tenha utilizado referenciais teóricos da Semiologia, a articulação desses campos (tradução de língua de sinais + Literatura/Semiologia) é uma contribuição pontual aos Estudos da Tradução em nosso país, especialmente, por ter sido realizado em meados dos anos 1990.

Outro aspecto importante refere-se ao processo de tradução pensado por Ramos (1995). Ou seja, não só desmitifica a língua de sinais (quando esta ainda não era regulamentada como língua por meio da lei de Libras 10.436/2002 e decreto 5626/2005), mas apresenta a forma como foi realizada a tradução. Além disso, o fato de comentar as estratégias de uma proposta cultural de tradução entre línguas de modalidades diferentes nos ratifica a potencialidade linguística, tradutória e estética da língua de sinais, uma vez que explora as questões visuais, as características linguísticas e as decisões do tradutor a favor de um embelezamento estético na história de *Alice no País das Maravilhas*.

Ou seja, é como se devêssemos mostrar à academia “que não só a língua de sinais é língua como é possível traduzir para ela”. E, complementando, não só é possível fazer como é importante fazer, porque há uma recepção desses textos por uma comunidade sem acesso aos textos literários, sem acesso às informações que são postas em nossa sociedade. Há uma dimensão política importante encoberta nesses processos tradutórios e que é visibilizada na dissertação de Ramos (1995). Nesse sentido, em nosso país, a articulação da área de Estudos da Tradução e tradução de língua de sinais se beneficiaria de pesquisas nessa vertente porque estas exploram estratégias utilizadas, bem como a recepção desses textos em contextos de minorias linguísticas, uma temática pouco explorada no Brasil.

Por outro lado, a temática da tradução cultural faz com que novos olhares sejam exercidos pelos tradutores, uma vez que no ano de 1995 eram raras no país atividades que envolvessem a tradução de língua de sinais. Esses olhares podem ser observados, por exemplo, em informações como a capa do livro *Alice no País das Maravilhas*, o contexto no qual se inseria essa produção literária, as informações que estavam ao redor do texto para somente depois adentrar ao texto. Trazer essa discussão para o meio acadêmico no ano de 1995, propondo que as traduções fossem realizadas pelas pessoas surdas e junto com elas refletir sobre as estratégias que melhor se adequavam ao processo tradutório caracteriza-se como algo inovador, especialmente na área de tradução de língua de sinais. Essa constatação pode ser observada no quadro abaixo, que explora a metodologia empregada, bem como a coleta de dados e o paradigma que reforçam nossa linha de raciocínio.

Quadro 6: categorias analisadas na dissertação sobre tradução de língua de sinais (1990 a 2000)

Metodologia /coleta de dados	Paradigma	Região Brasileira	Ano
Qualitativa / tradução comentada/filmagem	Abordagem teórico-tradutória orientada conforme o texto-alvo	Sudeste	1995

Fonte: dados da pesquisa

Conforme o quadro acima apresenta, os resultados evidenciam que a metodologia adotada foi de abordagem qualitativa, utilizando como coleta de dados a tradução comentada/uso da filmagem. Tanto a tese como a dissertação realizadas por Ramos (1995) não se colocam como um gênero de tradução comentada, mas sim com os aportes da

área de Semiologia. No entanto, argumentamos a favor dos elementos importantes explorados nessa dissertação que contribuem para o gênero de tradução comentada nos Estudos da Tradução. Um desses elementos refere-se ao uso da gravação em vídeo como produto final de uma tradução, passível de ser analisado, o que desconstrói a ideia de que a tradução comentada concentrar-se-ia somente em textos escritos.

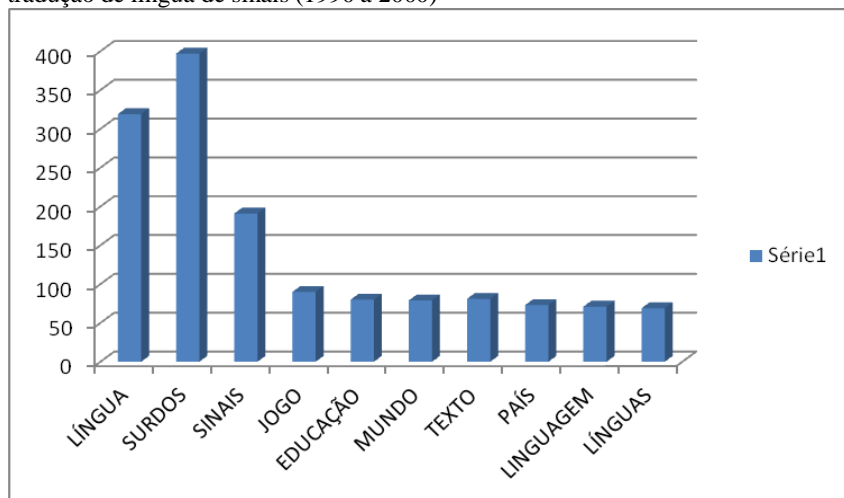
Esse processo de análise das traduções de língua de sinais constitui-se em um bom exemplo de expansão dos mapas que tratam dos Estudos da Tradução. Nesses mapas, conforme apresentamos no capítulo 5, em nenhum momento a temática da tradução da língua de sinais é mencionada como subárea dos Estudos da Tradução. Ainda que esta subárea da tradução de língua de sinais possa ser articulada com temas como Estudos Orientados ao Processo ou Tradução Multimídia e Audiovisual, campos propostos pela Editora St.Jerome. Talvez um dos motivos que possa explicar essa razão refira-se aos poucos trabalhos realizados no campo acadêmico que tratam da tradução da língua de sinais.

Por outro lado, a visibilidade do tradutor de língua de sinais marcada nos processos tradutórios é um elemento que tende a contribuir para os Estudos da Tradução. Enquanto normalmente as traduções em geral são marcadas por um processo invisível do profissional que exerce a atividade de traduzir, os processos tradutórios em línguas de sinais, ratificando a modalidade visual desta língua, colocam em cheque essa invisibilidade. Nesse sentido, a coleta de dados (gravação em vídeo/filmagem) realizada nesta e nas demais pesquisas em tradução como veremos a seguir contribuem significativamente para um novo olhar sobre os Estudos da Tradução. Dito de outra forma, queremos reforçar a importância da visualidade, de um mundo composto por diferentes informações que estão presentes em um texto de língua de sinais para além da forma escrita, convencionalmente adotada nas traduções em geral analisadas nos Estudos da Tradução.

Desta forma, o paradigma da abordagem teórico-tradutória orientada conforme o texto-alvo foi registrado na tese de Ramos (1995), não só demonstrando a articulação com a metodologia/coleta de dados adotada, como também evidenciando que o processo da tradução de língua de sinais era o alvo principal a ser investigado. Além disso, adotar o paradigma da abordagem teórico-tradutória orientada conforme o texto-alvo implica em uma série de decisões por parte do tradutor, como aspectos que envolvem a formalidade em ambas as línguas, aspectos linguísticos, aspectos de ordem terminológica, entre outros.

Ou seja, em jogo aparecem as formas de operar esse texto e as decisões do tradutor, que em equipe e de forma sistemática elenca estratégias que contribuam para que o texto funcione em um determinado grupo. Por fim, esta dissertação produzida em 1995 corrobora a relevância da região sudeste como à frente das pesquisas realizadas sobre tradução de língua de sinais. Além dessas relações entre textos permeados por tais decisões, em determinados locais, com objetivos claramente definidos para que esta tradução e/ou processo tradutório funcionem, o que mais se coloca em jogo nessa trama tradutória? As palavras (de conteúdo) a partir da extração de dados podem oferecer pistas neste sentido.

Gráfico 6: palavras (de conteúdo) com maior ocorrência na dissertação sobre tradução de língua de sinais (1990 a 2000)



Fonte: dados da pesquisa

Conforme os resultados mostrados no gráfico acima, as palavras com maior índice de ocorrência foram agrupadas nas seguintes categorias: aspectos linguísticos (“língua”, “texto” e “línguas”); público-alvo (“surdos”); aspectos semióticos (“sinais”, “jogo” e “linguagem”); campo (“Educação”) e outros (“mundo” e “país”). Cabe ressaltar que essas categorias não estão isoladas no texto, pois as agrupamos a partir das informações que temos via capítulo 4, que explicitam o contexto de produção dessa dissertação. Com relação à categoria aspectos linguísticos foi possível observar que as palavras “língua”, “texto” e

“línguas” corroboram a linha de raciocínio que estávamos desenvolvendo antes da análise da extração.

Ou seja, o texto escolhido para ser traduzido está constituído por um processo que envolve “língua” e “línguas”. Embora isto seja uma consideração inquestionável nos processos de tradução em geral, considerar esse resultado na tradução de língua de sinais é levar em conta a presença das demais línguas envolvidas nesse translado. *Alice no País das Maravilhas* foi um livro produzido em língua inglesa, traduzido para o português e posteriormente para a língua de sinais. Ou seja, várias línguas estão presentes neste ato tradutório e são examinadas cuidadosamente nesta dissertação, embora o objetivo final seja a tradução para a língua de sinais.

Com relação à categoria público-alvo, a palavra destacada foi “surdo”, corroborando o que havíamos problematizado anteriormente neste texto. Por meio da análise foi possível ratificar que a tradução cultural, como o próprio título anunciava, colocava em cena a proposta de um trabalho que atingisse como alvo a população surda. No entanto, um fato curioso nos chama a atenção, pois embora o título tenha anunciado “Língua de Sinais e Literatura: uma proposta de trabalho de tradução cultural”, a categoria que se destacou como campo na lista de palavras frequentes refere-se à Educação. Dito de outra forma, a Literatura não aparece como uma das palavras com alto índice de ocorrência dentro da dissertação de Ramos (1995).

Uma das razões que pode explicar esse resultado encontra eco na fundamentação teórica proposta na dissertação, que explicitou a história dos estudos da linguagem, problematizou os conceitos de língua e linguagem, bem como justificou que a língua de sinais era língua e por fim apresentou o percurso das filosofias educacionais adotadas na educação de surdos. Estes encaminhamentos tomados na dissertação de Ramos (1995) ratificam mais uma vez a lógica constituída pelas barreiras encontradas nas pesquisas desenvolvidas sobre a língua de sinais naquela época. Em outras palavras, investigar sobre tradução em meados da década de 1990 é antes de tudo ter que justificar por uma série de razões que a língua de sinais é uma língua. Neste sentido, a categoria “outros” corrobora essa tendência, pois resulta nas palavras “mundo” e “país”. Os dados apresentados confirmam a necessidade de justificar no contexto brasileiro a existência da língua de sinais, bem como de expor a realidade construída cientificamente em outros países, mundo afora.

Por outro lado, enquadramos em uma categoria denominada “aspectos semióticos” esse espaço onde o conceito de língua /

linguagem, jogos de diferentes ordens se estabelecem no texto. Esta dissertação produzida no ano de 1995, por exemplo, apresentou com base no texto de *Alice no País das Maravilhas* diferentes formas de entender o jogo, seja do ponto de vista linguístico, semiótico (combinação de poemas e desenhos), ou ainda jogo enquanto fantasia a todo momento experimentado pela personagem Alice. Ou seja, estas diferentes formas de linguagem (os sinais, as expressões que caracterizam cada personagem na história de Alice ou ainda os jogos presentes nesse texto) são elementos importantes a serem decididos pela equipe de tradução em relação a quais estratégias serão adotadas para que esta tradução funcione no público-alvo.

Essa dissertação coloca um paradoxo importante para a comunidade científica daquela época e um desafio importante a ser pensado. Ao mesmo tempo em que se busca o reconhecimento acadêmico da língua de sinais como língua em meados da década de 1990, o processo tradutório apresenta e tem de lidar com toda a riqueza semiótica resultante desta língua. Embora essa língua tenha vários aspectos semióticos que a compõem, não é uma linguagem, como muitos pesquisadores na academia entenderam durante décadas, e sim uma língua. É possível que esta dúvida tenha se estendido, também, para o campo dos Estudos da Tradução no Brasil.

Esses dados constatados (embora sejam de uma única dissertação) nos permitem elencar uma tendência literária como preponderante na pesquisa sobre tradução de língua de sinais no período de 1990 a 2000. Tal tendência literária coloca em cena preocupações tradutórias importantes a serem repensadas nesses processos, ou, seja, os componentes da história a ser traduzida: narrador, personagens, cenários envolvidos, autor, estilo do texto, recursos possíveis para solucionar determinados problemas tradutórios, termos desconhecidos e soluções encontradas, notas do tradutor, etc. No entanto, esta tendência difere radicalmente das características que são apresentadas no próximo período, de 2001 a 2010, que se concentra na tradução de textos técnicos.

7.2.2 Período de 2001 a 2010

A pesquisa sobre tradução de língua de sinais no período de 2001 a 2010 registrou três dissertações, sendo todas produzidas no ano de 2010. Os dados investigados comprovam uma mudança radical com relação aos contornos que a subárea de tradução de língua de sinais vem

tomando. Esta nova tendência presente nos objetos de pesquisa pode ser observada na tabela abaixo.

Tabela 7: categorias analisadas nas dissertações sobre tradução de língua de sinais (2001 a 2010)

Assunto	Área	Local analisado	Quantidade	Ano	Autores
Tradução intermodal/ intersemiótica / interlingual	Linguística, Letras e Artes (Estudos da Tradução)	Equipe de tradução do curso de Letras-Libras	1	2010	(Segala, 2010)
Padronização linguística de sinais – tradutores surdos	Linguística, Letras e Artes (Estudos da Tradução)	Equipe de tradução do curso de Letras-Libras	1	2010	(Avelar, 2010)
Performances de tradução para Libras	Linguística, Letras e Artes (Estudos da Tradução)	Equipe de tradução do curso de Letras-Libras	1	2010	(Souza, 2010)

Fonte: dados da pesquisa

Com relação ao assunto, temos duas dissertações que exploram a interface linguística presente nos processos tradutórios, como: tradução intermodal/intersemiótica/interlingual e padronização linguística de sinais – tradutores surdos. A outra dissertação concentra-se nas performances de tradução para Libras. Embora os assuntos abordem vertentes diferentes de compreensão do processo tradutório, todas estas produções apresentam uma tendência mais próxima da tradução técnica. Estas constatações são comprovadas a partir dos locais de análise explorados nas dissertações, pois todos eles realizam suas reflexões à luz das temáticas que emergem da equipe de tradução do curso de Letras-Libras (modalidade a distância) da UFSC.

Ou seja, a equipe de tradução desse curso oferecido na modalidade à distância pela UFSC no período de 2006 a 2012 desempenhou um importante papel de institucionalização para a visibilidade do tradutor de língua de sinais, bem como para a pesquisa sobre tradução de língua de sinais. Neste caso, temos a presença de textos técnicos, isto é, textos que fazem parte de um contexto

especializado que demanda tradução da língua portuguesa para a Libras, uma vez que todo material seria disponibilizado pela plataforma on-line neste curso a distância.

Essa dinâmica de tradução propicia que um novo lócus de enunciação pautasse as pesquisas sobre tradução de língua de sinais, diferente do período anterior. Por exemplo, Ramos (1995) focava um processo tradutório mais voltado à criação estética, à tradução cultural ou ainda a estratégias de acordo com o gênero textual, no caso, literário. As dissertações sobre tradução de língua de sinais deste período (2001 a 2010) caracterizam-se por examinar textos acadêmicos, investigar estratégias de cunho linguístico-tradutório, por marcar a presença dos tradutores surdos como unânimes na equipe, entre outros pontos.

Embora sejam esperadas diferentes perspectivas de análise em função das características das atividades de tradução e interpretação, um elo de articulação merece ser destacado. As dissertações sobre interpretação de língua de sinais assumem novas tendências mais voltadas aos processos, às estratégias adotadas dentre outras temáticas somente no último período investigado, isto é, de 2006 a 2010. As dissertações sobre tradução de língua de sinais concentram de forma mais intensa suas análises nos processos, nas estratégias adotadas pelo tradutor e nas performances oriundas de contextos especializados de tradução, também no ano de 2010.

Por outro lado, no caso das dissertações sobre tradução de língua de sinais desse período, uma das razões que pode explicar tal tendência refere-se à área na qual estes trabalhos foram realizados, isto é, todos no campo da Linguística, Letras e Artes, especificamente, nos Estudos da Tradução. Esta nova vertente de exame dos resultados das dissertações sobre tradução de língua de sinais desse período é corroborada pelos referenciais teóricos desse campo que subsidiam tais trabalhos. Ainda que institucionalmente as dissertações tenham sido enquadradas no campo da Linguística, Letras e Artes por razões de divisão de áreas conforme a tabela da CAPES, estes trabalhos estão todos veiculados à área dos Estudos da Tradução na PGET/UFSC.

Neste período (2001 a 2010) analisado nas dissertações sobre tradução de língua de sinais, outro dado curioso é que as pesquisas dessa época examinam exclusivamente os processos tradutórios, sendo que estes são produzidos por tradutores surdos. Por outro lado, dois dos pesquisadores, Avelar (2010) e Segala (2010), são surdos que analisam os resultados desses processos tradutórios. Não queremos com essa afirmação iniciar uma reflexão pautada na dicotomia entre surdos e ouvintes, mas sim, nas diferentes formas de observar os resultados

tradutórios. Dito de outra forma, grande parte do público-alvo (surdos) que de alguma forma era sempre envolvido nas análises das dissertações sobre interpretação de língua de sinais passa por um processo de inserção enquanto pesquisadores quando o assunto é tradução de língua de sinais.

Seja o foco de análises desses objetos pautados na ação do tradutor do ponto de vista linguístico ou tradutório ou ainda da pesquisa propriamente dita sobre tradução de língua de sinais, o fato é que esses estranhamentos entre surdos e ouvintes são mencionados nas dissertações por meio de referenciais embasados nos conceitos de estrangeirização e domesticação de Venuti (1995, 2002). Este não é o mesmo caminho percorrido na dissertação de Souza (2010), que trata das performances de tradução para Libras, pois este autor explora amplamente os diferentes mapeamentos dos Estudos da Tradução.

Além disso, constatamos a busca por situar e articular as reflexões em torno da língua de sinais a estes mapas dos Estudos da Tradução. Por fim, as pesquisas sobre tradução de língua de sinais contribuíram consideravelmente para a ampliação e disseminação de vocabulários, produção de glossários, aparatos tecnológicos para a atividade de traduzir e um olhar acurado para as estratégias envolvidas nesses processos tradutórios. As reflexões levantadas até o presente momento são corroboradas pelos resultados encontrados, conforme quadro abaixo.

Quadro 7: categorias analisadas nas dissertações sobre tradução de língua de sinais (2001 a 2010)

Metodologia / coleta de dados	Paradigma	Região Brasileira	Ano
Qualitativa / gravação de vídeo/análise contrastiva	Abordagem teórico-tradutória orientada conforme o texto-alvo	Sul	2010
Qualitativa / entrevista + estudo descritivo (extração de dados)	Abordagem teórico-tradutória orientada conforme o texto-alvo	Sul	2010
Qualitativa / estudo observacional – análise descritiva	Abordagem teórico-tradutória orientada conforme o texto-alvo	Sul	2010

Fonte: dados da pesquisa

Como se pode constatar, esse olhar acurado no processo tradutório é fortemente respaldado pelo paradigma da abordagem

teórico-tradutória orientada conforme o texto-alvo. Esse paradigma foi unânime em todas as dissertações sobre tradução de língua de sinais investigadas nessa época, o que pode sugerir um fio condutor nos objetos de pesquisa dessa subárea baseadas essencialmente no processo de tradução. Embora tais constatações sejam de máxima relevância no que tange marcar uma tendência para a pesquisa sobre tradução de língua de sinais, sugere-se que futuras pesquisas possam explorar diferentes olhares desse processo de tradução. Por exemplo, as representações atribuídas às diferentes estratégias adotadas pelos tradutores nos textos acadêmicos, os modos de recepção do público-alvo referente às traduções de língua de sinais, as diferentes estratégias registradas no processo tradutório por tradutores novatos ou experientes ou ainda o impacto da tradução de textos acadêmicos (língua portuguesa/língua de sinais) no ensino superior.

Essas diferentes formas de examinar o processo tradutório não estão dissociadas das metodologias e coleta de dados empregadas nas pesquisas sobre tradução de língua de sinais no formato de dissertações. A abordagem qualitativa foi registrada em todas as dissertações, sendo que houve variações com relação à coleta de dados. A dissertação de Segala (2010) utilizou como coleta a gravação de vídeo e realizou uma análise contrastiva com base no *corpus* retirado do material multimídia do Curso de Letras Libras da UFSC, em que foram produzidos textos da língua-fonte português escrito para a língua-alvo Libras.

A pesquisa de Avelar (2010) explorou a entrevista, que buscou a perspectiva dos atores-tradutores surdos sobre a padronização linguística no curso de Letras-Libras associado aos estudos descritivos, tomando como coleta a extração de dados. Por fim, temos o registro de um estudo observacional / naturalístico com análise descritiva interdisciplinar = estudo de caso observacional, descritivo e exploratório na dissertação de Souza (2010).

Outro ponto interessante, para além das análises dos processos tradutórios, foi a busca pela perspectiva dos tradutores surdos a respeito de uma determinada temática. Ainda que não contemplado nessas dissertações, esse tipo de coleta de dados utilizando entrevistas proporciona que outros objetos sejam investigados, como: narrativas de atuação profissional, formação continuada desses profissionais, aspectos identitários, histórias de vida desses tradutores ou mesmo condições de trabalho para o exercício profissional, entre outras temáticas. Cabe destacar que essas sugestões de pesquisas na tradução de língua de sinais que ora registramos eram muito comuns nas dissertações analisadas sobre a interpretação de língua de sinais. Ou seja, temos uma

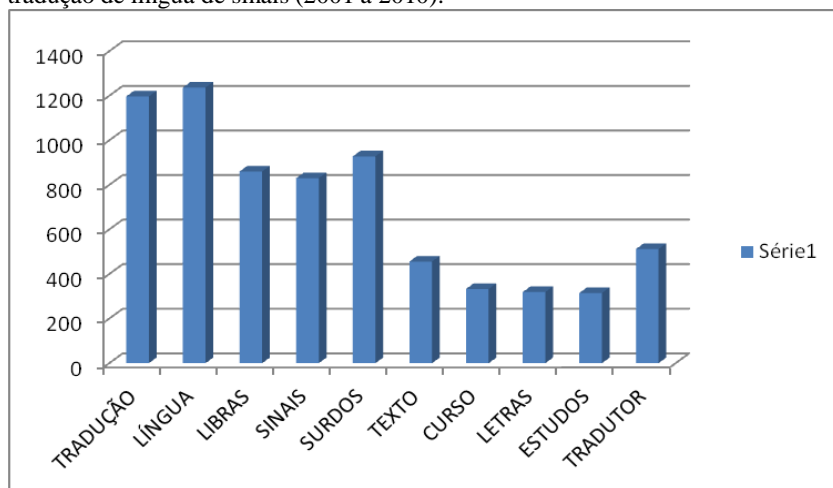
característica marcante de interesses de pesquisas que distingue os percursos das pesquisas sobre TILS, quando tratamos os períodos históricos separadamente.

Por fim, constatou-se que o lugar de destaque que hospedou as dissertações sobre tradução de língua de sinais desse período foi a região sul. Conforme apresentamos no capítulo 4, algumas das razões que explicam esse fato relacionam-se às ações tomadas em relação à pesquisa sobre TILS nos últimos anos. Duas ações podem ser mencionadas como agentes de institucionalização dessa subárea, que são: a criação do curso de Letras-Libras e as pesquisas desenvolvidas junto à PGET/UFSC. Esse espaço da graduação enquanto centro de produção da tradução, juntamente com o cenário da pós-graduação, possibilitaram que houvesse não só o empoderamento da atuação de profissionais tradutores e intérpretes, mas também a emergência da pesquisa articulada com os Estudos da Tradução.

Com isso, é possível dizer que há novos rumos registrados nesse período de análise das dissertações sobre tradução de língua de sinais, marcados especialmente pelos gêneros textuais envolvidos nas traduções (textos científicos), pelo conjunto de conhecimentos que precisam ser traduzidos por uma exigência da formação dos professores de língua de sinais e tradutores/intérpretes de língua de sinais nos cursos de Letras-Libras e pela definição de estratégias e métodos adotados nos processos tradutórios que atinjam este público-alvo.

É evidente que a escolha dos objetos, das metodologias empregadas nas pesquisas sobre tradução de língua de sinais desse período não está dissociada do momento social, histórico e cultural vivenciados na região sul. Há um fio condutor nas pesquisas desse período, especialmente porque todas usam materiais produzidos pelo curso de Letras-Libras enquanto *corpus* de análise das dissertações e se articulam com referenciais teóricos dos Estudos da Tradução. Essas constatações são reforçadas pela extração de palavras (de conteúdo) com maior índice de ocorrência nas dissertações analisadas sobre tradução de língua de sinais do período de 2001 a 2010.

Gráfico 7: palavras (de conteúdo) com maior ocorrências nas dissertações sobre tradução de língua de sinais (2001 a 2010).



Fonte: dados da pesquisa

A partir dos dados apresentados no gráfico acima foi possível organizar as palavras em cinco categorias, a saber: aspectos linguísticos (“língua”, “Libras”, “sinais”, “texto”); atividades realizadas (“tradução”, “estudos”); público-alvo (“surdos”); profissionais envolvidos (“tradutor”) e campo (“Letras” e “curso”). Com relação à categoria aspectos linguísticos, destacam-se as palavras “língua”, “Libras”, “sinais” e “texto”. Esta categoria aparece em grande parte das dissertações analisadas reforçando os constituintes em termos linguísticos dessas pesquisas, que acenam para os processos de tradução. Por outro lado, reiteramos a marcação da Libras como língua-alvo, mas em nenhum momento aparece a palavra “português”, denunciando uma lacuna importante a ser pensada em futuras pesquisas sobre tradução de língua de sinais.

Neste sentido, obviamente, os aspectos linguísticos não estão dissociados da atividade a ser realizada, neste caso marcada pelas palavras “tradução” e “estudos”. Pelo contexto, já descrito no capítulo 4, sabemos que o processo de tradução demanda uma série de estudos prévios com o fim de preparar esse material a ser traduzido. E essa preparação é constatada pela palavra “estudos”, cuja articulação com a palavra “tradução” inferimos ser relevante. Por outro lado, a categoria público-alvo é marcada pela palavra “surdos”, deixando claramente a evidência para quem esses textos foram traduzidos. Já em relação aos

profissionais envolvidos, a palavra “tradutor” é destaque, mostrando-nos a importância de desvincular o profissional da atividade que ele realiza. Por fim, reiteramos as discussões que pontuamos nesta seção, isto é, que o campo que hospeda essas dissertações é a área de Letras. Acrescentamos ainda a palavra curso, pois a partir das considerações pontuadas até o presente momento é possível que grande parte das ocorrências tenha sofrido influência do *corpus* adotado nas pesquisas, isto é, o curso de Letras-Libras.

Os resultados constatados nos capítulos 6 e 7 oferecem elementos importantes a favor do empoderamento da subárea TILS articulada com os Estudos da Tradução. Tais capítulos mostraram detalhadamente o estado da arte, as características, tendências, que marcaram determinados momentos históricos que subsidiaram as pesquisas sobre TILS e a construção identitária desta subárea.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante vinte anos de pesquisa, várias teses e dissertações sobre TILS foram produzidas nos diferentes programas de pós-graduação das universidades federais brasileiras. A constatação sobre a falta de circulação dessas obras dentro dos referenciais teóricos da própria área ocasionou discursos pautados na escassez, na carência, na ausência de pesquisas sobre TILS. A presente tese, por meio do objetivo principal de analisar as categorias que emergem das teses e dissertações sobre TILS no período de 1990 a 2010, esquadrinhou o conjunto de pesquisas que foram registradas durante essas duas décadas. É como se devêssemos conhecer “a casa”, as pesquisas já produzidas sobre TILS, as lacunas que ainda não foram preenchidas, para podermos ir além propondo novas temáticas, tendências e perspectivas junto aos Estudos da Tradução.

Vieira-Machado (2013)⁹⁸, inspirada em um texto de Veiga-Neto (2012) intitulado “É preciso ir aos porões”, ressalta a importância de novas atitudes, novas perguntas, novas respostas que se fazem necessárias à compreensão do intérprete de Libras como intelectual específico no ensino superior. Ainda que a “metáfora da casa” tenha sido originalmente cunhada por Bachelard (2003), utilizamo-la no intuito de encerrarmos nossas problematizações nas considerações finais desta tese.

Ou seja, analisar a produção acadêmica no formato de teses e dissertações durante determinado período sobre TILS é retornar à casa, porque há elementos que não foram problematizados ou sequer circulados dentro do espaço acadêmico. Ao mesmo tempo em que retornar à casa é mexer com memórias, com história, com diferentes lócus de enunciação, é também oferecer alimento para as reflexões que construirão novas metalinguagens sobre TILS. Alguns autores como Veiga-Neto (2012) e Vieira-Machado (2013) concordam com a “metáfora da casa” e salientam os riscos a que estamos expostos.

Sem o acolhimento da casa e sem as memórias de que ela é a fonte primeira, seríamos seres desenraizados; seres sem imaginação porque sem história, e sem história porque sem memória. Mas,

⁹⁸ Ensaio in prelo. Texto intitulado “O intérprete de Libras como intelectual específico”. Palestra ministrada na PGET/UFSC em 16/07/2013.

mesmo que acolhidos pela casa, corremos sempre o risco de viver bloqueados, viver no alheamento, isto é, alienados no mundo e do mundo. Isso será assim se não soubermos ocupar toda a casa, se nos mantivermos confinados apenas no espaço intermediário, nesse espaço das experiências imediatas em que se desenrola o que chamamos de vida concreta e de realidade. Se nos deixarmos prender nos andares intermediários, sem habitar o sótão e o porão, perderemos boa parte de nossa própria condição humana, pois, enquanto lá no sótão se dão as experiências da imaginação e da sublimação, é lá no porão que estão às raízes e a sustentação racional da própria casa. (VEIGANETO, 2012, p. 3)

Dessa forma, os resultados constatados nesta pesquisa alimentam diferentes cômodos, considerando a metáfora da casa. No porão, constatamos as pesquisas produzidas no formato de teses e dissertações sobre TILS, as quais foram visibilizadas por meio dos capítulos 3 e 4. Nos andares intermediários emergimos o que as raízes trazidas do porão podem sustentar, a própria casa TILS, mas também articulações com os Estudos da Tradução. A extração de elementos provenientes das raízes do porão nas teses e dissertações sobre TILS sustentou o trânsito no sótão, na medida em que ações governamentais e políticas tradutórias podem ser tomadas a partir dos resultados obtidos nesta tese. Neste sentido, respondemos cada uma das perguntas instauradas no início da pesquisa⁹⁹ ao longo de todos os capítulos propostos na tese, mas destacamos alguns pontos no contexto geral das pesquisas sobre TILS.

Com relação às pesquisas sobre interpretação de língua de sinais, foi possível verificar que os objetos investigados variam de acordo com diferentes períodos históricos. Por exemplo, as teses sobre interpretação de língua de sinais somam três, sendo que todas investigam o tema sob

⁹⁹ PP1. Quais são os objetos e as características teóricas e metodológicas que emergem das categorias analisadas das teses e dissertações sobre TILS no período de 1990 a 2010?

PP2. Quais são as palavras (de conteúdo) mais frequentes nas teses e dissertações sobre TILS no período de 1990 a 2010 e em que medida fornecem elementos para a formação de tradutores e intérpretes de língua de sinais?

PP3. Como o estado da arte das pesquisas sobre TILS pode contribuir para a expansão de temas que ainda não foram registrados nos mapeamentos dos Estudos da Tradução em nosso país?

diferentes perspectivas. Rossi (2005) e Pedroso (2006) focalizam suas análises no espaço escolar (ensino fundamental e médio) e nas relações estabelecidas nesse cenário (aluno surdo, professores e gestores) e/ou na presença/relevância do ILS nesse lugar. Gurgel (2010) direciona sua pesquisa para as práticas e a formação de tradutores intérpretes de Libras no ensino superior.

Todos esses elementos ratificam o princípio de interação dialógica existente em pesquisas dessa natureza, pois as características apresentadas nessas pesquisas articulam-se na interpretação comunitária, ainda que não se declarem dessa vertente. Os referenciais conceituais e até mesmo metodológicos salientavam os desafios externos (contextos de gestão escolar, políticas governamentais necessárias) e os contextos internos (sala de aula, interação entre alunos, professores e intérpretes). Constatamos que as análises metodológicas destas teses sobre interpretação de língua de sinais foram amplamente problematizadas por meio da abundância de materiais recolhidos na coleta de dados, uma vez que a abordagem qualitativa (a partir de diferentes perspectivas) foi registrada de forma unânime nas pesquisas investigadas.

Esta perspectiva não converge com os resultados constatados nas teses sobre tradução de língua de sinais. As características de Ramos (2000) destacam a livre expressão, a manifestação performática de um tradutor, dos processos tradutórios adotados como metodologia da tradução, entre outros pontos. A trajetória das teses sobre interpretação de língua de sinais desenvolveu objetos de pesquisa em meio a um processo ordenado juridicamente (por leis, decretos, resoluções e políticas em torno da Libras) que buscava no princípio de acessibilidade oferecer condições de inclusão à pessoa surda por meio do serviço de interpretação de língua de sinais. Nesse sentido, o percurso trilhado pela única dissertação sobre interpretação de língua de sinais registrado no período de 1990 a 2010 é diferente, na medida em que adota como perspectiva a comparação entre a língua-fonte e a língua-alvo. Ainda que estejamos tratando de inclusão, o cunho de investigação calcado em processos de interpretação parecer ser mais evidente.

Nas dissertações sobre interpretação de língua de sinais, quando contrastadas com aquelas sobre tradução de língua de sinais, a distinção de percursos acadêmicos trilhados ao longo das décadas é uma constante. Dito de outra forma, as características atribuídas às dissertações sobre tradução de língua de sinais privilegiam o processo tradutório em todas as décadas, tanto nas teses quanto nas dissertações. Nas dissertações sobre interpretação de língua de sinais, as diferentes perspectivas sobre o profissional ILS e o contexto educacional são mais

evidentes em detrimento do processo de interpretação propriamente dito. Por exemplo, constatamos pelos resultados que no período de 2006 a 2010 aspectos do contexto educacional foram os assuntos mais destacados: caracterização do papel do intérprete de língua de sinais em sala de aula; conflito de identidades entre “professor/intérprete” e “intérprete”; trajetórias de formação; condições de trabalho. Ou seja, é nítido o conflito sobre a nomenclatura a ser atribuída ao ILS, assim como ainda não são claras as funções desempenhadas por este profissional no contexto escolar, especialmente, no nível fundamental.

Um ponto que converge em todas as pesquisas TILS são os referenciais metodológicos que se afiliam à abordagem qualitativa, sem intenção de medir ou verificar instrumentos de cunho estatístico. A fim de que a subárea da interpretação de língua de sinais articule discussões já sedimentadas nos processos de interpretação nas pesquisas de línguas orais, sugerimos abordagens de cunho experimental para futuras pesquisas nessa subárea. Por outro lado, pesquisas que focalizem os desafios da atuação em contexto de conferência, contextos médicos e jurídicos são temáticas bem-vindas às pesquisas sobre interpretação de Libras/português, que não contam com teses e dissertações sobre esses assuntos. Tais pesquisas podem ser subsidiadas pelas contribuições dos Estudos de Corpora, pois a extração de palavras (de conteúdo) com maior índice de ocorrência ou mesmo a localização de determinados conceitos no texto e a classe gramatical a que pertencem são elementos interessantes a serem pesquisados pela subárea TILS.

Com esse intuito, o conjunto de dados obtidos por meio da extração contribuiu para a proposição de novas perguntas na subárea TILS. Por exemplo, nas pesquisas sobre interpretação de língua de sinais, as palavras “surdo” e “intérprete” se destacam ao longo dos anos. Nas pesquisas sobre tradução de língua de sinais, os resultados indicam as palavras “surdo”, “tradução” e “língua” como aquelas que mais variam ao longo dos anos. Este é um reflexo de que o público-alvo dos processos de tradução e interpretação tem participado ativamente das pesquisas nesta área. Não só na perspectiva bruta de extrairmos resultados por si mesmos; essas constatações encontram eco nas produções realizadas por pesquisadores surdos, sendo uma (1) na interpretação de língua de sinais e duas (2) na tradução de língua de sinais.

Se não descêssemos ao porão, não teríamos dados como esses que emergem da própria pesquisa sobre TILS. Em suma, em pesquisas como esta a respeito do estado da arte, é como se devêssemos descer ao porão para saber as bases que respaldam as relações entre teoria e

prática. Embora este trabalho tenha procurado a todo instante focar nas pesquisas sobre tradução e interpretação, estas falam de contextos sobre intérpretes e tradutores, processos de tradução ou interpretação, entre outros. Do nosso ponto de vista não há como dissociar teoria e prática, porque a todo momento estas se imbricam nas obras analisadas. Talvez esteja aí um dos motivos da necessidade de “descer ao porão”, a fim de que possamos explorar e analisar o que emerge dessas pesquisas sobre TILS.

Certamente, a emergência deste estado da arte da pesquisa sobre TILS, por meio da análise das teses e dissertações compreendidas no período de 1990 a 2010 contribuem não só para a própria área, mas também para os Estudos da Tradução de forma geral. Por exemplo, a subárea TILS ou a interpretação comunitária ainda não foram mapeadas no contexto brasileiro dentro dos Estudos da Tradução, diferentemente dos levantamentos internacionais, que constataam a presença daquelas duas subáreas em seus mapeamentos. Além disso, a área da Educação foi uma das interfaces mais presentes no respaldo teórico das pesquisas sobre interpretação de língua de sinais. Com isso, propomos que as reflexões nos Estudos da Tradução possam repensar o papel do ensino de tradutores e intérpretes, as didáticas que estão implicadas na formação desses profissionais acolhendo as contribuições das pesquisas sobre TILS. Ou seja, a articulação entre essas duas áreas é fundamental para que sejam dadas novas respostas e até mesmo argumentos a favor de um empoderamento acadêmico desta jovem disciplina chamada Estudos da Tradução. Conforme Veiga-Neto (2012, p. 4):

No porão, firmamos nossos pés; do sótão, partimos para os voos imaginários, para o sonho e as utopias. Lá estão a reflexão e a razão; aqui estão a imaginação e a inovação. Pelas raízes, plantadas no porão, nos alimentamos a fim de nos elevar para além das experiências imediatas. Incapazes de alçar voo e de conhecer onde estão fincados seus próprios pés, aqueles que habitam apenas os pisos em que se dão as experiências imediatas vivem limitados a si mesmos ou limitados pelos limites que os outros arbitrariamente lhes impõem.

Este é um ponto importante para os Estudos da Tradução, pois pesquisas que respondam onde estariam fincados nossos pés alimentam novas articulações, respeitando o que nos une e o que nos separa

enquanto área, uma interrogação proposta por Vasconcellos (2009). Outro ponto importante refere-se às políticas linguísticas em torno da subárea TILS, que tem tornado visíveis cada dia mais as pesquisas e as ações em torno dessa temática. Tal articulação entre TILS e Estudos da Tradução pode empoderar ambas as áreas, na medida em que teoria e prática se correlacionam. Para isso, é fundamental que ocorra o diálogo intracoletivo e intercoletivo de pesquisadores a fim de sistematizar e criar coesão de grupo. Quem fez o que, onde fez e como fez são interrogações fundantes e que precisam ser esmiuçadas no dia-a-dia acadêmico para que novos objetos de pesquisa façam sentido ao serem pesquisados.

É nesse sentido que tanto pesquisadores quanto tradutores-intérpretes de língua de sinais podem se beneficiar para além das experiências imediatas de tradução, retornando aos porões da casa a fim de que possam buscar elementos nas teses e dissertações sobre TILS que contribuam para a construção de uma identidade deste campo em nosso país. Nesse sentido, entendemos que esta pesquisa respondeu ao principal objetivo instaurado como base de investigação, a saber, analisar as categorias que emergem das teses e dissertações sobre TILS no período de 1990 a 2010. Tais categorias foram analisadas de forma qualitativa (manual e por extração de palavras com maior índice de ocorrência nos textos), contribuindo para que soubéssemos “onde estão fincados nossos pés” em termos de pesquisa sobre TILS. Não temos a pretensão de que esta visita à casa seja a única forma ou ainda institua todas as razões possíveis que podem explicar os movimentos da subárea de pesquisa sobre TILS no Brasil.

Nosso intuito, comprovado pelos resultados desta tese, foi buscar outros entendimentos sobre o campo da pesquisa em TILS, respondendo principalmente: quem diz, o que diz e que elementos ditos podem colaborar para que se falem outras coisas, se façam novas perguntas e, conseqüentemente, se encontrem novas respostas. Um dos primeiros resultados levantados neste trabalho foi desconstruir a premissa de que havia poucos trabalhos na área TILS no Brasil. Os dados da pesquisa revelam que estudos dessa natureza contribuem significativamente para a consolidação da TILS em nosso país, pois expõem de forma clara e sistematizada o percurso dessa subárea. Embora tal percurso seja recente, os dados apontam que a TILS é marcada por fortes elementos da política linguística, por meio não só de decretos e leis que fortalecem a atuação propriamente dita do tradutor ou intérprete, mas também de pesquisas que respondam às demandas levantadas por essa demanda empírica.

As tendências, os novos percursos de investigação sobre TILS, apontam para o refinamento dos objetos de pesquisa, focando principalmente nos processos tradutórios e de interpretação. Os referenciais teóricos, tanto no contexto nacional como no internacional, passam cada vez mais a utilizar autores dos Estudos da Tradução e Estudos da Interpretação. Além disso, as pesquisas sobre tradução de língua de sinais colocam em xeque a invisibilidade do tradutor por se tratar de uma língua de modalidade visual. Tais pesquisas apontam para o papel da tecnologia, com recursos de multimídia como parte dos processos tradutórios em língua de sinais. Por outro lado, o Brasil destaca-se como um país à frente das produções acadêmicas sobre tradução de língua de sinais, bem como na atuação do tradutor de língua de sinais como um campo pouco explorado nos mapeamentos de cunho internacional.

Por fim, a partir da presente tese o desejo é que tenhamos elementos para transitarmos na casa com maior conforto, conhecendo desde os porões até o sótão, e que lá, outros pesquisadores possam analisar e lançar voos mais altos a respeito do que meu lócus de enunciação não permitiu inferir sobre a TILS. Por que dizer que se encerrou a tese? Este é o começo de um campo de pesquisa frutífero para a TILS e para os Estudos da Tradução.

REFERÊNCIAS

ALBRES, N. A.; DE LACERDA, C. B. F. *Interpretação educacional como campo de pesquisa: estudo bibliométrico de publicações internacionais e suas marcas no campo nacional*. Cadernos de Tradução, v. 1, n. 31, p. 179-204, 2013.

_____. *Dignidade acadêmica dos Estudos da Tradução*. Disponível em: <<http://interpretaremlibras.blogspot.com/2009/03/dignidade-academica-dos-estudos-da.html>>. Acesso em: junho de 2011; data da publicação no site: 2009.

_____. *A tradução e interpretação em Língua de Sinais como objeto de estudo: produção acadêmica brasileira: 1980 a 2006*. In: 2º Encontro dos profissionais tradutores intérpretes de língua brasileira de sinais de Mato Grosso do Sul - 2o EPILMS, 2006, Campo Grande. ANAIS do 2o EPILMS, v. 2. Campo Grande - MS: APILMS, 2006.

ALMEIDA, Elomena. B. *O papel de professores surdos e ouvintes na formação do tradutor e intérprete de Língua Brasileira de Sinais*. 104 p. Dissertação (Mestrado). Universidade Metodista de Piracicaba, Faculdade de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Educação, Piracicaba-SP, 2010.

AUBERT, Francis H. *As (in)fidelidades da tradução: servidões e autonomia do tradutor*. Campinas: UNICAMP, 1993. 89 p.

_____. *Modalidades de Tradução: Teoria e Resultados*. São Paulo: CITRAT/FFLCH-USP, v.5, n.1, p. 99 – 127, 1998.

_____. *Procedimentos de Tradução*. Tradterm, São Paulo, v. 9, p. 55-58, 2003.

AVELAR, Thaís Fleury. *A Questão da padronização linguística de sinais nos atores-tradutores surdos do Curso de Letras - Libras da UFSC: estudo descritivo e lexicográfico do sinal 'cultura'*. 111 p. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina,

Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução, Florianópolis, 2010.

AZENHA JUNIOR, J. *O curso de tradução na USP: algumas reflexões sobre seu momento fundador*. In: XXI Encontro Nacional da ANPOLL, 2007, São Paulo. Os caminhos da institucionalização dos estudos da tradução no Brasil. Belo Horizonte: Sítio eletrônico do GT de Tradução, sediado na FALE/UFMG, 2007. p. 29-38.

BACHELARD, G. *A formação do espírito científico*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2003.

BARAZZUTTI, Viviane. *A Desconstrução da oposição entre surdos e ouvintes a partir da (des)territorialização do intérprete de língua de sinais*. 117 p. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Florianópolis, 2012.

BAKER, Mona. *Corpora in translation studies: An overview and some suggestions for future research*. Target, v. 7, n. 2, p. 223-243, 1995.

_____. *Translation and conflict: a narrative account*. London: Routledge, XIV,203p, 2006.

_____. *Corpora as a Resource for Investigating the Linguistic Behaviour of Professional Translators (and Interpreters)*. Palestra ministrada em 03 junho de 2011. Universidade Federal de Santa Catarina. Texto não publicado, 2011.

_____; SALDANHA, Gabriela. *Routledge encyclopedia of translation studies*. 2nd ed. London; Routledge, 2009. XXII, 674 p. ISBN 9780415369305.

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Tradução: Myrian Ávila (et al). 3ª reimpressão/2005. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005.

BARIK, H. C. *A Study of Simultaneous Interpretation*, doctoral dissertation, University of North Carolina, Chapel Hill, 1969.

BRASIL. *Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005*. Regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua

Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Diário Oficial da União, República Federativa do Brasil, Atos do Poder Executivo, Brasília, DF, 23 dez. 2005. nº 246, ano CXLII, Seção 1, p. 28-30.

_____. *Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002*. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. Diário Oficial da União, República Federativa do Brasil, Atos do Poder Legislativo, Brasília, DF, 25 abr. 2002. nº 79, ano CXXXIX, Seção 1, p. 23.

BARTHOLAMEI JUNIOR, Lautenai A. *O Novum e os padrões preferenciais nas traduções de Speaker for the dead de Orson Scott Card* : um estudo baseado em corpus. 79 p. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Florianópolis, 2010

BELÉM, Laura. J. M. *A atuação do intérprete educacional de Língua Brasileira de Sinais no ensino médio*. 139 p. Dissertação (Mestrado). Universidade Metodista de Piracicaba, Faculdade de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Educação, Piracicaba-SP, 2010.

BOWEN, M. *Community Interpreting*. In: AICC. Legal and court Interpreting. 2000, Disponível em: http://aiic.net/ViewPage.cfm/page234.htm#P5_365. Acesso em: 15 de setembro de 2012.

CARVALHO, S. *Os múltiplos sentidos da categoria “empowerment” no projeto de promoção a saúde*. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-311X2004000400024&script=sci_arttext>. Acesso em: junho de 2011.

CHARAUDEAU, Patrick. *O ato de linguagem como encenação*. Langage et discours: éléments de semiolinguistique. Paris, Hachette, 1983.

_____. *Uma teoria dos sujeitos da linguagem*. In: MARI, H. et alli. *Análise do discurso: fundamentos e práticas*. Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso–FALE/UFMG, p. 23-37, 2001.

CORRÊA, Raquel Dotta. *A voz da tradutora: paratextos em traduções de mulheres italianas nos séculos XVII e XVIII*. 141 p. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução, Florianópolis, 2010

COKELY, D. *Sign language: Teaching, interpreting, & educational policy*. In *Sign Language & the Deaf Community: Essays in Honor of William C. Stokoe*. Ed. Baker & Battison, 137-158. Silver Spring, MD: The National Association of the Deaf, 1980.

_____. *Shifting Positionality: A Critical Examination of the Turning Point in the Relationship of Interpreters and the Deaf Community's*. In: MARCHARK, Marc, PETERSON, Rico, WINSTON, Elizabeth A.(Orgs.) *Sign Language Interpreting and Interpreter Education: Directions for Research and Practice*. New York, Oxford University Press, 2005, p. 3-28.

CONSTANCIO, Rosana. F. J. *O intérprete de Libras no ensino superior: sua atuação como mediador entre língua portuguesa e a língua de sinais*. 106 p. Dissertação (Mestrado). Centro Universitário Moura Lacerda, Programa de Pós-Graduação em Educação, Ribeirão Preto- SP, 2010.

CORDOVA, Bianca. C. *Concepções de Intérpretes de Língua de Sinais acerca de sua atuação em contextos educacionais*. 78 p. Dissertação (Mestrado). Universidade de Brasília, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Brasília-DF, 2009.

COSTA, Karla. P.R. *O texto do intérprete de Libras no contexto do bilinguismo e o pretexto da inclusão*. 109 p. Dissertação (Mestrado). Universidade Católica de Pernambuco, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem, Recife, PE 2008.

COSTA, Lucyenne Matos. *Traduções e marcas culturais dos surdos capixabas: Os discursos desconstruídos quando a resistência conta a história*. 186 p. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Espírito Santo, Programa de Pós-Graduação em Educação, Vitória, 2007.

CATFORD, John.C. *Uma Teoria Linguística da Tradução*. Tradução: CET PUC. Campinas. São Paulo; Cultrix, 1980.

DELISLE e WOODSWORTH. *Os tradutores na história*. Tradução: Sérgio Bath. 1ed. São Paulo: ÁTICA, 2003.

_____. *Translators Through History*. Montreal: John Benjamins, 1995.

EGGINS, S. *An Introduction to Systemic Functional Linguistics*. London: Pinter, 1994

ESQUEDA, Marileide. *Conflitos entre a teoria e a prática da tradução e a profissionalização do tradutor*. 101 p. Dissertação (Mestrado). Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Campinas-SP, 1999.

FAMULARO, Rosana. *Intervención del intérprete de lengua señas/lengua oral en el contato pedagógico de la integración*. In: SKLIAR, C. (Org.) *Atualidade da Educação Bilíngue para Surdos*, v.1, Porto Alegre, Mediação, 1999.

FAIRCLOUGH, Norman. *Analysing discourse: Textual analysis for social research*. Routledge, 2003.

_____. *Language and power*. Pearson Education, 2001.

FERNANDES, Lincoln P. *Brazilian practices of translating names in children's fantasy literature: a corpus-based study*. 270 p. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-graduação em Inglês, Florianópolis, SC, 2004.

FERREIRA, Norma S. de A. *As pesquisas denominadas "estado da arte"*. In: *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 23, n. 79, p. 257-272, 2002. Acesso em 30 de julho de 2012.

FILIETAZ, Marta. R.P. *Políticas Públicas de Educação Inclusiva: das normas à qualidade de formação do intérprete de língua de sinais*. 160 p.

Dissertação (Mestrado). Universidade Tuiuti, Programa de Pós-Graduação em Educação, Curitiba, PR, 2006.

FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. Trad. Salma Tannus Muchail. 1999a.

_____. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Petrópolis, RJ. Vozes, 1999b.

_____. *Os anormais: curso no Collège de France (1974-1975)*. Rio de Janeiro: M. Fontes, 2001.

FRISHBERG, N. *Interpreting: An Introduction*. Silver Spring, Md: Registry of Interpreters for the Deaf, Inc. Revised Edition, 1990.

FROTA, Maria Paula. *Um balanço dos estudos da tradução no Brasil*. Cadernos de tradução, v. 1, n. 19, p. 135-169, 2008.

GABRIAN, Jessica; WILLIAMNS, Gerard. *The Effect of Interpreter Fatigue On Interpretation Quality*. Disponível em: [http://gerardwilliams.net/docs/The Effect of Interpreter Fatigue on Interpretation Quality.pdf](http://gerardwilliams.net/docs/The_Effect_of_Interpreter_Fatigue_on_Interpreter_Quality.pdf). p.1-35, 2009. Acesso em maio de junho/2012.

GILE, Daniel. *Opening up in interpretation studies. Translation studies: An interdisciplinary*. In: SNELL-HORNBY, Mary, PÖCHHACKER, Franz & KAINDL, Klaus (eds.), p. 149-58, 1994.

_____: *Basic Concepts and Models for Interpreter and Translator Training*, Amsterdã/Filadélfia, John Benjamins Publishing Company, 1995.

_____. *Conference and simultaneous interpreting*. In BAKER, Mona (ed.). *Routledge Encyclopedia of Translation Studies*. London and New York. p. 40-45. 1998.

_____. *Conference interpreting, historical and cognitive perspectives*. *Routledge Encyclopedia of Translation Studies*. London/New York: Routledge, p. 51-56, 2009.

GOFFMAN, E. *Forms of Talk*. Philadelphia: University of Pennsylvania publications in conduct and communication, 1981.

GRBIC, Nadja. *Where do we come from? What are we? Where are we going?* A bibliometrical analysis of writing and research on Sign Language Interpreting, IN: Sign Language Translator and Interpreter, St. Jerome Publishing, Manchester, v.1, n.1, p.15-51, 2007.

GREIMAS, Algirdas J. *Sobre o sentido; ensaios semióticos*. Petrópolis: Vozes, 1975.

GUERINI, A.; COSTA, W. C. *Material Didático: Introdução aos Estudos da Tradução*. Curso de Bacharelado em Letras Libras - UFSC. Florianópolis, EDUFSC, 2008.

GURGEL, Taís. M. A. *Práticas e formação de tradutores intérpretes de língua brasileira de sinais no ensino superior*. 167 p. Tese (Doutorado) - Universidade Metodista de Piracicaba, Faculdade de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Educação, Piracicaba, SP, 2010.

HALL, Stuart. *A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo*. Educação & realidade, v. 22, n. 2, p. 15-46, 1997.

_____. *Codificação/Decodificação*. Da diáspora: identidades e mediações culturais . Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2003.

_____. *A identidade cultural na Pós-Modernidade*. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 9 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004

HALLIDAY, Michael AK. *Linguistic Functional and Literary Style: An enquiry into the language of William Golding's The Inheriotors*. In: CHATMAN, Seymour (Ed). *Literary Style: A Symposium*. New York: Oxford University Press, p. 362-400, 1971.

_____. *Language as social semiotic: the social interpretation of language and meaning*. London: Arnold, 1978.

_____. *An Introduction to Functional Grammar*. London: Arnold, 1985/1994.

HOLMES, James. *The name and nature of translation studies*. Translation Studies Section, Department of General Literary Studies, University of Amsterdam, 1972/1988.

HORTÊNCIO, Germana. F.H. *Um estudo descritivo do papel dos intérpretes de Libras no âmbito organizacional das Testemunhas de Jeová*. 108 p. 2005. Dissertação (Mestrado). Universidade Estadual do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Fortaleza, CE.

HURTADO-ALBIR, Amparo. *O desenvolvimento da competência do tradutor: em busca de parâmetros cognitivos*. In: ALVES, F.; MAGALHAES, C.; PAGANO, A. *Competência em tradução: cognição e discurso*. Belo Horizonte: UFMG, 2005.

_____. *Enseñar a traducir: metodología en la formación de traductores e interprete*. Col. Investigación didáctica, Madrid: Edelsa. Grupo Didascalía S.A, 1999.

JAKOBSON, Roman. *Linguística e comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1975.

KADE, O. "Der Dolmetschvorgang und die Notation." *Fremdsprachen* 7 (1), p. 12-20. 1963.

KARNOPP, Lodenir. B. *Material didático: Literatura Surda*. Curso de Licenciatura em Letras-Libras, Florianópolis: UFSC, 2008.

KELLY, Dorothy. *Setting the Scene*. In: *A Handbook for Translator Trainers*. A guide to reflective practice. Manchester: St. Jerome, p. 7-19, 2005.

LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de. *A inclusão escolar de alunos surdos: o que dizem alunos, professores e intérpretes sobre esta experiência*. Cad. Cedes, v. 26, n. 69, Campinas, p. 163-184, 2006.

_____; ALBRES, N. A. *Interpretação educacional como campo de pesquisa: estudo bibliométrico de publicações internacionais e suas marcas no campo nacional*. Cadernos de Tradução (UFSC), v. 1, p. 179-204, 2013.

_____. *Tradutores e intérpretes de Língua Brasileira de Sinais: formação e atuação nos espaços educacionais inclusivos*. Cadernos de Educação (UFPEl), v. 36, p. 133-153, 2010.

_____. *A atuação do intérprete de Libras nos espaços educacionais: necessidades formativas*. In I Congresso Nacional de Pesquisa em Tradução e Interpretação de Língua de Sinais Brasileira, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC. [não publicado], 2008.

_____. *O intérprete educacional de língua de sinais no ensino fundamental: refletindo sobre limites e possibilidades*. In: Ana Claudia Lodi; Kathryn Pacheco Harrison; Sandra Leite de Campos; Ottmar Teske. (Org.). *Letramento e Minorias*. 1ed. Porto Alegre: Editora Mediação, v. p. 120-128. 2002.

_____. *Surdez: processos educativos e subjetividade*. Lovise, 2000.

LEITE, Emeli M. C. *Os papéis do intérprete de Libras na sala de aula inclusiva*. Rio de Janeiro: Arara Azul, 2004.

LEITE, Tarcísio de A. *Solicitação de modificação no edital nº 037/DDPP/2009, no que diz respeito ao cargo para tradutor-intérprete de libras*. Procuradoria da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, [Documento anexo ao processo Processo nº 23080.020881/2009-84, Arquivo de concurso público, SEGESP/UFSC] 2009.

LIMA, Elcivanni. S. *Discurso e identidade: um olhar crítico sobre a atuação do (a) intérprete de LIBRAS na educação superior*. 163 p. Dissertação (Mestrado), Universidade de Brasília, Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Brasília-DF, 2006.

LIMA, Marcos Antônio Martins e FROTA, Sâmia Araújo. *O Empowerment e a teoria organizacional: um incremento no quantum de poder*. Revista Eletrônica de Administração, nº3, p. 1-24, 2002.

MARINHO, Margot. L. *O Ensino da Biologia: o intérprete e a geração de sinais*. 145f. Dissertação (Mestrado). Universidade de Brasília,

Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Brasília-DF, 2007.

MARTINS, Vanessa. R.O. *Educação de Surdos no paradoxo da inclusão com intérprete de língua de sinais: relações de poder e (re) criações do sujeito*. 140 p. Dissertação (Mestrado). Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Campinas-SP, 2008.

MARTINS, Diléia. A. M. *Trajetórias de formação e condições de trabalho do intérprete de Libras em Instituições de educação superior*. 135 p. Dissertação (Mestrado). Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Programa de Pós-Graduação em Educação, Campinas-SP, 2009.

MASON, I. *Introduction*. In: *The Translator , Studies Intercultural Communication*, Volume 5, Number 2, Editor Mona Baker (UMIST, UK), St. Jerome Publishing, Manchester, UK, 1999.

MASUTTI, Mara L. *Tradução cultural: desconstruções logofonocêntricas em zonas de contato entre surdos e ouvintes*. 158 p. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Literatura. Florianópolis, SC, 2007.

_____; SANTOS, Silvana A. dos. *Intérpretes de Língua de Sinais: uma política em construção*. In: QUADROS, Ronice. M. *Estudos surdos III*. Petrópolis: Arara Azul, p. 148-167, 2008.

MEC, SEESP. Acesso em maio de 2013. Site: http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/ae_e_da.pdf

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da Percepção*. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1999.

METZGER, Melanie. *Os destaques das pesquisas sobre interpretação de língua de sinais no contexto acadêmico da interpretação comunitária*. In: Ronice Müller de Quadros (org.). *Tradução e Interpretação de Línguas de Sinais*, Cadernos de Tradução v.2, n.26. p. 13-61, 2010.

_____. *Sign Language Interpreting: deconstructing the myth of neutrality*. Gallaudet University Press. Washington, D. C, 1999.

MEURER, José L.; DELLAGNELO, Adriana K. *Texto base de: Introdução à análise do discurso*. Curso de Letras-Libras (modalidade a distância). Editora da UFSC, Florianópolis, 2006.

MILTON, John; MARTINS, Marcia AP. *Contribuições para uma Historiografia da Tradução*. Tradução em Revista, v. 1, p. 01-10, 2010.

MIRANDA, Dayse. G. *As mediações linguísticas do intérprete de língua de sinais na sala de aula inclusiva*. 194 p. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação: Conhecimento e Inclusão Social em Educação, Belo Horizonte, 2010.

MOUNIN, Georges. *Os problemas teóricos da tradução*. São Paulo: Cultrix, Tradução de Heloysa de Lima Dantas, 1965.

NAPIER, Jemina. *An historical overview of signed language Interpreting research: featuring highlights Of personal research*. In: Ronice Müller de Quadros (org.). Tradução e Interpretação de Línguas de Sinais, Cadernos de Tradução v.2, n.26. p. 63-97, 2010.

_____. *University interpreting: Linguistic issues for consideration*. Journal of deaf Studies and deaf Education, v. 7, n. 4, p. 281-301, 2002.

NICOLOSO, Silvana. *Uma investigação sobre marcas de gênero na interpretação de língua de sinais brasileira*. 200 p. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciência da Comunicação, Programa de Pós-graduação em Estudos de Tradução, Florianópolis, 2010.

NOBRE, R. *Processo de grafia da Língua de Sinais: Uma análise fonomorfológica da escrita em signwriting*. Florianópolis, UFSC, 2011.

NOVAIS, Lourival. *O intérprete de tribunal, um mero intérprete?* um estudo descritivo sobre o papel do intérprete nos Fóruns de Boa Vista, RR e Fortaleza, CE. 180 p. Dissertação (Mestrado). Universidade Estadual do Ceará, Centro de Humanidades, Fortaleza, 2002.

PAGANO, Adriana; VASCONCELLOS, Maria L. *Estudos da tradução no Brasil: reflexões sobre teses e dissertações elaboradas por pesquisadores brasileiros nas décadas de 1980 e 1990*. Revista Delta, São Paulo, v. 19, p. 1-25, 2003.

_____. *As pesquisas historiográficas em tradução*. Metodologias de pesquisa em tradução. Belo Horizonte: Faculdade de Letras, UFMG, p. 117-146, 2001.

PAGURA, Reynaldo. *A interpretação de conferências: interfaces com a tradução escrita e implicações para a formação de intérpretes e tradutores*. Delta, v. 19, p. 209-236, 2003.

PASSOS, Gabriele C. R. *Os Intérpretes de língua de sinais: atitudes frente à língua de sinais e às pessoas surdas*. 142 p. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Florianópolis, 2010.

PEDROSO, Cristina. C. A. *O aluno surdo no ensino médio: o professor fluente em LIBRAS atuando como intérprete*. 2010 p. Tese (Doutorado). Faculdade de Ciências e Letras – Campus Araraquara. Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar. Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2006.

PEREIRA, Maria C. p. *Produções Acadêmicas sobre Interpretação de Língua de Sinais: dissertações e teses como vestígios históricos*. In: Ronice Müller de Quadros (org.). Tradução e Interpretação de Línguas de Sinais, Cadernos de Tradução v.2, n.2, p. 99-117, 2010.

_____. *Testes de Proficiência Linguísticas em Língua de Sinais: as possibilidades para os intérpretes de Libras*. 180 p. Dissertação (Mestrado). Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, São Leopoldo, 2008.

_____. RUSSO, Ângela. *O Intérprete de Língua de Sinais na Graduação e na Pós-Graduação*. Anais do II Encontro Nacional de Línguas e Literatura (2: 2006 out. 02-04: Novo Hamburgo, RS). Novo Hamburgo: Feevale, 2006. CD-ROM: color.; 4 1/2 pol.

PEREIRA, NETO AF; DE FARIA, André. *Ser médico no Brasil: o presente no passado*. Rio de Janeiro, Editora Fiocruz, 232p, 2001.

PERLIN, Gladis. *A cultura surda e os intérpretes de língua de sinais (ILS)*. ETD–Educação Temática Digital-, Campinas, v. 7, n. 2, p. 136-147, 2006.

PINSEGHER, Mara Lúcia. *A Narrativa como espaço de construção de identidades raciais e tradutórias: o caso de O Tradutor : memórias de um homem que desafiou a guerra de Daoud Hari*. 126 p. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Florianópolis, 2011.

PIRES, C.L. *Questões de fidelidade na interpretação em língua de sinais*. 119 p. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Santa Maria, Programa de Pós-Graduação em Educação, Santa Maria, RS. 1999.

Plataforma Lattes. Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Ministério da Ciência e Tecnologia. Disponível em: <<http://lattes.cnpq.br/>>.

PÖCHHACKER, Franz. *Introducing Interpreting Studies*, London and New York: Routledge, 2004.

_____. *The interpreting studies reader*. Routledge (UK), 2002.

_____. “Those who do...”: a profile of research(ers) in interpreting. Target 7:1, Amsterdam: John Benjamins, p. 47-64. 1995.

_____; QUEIROZ, Mylene. *Conexões Fundamentais: Afinidade e Convergência nos Estudos da Interpretação*. Scientia Traductionis, n. 7, p. 61-75, 2010.

_____. *Issues in Interpreting Studies*. In: MUNDAY, J. *The Routledge Companion to Translation Studies*. London: Routledge. p.128-140, 2009.

PROPP, Vladimir. *Morfologia del cuento*. Madrid: Editorial Fundamentos, 1977.

QUADROS, Ronice M. *O tradutor e interprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa*. Brasília: SEESP, 2004. 94 p.

_____. *O tradutor e interprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa*. Brasília: SEESP, 2002. 94p

QUADROS, Ronice M.; KARNOPP, Lodenir. *Língua de sinais brasileira: estudos lingüísticos*. Porto Alegre (RS): ARTMED, 221 p., 2004.

_____, Ronice M.; SOUZA, Saulo Xavier. *Aspectos da tradução/encenação na Língua de Sinais Brasileira para um ambiente virtual de ensino: práticas tradutórias do curso de Letras Libras*. In.: QUADROS, Ronice Müller de (organizadora). *Estudos Surdos III*. Petrópolis, RJ: Arara Azul, p. 168-2007, 2008.

QUEIROZ, Mylene. *Interpretação médica no Brasil*. 134 p. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Florianópolis, SC, 2011.

RAMOS, Célia. R. *Uma leitura da tradução de Alice no País das Maravilhas para a Língua Brasileira de Sinais*. 185 p. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Departamento de Ciência da Literatura, Programa de Pós-Graduação em Letras, Rio de Janeiro-RJ, 2000.

_____. *Língua de Sinais e Literatura: uma proposta de trabalho de tradução cultural*. 177 p. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Departamento de Ciência da Literatura, Programa de Pós-Graduação em Letras, Rio de Janeiro-RJ, 1995.

ROBERTS. R. *Spoken language interpreting vs. sign language interpreting*. Proceedings of the 28th Annual Conference of the American Translator's Association, 293-306, 1987.

ROBERTS, R. P. *Community Interpreting Today and Tomorrow*. In: KRAWUTSCHKE, P. (ed). *Proceedings of the 35th Annual Conference of the American Translators Association*. Medford, NJ: Learned Information, p. 127-138, 1994.

RODRIGUES, Carlos H. *Da interpretação comunitária à interpretação de conferência: Desafios para formação de intérpretes de língua de sinais*. In: II Congresso Nacional de Pesquisa em Tradução e Interpretação de Língua de Sinais Brasileira, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

_____. *A interpretação para a Língua de Sinais Brasileira: efeitos de modalidade e processos inferenciais*. 254 p. Tese (Doutorado). Faculdade de Letras. Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

_____. *A interpretação para a Língua de Sinais Brasileira: efeitos de modalidade e processos inferenciais*. Texto de qualificação (Doutorado). Faculdade de Letras. Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

RODRIGUES, Cristina C. *Linguística aplicada e tradução: algumas relações*. ALFA: Revista de Linguística, v. 37, p. 179-186, São Paulo, 1993.

ROMANOWSKI, Joana P.; ENS, Romilda T. *As pesquisas denominadas do tipo "estado da arte" em educação*. Revista Diálogo Educacional, v. 6, n. 19, p. 37-50, 2006.

RONAI, P. *Escola de Tradutores*. 6. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.

_____. *A tradução vivida*. Rio de Janeiro: EDUCOM, 1976.

ROSA, Andréa. da S. *Entre a visibilidade da tradução da língua de sinais e a invisibilidade da tarefa do intérprete*. 179 p. Dissertação (Mestrado). Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Campinas-SP, 2005.

_____. *A presença do intérprete de língua de sinais na mediação social entre surdos e ouvintes*. In: SILVA, I.R.; KAUCHAKJE, S.; GESUELI, Z.M. Cidadania, surdez e linguagem: desafios e realidades. São Paulo: Plexus Editora, 2003.

_____. *Entre a visibilidade da tradução da língua de sinais e a invisibilidade da tarefa do intérprete*. Petrópolis: Editora Arara Azul, 2008.

ROSSI, Célia. R. *O impacto da atuação do intérprete de LBS no contexto de uma escola pública para ouvintes*. 279 p. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

ROY, C. B. *Interpreting as a Discourse Process*. Oxford Universit Press, New York, 2000.

RUSSO, Ângela. *Intérprete de Língua de Sinais: uma posição discursiva em construção*. 133 p. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre-RS, 2009.

SAMPIERI, R. H.; COLLADO, C.; LUCIO, P. B. *Metodologia de pesquisa*. São Paulo: McGraw Hill, 2010.

SANDER, Ricardo. *Uma história nossa*. In I Congresso Nacional de Pesquisa em Tradução e Interpretação de Língua de Sinais Brasileira, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC. [não publicado], 2008.

SANTANA, Jefferson B. M. *Fronteiras literárias: experiências e performances dos tradutores e intérpretes de LIBRAS*. 106 p. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Literatura, Florianópolis-SC, 2010.

SANTOS, Silvana A. *Intérpretes de língua brasileira de sinais: um estudo sobre as identidades*. Florianópolis, SC, 2007. v, 188 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, Florianópolis-SC, 2006.

_____. (2010). *Tradução e interpretação de língua de sinais: deslocamentos nos processos de formação*. Cadernos de Tradução 2(26). In Ronice Müller de Quadros, (Ed.), *Tradução e Interpretação de Línguas de Sinais*, 145-164. <http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/traducao>.

SARDINHA, Tony Berber. *Linguística de Corpus*. Barueri, SP, Manole, 2004.

_____. *Linguística de Corpus: uma entrevista com Tony Berber Sardinha*. Revista Virtual de Estudos da Linguagem - ReVEL. Vol. 2, n. 3, p. 1-5, 2004.

_____. *Uso de corpora na formação de tradutores*. Revista Delta, v. 19, p. 43-70, 2003.

_____. *Desafios da Pesquisa assistida por computador na Linguística Aplicada: Tecnologia e transdisciplinaridade*. São Paulo: LAEL, PUCSP, 2002.

SEGALA, Rimar R. *Tradução intermodal e intersemiótica/interlingual: português brasileiro escrito para Língua Brasileira de Sinais*. 75 p. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Florianópolis-SC, 2010.

SELESKOVITCH, Danica. “*L’interprétation de conférence.*” *Babel* 8 (1): p. 13-18, 1962.

SHLESINGER, Miriam. *Simultaneous interpretation as a factor in effecting shifts in the position of texts on the oral-literate continuum*. Tese de Doutorado. Tel Aviv University, Faculty of the Humanities, Department of Poetics and Comparative Literature. 1989.

SHUTTLEWORTH, Mark; COWIE, Moira. *Dictionary of Translation Studies*. Manchester: St. Jerome, 1997

SILVA, Ciriane. J.C. *A corporeidade da intérprete de língua de sinais na percepção dos sentidos produzida por interlocutores surdos*. 108 p. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Passo Fundo, Faculdade de

Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Passo Fundo, 2009.

SILVA, Fábio. I. *Analisando o processo de leitura de uma possível escrita da Língua Brasileira de Sinais: Signwriting*. 114 p. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Educação, Florianópolis, 2009.

SILVA, Soelge. M. *Os limites da interpretação simultânea entre línguas de modalidades diferentes: português e LIBRAS*. Dissertação (Mestrado em andamento). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 2009.

SILVA, Aline M. *Análise da participação dos alunos surdos no discurso de sala de aula do mestrado na UFSC mediada por intérpretes*. 184 p. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Florianópolis-SC, 2013.

SILVEIRA, Denise T.; CÓRDOVA, Fernanda P. *Pesquisa Científica. Métodos de Pesquisa*. Porto Alegre: UFRGS, 2009.

SINCLAIR, John. *Corpus, Concordance, Collocation*. Oxford: Oxford University Press, 1991.

SOLOW, Sharon. *Sign Language Interpreting: a basic resource book*. Maryland: Silver Spring. The Nacional Association of the Deaf. 12 ed, 1996.

SOUSA, Danielle V. *O tradutor/Intérprete de Libras no contexto educacional: desafios linguísticos no processo tradutório*. Edição nº 08. Revista Virtual de Cultura Surda e Diversidade, Rio de Janeiro, 2011.

SOUZA, Saulo X. *Performances de tradução para a Língua Brasileira de Sinais observadas no curso de Letras-Libras*. Florianópolis, 174 p. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Florianópolis, 2010.

STONE, C. *Toward a Deaf Translation Norm*. Washington-DC, USA: Gallaudet University Press, 2009.

STROBEL, Karin. L. *Surdos como intérpretes/tradutores: um sonho possível?*. In: Karnopp, Klein e Lunardi-Lazzarin. (Org.). *Cultura Surda na Contemporaneidade: negociações, intercorrências e provocações*. 1ed. Canoas: Editora da ULBRA, v. 1, p. 233-250, 2011.

STROMQUIST, N. *La Búsqueda del Empoderamiento: em qué puede contribuir el campo de La educación*. In: LEON, Magdalena. *Poder y Empoderamiento de las mujeres*. Santafé de Bogotá: TM Editores, 1997.

STUMPF, Marianne R. *Aprendizagem de escrita de língua de sinais pelo sistema SignWriting: língua de sinais no papel e no computador*. 329 p. Tese (Doutorado), Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Informática na Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

TYMOCZKO, Maria. *Enlarging translation, empowering translators*. Manchester: St. Jerome, 2007.

TORO, Cristina. G. *Translation Studies: an overview*. Cadernos de Tradução v2, n.20. 9-42, 2007.

TOURY, Gideon. *Descriptive translation studies and beyond*. Amsterdam/Philadelphia: Benjamins, 1995.

TUXI. P. *A Atuação do Intérprete Educacional no Ensino Fundamental*. 112 p. Dissertação (Mestrado). Universidade de Brasília, Faculdade de Educação, Brasília, DF. 2009.

VASCONCELLOS, M. L. *Tradução e Interpretação de Língua de Sinais (TILS) na Pós-Graduação: a afiliação ao campo disciplinar 'Estudos da Tradução'*. In: Ronice Müller de Quadros (org.). *Tradução e Interpretação de Línguas de Sinais*, Cadernos de Tradução v.2, n.26. 119-143, 2010.

_____. Mesa-redonda: *A pesquisa em TILS na pós-graduação brasileira: palavras-chave e a questão das filiações teórico-metodológicas*. In II Congresso Nacional de Pesquisa em Tradução e Interpretação de Língua de Sinais Brasileira, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC. [não publicado], 2010.

_____. *ComUNIDADE na diversidade dos Estudos da Tradução?* Disponível em: <<http://gttrad.wordpress.com/2009/08/22/comunidade-nadiversidade-dos-estudos-da-traducao/>>. Acesso em: ago. 2009.

_____; BARTHOLAMEI, Lautenai AJ. *Estudos da Tradução I*. Material didático do curso a distância Letras/Libras. Florianópolis: UFSC, 2008.

VEIGA-NETO, ALFREDO. *É preciso ir aos porões*. Revista Brasileira de Educação, v. 17, n. 50, 2012.

VENUTI, Lawrence. *Escândalos da tradução: por uma ética da diferença*. Tradução: Laureano Pelegrin, Lucinéia Marcelino Villela, Marileide Dias Esqueda e Vália Biondo. EDUSC, Bauru, 2002.

_____. *The translator's invisibility; a history of translation*. London: Routledge, 1995.

VIAGGIO, Sérgio. *Teoría general de la mediación interlingüe*. Alicante: Publicaciones de la Universidad de Alicante, 2004.

VIAGGIO, Sérgio. *The overall importance of the hermeneutic package in teaching mediated interlingual intercultural communication*. The Interpreters' Newsletter, v. 10, p. 129-144, 2000.

VIEIRA-MACHADO, Lucylene M. da C. *“O intérprete de Libras como intelectual específico”*. Palestra ministrada na PGET/UFSC em 16/07/2013. (ensaio no prelo).

VIEIRA, Mauren E. M. *A auto-representação e atuação dos professores-intérpretes de línguas de sinais: afinal... professor ou intérprete?* 97 p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, Florianópolis, SC, 2007.

WADENSJÖ, Cecilia. *Interpreting as interaction: On dialogue interpreting in immigration hearings and medical encounters*. Linköping University: Linköping Studies in Arts and Sciences, 1992.

_____. *Community Interpreting*. In: BAKER, M. (org.)
Routledge Encyclopedia of Translation Studies. Londres e Nova York:
Routledge, p.33-37, 1998.

WANDERLEY, Débora C. *Aspectos da leitura e escrita de sinais: estudos de caso com alunos surdos de educação básica e de universitários surdos e ouvintes*. 192 p. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-Graduação em Linguística, Florianópolis, 2012.

WILLIAMS, J & CHESTERMAN, A. *The Map: a beginner's guide to doing research in translation studies*. Manchester: St. Jerome Publishing, 2002.

WILT, Timothy. *Bible translation: Frames of reference*. St Jerome Pub, 2003.

WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual*. In: TOMAZ, Tadeu da S. *Identidade e Diferença. A perspectiva dos Estudos culturais*. 4.ed/2005. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2005.

WORTMANN, Maria Lúcia C. *O uso do termo representação na educação em Ciências e nos Estudos Culturais*. Pro Posições, Campinas, v. 12, n. 1, p. 151-61, 2001.

ZAMPIERI, Marinês. A. *Professor ouvinte e aluno surdo: possibilidades de relação pedagógica na sala de aula com intérprete de Libras – Língua Portuguesa*. 110 p. 2006. Dissertação (Mestrado). Universidade Metodista de Piracicaba, Faculdade de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Educação, Piracicaba, SP.